



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE



**INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇA “XERIMBABO” NAAMAZÔNIA
PARAENSE DO SÉCULO XX**

Belém – Pará
2024

LEOMAX CARDOSO MACHADO



**INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇA “XERIMBABO” NA AMAZÔNIA PARAENSE
DO SÉCULO XX**



Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Linha de Educação, Cultura e Sociedade, para a obtenção do Título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves.

Belém – Pará

2024

LEOMAX CARDOSO MACHADO



INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇA “XERIMBABO” NA AMAZÔNIA
PARAENSE DO SÉCULO XX: A PROSA ROMANESCA DE MARIA DAGMAR E



CANDUNGA DE BRUNO DE MENEZES (1893-1993)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Linha de Educação, Cultura e Sociedade, para a obtenção do Título de Doutor em Educação.

Data da Defesa: 28 de novembro de 2024

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves – UFPA.
(Orientadora)

Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro – UFPA
(Membro Interno)

Prof. Dr. Samuel Luis Velazquez Castellanos – UFPA
(Membro Interno)

Prof. Dr. Guthemberg Felipe Martins Nery – UFPA
(Membro Interno)

Prof. Dr. Vitor Souza Cunha Nery – PROFHIST-UFAP
(Membro Externo)

Profª. Dra. Fabiana Sena da Silva – UFPB
(Membro Externo)

À DEUS, São Benedito e Nossa Senhora de Nazaré pela fé e esperança que nos move!

Aos meus Pais, Irmãos e todos meus familiares, ao amor incondicional e para toda vida, Wanessa Oliveira dos Santos e Maria Júlia dos Santos Machado... Por ser aconchego em momentos tão turbulentos, luz e energia que me conduziram a caminhar, perseguir e acreditar que é possível, viver, sonhar, conquistar. Seus afetos de carinho e amor motivaram-me a (re)criar tempo, disponibilidade, paciência, sentir na ausência a força de nosso amor.

Entender no silêncio, as dores de um ser em formação, um abraço, um afago e a reciprocidade de um sorriso, uma palavra aliviando as dores e em um simples ato ensinam em um simples ato de cuidar, olhar, sorrir, abraçar no dia a dia, antes de dormir se tornaram forças maravilhosas para que possamos ter equilíbrio Psíquico. Físico e seguir com fé e esperança!

Só Gra-di-dão!!!



AGRADECIMENTO

Dedico as reverberações desta tese ao meus pais, Leonardo Machado e Júlia Cardoso Machado, aos meus irmãos Leojaime e minhas irmãs, Gisele e Joceli, aos sobrinhos(as), cunhados(as). A todos os familiares, testemunho de todo esforço e dedicação que nos conduziram a trilhar os sentidos subjetivos de uma vida enquanto pesquisador, sobre os olhares atentos e sensíveis dos filtros socioculturais que moldam a realidade. O forço, os impulsos e vibrações voltados ao ser criança e o ter uma infância no universo no interior da Amazônia nos permite enxergar a multiplicidade de sujeitos que passam por essa ausência, nas etapas de vida. As forças que impulsionam os/as meninos(as) no/do interior, das margens, das florestas e das águas, reverberam vozes que ecoam da margem esquerda do Rio Tocantins, município de Cametá-Pá. Traços de memória, docheio das águas e do pitiú do mapará, criado no encanto do açai, espiando os gritos dos xerimbabos dos avôs. Um ribeirinho com o prefixo “Dr”. na frente do nome, mero academicismo, reflexo de aspectos socioculturais definidos como ciência. Legitimar vozes em silêncio é, poder falar e defender o lugar de fala, representar e servir de referência para muitos meninos (as), dizer que um sonho é possível, que a educação transforma e possibilita uma luta mais justa, o acesso à educação e informação podem modificar as vozes (in)visíveis e silenciadas em nossa sociedade.

Um ato de (re)resistência, vivências, saberes, modos de vida(s) subalternizadas em um mundo marcado por injustiças sociais, ausências de direitos, desigualdade, discriminação, preconceito, conflitos de classe e jogo de interesse que legitimam a opressão de forças no poder. Atravessias de vida, educação, sobre a penca de meninos(as) que surge na memória, nos vem nas lembranças, hoje muitos perderam suas vidas, outros estão por aí, vivem e sobrevivem. A força que me faz seguir e perseguir um sonho de vencer com acesso a educação nos faz navegar em mares turbulentos, insalubres e gente de diferentes culturas ambientados em diferente ciclo, tecendo em um só sonho, fazer ciência, ser menos ignorante de conhecimento. Hoje tecer e conta um pouco de nossa trajetória, consequentemente n o s s a história de vida é algo íntimo. O ato de agradecer vem das mãos de inúmeros professores(as), educadores(as), amigos(as) e colegas que incentivaram aos estudos e sugeriram melhorias, apontaram caminhos foram muitas das vezes luz e foco no sentido de me torna uma pessoa melhor e um profissional com responsabilidade social, política e cultural, elevando de toda forma a educação em primeiro lugar e em constante (re)construção. Essa longa jornada educativa, nos faz compreender o tempo, valorizar as vivências e perceber as

experiências, escutar e partilhar um dedo de prosa, conversas, debates, críticas, orientações, sugestões de leituras e outros encaminhamentos. Foram e são co-participantes dessa construção de Tese, feitas de leituras, olhares, mãos de muitas pessoas, amigos(as) que fizeram e fazem toda diferença em nossas vidas. Ao tecermos um caminho sobre as faces epistemologias, muitas das vezes é solitário, angustiante, passamos grande parte do tempo conversando com as memórias dos mortos, livros sedentos de poeiras e muito conhecimento acumulado, porém, com uma sabedoria que nos silêncios da alma, nas inúmeras madrugadas onde o tic tac do relógio e as vozes do texto eram companhias o ato de Ler, mudaram nossas percepções e nos ajudam a trilhar caminhos nunca antes visto.

E foi acreditando em uma educação pública, gratuita e de qualidade que posso dizer que as bolsas CNPq e CAPES puderam me auxiliar no campo acadêmico, sem esses incentivos desde minha graduação não poderia alcançar e conquistar um sonho que hoje se tornou realidade. Acreditar, lutar e vencer é a energia que me faz seguir em frente. Esse desejo, ecoa para muitos filhos(as) de agricultores(as) pescadores(as), ribeirinhos(as), negros(as), quilômbos, indígenas e outras de muitas classes, as menos favorecidas em nossa sociedade. Acreditar em nossos sonhos, é a esperança que nos faz tecer o amanhã mais inclusivo, menos desigual e com maior acesso e respeito entre seus membros sobre uma educação para equidade sociocultural.

Portanto, agradeço meus familiares que por muitos anos vem sendo a base e estímulo em busca de melhorias em nome de minha esposa Wanessa Oliveira dos Santos e minha filha, Maria Júlia dos Santos Machado e todas os meus familiares, as grandes famílias: Cardoso, Machado, Neves, Santos, Braga, Carvalho e outras que se tornaram rede de apoio. Agradecer a minha sogra Walmira Maria dos Santos Oliveira, por todo seu apoio, empenho, cuidado e disponibilidade nos cuidados de nossa princesa Maria Júlia, que por muitas das vezes passou assumir a responsabilidade frente aos anos de estudos e pesquisas, o que gerou nossas ausências, são pessoas que só fortaleceu a nosso caminhar. Agradeço aos professores(as) da Pós-graduação em Educação da UFPA, em especial, a minha orientadora, Profa. Dra. Laura Maria Silva Araujo Alves, por toda orientação, pessoa humana e maravilhosa que levarei para vida. Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia – GEPHEIA – pelos encontros e divulgação de estudos aprofundados de pesquisa, seminários, trocas e muitas vivências e experiências de leituras. Sem falar nos colegas e amigos que fiz sobre esse percurso acadêmico.

Por fim, agradeço imensamente os incentivos de muitos outros que contribuíram de forma direta e indireta para que chegássemos ao fim dessa etapa. Porém, se o financiamento

da bolsa da CAPES em dois anos de contemplação seriam difíceis de caminharmos no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, no Instituto de Ciências da Educação ICED, sobre a Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, que me educaram, formaram e (re)construíram para vida, estes quatro anos de fluxos sociocultural, embates teóricos e metodológicos das práxis humana, de gente e perfis, faces e identidade diferentes nos levaram a constantes crises de referências, de personalidades, leituras, provocadas, ideias, (des)familiarização, críticas as várias ideologias universais e (des)legitimam, emergentes e contemporâneas de uma ciência e modos de pensar, agir, falar. Os aprendizados, as trocas dialógicas, sensível de saberes nos (re)construiu a pensar e enxergar que toda Ciência é, antes de tudo humana!

*Continuamos a lutar pelo pão, mas a arte em
lutar ao nosso lado, compreendendo que do
resultado dessa luta depende o seu futuro, a
sua maior expressão de liberdade e de vida!*
Do seu Dalcídio Jurandir

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M149i MACHADO, Leomar Cardoso.
INFANCIA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇA
"XERIMBABO" NA AMAZÔNIA PARAENSE DO SÉCULO XX
/ Leomar Cardoso MACHADO. — 2024.
252 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araújo
Alves Maria

Coorientação: Prof^a. Dra. Profa. Dra. Laura Maria Silva Araújo
Alves

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Belém, 2024.

1. Educação. Infância. Criança. Xerimbabo. Literatura.
Amazônica. 3. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. I.
Título.



RESUMO

A presente proposta de tese tem como objetivo analisar a partir da obra romanesca Maria Dagmar e Candunga, do escritor Bruno de Menezes, que infâncias estão constituídos nos enunciados discursivos que representam o significado e sentido de infância, do ser criança e da educação na Amazônia paraense. Metodologicamente utilizamos os textos romanescos de Bruno de Menezes como uma fonte documental e histórica para compreender a concepção de infância e o ser criança na Amazônia paraense nas primeiras décadas do século XX. Os enunciados discursivos dos textos romanescos de Bruno de Menezes foram analisados partir da teoria bakhtiniano como significados e sentidos, polifonia narrativa, intertextualidade e cronotopo. A hipótese de tese que levantamos é de que ao analisar a infância, o ser criança e a educação nos discursos narrativos das protagonistas dos romances Maria Dagmar e Candunga, do escritor Bruno de Menezes, nos apontam uma infância nas primeiras décadas do século XX, de um lado, atravessada de uma concepção de criança arquitetada sobre a égide de criança xerimbabo, de outro lado, atravessados por forte invisibilidade, silenciamento, repressão e omissão do ser criança, em um contexto social, cultural e econômico de uma Amazônia com práticas atrasadas que produzia uma infância permeadas pelas agudas explorações física, psíquica, sociais, culturais e estruturais que barbarizam a humanidade. Os resultados da análise apontam que nas obras romanescas de Bruno de Menezes há várias infância e o ser crianças tuteladas, exploradas, refugiadas, perdidas, roubadas e silenciadas. No mais, o ser criança aconteceu em espaços e tempos carregados de violência físicas e psicológicas em razão as barbáries que atravessaram a população infantil do nordeste ao norte do país. Ademais, os resultados indicam uma educação xerimbabo do (des)asnar e não-escolar em tempos e espaços, entre ficção e realidade, criadora e recriadora de sentidos e significados. A infância personificada nas personagens de Bruno de Menezes nos romances Maria Dagmar e Candunga está materializada por denúncias, violações, explorações, perdas, dores, tragédias e silenciamentos do ser criança nas primeiras décadas do século XX na Amazônia paraense. A orfandade da criança xerimbabo se constituía de uma realidade que considerava a infância um momento de poucos cuidados e sentimentos.

Palavras-chave: Educação. Infância. Criança. Xerimbabo. Literatura. Amazônica.



ABSTRACT

The present thesis proposal aims to analyze from the novelistic work *Maria Dagmar e Candunga*, by the writer Bruno de Menezes, which childhoods are constituted in the discursive statements that represent the meaning and sense of childhood, of being a child and of education in the Pará Amazon. Methodologically, we used the novelistic texts of Bruno de Menezes as a documentary and historical source to understand the conception of childhood and being a child in the Amazon of Pará in the first decades of the twentieth century. The discursive statements of Bruno de Menezes' novelistic texts were analyzed based on Bakhtin's theory as meanings and senses, narrative polyphony, intertextuality and chronotope. The hypothesis we raise is that by analyzing childhood, being a child and education in the narrative discourses of the protagonists of the novels *Maria Dagmar* and *Candunga*, by the writer Bruno de Menezes, they point to a childhood in the first decades of the twentieth century, on the one hand, crossed by a conception of child designed under the aegis of the *xerimbabo* child, on the other hand, crossed by strong invisibility, silencing, repression and omission of being a child in a social, cultural and economic context of an Amazon with backward practices that produced a childhood permeated by acute physical, psychic, social, cultural and structural exploitations that barbarize humanity. The results of the analysis indicate that in the novelistic works of Bruno de Menezes there are several children who are tutored, exploited, refugee, lost, stolen and silenced. In addition, being a child happened in spaces and times loaded with physical and psychological violence due to the barbarism that crossed the child population from the northeast to the north of the country. Furthermore, the results indicate a *xerimbabo* education of the (un)asnar and non-school in times and spaces, between fiction and reality, creator and recreator of senses and meanings. The childhood personified in the characters of Bruno de Menezes in the novels *Maria Dagmar* and *Candunga* is materialized by denunciations, violations, exploitations, losses, pains, tragedies and silencing of being a child in the first decades of the twentieth century in the Pará Amazon. The orphanhood of the *Xerimbabo* child was a reality that considered childhood a time of little care and feelings.

Keywords: Education. Childhood. Child. *Xerimbabo*. Literature. Amazon.



IMAGENS

Imagem 01 - Fotografia- Bruno de Menezes (1893-1963)	77
Imagem 02 - ilustração da capa do livro maria dagmar, edição cejup-1993	93
Imagem 03 - Ilustração da capa do romance candunga, edição cejup-1993	93
Imagem 04 – A criança xerimbabo em Dagmar e Candunga	180
Imagem 05- ciclo das mortes e infanticídios	184
Imagem 06- Infanticídio	186
Imagem 07- Ciclo da Infância e Criança Xerimbabo	189
Imagem 08 – A “Educação Xerimbabo” e “Educação do (des)asnar” em Dagmar e A. Candunga	200
Imagem 09 – Educação do Xerimbabo em Candunga.	202
Imagem 10- Educação Xerimbabo em Dagmar	212



QUADROS

Quadro 1 - Estado da Arte sobre Bruno de Menezes	48
Quadro 2 - Infância e Criança em Dagmar e Candunga	95
Quadro 3 - Educação em Dagmar e Candunga	96
Quadro 4 - A metáfora xerimbabo nos romances Maria Dagmar e Candunga	179
Quadro 5 - Ilustrativo de doenças, vícios e causas de infanticídios	182
Quadro 6– Ilustração de crianças em condições desumanas e vulneráveis em Dagmar e Candunga	188



SUMÁRIO

SEÇÃO I: INTRODUÇÃO: CONTRUINDO A TESE DA FICÇÃO À REALIDADE..	16
1.1 Trilando os caminhos poéticos dos romanos de Bruno de Menezes	17
1.2 O encontro com escritor Bruno de Menezes.....	25
1.3 Definindo as Obras romanescas de Bruno de Menezes	30
1.4 Problemática, ojetivos e hipóteses de tese	32
1.5 Base teorica e metodologica da tese	34
1.6 Bakhton e a literatura como fonte	38
1.7 Construção do estado da Arte	47
1.8 Estruturação do texto	54
SEÇÃO II: A ARTE MODERNA E A TRAJETÓRIA INTELECTUAL BRUNO DE MENEZES NA AMAZÔNIA	55
2.1 As influências modernas em Bruno de Menezes.....	56
2.2 A biografia de Bruno de Menzes.....	77
2.3 Estrutura analítica da obra romanesca de Bruno de Menezes.....	91
2.4 A poética discursiva no romance Maria Dagmar (1950)	97
2.5 A poética discursiva no romance Candunga (1954)	106
SEÇÃO III: AS TRAVESSIAS DA INFÂNCIA E SER CRIANÇA XERIMBABO: AS BORBOLETAS MORTAS...ANJOS CAÍDOS	111
3.1 A infância e criança xerimbabo	112
3.2 A infância tutelar e exploração no romance Maria Dagmar.....	121
3.3 A infância migratória e refugiada no romance Candunga.....	142
3.4 A infância perdida da menina Tereza.....	147
3.5 A poética discursiva no romance Candunga (1954)	152
3.6 A infância trágica da menina Maria Assunção ...maldito caçua.....	158
SEÇÃO IV: A ORFANACE E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA XERIMBABO NA AMAZÔNIA PARAENSE.....	167
4.1 As condições de orfandade em Maria Dagmar e Candunga	168
4.2 A infância e a orfandade de Candunga.....	191
4.3 A educação da criança xerimbabo e do (des)asnar em Maria Dagmar eCandunga	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	220

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	231
APÊNDICE	241



SEÇÃO I

INTRODUÇÃO



CONSTRUINDO A TESE DA FICÇÃO À REALIDADE



João Portuga concorda, aproveitando-se da ocasião:

É ... estou a vêr ... Por pouco não morreram arrebetados, trabalhando e passando fome. Por que não mandam lá pra casa as meninas? Seria, duas bocas de menos...

Tereza, com essa alusão às filhas, lamenta o destino de todos:

Ah, seu João, isto é que doi ... a gente trabalha e não vai pra diante ...sempre nos aperreo da sorte

... Quando a gente é moça, pede aos santos pra tê uns filhos bonito e semaleijão. Êles vêm vindo, e as bocas são tanta, que a gente pede pra não tê mais...Dispois que êles nasce, que estão criando, não tem outro jeito.

Portuga alvitra, sem fugir aos seus propósitos:

Pois é por isso mesmo ... enquanto vocês estão ainda mal acomodados, as pequenas ficam lá conosco ... com a Rosinha, que é uma boa amiga (Menezes 1993, p. 142).

1.1 TRILHANDO OS CAMINHOS POÉTICOS NOS ROMANCES DE BRUNO DE MENEZES

[...] em 1918 também o operário gráfico Bruno de Menezes (1894- 1963), empolgado de sonhos poéticos, adere ao anarquismo. Abandona o emprego (começou como aprendiz nas oficinas da Livraria Moderna; foi operário na gráfica da Livraria Gillet; mestre da gráfica da Livraria Bittencourt) para dedicar-se à imprensa proletária, fundado pequena editora com a colaboração de Farias Gama, Jacques Flores, Rodrigo Pinagé, Joaqui Morais e outros gráficos já emancipados. Surgiram comeles novas manifestações do mutualismo no Pará, o cooperativismo como instituição organizada pelas bases, o que viria germinar logo mais na sua tomada de posição na vida. Essa época, ano de 1920, Bruno de Menezes publicou o primeiro livro, “Crucifixo”, e liderou intelectualmente aquele pequeno grupo. Revela Geogenor Franco, saudando o poeta na comemoração de seus quarenta anos de vida literária, que o livro “Crucifixo” foi composto e impresso por Bruno de Menezes e Jacques Flores, às tardes de sábados e domingos, nas oficinas da livraria Moderna, constituindo-se o primeiro trabalho objetivo da imprensa proletária que ele imaginou. Em 1924 lançou a revista *Belém Nova*, que nucleou o movimento modernista entre nós. (Salles, 1992, p. 244)¹

Na obra “*Memória da Cabanagem: esboço do pensamento político- revolucionário no Grão-Pará*”, publicada pela CEJUP, em 1992, na Coleção Amazônia, Vicente Sales apresenta o escritor Bruno de Menezes e a importância de suas obras para a literatura paraense. Salles, (1992, p.146) diz que “Bruno de Menezes recebeu influências do seu pai, ativista incansável da causa proletária e da cultura para o povo”.

Na edição das obras completas do escritor Bruno de Menezes, publicado em 1993, o prefácio do secretário da Secretaria Estadual de Cultura, Jäder Fontenelle Barbalho, afirma que “Bruno não era apenas um idealista restrito à literatura, mas era sobretudo um homem de ações, de trabalho. Foi o escritor paraense que representou o negro na América, integrado aos problemas sociais de seu tempo e de seu povo, engajando-se em movimentos sindicalistas, cooperativista e em programas que visavam à Reforma Agrária”.

Nas obras romanescas *Maria Dagmar*, de 1924, e *Candunga*, de 1954, Bruno de Menezes traçam as tramas dos protagonistas Maria Dagmar e Antonio Candunga a partir de suas formações, vivências, experiências, educação e saberes que as classificam como obras literárias modernas. Em *Dagmar*, percebemos as suas virtudes, decepções e autonomia enquanto mulher na Amazônia, com as típicas representações das lutas de classe feminina na/da Amazônia, questões de gêneros, busca sobreviver como mulher, anti-pureza, fantasiosa, violentada e violada de dignidade, de direitos e em suas confidências, denúncia as vivências e

¹ Epígrafe retirada do livro: Salles, Vicente. *Memória da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará* / Vicente Salles. - Belém: CEJUP, 1992. (Coleção amazoniana; 3).

experiências doces e amargas do mundo, pelo simples fato de ser mulher. Dagmar estava totalmente abandonada e entregue à sorte.

A protagonista pode ser entendida em diferentes momentos: nos espaços físicos e psicológicos, tempos cronológicos, imaginários, imagéticos e sobre as vivências físicas (mundo) e psicológica (interior ao ser), das subversivas forças que vai desde a infância, juventude até alcançar *status* de “mulher”, do “ser mulher”, amante e amada aos passos dese prostituir, negar a sua liberdade, sufocar e desfocar seu ponto de vista frente a sociedade opressora do século XX.

Já no romance Candunga (1954), o protagonista Antônio Candunga, em contato com muitas vivências, experiências e saberes, sofridos pela realidade caótica, passa a se formar, educar, enxergar a realidade e possibilidade de transformar a sua autoconsciência. Exemplo disso é o contato com “Dr. Romário” que passou clarear seus conhecimentos, exemplos típico dos destinos de homens e mulheres no interior da Amazônia.

Bruno de Menezes (1954, p.99), por meio do personagem Francisco Gonzaga, afirma que Antônio Candunga, “seu afilhado, pelo físico desonrado, lembra um novilho desgarrado, de ossadura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem um carço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para animais.”

Em ambas as obras, Bruno de Menezes traz à bailar as metáforas da vida e das realidades de homens e mulheres do Norte e Nordeste de nosso Brasil. Por essa razão, a sua intelectualidade, militância, mentalidade e as inúmeras faces denunciativas estão presentes em suas obras. Bruno de Menezes, tece uma realidade do interior da Amazônia paraense, descrevendo suas condicionalidades e problemáticas em pleno século XX.

Trazer a obra romanesca de Bruno de Menezes para a educação é um de nosso grande desafio. Portanto, a proposta de tese buscou então analisar a infância, ser criança e a educação, no período de 1900 a 1930, a partir dos protagonistas (Dagmar e A. Candunga), nos romances do escritor paraenses, Bruno de Menezes, nos romances – Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954). Dessa forma, a ficção, os romances, os livros têm um diálogo discursivo de grande relevância para a compreensão da realidade do séc. XX no Pará.

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal. (Bakhtin, 2006, p.127-128).

Os livros, as obras, os textos, os gêneros e a escrita é produção imaginativa e (re)criadora, definido por um escritor(a), autor(a) que “acentua cada particularidade de sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam” (Bakhtin, 2003, p.3). São sobre essas proposições ditas e não ditas nos textos, nas obras, nos romances que o ser criador (re)cria sentidos estéticos sobre as bases de uma persona que se torna a personagem. Sendo assim, nesta tese entendemos as personagens e seus enunciados discursivos enquanto guias analíticos, investigativos e de leituras, pois, foi a partir deles que desvendamos a infância e o ser criança e a educação Xerimbabo na Amazônia paraense. Ademais,

a consciência da personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo-emocional concreta-, é abrangida de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo; as afirmações do autor sobre si mesmo. O interesse vital (ético-cognitivo) pelo acontecimento da personagem é abarcado pelo interesse artístico do autor. Neste sentido, o rumo em que segue a objetividade estética difere do rumo da objetividade cognitiva e ética; esta última é uma avaliação equânime, imparcial de uma dada pessoa e do acontecimento do ponto de vista do valor ético e cognitivo, de significação geral ou aceito como tal e empenhado em atingir a significação geral; para a objetividade estética, o centro axiológico é o todo da personagem e do acontecimento a ela referente, ao qual devem estar subordinada todos os valores éticos e cognitivos; a objetividade estética abarca e incorpora a ética-cognitiva. (Bakhtin, 2003, p.11-12).

Pela ótica de Bakhtin (2003), o “ético-cognitivo” são todos os valores ao discurso atribuído no texto romanesco ao autor criador da obra, pois está com sua consciência materializada em um mundo social e cultura onde estão várias vozes (polifônias) que impulsionam a ficção do escritor sobre a construção do enredo, trama e vozes dos personagens. Indubitavelmente, os dois romances analisados nesta tese conseguem reverberar uma consciência ideológica e social do escritor Bruno de Menezes. Bakhtin (2015) afirma ainda que,

o “*romance orchestra* todas os seus temas, todo o seu universo de objetos e sentidos que representa e exprime. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados e os discursos dos heróis são apenas as unidades basilares de composição através das quais o heretodiscurso se introduz no romance; cada uma delas admite uma diversidade de vozes sociais e uma variedade de nexos e correlações entre si (sempre dialogadas em maior ou menor grau). Tais nexos e correlações especiais entre

enunciados e linguagens, esse movimento do tema através das linguagens, sua fragmentação constituem a peculiaridade basilar da estética romanesca seu *specificum*. (Bakhtin, 2015, p.30).

São sobre “as descentralizações verbossemânticas de um universo ideológico” para uma “descentralização do universo verbo ideológico que se encontra a sua expressão no romance, vale ressaltar que para o romance não só dispensa a necessidade de um conhecimento profundo e sutil da linguagem literária como ainda exige, além disso, o conhecimento também das linguagens do heterodiscurso. O romance, segundo Bakhtin, requer a ampliação e o aprofundamento do horizonte linguístico, o aprimoramento de nossa percepção dos matizes e das diferenciações sociolinguísticas. E por essa razão, dão sentido e significado as linguagens e seus inúmeros discursos. (Bakhtin, 2015, p.166- 168).

A literatura enquanto narrativas polifônicas tem uma construção ficcional estruturas carregadas de elementos da realidade, ou seja, o romance é uma forma de expressão estética em que há representações da infância, do ser crianças e da educação em ambientes escolares e não escolares. Além disso, traz elementos da vida cotidiana de repressões, desigualdades e problemáticas sociais que afligem a humanidade. Consideramos ainda, que os textos literários, os gêneros romanesco, apresentam espaços, tempos, contextos, estilos, linguagens, modos, sistemas e campos de uma educação, infância e criança, muitas vezes (in)visibilizadas e silenciadas ao longo da história da infância, criança e educação na Amazônia paraense.

A literatura é influenciada pela história e dessa forma caminham juntas e expressão a mentalidade do seu autor criador que está materializado em um contexto histórico determinando em sua narrativa época(s) e lugar(es) que nos levam a compreender os seus contextos socioculturais, de poder e classe.

Parece que todo aquele que penetra no labirinto do romance polifônico não consegue entrar a saída e, obstaculizado por vozes particulares, não percebe o todo. Assim não percebe sequer os contornos confusos do todo; o ouvido não capta, de maneira nenhuma, os princípios artísticos da combinação de vozes. Cada um interpreta a seu modo a última palavra de Dostoiévski, mas todos a interpretam como uma palavra, uma voz, uma ênfase, e nisso reside justamente um erro fundamental. A unidade do romance polifônico, que transcende a palavra, a voz e a ênfase, permanece oculta. (Bakhtin, 2013, p.51).

O poder(es) que a obra de arte pode causar aos leitor(es/as) e os efeitos do discurso de formas (positivas ou negativas), são devastadores sobre ato de pensar, sugerir e (re)criar

sentidos em nossa realidade. Bakhtin (2013) versa sobre o poder que a arte, literatura, a ficção, o romance, os seus discursos são tão atuais e verossímeis que se universalizam no tempo, espaço, sobre os distintos lugares, atravessando-o as mentalidades. A literatura enquanto subversão da realidade nos permitiram indagar sobre as vozes dos falantes e enxergar em seus anunciados, nos diálogos ditos e não ditos, em inúmeros tipos de universos de narrativas, falas, agente, faces enunciativas que determinam os espaços, lugares e tempo dos discursos.

A literatura enquanto construção entre ficção e a realidade traz elementos de pano de fundo para análise da infância, da criança e da educação que se constituíram durante o período de 1900 a 1930 no interior da Amazônia Paraense à luz dos romances de escritores subversivos e fora do cânone da Academia Paraense de Letras, como no caso do escritor Bruno de Menezes. Entendemos que se a literatura é uma fonte documental carregada de representações do mundo real, pois ao analisarmos as obras de Bruno de Menezes encontraremos nas narrativas romanescas de seus personagens principais aspectos sobre a criança e a infância entrelaçados com os personagens secundários que retratam histórias, tramas, dramas, dores, perdas, decepções, explorações, silenciamento e invisibilidade articuladas à educação, criança e infância na Amazônia paraense.

O aprofundamento histórico avança no tempo e recai sobre as transformações dos *Annales* sobre o uso da literatura como fonte histórica. O texto literário “foi modificado qualitativamente abrangendo a imagem, a literatura e a cultura material” (Chartier, 1990, p. 159). A obra literária para Candido (2006, p.13) é visto sob o ponto de vista e,

só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que se explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Assim, tomar a literatura como fonte histórica requer o cuidado de lidar com um documento no qual a história se faz presente por meio da linguagem mediadora do escritor e seus estilos estéticos e poéticos. Em Bruno de Menezes, as abordagens são em suas prosas romanescas, estilo e modelo realista, sobre o foco de uma cultura da gente de pé no chão Afro-Brasileira, que nos fazem enxergar os tipos de educação, as infâncias e o ser criança

Xerimbaboem sofrimento e em processo de silenciamento em seus romances “Maria Dagmar” e “Candunga”.

A arte do narrar e educar romanescos nos contextos de uma matriz universal da literatura europeia serviu para as manifestações, provocações, militâncias, rebeldias, subversivas para muitos grupos de escritores e artistas intelectuais. Embora o fazer literário de heranças europeias tenham influenciado os escritores brasileiros, os romancistas passaram a legitimar uma identidade de arte pautada sobre o povo e suas realidades, a realidade dos “Brasis”, regionalizados e ecoando enquanto arte, moderno em nossa país. Novos modos de sentir, criar, (re)criar as artes em diversas formas, modos, estilos e gêneros passam a se manifestar. Entender essas articulações políticas e sociais, de rebeldias dos escritores brasileiros é, compreender as faces de suas lutas atribuídas ao poder das palavras enquanto objeto de vida, resistência e lutas para fugir das subalternidades, matriz clássica da opressão e alienação de classe, repreendida pela arte literatura europeia.

É sob a égide do poder da *educação, arte e literatura* que os escritores buscam suas forças, modos de vida, militância, ideologias, bandeiras que representam as classes menos favorecidas socialmente, compenetrando assim em seus romances, um discurso de rebeldias, denúncias sociais e mudanças no ato de pensar de uma sociedade. Por meio da literatura move-se no mundo, elaborar-se novas percepções de vida, de mundo e do outro, o que nos ajudam a entendermos o quanto as prosas romanescas são essenciais para compreendermos os processos de formação, educação, saberes, identidade e imaginários de uma infância, criança e educação do Xerimbabo em jogo de forças e opressões. As narrativas romanescas dos séculos XIX e XX trazem questões humanas, denúncias sociais, instituições reguladoras, ausência do Estado e a presença de classes que se define no jogo do(s) poder(es) e no meio social e econômico, traçando moldes, convenção social em que chamaremos de desequilíbrio ou crise de homens em desconcerto em pleno início do séc. XX.

Há na saga romanescas do escritor Bruno de Menezes, personagens com alto teor problemático, filtro das histórias e acontecimentos vividos frente a nossa realidade Amazônica, por essa razão, ganham ritmo, às vezes um tanto lentas, monótona, melancólica e ao mesmo tempo, profundas e subversivas, voltadas ao ato de pensar, agir, imaginar, silenciar, descritos por seus personagens e protagonistas nos romances. Os personagens são tomados por uma sensação de liberdade e vivacidade, em que as complexidades e aprofundamentos psicológicos, tecidos por seus protagonistas e personagens passam a fazer sentido frente as fontes e contextos sociocultural dos anos 1900 a 1930 no Pará.

Ao escritor e romancista Bruno de Menezes confere-se as suas obras uma verdadeira verosimilhança que se tece sobre as denúncias da infância, do ser criança e dos processos de educação Xerimbabo e do (des)asnar, em que se manifestam nos distintos tempos e espaços, voltados aos contextos definidos sobre as primeiras três décadas do século XX, descrita com maior detalhes nas seções III e IV, no correr desta tese. No universo das prosas romanescas, de Bruno de Menezes há defesa da cultura, arte e literatura no Pará, em que a ficção e realidade se personificam no ato discursivo dos enunciados de seus personagens. São vozes polifônicas e ideológicas que configuram o ato de compreendermos o ser criança, o ter infância e uma educação do (des)asnar, educação não-escolar. São vozes em constantes crises socioeconômicas, educativas que se revelam sobre a classe, sociedade, mentalidade, barbárie, vulnerabilidade e condicionalidades que desumanizam os homens, mulheres, meninos(as) Amazônidas sobre as vertentes de uma metáfora do Xerimbabo, situam o ser humano como um animal. E todo o universo voltado para a infância e ser criança Xerimbabo na Amazônia paraense. É sobre esse contexto que Bruno de Menezes descreve e denuncia as mazelas de seu povo, sua gente, de classes e toda uma sociedade localizada ao norte de nosso país.

Os romances de Bruno de Menezes descrevem, denunciam e (ré)criam sentidos e inquietações a serem questionados e principalmente modificados sobre nossa mais válida autoconsciência, frente as distintas realidades manifestadas e sugeridas por seus romances, espelho de uma realidade social dos fins do século XIX e início do século XX na Amazônia paraense. São retratos de uma rede de vivências sociais descritas no mais profundo cerne de humanidade, configuradas no universo do interior de nosso país, especialmente na/da Amazônia. Nossas manifestações pessoais giram em torno do papel da ficção enquanto fontes essenciais na busca de compreendermos as várias realidades sugeridas sobre as leituras dos romances de Bruno de Menezes (1893-1963)².

O escritor serve como guias no sentido de investigarmos os pontos e contrapontos das várias infâncias e as crianças materializados nos protagonistas de seus romances de caráter regional. Tecer esse diálogo entre o ficto (ficção) e facto (realidade) é percebermos as

² **Bruno Bento de Menezes Costa**, foi vários num só. filho de Dionísio Cavalcante de Menezes e Balbina Maria da Conceição Menezes, nasceu no bairro do Jurunas, em Belém do Pará. Coursou apenas o primário no grupo escolar José Veríssimo. Ainda menino se tornou aprendiz de encadernador, mantendo nessa profissão um contato maior com livros, o que colaborou em muito para que seu gosto pela literatura e o desejo pelo saber aumentassem. Além de ser premiado e reconhecido universalmente com **os prêmios**: o prêmio - "Cidade de São Jorge dos Ilhéus", Bahia em 1960. com Onze Sonetos e o prêmio - "José Veríssimo", oferecido pelo Governo do Estado do Pará em 1954. Com o romance Candunga. Dessa forma, veio a falecer aos 70 anos de idade, de infarto no miocárdio. Seu corpo foi velado na sede da Academia Amazonense de Letras, chegando em Belém no dia 3 de julho, no dia 4 de julho foi sepultado no cemitério de Santa Izabel.

implicítudes, explicitudes, vozes e as polifonias que denunciam, violam, apagam, silenciam, legitimam e (re)criam ideológicas, políticas e instituições que a legitimam enquanto forças e poder(es) no meio social na região da Amazônia. Por fim, enxergarmos e valorizarmos o escritor enquanto ser ativo, ser social, ser cidadão, se gente, ser vivo e ser humano.

1.2 O ENCONTRO COM O ESCRITOR BRUNO DE MENEZES

O interesse em estudar a infância, o ser criança e educação do (des)asnar, não escolar e do “Xerimbabo”, na obra romanescas de Bruno de Menezes se deu a partir de das seguintes motivações.

A *primeira motivação*, aconteceu no decorrer do Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado do Pará (UEPA), na qual na dissertação havíamos estudamos o escritor paraense Dalcídio Jurandir.

Por meio da obra deste escritor, percebemos a infância materializada no personagem Alfredo, protagonista da obra *Chove nos Campos de Cachoeira* ambientada nos campos do Marajó, no Pará. A infância marajoara do menino Alfredo, nos causou interesse em mergulhar cada vez mais nos rios e lugares da Amazônia, em que a infância ou as infâncias se concretizam muitas vezes carregadas de mazelas sociais, distorções econômicas, ausências políticas e carências educacionais.

A *segunda motivação*, aconteceu em 2020 no ingresso do Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, na Linha de Educação, Cultura e Sociedade, sob a orientação da Profa. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves, coordenadora do GEPHEIA (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia). No decorrer do doutorado tínhamos ainda o interesse em utilizar os textos literários de autores paraenses para analisar a infância e o ser criança na Amazônia. No texto de qualificação optamos por dois escritores renomados e suas obras romanescas: Dalcídio Jurandir e Bruno de Menezes. Contudo, a banca de qualificação sugeriu que trabalhássemos apenas com Bruno de Menezes, pela seguinte razão: não há pesquisas sobre infância e ser criança na obra de romanescas de Bruno de Menezes. Além disso, a carência de estudos nas obras romanescas de Bruno de Menezes, na área da educação, justificou a oportunidade de uma tese inédita.

Do levantamento inicial das obras romanescas de Bruno de Menezes constatamos que suas obras destacam a personificação de meninos e meninas em lugares, em processos sociais e educativos diferentes e não escolarizados, que chamaremos de uma educação do (des)asnar ou não escolar sobre a metáfora do “Xerimbabo”. Desde modo, escolhemos os romances Maria Dagmar 1950 e Candunga 1954. Ao entendemos que a literatura de Bruno de Menezes transmite enquanto fonte, discursos, objetos, vozes, cenas, práticas culturais, sociais e educativas, os inúmeros dilemas, crises universais de inúmeros meninos(as) em processo

migratório para as grandes cidades, periferias e zonas campestres, bem como, ilhas, vilarejos e zonas ou colônias agrícolas, assentamentos de grupos de pessoas que migram entre Belém e para as zonas bragantinas no interior do Pará.

A *escolha* de Bruno de Menezes nos levou a conhecer o exímio militante, rebelde e subversivo do escritor, defensor da cultura Afro-Brasileira em solo paraense. Fatos que apontam duras críticas ao espírito de negação da arte de contornos e heranças europeias, legitimando uma identidade de arte pautada sobre o povo, a realidade dos “Brasis”, regionalizados e ecoando enquanto movimento moderno em pleno século XX no Pará. No entanto, mencionar o papel de um escritor e intelectual subversivo, artista de múltiplos gêneros, nos faz enxergar as facetas de uma realidade em (des)coberta, em que a tese se propõe a tecer enquanto análise.

Sobre a lógica da sensibilidade e (in)visibilidade que o papel da arte, da escrita, da literatura enquanto fonte, bem como as narrativas autodescritivas, ressaltam e possibilitam o olhar, o enxergar a partir de seus anunciados, tipos, modos e perfis de “mentalidades humanas”, definidas pelos falantes no textos, enunciados discursivos sobre o filtro do ser criança, ter infância e sobre uma educação do Xerimbabo, do (des)asnar, de mundo, não-escolar e nas fronteiras do universo Amazônico. O enxergar a infância e o ser criança, possibilitou percebermos os tipos e níveis de discurso e os inúmeros problemas sociais que cada personagem na trama da vida social no texto passou-se a coexistir, por meio das descrições de seus enunciados discursivos.

Os reflexos de inúmeros abusos, explorações, violações e tipos de barbárie são denunciadas, descobertas e descritas em silêncio, as opressões estão e são voltados as infâncias, ao ser criança e uma educação (in)sensível e do Xerimbabo. Provoações de leituras de seus romances no qual as tensões entre o *ficto* e *facto* (ficção e realidade) frente ao discurso do texto-romance servi-nos como fonte histórica e poder discursivo para compreendermos as ideologias, moldes sociais e vozes silenciadas no interior de nossa Amazônia.

Por essa razão, nossas *justificativas pessoais* surgiram, na busca de possibilitar um estudo que pudesse analisar a infância e o ser criança silenciada no interior do Amazônia paraense. Fazer uma abordagem para entender por que essa mentalidade silencia a infância e o ser criança, nos seus mais diversos aspectos, nos levou a compreendermos o ser humano que passa a ser atravessado pela imensa crise do ser humano, do eu e do outro no mundo, sobre as dores, perdas, decepções, angústias, dores no mundo e com seus semelhantes, de forma física,

psíquicas, simbólicas, ideológicas e sociocultural, os romances são as fontes e guiam de nossas investigações.

No entanto, é sobre o poder de enxergar as mentalidades de sociedade dos anos 1900 a 1930 nos contextos da Amazônia paraense, que a partir do texto literário de Bruno de Menezes pulsam as vivências e experiências de gentes, homens e mulheres, infância, criança, meninos e meninas, ecoando e aclamando direitos, valores, cultura, educação, uma melhor condicionalidade de vida e para sobreviver. A busca incessante de uma cidadania, de melhores oportunidade de vida, emprego, inclusão, dignidade, respeito, valores éticos, morais, inspirações e referências a serem seguidos, fazem com que, entendamos os espaços e os tempos de uma Belém (antiga), dos campos, as vilas, vilarejos e as zonas agrícolas ou colônias de assentados, modos de vida muito comum no interior na Amazônia paraense.

Há em sua saga romanesca, os personagens (Dagmar e Antonio Candunga) em jogo, com um auto teor problemático, filtro das histórias e acontecimentos vividos frente a realidade da primeira metade do século XX. Por essa razão, ganham ritmo, às vezes um tanto lentas, monótona, melancólica, remissivas e memorialística, como é o caso do romance Maria Dagmar (1950) e, ao mesmo tempo se aprofunda nas dores, perdas, decepções, angústias do sobreviver, nas e das lutas, da miséria, fome, do fugir, da fuga, na/da migração que aparece de forma constante no romance Candunga (1954), sobre os atos subversivos do pensar, agir, imaginar, silenciar e sobreviver em uma sociedade desumanizada, eurocêntrica e egocêntrica do séc. XX.

Para construção desta tese fomos tomados por uma sensação de liberdade e vivacidade em que a complexidades e aprofundamentos psicológicos são tecidos pelos personagens de Bruno de Menezes. São discursos narrativas que passemos a entrar e saída das complicadas relações textuais, nos quais a busca de percepções e manifestações deixadas nas entrelinhas dos textos, seus enunciados implícitos, as sugestões do dito e não dito no discurso, da fala, dos diálogos, fazem entendermos e enxergarmos a vida social em crise e em pleno jogo de forças que a infância, criança e educação do Xerimbabo na Amazônia se constituiu. Por essarazão, nossas *justificativas sociais* se definem, na busca de “vozes” do ser criança e do ter infância, compreender a educação (des)asnar (não escolar) em jogo e nas ruínas de uma (inter)visibilidades de um sistema excludente, das formas e acessos sociais, com domínio escravocrata, oprime e pressionam a massa alienante ao processo migratório, elevando à barbárie, violações e mão de obra barata e desqualificada, de fácil manipulação e alienação.

Essas provocações em que os textos possibilitam, são capazes de tecer a partir dos

horizontes da fala dos personagens, dos diálogos dos protagonistas, das interações discursivas, uma percepção sociocultural de seu tempo, espaço e modos de vida frente ao jogo de forças que se tece frente a trama. Por essa razão, a importância das vozes polifônica e ideológicas que configuram no ato de compreendermos o ser criança, o ter infância e perceber as crises socioeconômicas, educativas que se revelam sobre as classes, sociedade, mentalidade, barbárie e vulnerabilidade humana ao norte de nosso Brasil vem a tona.

Mas, afinal, quem é esse escritor?

Bruno de Menezes foi poeta, folclorista, cronista, jornalista e ficcionista. Ele pertenceu aos grupos "Vândalos do Apocalipse" e a "Academia do Peixe Frito". Segundo Coelho (2005, p.40), "Bruno de Menezes viveu a virada do Simbolismo para o Modernismo, inspirou-se no cotidiano belenense para escrever narrativas pitorescas e bem-humoradas". Fundou a "Revista Belém Nova (1923)" que abrigou trabalhos tanto dos modernistas como de antigos companheiros. Foi poeta e folclorista, cantando em sua poesia a raça negra, inquietações que contagiaram alguns intelectuais que se tornaram discípulo como Dalcídio Jurandir, que passaram a reproduzir em suas obras de estética literária a sua ideologia do sensível, dialogando com a corrente modernista brasileira na Amazônia. Bruno de Menezes passou pelos seguintes gêneros *poesia, folclore, estudo literário e a ficção*³.

Para o presente estudo de tese optamos em analisar a infância e o ser criança e a educação nas obras romanescas *Maria Dagmar*, de 1924, e *Candunga*, de 1954. Objetivamos estudar, investigar, analisar e compreender o gênero ficção de Bruno de Menezes sobre as tramas do(a) protagonista Dagmar e Antonio Candunga, a partir de suas formações, vivências, experiências, educação e saberes que as classificaremos como um dos romances (in)sensível na Amazônia. Em *Dagmar*, percebemos as suas virtudes, decepções e autonomia enquanto mulher na Amazônia, com as típicas representações das lutas de classe feminina na/da Amazônia, questões de gêneros, busca sobreviver como mulher, anti-pureza, fantasiosa, violentada e violada de dignidade, de direitos e em suas confidências; denúncia as vivências e experiências doces e amargas do mundo, pelo simples fato de ser mulher. Em um trecho entendemos a posição da "mulher" que tem que aceitar o seu "destino" ou mudar a sua realidade no Brasil. Uma mulher em conflitos, pois "Dagmar estava totalmente abandonada e

³ **Poemas**- crucifixo (1920), Bruno de Menezes, nos seguintes gêneros: Poesia (Crucifixo - 1920; Bailando no Lunar - 1924; Poesia - 1931; Batuque - 1931; Batuque, em braile - 2006; Lua Sonâmbula - 1953; Poema para Fortaleza - 1957; Onze Sonetos - 1960. No **Folclore** (Boi Bumbá: auto popular - 1958; São Benedito da Praia: folclore do Ver-o-peso - 1959. Sobre os **Estudo literário** (À margem do "Cuia Pitinga": estudo sobre o livro de Jacques Flores - 1937 e por fim, sobre a sua **Ficção**, destacam-se o nosso objeto de estudo sobre a novela e romance (*Maria Dagmar* (Novela) - 1924 e *Candunga* (Romance) - 1954).

entregue à sorte. Dagmar arrastava esta existência”⁴.

A protagonista pode ser entendida em diferentes momentos: nos espaços físicos e psicológicos, tempos cronológicos, imaginários, imagéticos e sobre as forças que vai desde vivências físicas (mundo) e psicológica (interior ao ser) além das subversivas a infância, juventude até alcançar *status* de “mulher”, do “ser mulher”, amante e amada ao passo de se prostituir, negar a sua liberdade, sufocar e desfocar seu ponto de vista frente a sociedade opressora do século XX.

No romance *Candunga* (1954) a escolha se deu pelo excesso de identidade, cultura, imaginário, exploração, desumanidade, preconceito e todo um processo migratório e circulação de pessoas em busca de uma outra realidade, subversivas de “vidas” menos amarga no interior das grandes capitais, principalmente na região Amazônica. A falta de conhecimento do protagonista e seu processo de formação no mundo, vai “clareado” as suas ignorâncias e práticas enquanto sujeito.

O protagonista Antônio Candunga, em contato com muitas vivências, experiências e saberes, sofridos pela realidade caótica passa a se formar, educar, enxergar a realidade e possibilidade de transformar a sua autoconsciência. Exemplo disso, é o contato com “Dr. Romário”⁵ que passou clarear seus conhecimentos, exemplos de muitos destinos de homens e mulheres no interior da Amazônia.

Afirma Menezes (1954, p.99) por meio do personagem Fernando Gonzaga que “Antônio Candunga, seu afilhado, pelo físico desonrado, lembra um novinho desgarrado, de ossadura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem um caroço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para animais”. Metáfora da vida, nas fronteiras da “modernização/globalização”, são típicos representantes do povo, dos homens e mulheres do Norte e Nordeste de nosso Brasil.

⁴ Cf. MENEZES, B. *Maria Dagmar*. In: *Contos e crônicas: Belém Nova*. Belém, n.10, s/p, 23 fev. 1924.

⁵ “dr. Romário”, era com os colonos o chamavam, um estudante do curso de Agronomia, quase jubilado da universidade, assume o cargo de fiscalizador de colônias, cargo este de domínio do Estado. É um dos personagens em que vai informar e esclarecer as mentalidades dos migrantes, grupos e das gentes em colônias agrícolas no interior do estado do Pará.

1.3 DEFININDO AS OBRAS ROMANESCAS DE BRUNO DE MENEZES

A fonte que utilizamos nesta tese são as obras literárias de Bruno de Menezes Maria Dagmar (1950) e Candunga (1954) e os sujeitos protagonistas Dagmar e Antonio Candunga que constituem o enredo e a trama discursiva de suas obras romanescas. Segundo Oliveira (2003), é praticamente impossível a investigação do todo, em virtudes de recursos necessários para o levantamento de dados desse tipo. Consequentemente estuda-se o recorte ou parte desse universo de amostra.

A primeira etapa versa sobre os romances *Maria Dagmar* e *Candunga*, de Bruno de Menezes. Nossa análise se concentra nos protagonistas Dagmar e Candunga, sobretudo, o perfil, a barbárie, as violações, as (in)visibilidades e silenciamentos, o filtro das palavras-chave: Infância e Criança, personificadas sobre o discurso narrativo nos distintos romances, sobre o ato de ser criança e o ter infância no universo da Amazônia paraense nos anos de 1900 a 1930 são nossos objetos de investigações, leituras e interpretações frente está tese.

É sobre essas duas abordagens de análise discursiva que poderemos alcançar as categorias mencionadas e apontadas como resultados, discussões e análise voltados à infância, o ser criança e educação, sobre a temporalidade dos anos de 1900 a 1930, do séc. XX no Pará, definidas com mais clareza na terceira e quarta seção desta tese. Por fim, busca-se de certa forma, sensibilizar o olhar e compreender o que os protagonistas dos dois romances sugerem em suas personificações discursivas, ideológicas e socioculturais, bem como suas manifestações formativas frente as práticas nos distintos romances. Toda essa possibilidade interpretativa e metodológica, recai sobre as distintas leituras e vozes do autor, obra, textos, leitor(a), leituras implícitas e explícitas, o dito e não dito, sobre as entrelinhas dos textos, nas margens das leituras, nos quais, os receptores têm o papel de atualizar seus sentidos e (re)criarem novos modos de pensar, agir e viver no mundo.

Portanto, entender que a ficção se baseia em provas e sugere o pensar, o refletir e nos ajudam a compreender os passos de nossa investigação e descobertas, o ato de ser subversivos, inquietos com os achados intencionais deixados nos romances e nas entrelinhas do textos, nos ajudam a compreender as suas faces ditas e não ditas. Está tese possui uma fonte de sentido frente ao grande arsenal do romancista: amemória de onde extrai os elementos de invenção, e isto confere acentuada ambiguidade às personagens, pois elas, não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas as provocações de sentidos outros (personificações de falas, palavras e vozes) que se acentuam nos romances. Cada escritor

possui as suas “fixações da memória” que preponderam nos elementos transpostos da vida⁶. Enfim, é sobre o espelho de uma mentalidade de sociedade do século XX que se anunciam as faces dos protagonistas Maria Dagmar e Antônio Candunga frente a esta tese.

⁶ Candido, [et al], 2011, p. 66-67.

14 PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E HIPÓTESE DE TESE

A escolha em mergulhar nas narrativas dos personagens de Bruno de Menezes nos permitiu adentrar nas malhas interpretativas e na tessitura que caminha para o além do “(entre)lugar” da infância, do ser criança e da educação na Amazônia paraense. Sobre essas teias de relações *ficto* (ficção) e *facto* (realidade) as manifestações da educação, arte e literatura, são tecidos para descrevermos minuciosamente a realidade universalizante da vida de muitos meninos(as) na Amazônia.

Com base nas definições anteriormente indicadas, a pergunta problema desta pesquisa de tese de doutorado é: A partir da obra romanesca *Maria Dagmar e Candunga*, do escritor Bruno de Menezes, que infância e educação estão constituídos nos enunciados discursivos que representam o significado e sentido do ser criança na Amazônia paraense em um contexto social, cultural, político e econômico atravessados por denúncias, violações, explorações e silenciamento da criança em pleno século XX?

Por essa razão, nossas *problemáticas ou questões norteadoras* se traduz a partir das (entre)linhas dos (textos/obras/romances) enquanto fontes documentais, históricas e sociais da infância, ultrapassando as fronteiras da verossimilhança e alcançando um poder local, regional e universal voltados aos problemas do ser humano em conflito consigo mesmo, com o outro e com as diversidades do mundo. Nossas questões pormenorizadas são:

- Que concepção de infância do início do século XX está materializado nos romances *Maria Dagmar e Candunga* de Bruno de Menezes?
- Quais os (entre)lugar(es) que a criança ocupou no interior da Amazônia paraense nas primeiras décadas do século XX, a partir dos enunciados discursivos dos romances *Maria Dagmar e Candunga*?
- Que infância estão constituídas nos enunciados discursivos de *Maria Dagmar e Candunga* que indicam denúncias, violações, explorações e silenciamento da criança?
- Que educação se apresenta materializada nos personagens da trama discursiva nos romances *Maria Dagmar e Candunga*, de Bruno de Menezes?

Por essa razão, as vivências vindas das cenas migratórias no nordeste bragantinos ganham vida no seu espaço e tempo, a partir do romance *Candunga* (1954), bem como, no romance *Maria Dagmar* (1950) desloca-se das periferias e as zonas urbanas. Definindo os traços obscuros de perfis de pessoas, gentes, modos de vidas que nos atravessam em suas mais

diversas condicionalidades e desumanidades.

A *hipótese* de tese que levantamos é de que ao analisar a infância, o ser criança e a educação nos discursos narrativos dos protagonistas dos romances Dagmar e Candunga, o escritor Bruno de Menezes nos apontam uma infância nas primeiras décadas do século XX, de um lado, atravessada de uma concepção de criança arquitetada sobre a égide de criança xerimbabo, de outro lado, atravessados por forte invisibilidade, silenciamento, repressão e omissão do ser criança em um contexto social, cultural, político e econômico de uma Amazônia com práticas atrasadas que produzia uma infância permeadas pelas agudas explorações física, psíquica, sociais, culturais e estruturais que barbarizam a humanidade.

É sobre as forças de suas representações explícitas, implícitas, ditas e não ditas, frente as injustiças, desigualdades, condicionalidades, mentalidades, abusos, exploração, silenciamento que iremos definir de forma geral nossos *objetivos*, tidos com problemáticas universais de humanidade, do ser em conflito consigo mesmo e com outros homens, classes e minorias em processo de crises de valores e mentalidades que lutam, são sufocados à níveis socioculturais em pleno universo da Amazônia paraense.

Com a intenção de responder à questão da pesquisa enunciada a seguir apresentamos nossos objetivos:

O objetivo geral:

Analisar a partir da obra romanesca Dagmar e Candunga, do escritor Bruno de Menezes, que infância e educação estão constituídos nos enunciados discursivos que representam o significado e sentido do ser criança na Amazônia paraense em um contexto social, cultural, político e econômico atravessado por denúncias, violações, explorações e silenciamento da criança.

Os objetivos específicos são: (1) Identificar a concepção de infância do início do século XX materializados nos romances de Mraia Dagmar e Candunga de Bruno de Menezes; (2) Apontar os (entre)lugar(es) que a criança ocupou no interior da Amazônia paraense nas primeiras décadas do século XX; (3) Analisar a infância constituída nos enunciados discursivos nos romances Maria Dagmar e Candunga que indicam denúncias, violações, explorações e silenciamento do ser criança na Amazônia paraense; (4) Discutir educação que se apresenta materializado nos personagens da trama discursiva nos romances Maria Dagmar e Candunga de Bruno de Menezes.

15 BASE TEÓRICA E METODOLÓGICA DA TESE

As *bases teóricas* que se alinham e legitimam toda nossa discussão em relação as problemáticas, objetivos e apontam sentidos para alcançarmos os resultados frente a este trabalho. Giram em torno dos horizontes de leituras e percepções voltadas as áreas de conhecimento sobre os campos de estudo: *História social da infância*, temos Ariés (1981) Priore (2004a, 2010b), Samara (1998), Almeida (1987), Araujo (2015), Souza (2012), Heywood (2004), Friedmam (1985a, 2000b), Portman (1999), Freitas (2026), Marcílio (2019), Lobo e Franco (2018), Venâncio (1999a, 2010b), Rizzini (2011a, 2018b), Gobbi e Pinazza (2014), Alves (2007), Cohn (2011a-2015b), Rego (2018), Abramowicz (2015), Filho e Prado (2020), Jobim e Souza (2012), França e Alves (2018), Souza (2006), Corrêa e Araújo (2018).

Sobre os aspectos que envolve as vertentes da *literatura e expressões estéticas e discursivas de arte*, temos: Bakhtin (1930a-1978b-1988c-1998d-1999e-2002f-2003g- 2004h-2005i-2006j-2008l-2009n-2010m-2013o-2015p), Candido (2006), Chartier (1990a-2011b), Brait (1997a-1994b), Faraco (2004), Menezes (1993), Santiago (2009), Amaral (2012), Moisés (2004), Nejar (2011), Coutinho (1997), Torzoni-Reis (2002), Loureiro (2012), Benjamim (2010), Zilbermam (1990), Fernandes (2010), Rocha (2010), A crítica literária acena para a indignação interior dos problemas sociais e da humanidade que brotam nas escritas do escritor Bruno de Menezes. Por essa razão, as vivências vindas das cenas migratórias no nordeste bragantinos ganham vida no seu espaço e tempo, a partir do romance Candunga (1954), bem como no romance Maria Dagmar (1950) desloca-se as periferias e as zonas urbanas. Definindo os traços obscuros de perfis de pessoas, gentes, modos de vidas que nos atravessam em suas mais diversas condicionalidades e desumanidades.

É sobre essa realidade que as *bases metodólogos* versam sobre o campo da pesquisa científica, sobre os nomes de Richardson (1999), Gil (1999), Lakatos (2001a- 2009b), Ludke (1986), Minayo (2009), Gadotti (2001), Cellard (2008), Appolinário (2009), Pimentel (2001), Oliveira (2003). E sobre os teóricos metodólogos, do discurso, definidos por Lukács (2015), Bakhtin/Volochinov (1930a-1998b-1999c-2008d-2009e- 2013f), Faraco (1998) e Kristeva (2005a-2012b) possibilitam pensarmos as nossas práticas metodológicas e definir o passo a passo de nossas investidas frente a essa tese.

Os teóricos/metodológicos que nos ajudarão a solucionar grande parte de nossos conflitos frente as estruturas ficcionais, ideológicas, sociais, educativas, históricas e imagéticas do ser e nascer criança, do ter infância xerimbabo e uma educação do xerimbabo

no universo da Amazônia paraense são apontadas no correr das quatro seções que situam esse trabalho de tese.

Segundo Richardson (1999), o método científico é a forma encontrada pela sociedade para legitimar um conhecimento adquirido empiricamente, isto é, quando um conhecimento é obtido pelo método científico, qualquer pesquisador(a) que repita a investigação, nas mesmas circunstâncias, poderá obter um resultado semelhante. No sentido de enxergar as “vozes” silenciadas no tempo, espaço e meio social. Nossas indagações nos levam a realidade de universo (in)visibilizado e em barbárie da infância e crianças no contexto de uma Amazônia dos anos 1900 a 1930, do séc. XX. Para Gil (1999), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento.

Para Minayo (2009, p. 24) a dialética se define como “valorização das quantidades e da qualidade, com as condições intrínsecas às ações e realizações humanas com o movimento perene entre parte e todo, interioridade e exterioridade dos fenômenos” percebidos frente aos romances, pois a *abordagem dialógica* não pode ser considerada fora de um contexto social, político e econômico, ideológico, formativo, histórico, discursivo, narrativo, do sujeito falante, o discurso do falante e seus inúmeros enunciados e faces narrativas (Polifônicos). Por essa razão, o método dialógico, discursivo é o guia dessa tese. É válido ressaltar, segundo Brait (1994, p. 11), que a sua “natureza dialógica é a linguagem, e é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico”. Aponta Bakhtin (1993, p.31) que

historicamente, a língua desenvolveu-se como instrumento do pensamento atuante e dos atos performados, e começou a servir ao pensamento abstrato somente numa fase histórica bastante recente. A expressão do ato performado [do procedimento] de dentro e da experiência-evento singular em que esse procedimento decorre deve utilizar a palavra na sua plenitude: quer no seu aspecto semântico e de conteúdo (palavra como conceito), quer no representativo-expressivo (a palavra como imagem), quer no seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra).

Dessa forma, atos de escrita, fala, língua, discurso, linguagem e performances dos falantes é volitivo. Ressalta Brait (1993, p.96) que “a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos, na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação”. O dialogismo é o objeto do discurso, são as relações dialógicas que podem ser denominadas como Metalinguística. Por

essa razão, no trato das fontes e obtendo a literatura enquanto documento histórico, o discurso e a materialidade discursiva se manifesta enquanto falante e ser social valorativo. Sobre uma relação dinâmica entre o mundo real, subjetivo e ficcional dos sujeitos, dos protagonistas e as fontes e fatos mencionados enquanto documentos-fontes. Gadotti (2001, p.26) define que o filtro desse manejo de informações pode ser exercido por meio das “mudanças qualitativas (princípio da mudança qualitativa) a formação das coisas não se realiza num processo circular de eterna repetição do velho. Como é gerado o novo? Essa mudança qualitativa dá-se pelo acúmulo de elementos quantitativos que num dado momento produz o qualitativamente novo.

A respeito das *mudanças qualitativas* se destacarmos os protagonistas veremos e perceberemos essa evolução, como por exemplo, as travessias de vida de Dagmar (criança, infância, menina jovem, moça, mulher e idosa), o mesmo ocorrer com o protagonista Antonio Candunga (criança, infância, menino, jovem, homem, idoso), ambos sobre as distintas condicionalidades, fazem mudanças qualitativas em suas vidas. Lukács (2015, p. 83) comenta que as fronteiras fluídas há uma série infindável de elos intermediários que vai do materialismo histórico até as formas teóricas de expressão da mais superficial das esferas imediatas da circulação”. E o gênero ficcional do romance é fonte base desta tese.

O tipo de investigação desenvolvida no contexto desse trabalho propõe uma análise do discurso do processo de formação, autoconsciência e subconsciência que leva a autonomia de saberes nos protagonistas: Dagmar e Antônio Candunga, sobre o processo da infância, do ser criança e a educação anunciados, denunciados e autodescritivos por meio da metáfora “xerimbabo”, sobre as fontes e textos romanescos de Bruno de Menezes passam a ser expressos em seus perfis de vida, orfandade, condicionalidades, tutelados, agregados, até alcançar a sua autonomia.

Através das palavras e de sua pluralidade de sentidos, o texto entra em contato com outros discursos; o discurso de outros textos. O fato de Bakhtin encarar o dialogismo como característica intrínseca à própria linguagem e como elemento que “designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade.” (Kristeva, 2005, p.71), nos faz entender neste estudo a sua relevância. Em Bruno de Menezes há uma intertextualidade ocorrendo ao somarmos e aproximarmos as tentativas, discursos, enunciados, falas, vozes, temáticas, narrativas, protagonistas, problemáticas universais e socioculturais em ambos os textos, passam a coexistir como textos distintos que se complementam e se somam para o alcance da intertextualidade dos diálogos, enredos, histórias, problemas, denúncias, abusos e violações entre as leituras dos romances. Kristeva (2012 [1967], p. 142) define que:

uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói com mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a noção de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.

As coletas de dados/informações consistem em observação direta do próprio observador, sendo está feita em plataformas digitais das pós-graduações, plataformas sucupira, sites Qualis, biblioteca central, da Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade do Estado do Pará - UEPA e suas inúmeras bibliotecas, acervos materiais e digitais já sistematizados em diferentes bancos de dados: onde encontram-se as teses de doutorados, dissertações de mestrado, artigos, *E-book*, livros, ensaios e periódicos vinculados à Qualis CAPES⁷ e ao CNPq⁸.

⁷ **Periódicos** do portal da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior-CAPES.

⁸ **Periódicos** do portal da Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

1.6 BAKHTIN E A LITERATURA COMO FONTE

O romance enquanto fonte documental e histórica é o nosso foco principal, o pensamento bakhtiniano é nosso guia por compreendermos que as leituras dos elementos substanciais para a formação do homem exigem grandes variáveis e grandezas constantes, são categorias se encaixam sobre o papel da ficção narrativa de Bruno de Menezes que possibilitam entrar nas entranhas das “imagens de infância e criança xerimbabo” no contexto da Amazônica paraense.

Bakhtin (2010, p. 238) reforça que “a formação (transformação) do homem, [é]o grau de assimilação do tempo histórico real”. Para ele o que reúne são diversas obras sob o rótulo de “Romance de Formação” é, de um lado, a “transformação da[o] personagem principal” e, de outro lado, o que as separa é o “grau de transformação da[o]personagem”, variando-se de acordo com o grau de assimilação no/do tempo histórico e social. O pensamento bakhtiniano tece relações do “ter distinguido” e ter “conjugado”, explicitamente, os dois são “dialogismos”, definidos como “interdiscursivo” e “interlocutivo”, são inerentes ao discurso do falante. Por essa razão o dialogismo, segundo Bakhtin (1978, p.103-105) define que na atmosfera do “já-dito”, o discurso é determinado ao mesmo tempo pela réplica não ainda dita, mas solicitada e já prevista. É assim em tododiálogo vivo. [...] A relação dialógica à palavra de outro no objeto, e à palavra de outro na resposta antecipada do interlocutor, sendo essencialmente diferentes [...], podem, no entanto, entrelaçar-se muito estreitamente.

Dessa forma, o dito é marcado pelo não-dito, o que permite o caráter ficcional da obra e o surgimento de dois narradores dos fatos, o que também auxilia na explicação da personalidade discursiva entrar em jogo, ocupando o papel do contraditória dessas vozes narradas. Para entender os enunciados ditos e não ditos nos romances de Bruno de Menezes consideramos o que Bakhtin (1988, p. 119) diz sobre conjugação dialógica:

Essa conjugação dialógica de duas linguagens e de duas perspectivas permite que a intenção do autor se realize de tal forma que nós a percebemos nitidamente em cada momento da obra. O autor não está na linguagem do narrador nem na linguagem literária normal, com a qual está correlacionada a narrativa (embora ela possa estar próxima de uma e de outra língua), mas ele se utiliza de ambas para não entregar inteiramente as suas intenções a nenhuma delas: ele utiliza essa comunicação, esse diálogo das línguas em cada momento da sua obra, para permanecer como que neutro no plano linguístico, como ‘terceiro’ na disputa entre as duas (mesmo que esse terceiro possa ser parcial).

Em Bakhtin (2008, p.207) define as questões do discurso como parte da

língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins.

Para Bakhtin (2008, p.274) o ato de “falar é apelar para alguém”. Essa sua afirmação nos leva a entender que para cada fala, há apelo, há discurso, há vozes, há enunciados, signos, interação agindo sobre si e o outro. Define que:

o momento de apelo é inerente a todo discurso em Dostoiévski, ao discurso da narração no mesmo grau que ao discurso do herói. No mundo de Dostoiévski não há, de um modo geral, nada de concreto, não há objetos, referentes, há apenas sujeitos. Por isso, há apenas o discurso-apelo, o discurso que contata dialogicamente com outro discurso, o discurso sobre o discurso, voltado para o discurso. (ibid., p. 274).

É sobre essa relação discursiva que apresentamos nossas considerações frente aos romances, seus enunciados, falas dos protagonistas e os apelos descritos para alguém. Na ficção dos escritores essa relação se faz presente com um teor aprofundamento complexo das vozes sobre educação, infância e criança. Dessa forma, o dialogismo define as relações languageiras, às práticas discursivas e, por sua vez, a polifonia se refere à multiplicidade de vozes em um texto. “A polifonia pressupõe uma multiplicidade de mundos, ou seja, vários sistemas de referência, vozes plurivalentes e pontos de vista ideológicos acerca do mundo (Bakhtin, 2008, p. 38-39). O uso da teoria bakhtiniana sobre essa tese, se torna fundamental para analisarmos as obras literárias de Bruno de Menezes sobre o protagonismo dos romances: “Maria Dagmar” e “Candunga”.

Ancorado nas perspectivas discursivas de Bakhtin analisaremos a saga familiar os vazios gritos da infância e ser criança xerimbabo em “Maria Dagmar” e “Candunga” e que ganham vozes a partir da arte da ficção romanesca dos personagens construídos pelo escritor paraense Bruno de Menezes. A metáfora da morte, o infanticídio, as mentalidades eugênicas, o abandono, a orfandade, o trabalho infantil, exploração sexual, a infância xerimbabo e a educação do desasnar são aspectos fundamentais para compreensão dessa “realidade” sobre as fontes da ficção. Apontar a morte ou as tragédias enquanto metáfora das vozes dos enunciados discursivos, é caracterizar que

a morte é um limite definitivo dos seus atos e pensamentos, e depois dela é possível elaborar uma *interpretação* completa, provida de mais lógica,

mediante a qual a pessoa nos aparece numa unidade satisfatória, embora as mais das vezes arbitrária. É como se chegássemos ao fim de um livro e apreendêssemos, no conjunto, todos os elementos que integram um ser. Por isso, em certos casos extremos, os artistas atribuem apenas à arte a possibilidade de certeza, - certeza interior, bem entendido. É notadamente o ponto de vista de Proust, para quem as relações humanas, os mais íntimos contatos de ser, nada mostram do semelhante, enquanto a arte nos faz entrar num domínio de conhecimentos absolutos. (Candido [et al], 2011, p.64)

O papel das metáforas se torna essencial e, é valido ressaltar que:

as metáforas impregnam a vida cotidiana de tal forma que não só a linguagem é afetada. Mas também os modos de pensar e de agir. As metáforas não são um simples ornamento, um divertimento caprichoso ou estético, mas artifícios que afetam as percepções das coisas, as relações sociais, os conceitos, as experiências diárias. O modo como falamos da realidade é determinado pelas metáforas que usamos, com frequência sem nos darmos conta, pois as metáforas não são um recurso exclusivo da linguagem poética ou literária. A linguagem cotidiana expressa a concepção que temos da realidade, e essa concepção é muitofrequentemente de natureza metafórica. As palavras com que caracterizamos e descrevemos nossa vida, e ao mesmo tempo a praticamos, estão carregados de significados que denotam como a percebemos e conceituamos. (Gobbi e Pinazzi, 2014, p.59).

As autoras concebem o uso de metáforas enquanto realidade cotidiana do falante, fazendo parte de nossa vida sociocultural e quando está e inserida sobre o campo da ficção, torna o mundo de sugestões semânticas amplo. A metáfora é considerada, segundo Candido (2011), como,

o termo de “verdade”, quando usado com referência a obra de arte ou ficção, tem significado diversos. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas. Ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade. (Candido [et al], 2011, p.18)

Por entendermos que as metáforas realçam as percepções das multivozes dos falantes, seus enunciados discursivos a serem considerado são dadas heterodiscursivamente pelo falante. Para compreendermos essas faces heterodiscursivas das personagens romanescas em Maria Dagmar e Candunga é necessário entendermos as interfaces interpretativas do sujeito falante, dos discursos e do falante dos enunciados. Enquanto práticas enunciativas e silenciadas aparecem descritas nos enunciados dos distintos personagens. Articulados pelas autodescrições narrativas apresentadas no romance. Quando apontamos que há uma infinita verbalização que se orquestram no romance em forma de heterodiscurso, estamos falando da

complexidade de suas multivozes.

Bakhtin (2015, p. 29) define “que o romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagem e uma dissonância individual”. A partir de Bakhtin é possível analisar a infância e o ser criança pela personificação das personagens feminina Dagmar e do masculino Antonio Candunga, pois

a criança-sujeito, autora de sua palavra, que nos mostra os espaços sociais a partir dos quais emerge sua voz, seu desejo. Aqui, não é mais o adulto que fala por ela, determinando de fora, a partir de suas próprias necessidades subjetivas, a importância dos diferentes espaços sociais em que a criança está inserida. mas, ao interagir com a criança, anos constroem uma compreensão mais abrangente do que significa existir socialmente em um contexto marcado por profundas contradições econômicas, sociais e culturais. (Jobim e Souza, 2012, p.25).

Em síntese de mortes, dores, perdas, ausências, vulnerabilidade, complicações, conflitos, violação de direitos, fantasias, sonhos, decepções, angústias, barbárie vem das bordas, das fronteiras humanas, do ser em desequilíbrio psíquico, físico e natural. Os aprofundamentos psicológicos, narrativos, de vozes, polifonias, problemáticas universais, humanos, do eu, outro, mundo cabe aproximar alguns aspectos sobre as leituras e influências de leituras de Dostoiévski (1821-1881)⁹ clarear pontos de vistas:

Dostoiévski era dotado da faculdade de *ver como que diretamente a psique de um outro*. Perscrutava a lama de outro como que munido de uma lupa que lhe permitia captar as mais delicadas nuances, acompanhar as mais imperceptíveis modulações e mudanças da vida interior do homem. Como que *contornado os obstáculos externos*, observa diretamente os processos psicológicos que ocorrem no homem, fixando-os no papel. (Bakhtin, 2013, p.42).

O falante segundo Bakhtin, define em três elementos, que as consideremos:

O falante e sua palavra no romance são objeto da representação verbalizada e ficcional. A palavra do falante no romance não é simplesmente transmitida nem reproduzidas mas *representadas literalmente* [...] 2 O falante é um homem *essencialmente social*, historicamente concreto e definido, e seu discurso é uma linguagem social (ainda que no embrião), uma linguagem de grupo e não um dialeto individual [...] O falante no romance é sempre, em maior ou menor grau, um ideólogo, e sua palavra é sempre um *ideograma*. (Bakhtin, 2015, p.124).

⁹ Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo. É considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história, bem como um dos maiores "psicólogos" que já existiram site consultado <https://www.google.com/search?q=Dostoi%C3%A9vski%3A&oeq=Dostoi%C3%A9vski%3A&aqs=chrome..69i57.1454j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>, em 29/08/2022.

As abordagens a partir da obra *Teoria do romance*¹⁰ passam a ser fundamentais, pois, afirma Lukács (2015, p. 124) “a vida faz-se criação literária, mas com isso o homem torna-se ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada. Essa dualidade só pode ser configurada liricamente”. O seu heróico romanesco tem a alma maior que o mundo e que a desilusão é a riqueza da alma, “renuncia a todo papel na configuração do mundo exterior” (Lukács, 2015, p. 123), ao mesmo tempo em que considera que: o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesmo, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência. (Lukács, 2015, p. 91).

Sobre essa provocante leitura, se legitimam as percepções nos romances dos escritores do universo amazônico frente à seus protagonistas: Maria Dagmar, Antônio Candunga, de Bruno de Menezes que encontram encodaras.

Racièrie (2005, p. 15)¹¹ define “a partilha da sensível” que o tempo “comum partilhado e partes exclusivas lugaresse funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determinam propriamente a maneira como um comum se presta a participar e como uns e outros tomam parte nesta partilha”. Na poética de Bachelard (2009a-2010b)¹² ao tratarmos do imaginário poético do “devaneio e imaginação” que a “experiência primeira da realidade temporal” e que “corresponde a uma consciência mais direta do tempo”, “o problema do tempo muda de sentido a partir do momento que considerarmos a construção do tempo a partir do instante” (Bachelard, 2010, p.43).

Loureiro (2001)¹³ definir a “Cultura Amazônica” como um feixe de representações simbólica, imaginária, sensível as poéticas socioculturais e identitárias que emergem no universo amazônico são essenciais na busca de enxergarmos as “imagens da infância e criança” na/da Amazônia paraense. Esses “espaços literários” de Maurice Blanchot (2005)¹⁴ é visto como um mundo mítico que transcende o material linguístico, mitopoética devaneante da cultura amazônica para seu reconhecimento e investigação do sensível. Tomemos aqui o olhar

¹⁰ Esse estudo, escrito em 1914-1915, saiu em 1916 (na Zeitschrift für Ästhetik und Allgemeine Kunstwissenschaft, de Max Dessoir) e em livro na cidade de Berlim, no ano de 1920. Mas logo depois (em 1922) Lukács repudiou o próprio pensamento e, durante 40 anos, proibiu a reedição de *La théorie du roman*, que só viria a reaparecer em 1962, então cercado de enorme prestígio.

¹¹ Racièrie, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*, tradução de Mônica Costa Netto. – São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

¹² Bachelard, G. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010 e o livro, Bachelard, G. *A poética do devaneio*. Tradução Antônio de P. Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

¹³ Leitura do livro de João de Jesus Paes Loreiro. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 2001. Obras reunidas, vol. 4.

¹⁴ Livro: Blanchot, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 2005.

da infância e criança em jogo. As leituras sobre campo das cartografias simbólicas vêm sobre Gohn (1999)¹⁵ e Barbeiro (2002)¹⁶. São leituras e provocações teóricas que nos ajudam a legitimar nossas sugestões de respostas a nossa investigação.

Portanto, as abordagens teóricas são os guias desta tese, pois possibilitam enxergar e fundamentar nossas visões frente as “imagens sociais” de “crianças”, “infâncias” e “educação não-escolar” (xerimbabo) no universo da Amazônia Paraense, em denúncia a partir da ficção romanesca de Bruno de Menezes. Por razão, os campos de abordagens nos ajudam a entender as vertentes dos distintos campos em estudo nesta tese.

Por fim, ressaltar as “consciências” que se pode contextualizar frente as décadas de 1900 a 1930 ao norte do Brasil, são indícios de uma ótica literária romanesca, vinculadas as denúncias autodescritivas feitas pelo escritor, poeta, romancista, moderno, Bruno de Menezes. A crítica literária acena para a indignação interior dos problemas sociais e da humanidade que brotam nas escritas do escritor Bruno de Menezes. Por essa razão, as vivências vindas das cenas migratórias no nordeste bragantinos ganham vida no seu espaço e tempo, a partir do romance Candunga (1954), bem como no romance Maria Dagmar (1950), pois desloca-se as periferias e as zonas urbanas. Além disso, definindo os traços obscuros de perfis de pessoas, gentes, modos de vidas que nos atravessam em suas mais diversas condicionalidades e desumanidades.

A tese propõe uma *análise dos enunciados discursivos* do processo de formação, autoconsciência e subconsciência que leva a autonomia saberes nos protagonistas Dagmar e Antônio Candunga sobre o processo de “educação, infância e ser criança xerimbabo”, anunciados, denunciados e autodescritivas, sobre as fontes e textos romanescos de Bruno de Menezes passam a ser expressos em seus perfis de vida, orfandade, condicionalidades, tutelados, agregados, até alcançar a sua autonomia.

Dessa forma, serão traçados a partir de alguns aspectos e categorias analíticas de Bakhtin os seguintes pontos: *Significação; Enunciação; Ideologia; Palavras; Polifonia; Cronotopo e Intertextualidade*. Definidas a seguir como aspectos fundamentais para análise e compreensão dessa tese:

A *Significação* (construção de sentidos). O conceito de significação é um dos mais complexos para o Círculo de Bakhtin. Ao explicar a dimensão social da língua,

¹⁵ GOHN, M. G. M. Movimentos Sociais e Educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. v. 1. 128 p.

¹⁶ BARBERO, Jesús Martín. Ofício de cartógrafo: travessias latino americanas da comunicação na cultura. Trad. Fidelina González. São Paulo. Fondo de cultura: Econômica. 2002.

Bakhtin/Volochinov (1999) propõem um estudo das ideologias, princípios norteadores para as abordagens sociológicas da linguagem. Definem signo como conteúdo ideológico semiótico que emerge na inter-relação entre o eu e o outro. Isto é, os signos se dão por meio de um processo de interação social envolvendo grupos socialmente organizados. Sendo assim, não existe nem consciência que não seja social nem signo que não seja ideológico por natureza, pois não há signo sem ideologia e tudo que é ideológico é, por si só, signo. (Bakhtin/Volochinov, 2009). No caso dos romances de Bruno de Menezes utilizados nesta tese têm seu significado e sentido em um contexto histórico e com a Personificação de sujeitos arquitetados em um tempo e espaço carregados de ideologias e de uma consciência ancorada num momento social na Amazônia.

Os *Enunciados* (a partir dos diálogos pressupostos emitir o movimento ação resposta). Para Bakhtin/Voloshinov (1930. p. 9) define que “quase todas as palavras de nossa língua têm inúmeras significações em função do sentido do enunciado por inteiro; sentido que depende, ao mesmo tempo, das circunstâncias imediatas que suscitaram o enunciado, e das causas sociais mediatas que estão na origem do ato de comunicação verbal considerado”. Desta relação de enunciados, os romances de Bruno de Menezes evidenciam as proposições de sentidos que concebem em seus enredos, histórias, passagens que são construídas sobre fatos, fontes, espaços e tempos distintos. Só passemos a conhecer a realidade narrada e autodescritivas por meio dos enunciados, falas, diálogos traçados e definidos sobre os romances Maria Dagmar e Candunga. E seus personagens e protagonistas encabeça o fenômeno das linguagens e seus inúmeros enunciados deixados nos textos, nas entrelinhas das palavras que cortam e vibram as histórias e problemáticas na obra.

1. **Ideologia** (crenças e ideologias criadas a partir do cotidiano, tomada de posição, consciências e autoconsciência de fatos e movimentos, tomada de posição dos interlocutores). Para um melhor entendimento, do termo em uso no Círculo de Bakhtin, a palavra ideologia tem significado diferente dos já anunciados pela tradição marxista. Para Faraco (1998, p.46) a “criação ideológica e dialogismo” podem ser entendido como um “universo dos produtos do “espírito humano”, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual; chamado também, numa terminologia materialista, de formas da consciência social.”. é são essas formas de consciência social dos protagonistas (Dagmar e Antonio Candunga) que nos levam a perceber o seu poder de fala no mundo.
2. **Palavras** (algo concreto). A palavra para Bakhtin é tecida por vários fios ideológicos e

carregado de significados e sentidos, pois a palavra se materializa nos enunciados discursivos. Para Volochinov, (2013 [1926], p. 78) “um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes; o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente, a valoração compartilhada pelos dois, da situação”. Essa relação entre palavras, signos, energia, fala, linguagem, língua, símbolo é o fio condutor das linguagens no texto, a fluidez de toda uma saga romanesca. Obra escrita, as palavras, os registros, as fontes na obra de Bruno de Menezesse constitui por uma rede de fios ideológicos por seus personagens. Serve para registrar fatos no tempo e espaço (Crontopo) como o lugar de pertencimento das vozes e protagonista registrados no gênero romance, prosa em Bruno de Menezes.

3. **Polifonia** (vozes do texto). Para Bakhtin todo texto está representado por várias vozes que concordam e discordam. Para Bakhtin (2008, p.235) é o “duplo” há um diálogo interior de um personagem cindido em três vozes dissonantes, dessa forma “usando a nossa imagem, podemos dizer que isso ainda não é polifonia, mas também já não é homofonia. A palavra, a ideia e o mesmo fenômeno já são aplicados por três vozes e em cada uma soam de modo diferente.” Brait (1997, p.98) afirma que o “dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”.
4. **Cronotopo** (tempo e espaços físicos, cronológicos, psíquicos, imaginários, ficcionístico, verossímil). Bakhtin (1998, p.211) afirma que no *cronotopo* artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.

O cronotempo pode ser vivenciado a partir das peculiaridades de tempos e espaços que são descritos sobre o romance Dagmar e suas reverberações de lembranças e memória, que descortina a sua infância e nos faz entender o ser criança em Dagmar. Sobre os contornos psíquicos, cronológicos e *feedback* do nascer, menina, ser criança, ter infância, viver e se tornar mulher no interior da Amazônia, espelho social do início do século XX no Pará. Já em

Antonio Candunga, essa relação transborda uma cultura que saímos molhado de um tempo e espaços vividos e denunciados por Bruno de Menezes em seus romances.

1. ***Intertextualidade*** (um texto (re)cria outros textos, perfazendo contextos sobre os textos, estado ou efeito de relacionar textos). Kristeva (2005, p.67) afirma que as formas no texto ao dizer que “pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário” e, ao mesmo tempo, “está orientada para o corpus literário anterior ou sincrônico”. Através das palavras e de sua pluralidade de sentidos, o texto entra em contato com outros discursos; o discurso de outros textos. O fato de Bakhtin encarar o dialogismo como característica intrínseca à própria linguagem, e como elemento que “designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade.” (Kristeva, 2005, p.71). Em Bruno de Menezes há uma intertextualidade ocorrendo ao somarmos e aproximarmos as tentativas, discursos, enunciados, falas, vozes, temáticas, narrativas, protagonistas, problemáticas universais e socioculturais em ambos os textos. Enfim, há nos dois romances uma intertextualidade de vida, acontecimentos, sofrimentos, perdas, violência, traumas, etc.

1.7 CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE

Em relação ao *estado da arte* são vários estudos sobre os escritores romancistas paraenses que indicam uma relação mútua entre os escritores enquanto escrita, obras, ideologia, profissão e pontos de vistas diversos. Ambos merecem atenção pelos diálogos, críticas e suas aproximações nos romances, nas escritas e principalmente seus protagonistas Maria Dagmar e Candunga.

Quadro 1 - Estado da Arte sobre Bruno de Menezes

Nº	REFERÊNCIA/ESTUDOS	ANO
	BRUNO DE MENEZES	
1	AQUINO, Ana Cleide Guimbal de. A prosa literária de Bruno de Menezes em perspectiva dialógica . 2014. 147, 73 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.	UNESP/2014 Tese
2	FIGUEREDO, Aldrin Moura de. Eternos modernos : uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. Campinas, 2011. Tese de Doutorado. IFH/Unicamp, Campinas, 2008.	UNICAMP/2011 Tese
3	LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. — Nossos intelectuais e os chefes de mandiga : repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951) / por Luiz Augusto Pinheiro Leal. - 2011. 231f. : il. Orientador : Profº Dr. João José Reis. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.	UFB/2011 Tese
4	WANZELER, Rodrigo de Souza. Candunga : fissuras do presente resignificando uma certa Amazônia e um certo nordeste no romance de Bruno de Menezes. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras.	UFPA/2009 Dissertação

Fonte: Autor- As teses e dissertações sobre essa tabela não serão acrescidos nas referências por motivo de minimizar espaço no texto, 2023.

Ao longa das consultas e filtros em teses, dissertações e livros identificamos como referências alguns estudos. No quadro 1 é possível perceber que as investigações voltadas as obras de Bruno de Menezes que possibilite pesquisas envolvendo educação, infância e criança a partir de sua ficção, não foram encontrados dados. Por essa razão, nos levou a desenvolver sobre essa tese os aprofundamentos de olharmos para ficção enquanto fontesocial e história os sujeitos invisíveis e silenciados no Pará, a partir das observações, leitura e cartografias de uma infância, criança e seus processos educativos nos romances de Bruno de Menezes.

Muitos estudos sobre a poesia, negro, movimento moderno, influências modernistas, intelectuais negros e defensores da cultura Afro-Brasileira, porém não há sinalizações em nenhuma das pesquisas que evidenciam o olhar para infância e criança em Bruno de Menezes sobre o viés da ficção.

As teses e dissertações em destaque por meio deste levantamento, descreveram que há estudos diversos sobre os estudos da prosa romanesca de Bruno de Menezes encontramos duas (03) tese e uma (01) dissertação, com focos de análise distintas das que buscamos por meio desse trabalho de tese. A tese de Aquino (2014) contribui para as análises em torno dos “interlocutores do escritor Bruno de Meneses”, seus críticos literários, as imagens (re)criadas frente a um autor, escritor dos marginalizados, das vozes dos tambores (Benedito Nunes).

Do operário do verso (José Arthur Bogéa), da alma do povo (Abguar Bastos), do coração do subúrbio, do terreiro e dos arraiais (Dalcídio Jurandir), da vastidão do poeta boêmio de Belém (Ramayana Chevalier), das considerações do poeta proletário/o poeta, da gente simples (Santana Marques), a voz do nosso povo (Machado Coelho), Pai de Santo da poesia da terra (Gentil Puget), autêntico intérprete da gente de cor (Pedro Tupinambá), entre outros considerações a partir de sua prosa novela/romance Maria Dagmar (1950). Identificamos alguns dos epítetos atribuídos pela crítica e apresentamos relações dialógicas com outros textos, um deles estabelecido pelo próprio autor, como a novela A Ruiva, de Fialho D'Almeida e Candunga.

Romances que passam a ser relacionada entre cultura e identidade, em especial a cabocla Amazônica e a nordestina, falando em costumes, tradição, confirmando, dessa forma a imagem atribuída ao autor-criador como o de a voz do nosso povo, divulgador da cultura e escritor dos marginalizados. Porém, a tese deixa nas entrelinhas as questões da infância e criança, ressalta a educação enquanto movimento de aceitação e reconhecimento sociocultural. Figueiredo (2011) em sua tese faz considerações em relação à vida, à cultura e às políticas dos grupos de intelectuais subversivos, por essa razão, faz uma divulgação de uma nova realidade de interpretações para a mentalidade brasileira, sobre o ângulo Amazônico.

Tecendo sugestões e análise dos intelectuais da pintura a história da pátria, passando por efemérides nacionais de levantes intelectuais, situando os rebeldes e subversivos da literatura paraense, criando uma identidade nacional, nos quais a Amazônia é o foco desse levante. A respeito da criança, infância e educação não há uma referência, contudo, há nos implícitos dos textos, do dito e não dito, destaque aos intelectuais, classes, elites, boêmias, marginalizados passam a ser percebidos enquanto perfil de sociedade, grupos de intelectuais, de movimentos ideológicos, políticos, educativos, sociais, valores de classe, revoluções, conflitos acadêmicos, boêmia de uma Belém antiga.

Realidade (in)visível que em suas leituras somos sobressaltadas na retina, vindo à tona como leitura, percepção, indagações e contextos sociais, crises de valores definidas em seus tempos, modos de vida, modos de pensar, agir no mundo em relação as nossas palavras chaves: Educação, infância e criança, objeto de nossa tese.

Sobre a dissertação de Wanzeler (2009), os apontamentos versam sobre uma realidade a do romance Candunga (1954), de Bruno de Menezes, tecendo referências a realidade de deslocamentos humanos, processos migratórios, desumanizadores com enfoque à Estrada de Ferro Belém-Bragança. Tendo em vista que o foco de estudo se volta às relações culturais entre

os migrantes nordestinos e o povo Amazônida, caboclo. Por essa razão, há uma realidade aparente, porém sem o foco na infância e criança, por sua vez, deixa na invisibilidade essas problemáticas que ao lermos, nos alinham como guia argumentativos em buscar de enxergamos as (in)visibilidades deixadas pela pesquisa.

No entanto, as investigações e filtros feitos a respeito dos estudos relacionados aficção romanesca de Bruno de Menezes sobre as palavras chaves: educação, infância e criança. Não foram encontrados quaisquer vestígios que levem em consideração ao que se propõe como objeto desta tese. As intervenções sobre a tese de Leal (2011) investigaram o processo de sociabilidade e engajamento intelectuais em torno da mobilização pela liberdade de culto no Pará de 1938.

Um período que ressalta um novo momento, uma nova mentalidade de Brasil, as passagens do período autoritário do Estado Novo e as práticas culturais de origem africana, religiosas são mencionadas. Estado, classe e rebeldes são colocados em conflitos na leitura da tese.

Os intelectuais paraenses, em sintonia com as discussões acadêmicas nacionais em torno da experiência negra brasileira, uniram-se para reivindicar um melhor tratamento para os líderes afro-religiosos paraenses. Porém, esta tese anuncia inúmeros textos e leituras a serem percebidas e investigadas e uma delas foi a possibilidade de indagar questões da infância, ser criança e educação em Bruno de Menezes, escritor militante no Pará do século XX.

Há de mencionar os estudos de jovens pesquisadores que vem desbravando o campo de investigações da infância, criança e educação, sejam estes por meio de instituições, documentos históricos, gêneros diversos, como a literatura, jornais, revistas e outros que passam a oferecer ao campo de pesquisa um ângulo de leituras e níveis de interpretações de forma horizontal. Os pesquisadores e estudiosos como Lima (2015), Corrêa (2017), Pinheiro (2017), Costa (2019), Sabino (2019), Veloso (2019), Gutierrez (2021), Silva (2021), Callou (2023), Nery (2023), Pires (2024) e outros pesquisadores contemporâneos que diversificam as áreas da infância, criança, orfandades, educação, instituições, migrações, intelectuais, documentais, história social, literários, jornais, revistas e outras fontes materiais e imateriais na e da Amazônia paraense.

A Tese de doutorado de Maria do Socorro Pereira Lima (2015) sobre o título: *Infância, Educação E Criança: Um Estudo Histórico-Literário Nas Obras Serões Da Mãe Preta E Chove Nos Campos De Cachoeira (1897- 1920)*. estudou o lugar a criança ocupa, enquanto sujeito,

nas obras *Serões da Mãe Preta*, de Juvenal Tavares e *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, a partir da relação com os contextos histórico, econômico, cultural e educacional no Pará, entre os anos de 1897 a 1920.

A dissertação de mestrado Ana Maria Maciel Corrêa (2017) sobre o título: *A Infância em Processos Judiciais em Belém do Pará: da criminalidade aos discursos jurídico-assistencialistas para a educação do menor desvalido (1890-1930)* teve como objetivo analisar a infância em processos judiciais em Belém do Pará, a partir da problemática da criminalidade, na perspectiva dos discursos jurídicoassistencialistas para a educação do menor desvalido no período de 1890 a 1930.

A tese de Welington da Costa Pinheiro (2017), sobre o título: *O Instituto Orfanológico do Outeiro: Assistência, Proteção e Educação de Meninos Órfãos e Desvalidos em Belém do Pará (1903-1913)*. com o grande desenvolvimento da cidade de Belém em razão dos lucros da economia da borracha amazônica, os governantes Antônio Lemos e Augusto Montenegro criaram o Instituto Orfanológico do Outeiro, destinado à abrigar crianças do sexo masculino, que fossem consideradas órfãs e desvalidas, na faixa etária de cinco e doze anos. Essa instituição e as ações de assistência, proteção e educação configuraram-se como o objeto de estudo de sua tese.

A Tese de Benedito Gonçalves Costa (2019), sobre o título: *“A educação para ser boa deve ser religiosa”: romanização e civilização no projeto educativo do bispo dom Antônio de Macedo Costa para a Amazônia (1861 - 1890)*. Teve como objetivo pesquisar o projeto educativo do Bispo D. Antônio de Macedo Costa, que atuou no Pará no período de transição do Brasil imperial para o republicano. Buscou-se analisar, com base na história cultural e na história intelectual, o projeto educativo de D. Antônio de Macedo Costa a fim de entender o sentido social e político de seu programa para a Amazônia.

A tese de Elianne Barreto Sabino (2019), sobre o título: *Infância Pobre e educação no juízo de órfão do Pará (1870-1910): acolher, proteger, cuidar e educar “Os Filhos do Estado”*, apresenta a finalidade analisar a intervenção do Juízo de Órfão na educação, proteção e assistência à infância a partir da norma e disciplina da família no período de 1870 a 1910. a pesquisa acentua o zelo pelos direitos das crianças que se encontrassem em situação de desmantelamento familiar decorrentes de abandono moral e físico, maus tratos e incapacidade dos pais ou responsável.

A Tese de Damiana Valente Guimarães Gutierrez (2021), sobre o título: A Escola Normal do Pará na perspectiva da cultura escolar (1890-1926), objetiva analisar a escola normal do Pará, no período de 1890 a 1926, no que se refere ao prédio e seus espaços, aos bancos-mesas e uniformes escolares e à trajetória pessoal e profissional dos professores e professoras numa perspectiva de estabelecer relações entre esses elementos e a cultura escolar na escola normal.

A tese de Maria Lucirene Sousa Callou (2023), sobre o título: A Congregação Filhas de Maria Auxiliadora e a Formação Feminina Salesiana no Instituto Dom Bosco em Belém do Pará: entre a educação, a religião e o trabalho (1935 – 1942). Estuda a Congregação Filhas de Maria Auxiliadora e a Formação Feminina Salesiana no Instituto Dom Bosco em Belém do Pará.

Analizando como se constituiu a formação feminina dirigida pela referida congregação, a fim de identificar como as religiosas se apropriaram do momento histórico em que viviam e organizaram uma instituição educativa para o público feminino, implementando seu modelo de educação, especialmente para a juventude feminina, compreendendo ainda a organização e finalidade das práticas e do ensino, conectando as representações dessa educação feminina no contexto político, religioso, social e educacional dos anos 1935-1942 no Pará.

A tese de Guthemberg Felipe Martins Nery (2023), sobre o título: A professora primária nas personagens femininas nas obras romanescas de Lindanor Celina (1920-1930), acentua seus estudos nos discursos materializados sobre a professora primária nas personagens femininas nos romances: Menina Que Vem de Itaiara e Eram Seis Assinalados, de Lindanor Celina, no contexto da escola isolada e grupo escolar na fictícia cidade de Itaiara/Bragança – PA, entre os anos de 1920 e 1930.

A tese de Érica de Sousa Peres (2024) com o título: Prelazia do Marajó: Infância, educação e assistência na Amazônia marajoara (1950-1960) Esta tese analisa as obras sociais e educacionais desenvolvidas pela Prelazia do Marajó na cidade de Soure, sob os desígnios dos Agostinianos Recoletos, no período de 1950 a 1960. com objetivo de analisar as obras sociais e educacionais desenvolvidas pela Prelazia do Marajó sob os desígnios dos Agostinianos Recoletos, na cidade de Soure, no período de 1950 a 1960.

E por fim, sobre essas manifestações de estudos que caminham de forma distintas dos estudos sobre infância, criança, educação, instituições, história, literatura, jornais, revistas,

documentos, desvalidos, orfandades e outras objetos que se apresentam por meio dessas instigastes teses, além das investigações já apontadas sobre os estudos de Bruno de Menezes, porém, trabalhos que equivale e integram objetos distintos frente a está tese.

Portanto, podemos ressaltar a tese de Ivone dos Santos Veloso (2019), sobre o título: *A infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um Bulício de crianças, picado de risos e gritos. Trabalha a infância e criança nos romances de Dalcídio Jurandir. leitura analítico-interpretativa que objetiva demonstrar que a categoria infância tem um papel de relevo na produção literária de Dalcídio Jurandir e, de modo especial, na dimensão ética e estética da construção do seu projeto literário que ficou conhecido como ciclo Extremo - Norte.*

Para tanto, esse estudo, de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, incide, principalmente, sobre os cinco primeiros romances do ciclo dalcidiano, a saber: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960) e *Passagem dos Inocentes* (1963). O enfoque analítico-interpretativo se apoia na técnica temática e discursiva, o que permite observar as formações ideológicas da construção discursiva do escritor marajoara, e ao modo como a figuração da infância e da criança colaboram com o tom social de seu projeto estético.

Por essa razão, se faz fundamental o estudo dessa tese ao buscar investigar e analisar a partir da obra romanesca *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954), do escritor Bruno de Menezes (1893-1963), como a infância e educação estão constituídos nos enunciados discursivos que representam o significado e sentido do ser criança na Amazônia paraense em um contexto social, cultural, político e econômico atravessado por denúncias, violações, explorações e silenciamento da criança.

Se definido como uma tese inédita no campo da educação, sobre as obras e escritor estudados. Pois tece em seus enunciados discursivos as representações, sentidos e significado de infância, do ser criança e da educação do Xerimbabo e do (des)asnar na Amazônia paraense.

1.8 ESTUTURAÇÃO DO TEXTO

A presente tese encontra-se dividida em quatro seções. Na Seção I apresentamos os encaminhamentos da pesquisa de tese. Destacamos os caminhos que nos levaram analisar a infância e o ser criança nas obras romanescas de Bruno de Menezes, sobretudo o encontro com o escritor e as obras escolhidas para trabalhar a tese. Apresentamos ainda o problema, objetivos, hipóteses da tese, metodologia e o estado da arte.

Na Seção II abordamos a influência do movimento moderno no intelectual Bruno de Menezes e sua biografia de Bruno de Menezes, o seu processo de hibridação sociocultural nos romances *Maria Dagmar* e *Candunga*. Além de situar os Romances *Maria Dagmar* (1950) e o Romance *Candunga* (1945) do referido escritor.

Na Seção III analisamos a travessias da infância e o ser criança xerimbabo nas obras romanescas de Bruno de Menezes sobre os subtópicos que versam sobre o ser criança e o ter infância em *Dagmar* e *Candunga*. Destacamos ainda a situação tutelar de exploração de *Dagmar*, o refúgio do menino *Candunga* e a infância perdida da menina Maria Tereza. Além disso, analisamos a infância de Tereza Rosa e que é espelho de meninas em pleno século XX. Além de discutir a infância de Ana e Josefa, discutimos a infância de Maria Assunção e o maldito caçua.

Na Seção IV analisamos a orfandade da criança xerimbabo de *Maria Dagmar* e *Candunga*. Analisamos também a educação dos xerimbabos e dos (des)asnar em *Maria Dagmar* e *Candunga*. Por fim, apresentamos as considerações finais se voltam as percepções de infância e educação da criança xerimbabo na Amazônia paraense e estão subdivididas por meio de três linhas descritivas que dialogam e se complementam entre si, uma voltada a infância e criança Xerimbabo, outras sobre a educação do Xerimbabo e do(des)asnar.

SEÇÃO II



A ARTE MODERNA E A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE BRUNO DE MENEZES NA AMAZÔNIA



[...] quando as noites eram de lua, arejando e convidativas, conversavam os vizinhos mais chegados, sentados em tamboretes tripeça:

- *Então, agora já é outro o comissário na cidade? ...Dissero na feira que ele chegou ...*
- *Parece certo ... ouvi dizê que é um civil, mas homem velhusco, aposentado, que não anda de magote com os soldados. Tomara que ele dure muito tempo ...*
- *E o Juiz de Dirêto?*
- *Também disque é outro ... Conversadô ...*
- *Gosta de contá casos, de se distraí com baralho, de tomá só cerveja ...*
- *Cê soube que o prefeito não é o mesmo?*
- *Soube não ...*
- *Pois não é? ... O outro parece que o interventô descubriu bandaiêra dele com os dinheiros da prefeitura e deu um chute no veiáco ...*
- *Ora veja só ... A coisa parece mió ...[...] (Menezes, 1993,p.237)*

2.1 AS INFLUÊNCIAS MODERNAS EM BRUNO DE MENEZES

Para compreendermos as manifestações do intelectual Bruno de Menezes, temos que mencionar alguns fatos relevante já manifestados desde das vibrações dos intelectuais modernos na França, há quem diga que o “afeto cultural franco-brasileiro” serviu de origem, segundo Santiago (2009; p.22)¹⁷, como acentuadas cópias ou melhor imitação do movimento que se tomou universal. O papel de “aclimatar as ousadíssimas teorias vanguardistas europeias ao então acanhado ambiente cultural brasileiro, tendo a agressiva antropofágica como proposta teórica”. Serve como ideologia subversiva em todo mundo.

A legítima cópia deveria ser feita em primeira mão e sobre os tons da originalidade francesas, esse impulso e nostálgica movimentou muitos brasileiros a conhecerem o movimento e estudarem as artes, literaturas e os movimentos estéticos que estavam no auge nas cidade das luzes. Tanto é que muitos curiosos e estudiosos sofreram em suas formações as influências, tornaram-se militantes, rebeldes e subversivos do cânone. O que muitas personalidade brasileira como Victor Brecheret, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, entre outros aos em solos franceses, vibram na alma uma identidade nacional. Sobre esse contato dos artistas brasileiros com o ambiente parisiense, firmam no “Brasil” a esperança de uma nova estética. Para Amaral (2012, p. 11) passa a definir novos horizontes sobre a realidade brasileira:

atualizar as ideias estéticas a partir de modelos europeus recentes, sobretudo na área de artes plásticas, surgiu como uma possibilidade de renovação para a arte brasileira. Cubismo, expressionismo, ideias futuristas, dadaísmo, construtivismo, surrealismo e o “clima” parisiense onde imperava, nos anos 20, o *art déco* resultaram em inspirações que, direta ou indiretamente, alimentaram os artistas modernistas brasileiros nos anos 20 e 30. Paris, em particular, forneceria o ambiente propício para essas inspirações de ruptura.

De *Portugal* tivemos a referências de estilos que se adaptou tão fortemente em solo brasileiro sobre as influências de um Brasil-Colônia autoritário, jesuítico e da barbárie. E sobre as múltiplas influências dos movimento estéticos, citemos apenas a herança dos movimentos do intelectuais do *Orpheu* que agitavam o Brasil e o interior dos “brasis” ainda em descoberta. Nomes já conhecidos desse movimento eram posto a militar nas trincheiras, sobre o propósito fundamental que consistia em agitar consciências com as derradeiras manifestações simbolistas, iniciadas em estilo novo, “moderno” ou “modernismo”.

¹⁷ Santiago, S. (2009). Presença da língua e da literatura francesa no Brasil (Para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros). Letras, 19(2), 11-25.

— Um pouco para impressionar o burguês, um pouco porque desajustados social e culturalmente, apegam-se a um modo de ser que toda a gente fuga próximo da loucura.” (Moíses, 2004,p.13-14).

O movimento de intelectuais presos as mentalidades europeias, suscitou um movimento modernista em nosso país. As “mentalidades” sendo maturadas em relação as concepções de “Arte Moderna”, literatura, cultura, identidade social, sobre a vasta realidade sociocultural do povo miscigenado, misturadas aos valores éticas socioculturais, sobre um “caldo” cultural que reflete as crises de identidade, servindo de afirmação de modos e jeitos puramente Brasileiros.

Para Nejar (2011) no livro *História da Literatura Brasileira: da carta de caminha aos contemporâneos*, ressalta que o Modernismo Brasileiro valorizou o regionalismo,

abraçou todo uma período de existir nacional, dentro de uma processo societário e econômico que se estendeu entre a renovação e aguçamento de suas premissas de tempo. Porque “o humano nunca lhe será alheio”. É verdade que houve a valorização do Regionalismo e a sua universalização, a busca de uma língua brasileira por Mário de Andrade, surgiram grupos em vários Estados de Federação: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Recife, Minas, Bahia, Ceará, Alagoas... (Nejar, 2011, p. 317).

Os grupos de intelectuais subversivos firmaram as federações, ecoando gritos de nacionalismo vindo das regiões no interior de nosso “brasis”. Há de se notar o silenciamento frente a região norte do país, *Estado do Pará, Maranhão e Manaus*, que por muito tempo sofreram o silenciamento por tecerem duras críticas aos autores cânones e suas referidas instituições, vistas como cânone nacional, os “(in)visíveis intelectuais” militavam, criavam e divergiam a partir das margens do cânone. Eram tidos como militâncias periféricas, nas/das margens, porém com um poder de argumento e uma arte nova que autores do cânone tentavam apagar o brilho, sua força e o poder de sua arte. A luta pela arte, estética, vibram o que se conhece como literatura moderna hoje em nosso país, ecoando das margens, ao norte e tendo seu auge nas temporalidade de crise, conflitos e ações êxitosas nas décadas de 1910 a 1922 interior de nosso Brasil.

Essa relação de intelectuais subversivos e a margem do cânone, foi construído por mentalidades dos estilos modernos em distintos universos, muito bem aceito por intelectuais em cada uma das federações ou região, seus perfis eram: universais, clássicos, modernos, “regionalistas”, outros vistos como literatura “menor”, “local”, “rebeldes modernos” de fato, tidos como “os subversivos”, foram os maiores intelectuais fora do cânone que faziam do

movimento modernista a sua liberdade sobre o ato do fazer arte-moderna. Alma livre, arte livre, em diversos contextos e gêneros, tais como na poesias, prosas, pinturas, teatro, música, escritas, dentre outros gêneros, que ganham sensibilidade e sentidos. E quando estas passam a reverberar em contato direto como o povo, a arte livre, os encontros de artes das ruas, os movimentos de grupos de intelectuais nos cafés, nas feiras, nos festivais literários, nas festas cívicas, saraus literários, movimentos periféricos e urbanos de uma Belém antiga, passam a coexistir em encontro e desencontros de militâncias à céu aberto.

No sentido de se fazer e sentir-se o “espírito modernista”, sua força, energia solta e (re)criativa, passa a ser entendido como “o novo”, “o moderno”. O “ser novo” e ter uma “nova mentalidade” eram guias ideológicos no alcance de tecermos um nova percepção humana de ser humano, um novo homem nasce, sobre o ato de sentir e fazera sua própria arte poético, literária e ficcional. Porém, essa “liberdade” poética e militante de ideal, não era visto com bons olhos pelas instituições acadêmicas, pelos escritores cânones a níveis nacionais e europeu, trajados no rigor e na forma literária tradicional, aos passos de modelos que se mantinham e se preservavam enquanto instituições de arte, das letras e dos cânones acadêmicos institucionalizados nega a novidade de estilo.

As instituições canônicas não se deixa envenenar pelas duras críticas que os movimentos de rebeldes, subversivos teciam frente à instituição, pois entendia que esse levante levaria a destruição de sua instituição. Por essa razão, uma das estratégias de reação foi negar todo tipo de movimento vindo desses “jovens intelectuais modernos”, que se situavam nas margens do cânone nacional. Neste sentido, essas manifestações recaem em um primeiro momento, pois, não deu resultado favorável as instituições. Dessa forma, foi articuladas estratégias como perseguições e invisibilidades dos autores e suas obras pela instituição. Isso só fez crescer o movimento para a tomada do “novo estilo”, o Moderno, surgidos da periferia e da boêmia local, passam a ecoar por diversas federações estaduais, regiões, capitais e periferias do interior de nosso “brasis”.

Não estamos aqui negado a legítima posição e o papel dos intelectuais de reconhecimento do cânone nacional, o que se busca é observar as legítimas lutas dos escritores as “margens” e nas “periferias” frente a essas instituições “reguladoras de intelectualidades”. Como se pode acentuar frente aos movimentos apresentados, legitimados e oficializados pelo cânone, um pouco mais tarde o que viria a ser o “movimento modernista brasileiro”, a partir da Semana de Arte Moderna, sobre um ponto de vista de “modernismo oficial” tem a sua valorização final. Entende-se que foi marcado e institucionalizado pelo

cânone nacional esse levante.

A partir de 1922, na Semana de Arte Moderna de São Paulo, com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha (intelectual da velha geração), Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Augusto Frederico Schmidt, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Luís Aranha, Sérgio Milliet, entre outros. (Nejar, 2011, p. 317).

Há um reconhecimento oficial desse “estopim do modernismo” porém “as artes plásticas de Anita Malfatti o legitima com passos legítimos”.(Nejar, 2011, p. 317) Cabe enfatizarmos a crescente desse movimento “moderno” em nosso país:

[...] Segall, Portinari, Di Cavalcante, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro; nas escultura com Brecheret; na Música com Heitor Villa-Lobos; Gilberto Freyre na Sociologia (o imperador das ideias), Afonso Arinos de Mello Franco no Ensaio, durante a primeira fase. Depois Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Augusto Meyer, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Emílio Moura, Adgar Renault, Guilherme César, Antônio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Vianna Moog e vários outros. (Nejar, 2011, p. 318).

Compreender e sugerir esses jovens intelectuais modernistas é tecer uma arte que não está nas margens do cânone da literatura nacional, suas proposições, práticas, militâncias, questionamentos e críticas, são e foram legítimas na construção de uma nova mentalidade. E a identidade sociocultural, artística brasileira passa a ser modificada, transformada e reconhecida a partir de outras perspectivas de “brasis”. Neste sentido, um país passa a ser visto em suas entranhas, porém, esse conflito, crise de arte, literatura, níveis de intelectualidade e sociedade, foram acometidos de muitas lutas e “rebeldias”, esses intelectuais ditos das margens fizeram nascer o que hoje se entende de movimento modernista em nosso país. Porém as retaliações aos jovens intelectuais iniciavam pela instituições para manter a ordem e a sua supremacia no país, por isso muitos intelectuais sofreram perseguições, proibições de suas obras, muitas obras não eram aceitas para publicação, não poderiam circular nos meios de comunicações e impressos da época, eram produções censuradas.

Ao olhar para o norte, “os intelectuais paraense” teciam duras críticas ao cânone e as instituições de arte nacional, as vozes do movimento moderno deveriam ser livres e pertencerem as raízes locais, regionais e nacionais. Essa herança sociocultural que se definiu como avanços do “movimento moderno” em nosso Brasil, estava a serviço de uma classe de oprimidos que lutavam contra seus opressores.

Segundo Coutinho (1997)¹⁸, o percurso da literatura identifica sempre, em cada manifestação nova ou em cada gesto apenas esboço, o esforço permanente de constituição de pressão ou de controle da metrópole, já se pode registrar a presença da palavra rebelada. E o que afirma esse discurso revoltoso é a opção irreversível de uma história predominantemente nacional. Aqui está o perfil sucinto de um tipo de desenvolvimento cultural que, em última análise, é inerente a todos os povos da periferia histórica. (Coutinho, 1997, p. 281)

Para Coelho, uma das principais questões suscitadas pela crítica é o fato da descentralização do espaço literário, desencadeada pelo surgimento de grupos literários locais nas mais diferentes regiões do país. No caso de Lúcia Miguel Pereira, Wilson Martins e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, toda a avaliação crítica expressa nos ensaios desses autores, por ora publicados no suplemento Arte Literatura da *Folha do Norte*, por volta de 1947 e 1949, ganha consistência por se levantar o tema do *espaço literário*. (Coelho, 2005, p.17).

A problemática do “*espaço literário*” são evidências dessas crises, a pergunta que fica é: *Quais “espaços literários” teriam os jovens intelectuais modernos a margem do cânone?* Estaria fazendo arte moderna ou teriam que está presos à opressão das instituições tradicionais, de herança e tradições culturais escolares, estéticas, de artes, para serem reconhecidos em quanto tal. Espaços literários, são espaços de vozes, narrativas, conflitos e pode(es) ideológicos frente a contracondutas que se manifestam contra um poder autoritário. Neste caso, o poder de validade e do fazer artístico estavam nas instituições reguladores do cânone nacional. E a arte moderna vem pregar a contra mão da institucionalização, negando a liberdade de criar e fazer arte em espaços restritos e sem liberdade.

Ascendendo de forma livre para o ato de (re)criar sentidos, a liberdade para artes é um não está presa é, ter liberdade, de criar e (re)criar sentidos outros, de fazer literatura em qualquer lugar, meio e temporalidade. Retratar as angústias, dores de sua gente sobre o ato de representar um olhar sensível frente a realidade. Sobre um espírito da realidade e os alcances do mover-se de uma vida moderna, é volúvel ao ser, no tempo e espaço, um ser (re)criador, livre e real. Neste sentido, acrescenta que “a crítica brasileira daqueles anos procurava explorar basicamente a ruptura do clássico triângulo dos acontecimentos literários: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte .” (Coelho, 2005, p.17).

É, sobre está luta, crise e militância, que os atos de (re)criar espaços de fala, de arte, foram alcançados pelos “rebeldes modernos”, dissolvendo os “moldes estruturais” e construindo a arte moderna, sobre a liberdade de (re)criar sentidos pelos escritores, poetas,

¹⁸ Nota: sobre o livro: (Org). Afrânio Coutinho. A Literatura no Brasil: relações e perspectivas conclusivas, 4º ed. rev. E atual. - globo: globo, 1997, sobre visão prospectiva da literatura no brasil, p.281.

intelectuais, romancista, artistas, pintores, estilistas, cantores, interpretes, tradutores e outros tecelão de artes.

A esse respeito, “a esta nova geração não estaria alheia a discussão dos territórios e das fronteiras, decodificada pela rede dos contextos culturais de “um mundo secreto e contudo perceptível por todos, sobretudo pelos mais desfavorecidos.” (Idem) No entanto, existia um molde do/para o fazer “arte moderna”?

Nejar (2011, p. 320) acentua que os,

princípios básicos: a) Respeito à liberdade do subconsciente; b) O poeta se integra ao seu tempo, e o tempo, ao poeta; c) o uso de frase elíptica; d) Libertar a palavra do cárcere sintático; e) A técnica do ritmo como arte do tempo; f) O uso da rima livre; g) Imagética com intensidade expressiva; h) Um desvairismo verbal organizado; i) A introdução de versos livres; j) O nacionalismo estético como afirmação de liberdade; k) Há o enquadramento político, através de Getúlio Vargas e o estado Novo, aproveitando a ruptura trazida com o Modernismo; l) Rui Barbosa e Coelho Neto tornaram-se anátemas, por utilizarem como paradigma o português lusitano; m) A conferência veemente de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras, sobre *O espírito moderno*, que dali, corrosivamente, se disseminou.

Os “princípios básicos” eram legitimados apenas pelos pertencentes às instituições dos cânones nacionais os chamados “senhores escritores ou artistas ilibados”, de honra e autonomia, de poder, influência, sobre o ato do fazer arte, do ser artista, do pertencer às letras, do ser escritor consagrado para exercer ou fomentar o que seria à “Arte Moderna” ou “Arte Nova”. E os artistas e escritores fora desses princípios básicos e forados cânones, teriam que respeitavam esses princípios básicos. Era essencial para as instituições manter-se no poder e ser respeitada. Já os rebeldes subversivos com o espírito moderno, nas margens de uma literatura, segue fazendo leituras, encontros e movimentos, se aprender a militar e compreender a arte na prática, é entender que as trocas socioculturais manifestam os grandes movimentos nas grandes capitais de nossa Brasil. E Belém do Grão-Pará, não poderia ficar de fora desse movimento. Na Amazônia paraense aconteceu “o modernismo muito próprio, surgido, como todos os custos, de uma querela contra antigos valores cultivados na arte, na literatura e na história da Amazônia.” (Figueiredo, 2001, p. 20).

Figuras do levante de jovens com “espírito moderno”, nas artes, “a modernidade de Theodoro Braga, além de pintar e escrever a história da Amazônia sob uma nova perspectiva, é também a de recontar a reescrever a própria história de arte brasileira, na qual o seu trabalho é

uma espécie de pêndulo, de ponto equidistante entre o passado e o presente.” (Figueiredo, 2001, p. 28). Para Figueiredo,

[...] Theodoro assim o fez. Escreveu *A arte no Pará, 1888-1918: retrospecto histórico dos últimos trinta anos*, um claro objetivo de recompor sua própria biografia num contexto mais amplo. Alinhavado já nos fins da década de 1910, esse texto institui o momento de alta na exploração da borracha como determinante da produção desse “ciclo de trinta anos”, justificando, contudo, que a decadência da goma elástica forçou o abandono dos pincéis: “Verdade é que oscilando a vida econômica, nada pode ficar estável e, mais que outra produção humana, o produto do esforço intelectual do artista sente o efeito dessa oscilação”. A história da pintura no Pará, assim, intimamente ligado ao tempo da borracha e à passagem de artistas estrangeiras na Amazônia das últimas décadas do séculos XIX. (Figueiredo, 2001, p. 27).

No campo das Artes, a massificação de ideologias e percepções vindas diretamente das proximidades da capital Belém à europeia, muitos dos filhos(as) da boêmia da terra, iriam estudar na Europa e, lá tinham contato com as efervescências do movimento moderno, bem com uma grande circulação literária que circulavam em Belém-Pa, mantendo viva e guiando os intelectuais atentos aos movimentos no mundo. Essa constatação pode ser afirmada nas leituras de Coelho (2005), ao citar:

Nessa nova fisionomia de cidade, de requinte e de contradições sociais, predominou também os locais frequentados pelos escritores e artistas – cafés, conferências, restaurantes, bares e livrarias – criando um ambiente de intelectualidade aos moldes europeus. Um dos locais preferidos dos intelectuais era o Grande Hotel, localizado às proximidades da praça da República, com suas mesinhas de ferro espelhadas pela calçada. O Café do Grande Hotel tinha os lugares reservados para os escritores, artistas e hóspedes ilustres que admiravam a cidade e gostava de respirar os ares literários da intelectualidade europeia em plena Amazônia.[...] As livrarias também serviam de locais de sociabilidade dos intelectuais da terra. Existia a Escola, a Carioca, a Clássica e a Universal, entre outras. (Coelho, 2005, p.17)

É sobre esse contexto que as heranças do “movimento moderno” e a força dos intelectuais modernistas, críticos dos cânones, passam a situar Belém-Pa como foco do movimento, atuando e reverberando no ato de fazer pensar, criar, produzir uma “arte moderna”, sobre uma escrita atuante, com poesias pulsantes e sensíveis às causas humanas, aos problemas sociais, com forte rigor denunciativo nasce a literatura moderna. Sobre a mentalidade moderna, de “homens” modernos, se iniciam na Amazônia paraense um movimento de estilo novo. Este aspecto, da reelaboração dos cânones pictóricos europeus nas

artes brasileiras, dos fins do século XIX, ainda não mereceu muita atenção dos historiadores sociais mais dedicados às análises da questão no campo literário. Porém, “se isto era evidente nas formas literárias e musicais, a situação era gritante na pintura, devido, principalmente, à “hegemonia formação eurocêntrica”, institucionalizada a partir da Missão Artística Francesa de 1816 e da criação da Academia de Belas Artes em 1826.” (Figueiredo, 2001, p. 41), fatores que muitos escritores entraram em contato e revestiram os modos de vê, enxergar e ouvir as provocações de arte.

Por essa razão, em meio a todas essas mudanças, a fama de Belém como uma “nova vitrine para os artistas nacionais corria pelo país afora. Na primeira década do século XX, muitos pintores brasileiros, alguns já consagrados, passaram a incluir a capital do Pará no roteiro de suas viagens.” (Figueiredo, 2001, p. 47) E um nome há de citarmos no campo das artes e das pinturas o nosso:

Theodoro Braga, a partir de então, firmou-se como nome mais influente da pintura paraense, nas duas primeiras décadas do século XX. Apadrinhado pela intendente municipal Antonio Lemos, o artista transformou a pintura em assunto de governo e o tema da história pátria em matéria de interesse popular. Entre 1903 e 1905, Theodoro Braga se dedicou a costurar um novo momento nas artes plásticas do Pará, com iniciativas de aproximação entre artistas, literatos e autoridades do governo local em torno do debate do nacionalismo, da identidade regional e da história pátria. Sua atividade como pintor se enredou cada vez mais nos estudos genéricos, sem uma linha temática definida, para o universo urbano de Belém. (Figueiredo, 2001, p. 50).

Nas “trincheiras” da arte, segue os movimentos do fazer artístico modernos, nas exposições, pinturas, estilos, modas, “culturas” de uma Belém que filtra os aspectos do levante europeu, como a mais “nova paris” na Amazônia paraense. Os “estilos ou moldes” modernos ganham a sena e espaços sociais, de intelectuais e da boêmia em Belém:

A formação da história da Amazônia não se deu apenas nos livros escolares e na pintura de traços acadêmicos. O acompanhamento das mudanças na comemoração das datas cívicas indicam que o medo da década de 1910 foi um momento privilegiado na Amazônia para se rever a reaver o passado. Em 1917, ainda nos ecos de seu tricentenário, Belém assistiu um momento privilegiado dessa efervescência – uma exposição sobre os três séculos dos trajes e da moda paraense. O evento revisitou a abolição e o próprio tricentenário, numa mostra inaugurada no 13 de maio daquele ano, no salão nobre da Associação de Imprensa de Pará, pelo comendador João Affonso do Nascimento – crítico de arte profundamente afinado com Theodoro Braga e já conhecido do leitor. Foram *aquarelas, sépias e nanquins* reproduzido a evolução do vestuário masculino e feminino no Pará, desde 1916 até 1916. (Figueiredo, 2001, p. 129).

O “novo estilo” e a realidade do povo são dicotômicas. A frente de uma “mentalidade” de um povo retrogrado e alienado, não percebiam as sensíveis habilidades, tecidos pelos movimentos “modernos”. Por este ponto de vista, não surte efeito na massa populacional, se restringe apenas a boêmia e grupos de intelectuais que buscam se manifestar em diversos meios de comunicação e divulgação, aclimatando-o as inovações para o público analfabeto, o povo marginalizado, os retirantes, os migrantes, a gente de toda a sorte, de classes menos favorecidas e de condicionalidades beirando a vulnerabilidade social e econômica de Belém. Gente do povo, vindo da periferia, sobre os efeitos do filtro social, do ato de educar, vacinar, politizar, construir uma “nova” mentalidade que vai de encontro as forças políticas e ideológicas dos intendentos, republicanos e higienista na cidade de Belém.

A cidade, a zona urbana, de tons modernos, nasciam sobre os moldes dos atos de civilizar, higienizar, limpar, arborizar, filtrar, pavimentar, industrializar, intelectualizar, moldar, branquear, capitalizar o povo, a massa, a classe, a gente, os homens e mulheres de sua época, de seu tempo. Ritmo frenético da velocidade, bonde, luz elétrica, zonas urbanas, circulação de pessoas, mercadorias, trocas comerciais, investimentos estrangeiros e o fenômeno dado pelo processo de migração de pessoas vindas para Amazônia, contribuiu para o processo de aviamento para os senhores burgueses, donos de capitais e industriais que se instalavam nos interiores, nas periferias e em uma Belém do séc. XX. Sobre esse contexto, é válido afirmar que:

A atenção do caricaturista com os hábitos e os tipos locais, antecipou-lhe o interesse pela aclimação do traço europeu sobre uma elogiada composição de fundo paraense. Mas essa não era ainda a tendência do momento. Prova disto, foi a repercussão nos círculos letrados, ainda nessa exposição, de um outro nome estrangeiro – o do francês Maurice Blaise, contratado, justamente com Widhopff, em 1893, para dar aulas de desenho linear e topográfico no Liceu Paraense e na Escola Normal. (Figueiredo, 2001, p. 35). [...] o quadro parece não ter sido do agrado de “alguns esturrados pais de família”, pelo simples motivo de o pintor não retratar a personagem vestida “de calça e fraque e sim na verdade histórica de sua natureza primitiva”, segundo a ironia de uma dos presentes.”[...] O pintor Maurice Blaise, a sua esposa (Louise Blaise) organiza uma exposição no Liceu Paraense [...] a abertura da exposição correu no dia 13 de março de 1898 e as *Aquarelas* pintadas por sua mulher e conseguiram ainda repercussão, esgotando-se em poucos dias. (Figueiredo, 2001, p. 36)

Apesar do esforço de alguns literatos da cidade em descrever e analisar as manifestações de arte pelas pinturas, que ainda estavam sobre os domínios das vertentes europeias, se massificam enquanto movimento moderno no Pará. Apesar de está vinculada as

intelectualidade europeia, já se anunciavam e se defendiam os movimentos com todo fervor em Belém. Fatos que levaram muitos artistas, poetas e escritores a perceberem no movimento, as suas linhas de atuação, para diferentes gêneros e distintos espaços e tempos a serem ocupados enquanto “espaço literário” ao norte de país.

No correr dessa massificação educativa, poética e sensível, os efeitos de arte e das “de muitas aulas e poucas exposições com os pintores europeus, começavam a aparecer os talentos da terra, muitas vezes auxiliados por sociedades artísticas congêneres, nem sempre relacionadas à pintura. (Figueiredo, 2001, p. 36). No entanto, ressalta “Vicente Salles, mostrou como as associações de músicos, por exemplo, cooperaram em vários momentos com atores, literatos e pintores em início de carreira.” (Figueiredo, 2001, p. 36) A mentalidade que se criava em uma Belém em movimento e arte, passam por uma estética do,

ideário da nação não passaria mais pela constituição de um país branco e europeizado, e aos invés de um Estado suficientemente forte e centralizado, a ênfase recaía agora sob a noção federativa e republicana.[...] Havia também um grande esforço de redefinição do patriotismo brasileiro, que já tinha seus contornos melhor definidos com as incursões de Theodoro Braga, na primeira década do século XX. (Figueiredo, 2001, p. 178).

No campo da escrita, da arte literária e da literatura, há algumas “crises” a serem levadas em conta. Essas mentalidades e seus passos subversivos e de rebeldias, são passos essenciais a serem legitimados na construção dos jovens intelectuais, que se organizaram nos fins do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX no Pará. Obviamente, que *status* decapital ao norte do país, situava Belém e Manaus como centro industriais, intelectuais, culturais e econômicos do Norte do Brasil. Exemplo dessa vertente, pode ser descrita pelas “instalações dessa tipografias e casa de comércio, com estruturas e ornamentos pré-fabricados vindos da Inglaterra.” (Figueiredo, 2001, p. 32).

O perfil seletivo e de filtro social e econômico se escancarava em uma Belém moderna, tendo em vista que,

O homens e mulheres de dinheiro andando pela cidade, o governo procurou incentivar os espetáculos mundanos na cidade de Belém do Pará, ou melhor, “Belém de Paris” e contratava companhias líricas e teatrais famosas da Europa para se apresentarem no teatro da Paz – recém-inaugurado – onde o público deleitava-se com espetáculos estrangeiros. O governo patrocinava grandiosos concertos e bailes elegantes para as famílias da sociedade do látex. Tudo isso com a finalidades de ressaltar os contornos de uma cidade moderna e culturalmente agitada. (Coelho, 2005, p.27).

Dessa forma, no campo da escrita, situaremos algumas fases e momentos que melhor define essa evolução e o fenômeno modernos em Belém do Pará. Ressaltarmos que na “*fase rútila*”, foi denominado no período de 1870-1885. dessa fase passa a ser descrita e definida por Coelho como fonte de,

Eutachio em seus estudos históricos sobre a literatura paraense de “fase rútila”. Dentre as publicações literárias e científicas em Belém, nas três últimas décadas do século XIX, merecem destaque, por sua importância e extensão, a *Revista Amazônia* (1883-1884), que teve como um dos seus fundadores José Veríssimo e entre os movimentos o da “*Mina Literária*” (1894-1899), onde é destaque Eustachio de Azevedo.

Ainda, segundo Coelho (2005, p. 32), ressalta que,

a “fase rútila” da literatura paraense coincide com os movimentos em todo o país a favor da implantação do sistema republicano, como formade governo, e da abolição da escravidão. A defesa da liberdade e a repulsa pela condição senhor-escravo, elemento comum à terceira geração de poetas românticos, pôs em destaque no panorama nacional o poeta baiano Castro Alves. No Para, uma das vozes da poesia social foi a de Ignácio Moura, o sentimento altruísta é latente nos versos desse poeta cametaense.

Faziam parte dos círculos e mentalidades de intelectuais paraense “um punhado de estudantes, poetas e jornalistas anônimos que encontraram na simpatia de Rocha Moreira, Eustachio de Azevedo e Ignácio Moura, um certo trânsito entre aqueles mesmos que começaram a chamar de “passadistas”. (Figueiredo, 2001, p. 174).

Um outro poeta, surge e verte a intelectualidade poética com força originalidade, porém, com expressões romântica e a militância social, em sua poesia é o “paraense Carlos Hipólito de Santa Helena Magno, formado em ciências jurídicas pela faculdade de Direito do Recife, contemporâneo de Castro Alves e Tobias Barreto – primeiros líderes da campanha liberal - abolicionista, esse poeta paraense publica seu primeiro livro de poesia *Harpejos Poéticos* (1869), aos 21 anos de idade.” (Coelho, 2005, p.33).

Segundo Coelho (2005), houve um certo “apagão” na mentalidade intelectual paraense, contribuição dada as grandes revoltas, opressões do estado novo, a República e abolição da escravatura e o grupo de intelectuais “após o ano de 1889. O momento literário paraense praticamente cessou e, a não ser quando “uma poesia, um outro conto literário surgia pelas gazetas, esporadicamente, nada mais se fazia.”, esse tempos era triste, um desconsolo

para os leitores.” (Coelho, 2005, p.34). Passados aproximadamente seis anos para uma nova associação surgir, e a associação de escritores. A “Mina Literária” (1895-1899)¹⁹ teve como meta principal estimular e renovar a literatura no Pará, movimento do qual Eutachio de Azevedo articulou de modo animador. (Idem).

Coelho (2005, p. 35) ressalta que “José Veríssimo, quando ainda residia em Belém, em artigo publicado na Revista Amazônica (1883) aponta a necessidade de um movimento renovador nas letras paraenses que convergissem para a elevação do “nível de mentalidade brasileira” que precisava “não só apenas produzir borracha”, mas sim ideias. Toda essa preocupação do poeta já mencionava a crise da poesia no fim do século XIX e início do século XX no Pará.

Por volta de 1910, o comércio da borracha apresentava sinais de declínio, causando um grande transtorno, a competitividade do capitalismo em jogo, em 1912 agravasse as negociações sobre o látex Amazônico a nível mundial sofre concorrência com as grandes potências bélicas mundiais. Neste ínterim, nas cidades e regiões que sofriam com os impostos tornava-se visíveis e a margem da falência. Essa crise para um escritor, poeta, folclorista, romancista, teatrólogo, jornalista, afro-brasileiro Bruno de Menezes (1893-1963) é ponto de inspiração poética, crise humanas, do eu, do mundo, do meio social, problemáticas sociais, denúncias e esperança de em uma nova nação e defesas da gente afro-brasileira guiam sua razão, sua escrita, sua poesia.

No auge do *boom* da borracha, Belém apresentava tipografias e,

livrarias, de instalações *Art Nouveau* ganhando belo cartão-postal – ícone de um status quo que incide em testemunhar valgo que deveria ser admirado como imagem de Belém esplendorosa. Por outro lado, as casas impressoras, como a J.B. dos Santos & Cia, Tavares e Serra, Pinto Barbosa & Cia, A. Loila, Porto de Oliveira e Cia, Tavares Cardoso & Cia. Editoram livros de autores locais em diferentes áreas de estudo. (Coelho, 2005, p.34).

A inteligência de jovens sensível e intelectuais como Bruno de Menezes, (re)criar um “estilo novo” ou “*Art Nouveau*”. Essa arte nova, segundo autor, “confessa que senteburlado pelo espírito fausto da modernidade que predominou em Belém no final do século. O desconsolo urbano cantado pelo bardo paraense ecoou nas décadas seguintes.”(Coelho, 2005, p.40) Algumas revistas e organizações de intelectuais agindo nos intermédios dos anos 1910-1920, fortaleceram ainda mais o nível de arte moderna aos olhos do norte paraense, dessa forma,

Rocha Moreira, que havia mais de uma década, tinha construído sólida carreira de jornalista, facilitou-lhes o ingresso na revista *A Semana*, fundada em 1918, por Alcides Santos. Eustachio de Azevedo e Ignacio Moura ajudaram-lhes com colaborações nas principais gazetas concorrentes: *A Província do Pará*, de Pedro Chermont de Miranda; *O Estado do Pará*, de Affonso Chermont. E a *Folha do Norte*, de Paulo Maranhão. Entre os jovens, além de Bruno de Menezes, estavam Abguar Bastos, Paulo de Oliveira, Farias Gama, Edgar de Souza Franco, De Campos Ribeiro, Edgar Proença, Clóvis de Gusmão, Jacques Flores, Ernani Vieira, e alguns visitantes de passagem como o Gaúcho Raull Bopp e o amazonense Galvão.(Figueiredo, 2001, p. 174).

Antes mesmos da oficialização do modernismo pelo movimento modernista paulistana já ocorriam mobilizações literárias em Belém. Era recorrente o grupo dos intelectuais participarem de

reuniões eram feitas no Largo da Pólvora (atual praça da República), ou no terraço do Grande Hotel, por intelectuais interessados em boêmia, literatura e poesia. Entre eles estavam Abguar Bastos, De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes, Raul Bopp, Clóvis de Gusmão, Santana Marques, Nunes Pereira, Paulo Oliveira, Severino Silva, Dejard de Mendonça, Edgar Proença, Eustaquio de Azevedo, Rocha Moreira, José Simões, Muniz Barreto, Elmano Queiroz, Jacques Flores, Nuno Vieira, Lindolfo Mesquita, jovens e velhos interagindo em torno de um boa farra, mas também da literatura.(Leal, 2011,p. 28)¹⁹.

O ressurgir de uma poética moderna em jogo aparecendo por volta de 1920, o tal “grupo de literatos passou a se reunir com frequência no terraço do Grande Hotel, nas proximidade do Teatro da Paz. Não faltavam apelidos para o grupo. Primeiro *Academia ao ar livre*, numa clara ironia à Academia Paraense de Letras e, depois, *Vândalos do Apocalipse*, codinome dado pro Bruno de Menezes, um dos mais ativos entre eles.” (Figueiredo, 2001, p. 174).

Leal (2011) menciona que o grupo de intelectuais denominado “Academia do Peixe Frito” foi um nome dado aos subversivos e intelectuais que se manifestavam em busca de seus espaços e os espaços públicos e abertos, eram os principais espaços de encontro, crítica e debate sobre a arte e seu “*estilo novo*” ou “*intelectuais do peixe frito*”:

Ah! é notável a influência do *peixe frito* na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-Peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa almoço comprado em casa. Ao chegar o meio-dia, o pobre se tem a felicidade de haver arranjado dois mil

¹⁹ Revista que circulou na Belém antiga.

réis leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito. Conheço profundamente esse drama. Sempre fui empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará), morando numa barraca na São João, com família e perseguido pelos camisas verdes. Vocês sabem o que era naquele tempo viver perseguido pelos camisas verdes. Acabei gramando xadrez comum, o mesmo xadrez onde os ladrões de galinhas e porristas passam vinte e quatro horas. Nele passei três meses, apenas porque a infâmia dos camisas verdes chegava a tudo naquele tempo. Me ficava bem, aliás, estar em companhia daquela pobre gente em vez de estar na companhia dos autores da infâmia. E outras histórias. E outras misérias. E a vida do chamado intelectual na província é mais trágica do que se pensa. Bancamos bobos de rei, mas de graça. A não ser a honra dum convite para uma qualquer chateação literária e mais nada. O resto é o *peixe frito*.)²⁰ [...] considerando que em diversos momentos a situação financeira das revistas acabou sendo determinante para o encerramento de alguns dos projetos, cabe saber como estes mesmos indivíduos conseguiam se manter como intelectuais no contexto em que a economia da borracha na Amazônia havia entrado em colapso. Dois momentos de sociabilidade intelectual parecem despontar neste sentido. O primeiro em torno da sobrevivência, quase utópica para alguns, do ideal literário frente aos limites da manutenção da própria subsistência (Academia do Peixe Frito). O segundo, no esforço de usar os próprios conhecimentos para transformar a literatura e a poesia em instrumentos de luta política pela liberdade de culto no Pará (Bruno de Menezes e Gentil Puget em ação). (Leal, 2011, p. 32).

De acordo com Leal (2011), a Academia do Peixe Frito se apresentava com uma proposta ideologicamente atrelada aos aspectos culturais da cidade e militavam em favor da cultura local. Acrescenta ainda:

Os intelectuais envolvidos com a militância de esquerda escolheram uma expressão que os representaria em atividade e falando a partir de um lugar social proletário. Tratava-se da famosa —Academia do Peixe Frito! que, folclorizada, ultrapassou o período em que referia-se às dificuldades materiais de produção dos intelectuais para se tornar uma espécie de identidade cultural entre eles. O nome indicava tanto a experiência cultural comum entre os populares – o consumo do peixe frito nos mercados – quanto à fragilidade financeira que predominava entre os intelectuais engajados. A —Academia do Peixe Frito! consistia em uma referência irônica ao grupo de intelectuais que, próximo da hora do almoço, por ter poucos recursos para comprar uma refeição diferente para sua família, passava no mercado do Ver-o-peso para levar o peixe frito que se vendia aos populares. (Leal, 2011, p. 33)

Coelho (2005, p. 90) menciona que o grupo dos vândalos subversivos era conhecido fora do cânone como

²⁰ Fonte: Joaquim Inojosa, —Modernismo no Pará!, in Alonso Rocha [et al], Bruno de Menezes ou asutileza da transição: ensaios, Belém, CEJUP/UFPA, 1994, p. 111-113.

[...] a geração que se autodenominou de “Vândolos do Apocalipse” (título criado por Bruno de Menezes) conseguiu conquistar pouco a pouco a estima de vários intelectuais da sociedade local – entre os quais Fran Pacheco, Severino Silva, Augusto Meira – e realizou o projeto de receber e ampliar as novas idéias em literatura e nas outras artes, e desse modo incorporar o novo ritmo da vida moderna no Pará.

Pacheco (2003, p.167)²¹ destaca que

Bruno de Menezes participava dessa academia ao ar livre, que recebia diferentes epítetos, conforme a ocasião. No momento em que se reuniam no Ver-o-Peso, era a Academia Peixe-Frito. Eram encontros regados a aperitivos e, como tira-gosto, peixe frito. Em outras situações diziam ser Vândolos do Apocalipse por talvez estarem discutindo e anunciando a poética dos novos tempos. Tempos depois organizaram a Associação dos Novos para divulgar as novas idéias.

Coelho (2005, p.84) acrescenta que é por meio desse ressurgir de poesia modernista que tudo pode “ser transformado em poesia. Por isso, os poetas que participavam desse movimento nos seus primeiros anos de existência, associavam às ideias dos poemas às imagens de um Brasil meio esquecido pelos parnasianos e simbolistas, tão absorvidos pelos vasos chineses, colunas de mármore, neblinas ecânticos serenos.” A relação entre a boêmia e o movimento literário retratava a rede de referências que aproximava os diferentes intelectuais. (Leal, 2011, p. 28). Sobre a mentalidade dos intelectuais modernistas no Pará, acevera Coelho.

De 1923 a 1929, os modernistas paraenses contituiram-se como grupo atuante no meio literário e mostraram, muitos deles, obras inovadoras, contribuindo para revigorar a literatura paraense de primeira fase modernista. Agora, voltadas para a forte presença do índio, do caboclo e do negro, além do destaque às mudanças da fisionomia da cidade, como número expressivo de habitantes nos subúrbios. A poesia Flami-n’- assú, marcada pelo uso de termos regionais expressa sentimentos do homem amazônico, em seu mundo mítico. (Coelho, 2005, p.84).

Para Leal, enfatiza que:

foi no centro destas tradições intelectuais que nasceram e se propagaram os ideais modernistas no Pará. Tendo como um de seus objetivos ampliar a mobilização modernista no norte do país, foi lançada, em setembro de 1923, a revista *Belém Nova*. Seu surgimento se deu após a última publicação da revista *Klaxon*, dos modernistas paulistas (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros), que teve nove números e circulou entre maio de 1922 e janeiro de 1923. (Leal, 2011, p. 28)²².

²¹ Fonte: 52 Benedito Nunes et al. (orgs.), Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia, Belém, Secult; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 42.

²² Fonte: Belo Horizonte, v.6, p. 165-172, ago.

No universo dos intelectuais na Amazônia paraense essa manifestação moderna se iniciam bem antes. Para Coelho (2005, p.71) sobre uma reação corajosa a revista *Belém Nova* ganha corpo “é importante considerar que durante o decênio de 1920, na cidade de Belém, surgiu o movimento da revista *Belém Nova* que chama a atenção por trazer de fato ideias estéticas inovadoras em relação aos últimos movimentos literários do século XIX, o Parnasianismo e o Simbolismo. A referida autora acrescenta que,

os autores de *Belém Nova* promoveram um plano que norteou o estilo dos novos poetas e ficcionistas dentro de um processo estético que estão se apresentando no país, o Modernismo. [...] a revista *Belém Nova* divulgou as tendências modernistas no Pará. Lançado em Belém em 15 de setembro de 1923, sob a direção de Bruno de Meneses, durou até 15 de abril de 1929. (Coelho, 2005, p.71).

Para Figueiredo,

os círculos intelectuais de Belém viram nascer mais um magazine. A revista reclamando uma novidade: o modernismo literário. Com uma alusão sugestiva, *Belém Nova* parecia contrapor-se a tudo que já havia ocorrido no campo das artes paraense. O assunto percorria o que a época chamava-se mundanismo, capturado sob diversos ângulos e diferentes linguagens visuais – da fotografia a crônica, da pintura ao cinema, do teatro à poesia. (Figueiredo, 2001, p. 189)

Ainda, segundo Figueiredo, os intelectuais eram,

velhos conhecidos na imprensa da capital do Pará, como José Simões; veneráveis acadêmicos como Severino Silva, o “príncipe dos poetas paraenses”; famosos e temidos lentes de gramática, como o professor Carlos Nascimento, todos estavam ali para por em suspeição o modernismo do período. [...] Entre outros menos conhecidos de uma recém-criada sociedade literária, aparecida em 1921, com o nome de associação dos novos: Ernani Vieira, Abguar Bastos, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro e o próprio diretor da revista, Bruno de Menezes, dispunham-se entre os estreantes. (Figueiredo, 2001, p. 189).

As legítimas artes de jovens modernistas aos sopros do universo do Norte, configuravam uma autonomia no fazer arte, no tecer críticas e no militar à liberdade do poeta, escritor e romancista moderno, do artista, pintores, estilistas, escritores, folcloristas. Sobre um espírito de uma arte viva e movente em diálogos em diversos ambientes e não preso a herança canônica ou institucional de 1922. Em Belém, as duras críticas à liberdade de acesso e circulação no novo estilo e arte moderna ditam as regras sociais.

Espaços ocupados fazem de Belém um espaço de pólvora.

Enquanto Severino Silva escrevia um “pórtio” à guisa de apresentação do magazine, justificando a nobreza de ideias de juventude paraense, Abguar Bastos criticava a hipocrisia e o excessivo moralismo social, em almas que plagiavam valores alienígenas. Ao mesmo tempo em que Carlos Nascimento publicava, ainda nos ecos de efeméride da independência, um soneto em alusão à “Terra Mater”, De Campos Ribeiro comentava numa bela crônica o acontecido “à margem de uma vespéral artística”, aproveitando para denunciar “a vulgaridade cabotina dos medíocres”, dos aristas que viviam de sua própria efigie. (Figueiredo, 2001, p. 190)²³.

No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado Amazônico, há de lembrarmos que foi com a tela inaugural de Thodoro Braga, é que a nova interpretação da Amazônia na história do país passa a surgir. Nos anos seguintes, “foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas revestidas de cunho literário. O modernismo Amazônico, vale dizer, se configurou no rescaldo de tudo isso, com o aprendizado e a indignação dos novos letrados locais.” (Figueiredo, 2001, p. 190).

É sobre as “cinzas dos festejos do Centenário da Independência no Pará, em 1922 e 1923, ficaram as histórias da história paraense. Os intelectuais que militam entre os “novos” utilizaram-se da efeméride para tentar imprimir novos significados para as legendas pátrias. (Figueiredo, 2001, p. 190)²⁴ Segundo Leal (2011) acentua que,

entre os anos de 1923 e 1929, considerada como a primeira fase do modernismo paraense, seus agentes se mostraram bem atuantes no meio literário e, em muitos casos, com uma produção inovadora. Como no caso de Bailado lunar, a atenção temática de seus autores estaria voltada para a realidade cultural dos índios, caboclos e negros da Amazônia. Mas, além disso, caberia dar atenção para as transformações urbanas que vinham ocorrendo em Belém, com atenção especial para o crescimento populacional dos subúrbios. Assim, os bairros distantes do Umarizal, Pedreira e Jurunas, ocupados por uma população predominantemente negra ou cabocla, passaram a ser apresentados nas páginas da revista *Belém Nova*. (Leal, 2011, p. 30)²⁵.

²³ Fonte: Coelho, O Grupo dos Novos, p. 89.

²⁴ Fonte: Cf. os novos e o centenário, 1922, p.2.

²⁵ Fonte: A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: FGV, 1922, e Wlamira albuquerque, Algazaras nas ruas: comemorações da independência na Bahia, 1889- 1923. Campinas: unicamp; cecult, 1999. fonte consultada. (Coelho, 2005, p.62).

A revista *Belém Nova* (1923-1942), chega ao fim, por motivos ideológicos de seus integrantes em 1942.

Editavam a revista os jovens Francisco Paulo Mendes e Ruy Paranatinga Barata. Seus principais colaboradores foram Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Daniel Queima Coelhode Souza, Dalcídio Jurandir, Machado Coelho, Mário Couto, Stélio.

Maroja, Alberto Soares do Valle Guimarães, Carlos Eduardo da Rocha, Daniel Coelho de Souza, Fernando José Leão, Flávio de Carvalho, José Augusto Telles, Juracy Reis da Costa, Luís Faria, Mário Augusto da Rocha, Raul Newton Campbell Pena e Solerno Moreira Filho. Tal como ocorreu com a revista *Belém Nova*, *Terra Imatura* também sofreu grandes dificuldades financeiras. Contudo, conseguiu se manter produtiva por quatro anos. Somente em 1942 deixou de circular por completo. Estava-se em plena Segunda Guerra, que a revista abordava com regularidade. Referia-se, inclusive, ao perigo da expansão do nazismo na Europa e outros continentes.(Leal, 2011,p. 31).

Depois do fechamento da revista em 1942, *Belém Nova*, abre espaços para o que vem a ser chamado de “Academia dos Novos funcionou por três anos (de 1942 a 1945).” Coelho (2005, p.66) define que houve um rompimento da “Academia dos Novos” em Belém, menciona o seguinte fatores:

Sempre irreverente, o poeta Max Martins, inspirado por Graça Aranha, deu o grito de liberdade em uma das sessões da Academia dos Novos. “Morra a Academia! Bati o pé, dramatizei”, lembra-se Max Martins. O gesto teatral finalizou com a saída de Max da sessão literária. Benedito Nunes, amigo de Max Martins, testemunha em crônica de uma academia, aquela atitude inespérada (ou mrlhot, esperada!) (Coelho, 2005, p.64)²⁶[...] A postura rebelde de Max Martins pôs fim às sessões literárias e a formalidade acadêmica. No entanto, a amizade entre os rapazes continuam e todos se converteram ao Modernismo. Rompem com o ambiente da academia literária representou o fim da admiração cega pela literatura romântica e parnasiana. A atitude de Max Martins era a “pedra de toque” que estava faltando para os membros da Academia dos Novos tomarem realmente novos rumos na estética literária paraense.(Coelho, 2005, p.65)²⁷

Portanto, a circulação de ideias no Pará, antes e depois do contexto do modernismo, esteve vinculada ao convívio de letrados que partilhavam interesses próximos e comuns. Sobre os espaços de circulação de sua arte, escrita, mentalidade, intelectualidade, sentidos, estilos associados de forma subversivas a uma arte moderna, um homem moderno de seu tempo e (re)construindo sentidos frente aos seus espaços.

²⁶ Fonte: Coelho, O Grupo dos Novos, op. cit., pp. 83-4.

²⁷ Fonte: Coelho, O Grupo dos Novos, op. cit., pp. 41-46-47-93

A sociabilidade destes intelectuais, em um primeiro momento, se deu através de organizações literárias que, em contextos diferentes, realizavam saraus, publicavam livros, discutiam literatura ou poesia e faziam homenagens a escritores ilustres.

“Em Belém houve vários núcleos de articulação literária, mas os que mais se destacaram em produção e número de participantes, em contextos diferentes foram as revistas *Mina Literária* (1895-1899), *Belém Nova* (1923-1929) e *Terra Imatura* (1938-1942).” (Leal, 2011, p. 28)²⁸. A revista *Terra Imatura* “contribuiu no sentido de congregar intelectuais e poetas paraenses que estavam dispersos, sem ligação alguma entre si.” (Coelho, 2005, p. 94)²⁹. Leal (2011)³¹, observa que

depois de *Terra Imatura* a literatura local ainda resistiu através de iniciativas individuais, mas sem a articulação que antes se fazia em torno daquela revista. Alguns de seus membros, no entanto, ainda voltariam a se reunir em torno de um movimento identificado como — *Grupo dos Novos*®, que publicou crônicas e poesias no suplemento

Arte Literatural®, da Folha do Norte, entre 5 de maio de 1946 e 14 de janeiro de 1951. Eram seus membros os jovens Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Floriano Jaime, Jurandyr Bezerra, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Maurício Rodrigues, Max Martins e Sultana Levi Rosenblatt. Mas, alguns dos participantes da *Terra Imatura* também se juntaram a eles. Seriam: Francisco Paulo Mendes, Ruy Guilherme Paranatinga Barata e Paulo Plínio Abreu..(Leal, 2011, p. 31).

Coelho (2005, p. 93) diz que

no final da década de 1930, quase dez anos depois do fechamento da *Belém nova*, surgiu no Pará a revista *Terra Imatura*, ligada à literatura, à arte e à ciência. Essa revista foi significativa por expressar em suas páginas uma literatura mais preocupada com a realidade sociopolítica, já sem aquele caráter experimental e irreverente do primeiro instante modernista.

A autora ressalta que nesta época “o mundo vivia a eclosão da segunda Guerra Mundial e a capital paraense passava por transformações na sua paisagem urbana” (idem) um outro autor que com tamanha relevância em sua arte literária foi o célebre romancista Dalcídio Jurandir (1909-1979), pertencente a “*Geração do Peixe Frito*” era “construída de rapazes

²⁸ Trecho de uma entrevista feita por Coelho, 2005 ao escritor e poeta Max Martins, realizado em março de 2000.

²⁹ Fonte: Marinilce Oliveira Coelho, *O Grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*, Belém, EDUFPA, 2005, pp. 34-6.

paupérrimos que faziam heroicamente literatura lutando com todas as dificuldades econômicas possíveis”, comentaria mais tarde Ruy Guilherme Barata. Rapazes como Dalcídio Jurandir, empregado público que se mudou para o interior do Estado, a fim de ganhar mais e, assim, pagar a prestação da máquina de escrever e que “cavou” dinheiro entre os amigos para poder enviar pelos correios o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* ao concurso da editora Dom Casmurro, no Rio de Janeiro. (Coelho, 2005, p. 49).

Em plena crise financeira e a perseguição política da década de 1930, o literato não deixou de lembrar da sua própria experiência com relação ao peixe-frito e ao crescimento do integralismo no Pará.” (Leal, 2011, p.32). Para Coelho (2005, p.51)

Dalcídio Jurandir vem à margem, invisível, de um passado histórico de iniciativas culturais e artísticas de autores paraenses que movimentaram a capital paraense entre 1930 e 1940, obviamente, com as dificuldades inerentes à trajetória literária de qualquer lugar. Nesse processo, a presença significativa desses autores locais, citados pelo romancista, teve um papel decisivo na produção na produção literária da região Norte.

Coelho (2005) trás à tona essa passagem frente as influências e mentalidades intelectuais em fluxos, troca e influências frente ao cânone e não cânone sobre as intelectualidades em Belém. Aponta que ainda que

enquanto Clarice Lispector passava alguns meses em Belém, Dalcídio Jurandir esforçava-se para remeter pelos correios o livro que lhe valeria o primeiro prêmio da categoria romance, em 1941, do concurso “Vecchi-Dom Casmurro” e a revista *Terra Imatura* fechava as portas, surgia numa reunião de adolescentes a futura “geração dos novos” escritores da literatura paraense. (Coelho, 2005, p.57).

Para que possamos entender os grandes subversivos e intelectuais nortistas é importante destacar que todos foram autodidatas. Para Leal (2011, p. 33) “Dalcídio Jurandir, que teve pai letrado e político no interior, a maioria era oriunda de famílias pobres. Bruno de Menezes e Nunes Pereira, ambos negros, herdeiros da pobreza familiar, tiveram muita dificuldade para se estabelecer no mundo intelectual”.

Além da geração da “revista *Encontro*: a garantia de liberdade das tendências de cada um dos autores colaboradores da nova revista que surgia em Belém, no fim da década de 1940” (Coelho, 2005, p.109). Como também, “em fevereiro de 1952, aparece a revista literária *Norte*, outra expressão do grupo dos Novos” que durou até agosto do mesmo ano e teve três números,

todos bastantes significativos de material crítico e literário.”(Coelho,2005,p.127).

Como se vê, o movimento moderno e as heranças de um espírito libertador voltado as influências, estéticas artísticas do período modernista influenciaram o escritor Bruno de Menezes na sua escrita literária e atuação política.

Na busca de compreender os efeitos e nascer desse movimento a partir do intelectual paraense Bruno de Menezes, se pode chegar a sua tão importante obra que se tornou o pai do levante estilo novo, moderno, considerado o introdutor do modernismo no Pará.

2.2 BIOGRAFIA DE BRUNO DE MENEZES

Bento Bruno de Menezes Costa conhecido como escritor Bruno de Menezes (1893-1963)³⁰, não é apenas um grande escritor amazônico do século XX, é o símbolo genuíno da inteligência paraense em um período de grande efervescência do movimento modernista no Brasil. É o poeta da negritude amazônica, nascido em Belém em 21 de março de 1893, filho primogênito do mestre pedreiro Dionísio Cavalcante de Menezes e Maria Balbina da Conceição Menezes.

A folhinha marcava 21 de março de 1893, dia de São Bento. Seu Dionísio, pedreiro e, às vezes, escultor (talhou uma cabeça de pedra para um açougue próximo ao bairro de Batista Campos), foi chamado às pressas em sua casa. Sua esposa estava dando à luz; um tanto inesperadamente, o primeiro filho do casal viera de sete meses, “já revolucionário” (Rocha, 2010, p. 4).

Imagem 01- Fotografia- Bruno de Menezes (1893-1963)



Fonte: google.com.br

O primeiro filho do casal ganhara importante homenagem; viera ao mundo Bento Menezes Costa, filho de Dionísio e Maria Balbina, residentes em uma humilde casa no bairro do Jurunas, em Belém do Pará. No espaço e tempo de uma Belém antiga, aos traços de uma crise econômica ainda por vir, é válido ressaltar as periferias:

³⁰ Bruno de Menezes” ou, se preferirem, **Bento Bruno de Menezes Costa** não é apenas um grande escritor amazônico. É o símbolo genuíno da inteligência paraense.” (Menezes, 1993, p.18) É o poeta da negritude amazônica, nascido em Belém, 21/03/1893 – falecido em Manaus, 02/07/1963, foi animador do grupo literário *Vândalos do Apocalipse* (depois *Grupo do Peixe Frito* e *Academia do Peixe Frito*), anarquista, modernista, pioneiro da economia solidária (cooperativismo) na Amazônia. Nos deixou o legado de sua intelectualidade nos seguintes gêneros a seguir: *Poesia*, *Crucifixo* (1920), *Bailado Lunar* (1924), *Poesia* (1931), *Batuque* (1931), *Lua Sonâmbula* (1953), *poema para fortaleza* (1957), *Onze Sonetos* (Prêmio cidade de São Jorge dos Ilhéus – Bahia-1960). (Menezes, 1993, p.12). No *Folclore*: *Boi Bumbá-Auto Popular* (1958), *São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso* (1959). (Menezes, 1993, p.12). Nos *Estudos literários*: À margem do “Cuia Pitinga” (estudo sobre o livro de Jacques Flores (1937). (Menezes, 1993, p.12) e por fim, a *Ficção*: *Maria Dagmar* (Novela-1950), *Candunga* (Romance- prêmio “Estado do Pará”-1954) (Menezes, 1993, p.12)

Um desses bairros periféricos foi o Jurunas, local de nascimento do poeta e espaço de seus primeiros contatos com a vida periférica e popular, das baiúcas, das estivas e dos terreiros de bumbás e de santos, manifestações e práticas estas que tão bem são representadas em sua produção poética e ensaística. Essa condição periférica talvez tenha proporcionado a condição do entre-lugar de uma produção literária e cultural que irá focalizar outra cidade, não mais a Belém do copismo europeu da belle époque, mas a cidade da produção representativa de um movimento literário que instituiu definitivamente a modernidade na cidade, o que intitula a geração de 20 do modernismo paraense, ou geração do peixe-frito¹ (Fernandes, 2010, p. 202)³¹.

O processo de formação, educação e ofício estavam em jogo, Bruno, completando seus estudos primário no grupo escolar José Veríssimo (1903)³², em Belém. Cabe enfatizarmos a formação e preocupação dos pais para com seus filhos em pleno início do século XX na província de Belém do Grão-Pará. Sobre a família de Bruno de Menezes, fala Reis (2020, p. 17):

Dona Balbina, preocupada com a educação do filho, logo tratou de providenciar seus estudos. Primeiro em uma escola particular para “desemburrar”, graças à palmatória de acapu de professora Gregória Leão de Matos; depois de alfabetizado, matriculou-o na escola estadual Grupo Escolar José Veríssimo, próximo à estância onde o pai trabalhava. Lá, Bento completou seus estudos primários, aos onze anos de idade.

Na infância Bruno de Menezes era um menino como toda criança de família pobre da região que da passagem da primeira para a segunda infância ia trabalhar para ajudar na renda da família.

Já criança serelepe, Bento foi trabalhar de aprendiz de encadernador em uma oficina localizada na Rua Treze de Maio esquina com a Travessa Frutuoso Guimarães, na cidade de Belém. Lá não havia água encanada, mas era sempre fresca. Ficava num pote de barro de dez litros. O púcaro mergulhava no pote e todos – funcionários, clientes, rapazes que faziam serviços para o patrão – bebiam dali. (Reis, 2020, p. 18).

Tornando-o um excelente ajudante de tipografia, seu primeiro ofício ao lado do poeta e artista musicista Tó Teixeira (1893- 1989)³³. Tó, morador do bairro do Umarizal, em Belém aprendeu as primeiras noções musicais com o pai, que era animador de cordões de boi bumbá.

³¹ FONTE: Coelho, O Grupo dos Novos, op. cit., pp. 13-15

³² FONTE: Coelho, O Grupo dos Novos, op. cit., pp. 13-15.

³³ Artigo publicado pelo José Guilherme dos Santos Fernandes em um periódico, sob o título de “Negritude e criouliização em Bruno de Menezes”, Novos Cadernos NAEA- v. 13, n. 2, p. 219-233, dez. 2010, ISSN 1516-6481. Consultado o link: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/479/764>, em 10 de fev. 2023, às 09:12

E logo mondou uma oficina de tipografia com ajuda de seu pai e amigos. Salomão Habibi: (2013)³⁴ confirma essa relação em que:

foi em 1906 que Tó Teixeira ingressou nas oficinas gráficas da livraria do povo, filiada da Livraria Clássica, de propriedade do sr. J. B. Dos Santos, dando início a sua carreira de encadernador, que lhe redeu pela perfeição de suas encadernações, a acunha de “ressuscitador de livros”. Era considerado um verdadeiro artista do ofício de encadernação, não distante da perfeição de suas obras musicais. Livros com páginas soltas, pontas desgastadas ou corroídas, depois de passagem pelas mãos meticulosas e detalhadas de tó, ganhavam vida e esplendor de obras de arte: suas encadernações de luxo empregavam couro proveniente da Rússia, couro de jacaré, brumido, pirogravado em seda, cetim, pelúcia, percaline ou veludo, com frios e dizeres a Nankin, vermelho, ouro e prata, [...] (Habibi, 2013, p. 43).

Há de sinalizar que o contato de Bruno de Menezes com Tó Teixeira foi um divisor d'Águas, há de esclarecer que Tó Teixeira é o mestre de Bruno de Menezes. Neste aspecto, a importância de Tó se torna essencial, pois foi um dos maiores músicos paraense, só foi reconhecido seu legado depois que o seu filho, Antônio Teixeira do Nascimento, reconstruiu e conservou toda sua obra, deixando o acervo de 20 valsas e de 30 chorinhos, além de ladainhas, marchinhas de carnaval e cordões de pássaro. Ele passou a ser chamado de poeta do violão.

Dessa forma, Tó passou a ter visibilidade e suas obras passaram a ser reconhecidas, em sua homenagem, foi criada a Lei Municipal 7.850/97, denominada “Tó Teixeira e Guilherme Paraense³⁵”, de incentivo cultural, dispõe sobre incentivo fiscal para realização de projetos culturais, esportivos, amadores, no âmbito do município de Belém-PA. O mestre e o discípulo Bruno de Menezes, teve contato e sua primeira profissão ao lado de seu mestre da música, da sensibilidade, a maestria e talento com que cuidava e restaurava os livros e poetizavam com as letras de músicas e o cuidado em fazer ou tecer, produzir sentidos ganham tonalidade nas artes das letras e a realidade de sua época. Segundo Habibi (2013):

Esse amigo deliciava-se com a possibilidade das leituras de obras que naturalmente não possuiria condições de adquirir, mas como o jovem encadernador recebia os mais diversos tipos de literatura, sempre as colocava

³⁴ Escola Estadual José Veríssimo, no bairro de Batista Campos, em Belém, completou 118 anos de tradição e bons serviços prestados à educação paraense. Inaugurada em 19 de abril de 1903, a unidade escolar centenária foi construída na gestão do ex-secretário de Estado de Educação, José Veríssimo, e é uma das instituições de ensino mais antigas do Pará. Informações consultadas no link: <https://agenciapara.com.br/noticia/26692/escola-estadual-jose-verissimo-completa-118-anos-de-bons-servicos-prestados-a-educacao-paraense>. Em 10 de fev. 2013, às 15:29.

³⁵ Tó foi um dos maiores violinistas da Amazônia e marcou a vida cultural paraense. O jornalista João Jadson conta a história de um homem que marcou a vida cultural paraense, Tó Teixeira. A obra de um dos maiores violinistas da Amazônia atravessa a história de alguém bem conhecido da nossa geração.

à disposição para que seu amigo tivesse acesso às novas leituras. Esse amigo era Bruno de Menezes, grande poeta e escritor amazonense, radicado no Pará. [...] Bruno de Menezes nasceu em 1983, mesmo ano de nascimento de Tó Teixeira. Coursou apenas o primário, mas sua trajetória brilhante como intelectual, escritor e poeta, superou a qualquer expectativa. [...] O tempo era reduzido para realização das leituras dos inúmeros livros levados para a oficina por cliente que desejavam restauração. (Habib, 2013, p. 44).

O primeiro trabalho de Bruno de Menezes foi como aprendiz de gráfico, encadernador, tipógrafo e seu mestre de ofício era Tó Teixeira, que o ensinou as delicadezas da vida, das artes poéticas musicalidades, sonoridades com jogo de sentidos e significados das palavras, das letras, das performances de arte em movimento a partir de um ofício sensível, pulsante e delicado no olhar, enxergar, perceber e tecer suas críticas e obras. Um leitor cuidadoso e curioso, ainda muito jovem, aos 17 anos, do ano 1903.

Em 1913, depois de muitas leituras e rabiscos, com ajuda de Tó, constrói seus primeiros sonetos, estreia com o soneto, de título: “operário”, sobre as influências do estilo parnasiano, publicado no meio de circulação o *Martelo* na coluna de um jornal de circulação local. Período marcado por horas de trabalho a fio, pelo descaso e castigos, fatos que, entre outras experiências compartilhadas, provavelmente contribuíram para torná-lo um crítico ferrenho do sistema capitalista, levando-o a vivências anarquistas entre as décadas de 1910 a 1920, conforme aponta Figueiredo (2007).

Sobre esse tom, articulado, militante e de bases ideológicas sobre os paços de fazer política ou ser politizado, articulados sobre as bases de formação sociocultural, exploratórias e de luta, tecidos pelos imaginários e identidade entram em jogo. Para Coelho (2005, p. 24) “os negócios da borracha forma prósperos na Amazônia e a cidade de Belém reproduziu o modelo de urbanismo europeu, especialmente o francês, deixado para trás as marcas da velha cidade de quase trezentos anos”. Afirmo ainda que era

época de uma Belém desenhada pela colonização portuguesa com ruas e becos estreitos, igrejas barrocas, casas geminadas e decoração com azulejo, edificava, no fim do século XIX, uma nova paisagem devido às transformações produzidas pelos negócios da borracha na região. [...] neste período, destaca-se administração de Antônio José de Lemos, intendente municipal, que governou a capital paraense no período de 1897 a 1910, por seu pioneirismo na urbanização da cidade. (Coelho, 2005, p. 24).

Época de grandes evoluções e crises, são os espelhos das capitais Belém e Manaus, diante dessa fisionomia de cidade, de requinte e de contradições sociais os

boêmios, das elites, classe mais favorecidas pelo bum da borracha e os excluídos, escravizados, aviamentos, explorados. Razões que se insere no filtro de classes, como as mencionadas por Coelho (2005):

os locais frequentados pelos escritores e artistas – cafés, confeitarias, restaurantes, bares e livrarias – criando um ambiente de intelectualidade aos moldes europeus. Um dos locais preferidos dos intelectuais era o Grande Hotel, localizado às proximidades da praça da República, com suas mesinhas de ferro espalhadas pela calçada. [...] As livrarias também serviram de locais de sociabilidade dos intelectuais da terra. Existia a Escola, a Carioca, a Clássica e a Universal, entre outras. (Coelho, 2005, p.29).

Essa atmosfera real para alguns faz de Bruno de Menezes, no início do século XX, principalmente na temporalidade dos anos de 1916 a 1920, na Belém do Grão-Pará. Bruno de Menezes vivenciou a transformação socioeconômica de Belém e isso marcou profundamente suas letras. Sua obra poética, primeiramente, fora fortemente influenciada pela estética simbolista - *dela musique avant toute chose* - no início da década de 1920, e que daria o tom em grande parte de sua obra literária. No entanto, aos poucos, a veia modernista pulsou mais forte. Neste aspecto, Ferreira (2016) acrescenta que o Bruno de Menezes está no rol de intelectuais ou diríamos em uma geração de autênticos intelectuais, uma das mais ricas que a capital Paraense já viu, diga-se, formada por:

Clóvis de Gusmão, Jaques Flores (pseudônimo de Luís Teixeira Gomes), Abguar Bastos (autor de *Safra*, segundo alguns o melhor romance regionalista que já se escreveu na Amazônia), Dalcídio Jurandir (que escreveu um conjunto de romances, compondo um amplo painel amazônida, que ficou conhecido por ciclo do Extremo Norte), Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Muniz Barreto, entre tantos outros. (Ferreira, 2016, p.17).

Bruno de Menezes foi animador do grupo literário Vândalos do Apocalipse (depois *Grupo do Peixe Frito e Academia do Peixe Frito*)³⁶, anarquista, modernista, pioneiro da economia solidária (cooperativismo) na Amazônia. O grupo de intelectuais, ganham determinações conceituais a partir do uso dos termos esparsas que referendam os membros

³⁶ O nome 'Academia do Peixe Frito' teve inspiração em uma prática de alimentação local muito comum entre os paraenses mais simples: o ato de comer peixe frito. À época, as postas de peixe frito eram vendidas em barracas populares pela cidade, a preços módicos, e as pessoas compravam-nas para complementar o almoço em casa; também era o alimento barato e diário dos trabalhadores e frequentadores do Ver-o-Peso. Fonte consultadas, PEREIRA, Carla Soares; SILVA, Katia de Souza da; AMIN, Vanda do Socorro Furtado; NUNES, Paulo Jorge Martins. Belém e a Academia do Peixe Frito: fisionomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 1025-1043, set.-dez. 2019 link: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/nRhgHhPbKvXzGNsCmXfg8Sw/?lang=pt&format=pdf>, em 10 de fev, 2013. as 17:53

desse grupo, denominado de múltiplas formas: ‘Academia ao Ar Livre’, ‘Associação dos Novos’ – as quais surgiram e se uniram em torno da denominação ‘Vândalos do Apocalipse’, em 1921 (Figueiredo, 2001), ‘Geração do Peixe Frito’, ‘Grupo do Peixe Frito’, ‘Academia do Peixe Frito’. Alguns pesquisadores citam uns membros, outros a define com grupos de intelectuais³⁷.

Segundo Coelho (2005, p. 49), parafraseando Barata (1947), diz que a ‘geração do peixe frito era “construída de rapazes paupérrimos que faziam heroicamente literaturalutando com todas as dificuldades econômicas possíveis”’. A Academia do Peixe Frito (APF) foi um movimento literário e cultural formado por um grupo composto por jovens jornalistas, artistas e escritores, que se reuniam frequentemente em barracas e botequins no entorno do mercado de ferro, no Ver-o-Peso, em Belém, entre os anos de 1920 a 1950 (Coelho, 2003, p. 49). Uma melhor visualização da rotina do grupo pode ser descrita por Rocha (2006, p. 49) da seguinte forma:

Pelos botecos de Ver-o-Peso, ‘abastecendo-se’ de postas de 200 reis, farinha de água de dez tostões o litro e cachaça de 500 reis a dose, o grupo boêmio e sonhador (...) debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafés, nas festanças no Umarizal e outros subúrbios onde se tornavam reis, como oradores e poetas. (Rocha, 2006, p. 49).

Sobre as considerações de Costa (2016), os *frames* do vai-e-vem dos feirantes e do povo que frequentava o local, e servidos de pequenas postas de peixe-frito, que acompanhavam os aperitivos, esses jovens refletiam acerca da sua realidade, manifestavam ideias e faziam literatura ao ar livre. Para a Figueiredo (2001); Coelho, (2003); Castro, (2011); Larêdo, (2012), a Academia do Peixe Frito, pode ser legitimada pelos seguintes intelectuais: Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Paulo de Oliveira, Ernani Vieira, Muniz Barreto, Arlindo Ribeiro de Castro, Lindolfo Esquita, Sandoval Lage, Abgvar Soriano de Oliveira Bastos, Jaques Flores, Raul Bopp, Nunes Pereira, Edgard de Souza Franco, Farias Gama, Severino Silva, Rodrigues Pinagé, Clóvis de Gusmão, Dalcídio Jurandir, Santana Marques e Tó Teixeira.

Acrescentaria outros segundo as leituras dos autores, porém em seus trabalhos não foram mencionados uma ligação com as demandas ideológicas dos autores a cima citados. Bruno de Menezes, desde 1920, no universo Amazônico, ao citar seu ideal: “eu quero uma

³⁷ Periódico consultado: Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 14, n. 3, p. 1025-1043, set.- dez. 2019 1025, Belém e a Academia do Peixe Frito: fisiognomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Link: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/nRhgHhPbKvXzGNsCmXfg8Sw/?lang=pt&format=pdf>, em 10 de fev, 2013. as 17:53

arte original” (Menezes, 1993, p.9), vista como acolhimento também da cultura negra, mestiça sobre a sugestão da poesia, das expressões de hibridação sociocultural.

Essa militância e movimentos de intelectuais impulsionaram os levantes do movimento modernos com “os autores da *Belém Nova* promoveram um plano que norteou o estilo dos novos poetas e ficcionistas dentro de um processo estético que então se apresenta no país, o modernismo.” (Coelho, 2005, p. 71). Por essa razão, segundo a mesma autora, afirma que a “revista *Belém Nova* divulgou as tendências modernistas no Pará. Lançando em Belém em 15 de setembro de 1923, sob a direção de Bruno de Menezes, durou até 15 de abril de 1929. (Idem).

Bruno se tornou Diretor do Departamento do Estado do Pará de Cooperativismo, cargo pelo qual se aposentou em 1955. No ano anterior, 1954, o intelectual havia ingressado no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGPA). Nos deixou o legado de sua intelectualidade nos seguintes gêneros a seguir:

Na *Poesia*: Crucifixo (1920), Bailado Lunar (1924), Poesia (1931), Batuque (1931), Lua Sonâmbula (1953), poema para fortaleza (1957), Onze Sonetos (Prêmio cidade de São Jorge dos Ilhéus – Bahia-1960). (Menezes, 1993, p.12).

No *Folclore*: Boi Bumbá-Auto Popular (1958), São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso (1959). (Menezes, 1993, p.12).

Nos *Estudos literários*: À margem do “Cuia Pitinga” (estudo sobre o livro de Jacques Flores (1937). (Menezes, 1993, p.12) e por fim, a *ficção*: Maria Dagmar (novela- 1950), Candunga (romance- prêmio “Estado do Pará” - 1954) (Menezes, 1993, p.12). Bruno de Menezes, em 02 de julho de 1963, veio a falecer na capital Manaus-AM.

No entanto, o que ficou foi o testemunho de Maria de Belém³⁸, filha de Bruno de Menezes, que ressalta a sua importância como intelectual. Ela se responsabilizou pela missão de ser a curadora e preservar o acervo do pai. Essa, atitude nos ajudam a compreender melhor o perfil do Poeta.

Dizia-se ‘católico’, embora não praticasse a Religião, mas era de profundo espírito religioso, haurido na infância, com sua madrinha, que o levava todos os anos às cerimônias da semana Santa, na Catedral. Daí, talvez, seu primeiro livro de versos ter o título de crucifixo e não saía de casa sem se benzer diante da imagem do crucificado que mamãe colocou na parte interna da porta”. (Belém, 2006, p. 65).

³⁸ **Asas da Palavra**. V. 10, nº 21, p. 65. Outras histórias interessantes e até pitorescas relacionadas ao Bruno e sua relação com a religião, podemos encontrá-las nessa página da revista.

Bruno foi o introdutor do movimento modernista no Pará, suas inovações radicadas e antecipam a na Semana de 22, ganham fôlegos e faz com que aja um romper com os moldes, estilo dos academicismos, do ser e fazer arte e tecer poética para os homens das letras no Pará. Elaborando de poesias, ficção, prosas, valorizando o folclore e toda uma poética voltada a críticas e denúncias sociocultural já anunciavam o seu perfil de autor. Escritor inquieto e ambientado com as barbáries das problemáticas de seu povo, logo segue uma linha ideológica, extremo socialista, quase realista das descobertas dos fatos, forças e poderes universais que se instalam no Pará diante da força desproporcional do capital ao seu povo.

Portando, o ato de enxergar na arte local, o (in)sensível e (in)visível aos olhos do povo violentamente escravizado, explorado, alienado e oprimido pelo poder do sistema de forças. A barbárie que Bruno de Menezes consegue tecer a partir de suas representações poéticas sensibilizou o olhar, forma, educa e transforma o ser humano. Instiga a termos consciência, humanidade e responsabilidade com a dignidade de nossa própria gente.

As ideias de Bruno, versa pela contra conduta do ser humano ao sistema, um jogo de consciência, autonomia, luta, denuncia, movimentos, ideias e sensibilidade ao vermos o povo sendo massa de manobra do sistema capitalista e de seus opressores. Entender essa leitura e visibilizar as decadências, problemáticas e consequências deixadas pelas forças que Desalma nossa humanidade e deixam apenas o legado da miséria a serem explorados.

Sobre a consciência de um “grande poeta, prosador, Bento Bruno de Menezes Costa soube como poucos fazer da literatura um meio de denunciar injustiças sociais, como a prostituição, a pobreza, o sofrimento e misérias humanas e o drama da migração nordestina” (Menezes, 1993, p.7). Essa consciência pode ser verbalizada a partir dos enunciados discursivos de suas obras poéticas que não se limitam apenas a uma consciência, são múltiplas consciências que se articulam a partir de seu espaço e tempo.

[...] consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único

abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem [...]. (Bakhtin/Volochínov, 2004, p. 35-6).

Entender essa lógica de consciências é compreender a partir de seu estilo que “suas obras, não se homenageia apenas aquele que melhor e mais claramente transmitiu o que foi o *negro* e o que ele representou na América, mas o homem ação, engajado, que foi em movimentos sindicalistas, cooperativista e em programas que visavam à Reforma Agrária.” (Menezes, 1993, p.7). Bruno é um intelectual amazônida. É válido entendermos que o intelectual ou um,

[...] verdadeiro intelectual é, por contraste, um ser secular. Apesar de muitos intelectuais desejarem que suas representações expressem coisas superiores ou valores absolutos, a conduta ética e os princípios morais começam com sua atividade no nosso mundo secular – onde tais princípios e conduta se realizam (...) aqueles deuses que sempre falham acabam exigindo do intelectual uma espécie de certeza absoluta e umavisão total e sem costura da realidade, visão e certeza de que reconhecem apenas discípulos ou inimigos. (...) O aspecto mais complicado de ser um intelectual é representar o que se professa por meio do trabalho e de intervenções, sem se enrijecer numa instituição ou tornar-se uma espécie de autômato agindo a mando de um sistema ou método. (...) Para o intelectual secular, esses deuses sempre falham.(Said, 2005, p. 120-121).

É sobre essa “ideia de intelectual”, se poder mencionar que “Bruno não era apenas um idealista restrito à literatura, era sobretudo um homem de ações, de trabalho.”(Menezes, 1993, p.7). Foi poeta e ficcionista paraense e legítimo representante de nosso *Modernismo*, movimento que deu, marcadamente, uma aguda e forte consciência nacional à literatura brasileira. Os fatos e atuações, são movimentos que ficam sobre a beleza das narrativas, enunciados, discurso, percepções ideológicas e fluxo de consciência em que Bruno, faz como um ser sensível frente as barbáries do mundo, dos homens, do ser e do outro. A esse respeito, define Bobbio (1997, p. 72) que “aquilo que distingue um do outro é precisamente a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes, é a diversa funçãoque eles são chamados a desempenhar no contexto político. Bruno foi

[...] educado, primeiramente, pela poética simbolista, de “*la musique avant toute chose*”, dela jamais se libertaria de todo e por ela estaria preparado para captar, à custa da música negra, novas harmonias, novos ritmos e novos timbres e, assim, poder transpô-los para os versos sugestivos de batuque,

verdadeira “descoberta” para a construção de uma poesia original e regional, realizando, desse modo, um “modernismo” caracteristicamente nosso. Foi esta a sua contribuição maior e mais valiosa para a poesia paraense. (Menezes, 1993, p.9).

Há de salientarmos que a “modernidade de Bruno já se havia anunciado prematuramente, num pressentimento estético, no seu poema Arte Nova, datado de 1920, onde se encontra o seguinte verso: “eu quero uma Arte original” (Menezes, 1993, p.9). Deste modo, esse “Estilo Novo” ou “Arte Nova”, para Bakhtin,

todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também, qualquer campo de comunicação discursiva (*rietchevóie obschênie*) – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. (Bakhtin, 2010a, p. 265).

Gêneros que Bruno foi mestre, “estudioso e dedicado pesquisador das coisas nossas, a sua valiosa contribuição para o estudo do folclore paraense. Bruno, homem de ação, em sua pregação e luta no Movimento Cooperativista” (Menezes, 1993, p.10). Essa articulação a partir das reflexões da realidade, da gente, do povo e toda uma realidade social, poder se apresentado enquanto conceito de cultura, Williams afirma que,

a novidade teórica crucial é o reconhecimento da —literatural como uma categoria social e histórica, especializada. Deve ser claro que isso não lhe reduz a importância. Exatamente por ser histórica, um conceito-chave de uma importante fase de uma cultura, constitui evidência decisiva de uma forma particular do desenvolvimento social da linguagem [...]. (Williams, 1979, p. 58).

Essa ideia de intelectual tem uma base essencial, um mestre, tipógrafo, encadernador que lhe possibilitou ter acesso os mais diversos gêneros, leituras e escritos, quando era, “companheiro de ofício Tó Teixeira, que viria a ser mestre de violão e grandenome da cultura popular paraense. Nesse ofício, Bruno tomou contato com livros literários, sentindo, assim, despertar o desejo do saber, o gosto pela leitura, que o acompanhariam em toda a sua existência, tornando-se um incansável autodidata e apaixonado por livros. (Menezes, 1993, p.11). Para Sirinelli, (2003, P. 248) esse movimento de intelectuais pode ser compreendido como

todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas,

mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador, não pode ignorar ou subestimar.

Essas ideias ou ideias de intelectuais, de grupos de intelectuais encontram vozes nas revistas e jornais de circulação local, Bruno, fundou a revista *Belém Nova* em 1923, criou, coordenação e fez os movimentos de intelectuais em grupos, como: Vândalos do Apocalipse, Academia do Peixe Frito, militante socialista, defensor das minorias em 1916 a 1920. De acordo com Sirinelli, (2003, p. 254)

Para o historiador dos intelectuais, o emprego desta noção parece, numa primeira análise, duplamente perigoso. De um lado, não é preciso dizer que seria inábil buscar aí uma chave-mestra para o estudo da sociedade intelectual e de suas relações com a política. Um tal uso poderia, por outro lado, levar a própria essência das sociedades humanas e que os fenômenos decorrentes deste dado básico são, por isso ao que nos parece, ir adiante e levar em consideração os efeitos de idade e os fenômenos de geração.

Essa atuação ímpar de Bruno de Menezes nos leva a dizer que ele foi um intelectual universal do séc. XX. Além de atuar como “funcionário público estadual, servindo, inicialmente, no Tesouro do Estado e, anos depois, na Secretaria de Agricultura, onde despontou sua paixão pela doutrina cooperativista, vindo a ser Diretor do Departamento Estadual de Cooperativismo, cargo em que se aposentou em 1955.” (Menezes, 1993, p.11). E sobre essa percepção, que,

a definição de intelectual é ampla, seja pela heterogeneidade de opiniões, de posicionamentos políticos, de atividades profissionais e de comportamentos diante dos problemas e temas da sociedade. Por isso, qualquer generalização no que diz respeito ao estudo dos intelectuais estaria fadada ao erro. (Bobbio, 1997, p.9).

O autor, escritor, poeta é um ser em movimento, engajado com os movimentos de seu tempo, um homem de seu tempo. Sua atuação enquanto intelectuais de diversos gêneros foi reconhecido, colocou o Norte sobre as lentes nacionais e internacionais. Por essa razão, “Belém do Pará foi a terceira capital a aderir ao Modernismo no Brasil (“A Província do Pará”, 23/28 de maio de 1937), o que consagra Bruno de Menezes como pioneiro desse movimento na região” (Menezes, 1993, p.12). Ao ato de ser ativo socioculturalmente, seria mais claro descrever como ativo intelectual ou simplesmente o ato de,

engajar-se quer dizer pura e simplesmente tomar partido. Mas todos os partidos são igualmente bons? Sempre me perturbou a constatação de que os defensores do homem de cultura engajado não exaltavam o engajamento como tal (uma postura desse gênero teria sido uma bobagem), mas o engajamento mais por um lado do que por outro, engajamento este que, desde que fosse em favor do lado que considerava justo, também poderia ser um engajamento total. Mas o engajamento total por um partido é compatível com a tarefa, repito a palavra que me importa com a responsabilidade do homem de cultura? Na realidade, não estava em jogo uma contraposição entre engajamento e não-engajamento, mas uma contraposição entre engajamento e engajamento. Mas nessa contraposição a teoria perdia toda a validade e acabava por destruir aquilo que queria construir, isto é, a figura do novointelectual não-subordinado. O engajamento total era, diga-se o que se disser, uma nova forma de subordinação, um outro modo de abdicar da própria tarefa. (Bobbio, 1997, p. 99)

Portanto, o ato de “engaja-se,” levou Bruno de Menezes a ser “Membro da Academia de Letras desde 30 de maio de 1944, ocupava a cadeira de Natividade Lima, tendo sido presidente da APL. Pertencia, igualmente, ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará e à Comissão Paraense de Folclore.” (Menezes, 1993, p.12).

Essas indagações biográficas, de intelectuais, atuação, movimento, estilo, modos de pensar, fazer, sentir, agir, estar e compreender os “mundos”, as culturas, suas identidades, imaginários simbólicos, imagéticos, ideológicos, políticos, educativos, filosóficos, poéticos, artísticos, literários e outros que porventura não daremos conta de responder. São de uma maestria intelectual que Bruno de Menezes no seu espaço e tempo em vida o fez e em memória de sua força de luta e sensibilidade intelectual cabe a cada um de nós, pesquisadores, leitores, curiosos fazermos os alcances de seus horizontes de leituras frente a sua pluralidade aberta a quem deseje estudar, compreender e fazer sua recepção.

Indubitavelmente, Bruno de Menezes deixou um grande legado que o legitimou como um importante intelectual do séc. XX. Quando faleceu “seu corpo foi velado na sede da Academia Amazonense de Letras em Manaus onde residia. Seu corpo chegou a Belém onde foi velado e recebeu homenagens na antiga sede da Academia Paraense de Letras, na Trav. 13 de Maio, saindo o féretro no dia 4, sendo sepultado no jazigo da família, no Cemitério de Santa Izabel. (Menezes, 1993, p.13).

Sobre as rasuras superficiais de algumas linhas guias sugestivas, há de indagarmos de quem estamos falando. Estamos falando de escritor, poeta, romancista, folclorista, jornalista, autodidata, curioso, leitor, inquieto, militante, ativo e autoconsciente dos fatos e das coisas de seu tempo, seu povo, lugar, de sua história, cultura e meio social. Movimentos ativos de

contracondutas, problemáticas sociais, crises, (in)visíveis, silenciadas e na barbárie. “Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul com o Sul”. (Santos, 2005, p. 508).

Parafraseando Santos (2005) em suas orientações são necessárias e emergente aprender que existe no Norte, apreender a ir para Norte, aprender a partir do Norte e com o Norte de nosso país. Em outras palavras, é necessário e urgente conhecer, estudar, pesquisar e compreender os intelectuais do Norte do Brasil, exemplo dessa ideia de intelectual é o escritor e intelectual universal e do universo da Amazônia paraense, Bruno de Menezes.

Por fim, “Bruno de Menezes não é apenas um grande escritor amazônico, é o símbolo genuíno da inteligência de um grande escritor da literatura paraense” (Menezes, 1993, p.18). Acolhendo, assim, a ideia da literatura afro-brasileira como uma forma de resistir, pois, segundo Bernd (1988), toda criação do negro como sendo o “inferior” e “menor”, na verdade, verifica-se na tomada de consciência de “querer-ser-negro” e de gritar aspectos que lhe deem orgulho da raça. Bruno foi negro, é negro, é gente, é intelectual é o “impulso à liberdade” (Bernd, 1988, p.91). Para pensarmos essa questão, temos que pensar a cultura negra como ato de:

[...] a (re)territorialização dos negros no Brasil. O território afro-brasileiro não é o espaço físico africano, mas a forma como os negros brasileiros singularizam o território nacional. O espaço físico (re)territorializado é um espaço simbólico-cultural. Este território, singularizado pela cultura negra, por seu real vivido, por sua filosofia imanente, por sua dinâmica civilizatória, marcou definitivamente a formação social brasileira. (Oliveira, 2003, p. 83).

Formação social brasileira que se passa por um processo “híbrido literário requer um esforço enorme; ele é estilizado de ponta a ponta, pensado, pesado, distanciado. Com isto ele difere da mistura de linguagem dos prosadores medíocres, mistura superficial, irrefletida, sem sistema, que frequentemente destaca a falta de cultura” (Bakhtin, 2010, p.162). Ao contrário do que se pode perceber sobre as obras de Bruno de Menezes, escritor, poeta, jornalista, funcionário público, romancista, folclorista, intelectual, militante, sensível as causas da gente do pé no chão e toda uma cultura Afro-brasileira em movimentos modernos, em que se aplica a seguir o romancista Dalcídio Jurandir como herança do mestre Bruno em pleno séc. XX.

Portanto, o que se buscou evidenciar por meio dessas linhas, situar a significativa biografia do escritor, poeta e romancista Bruno de Menezes, descrevendo suas vivências, influências, o legado de suas obras e edições, bem como o nível de intelectual autodidata que foi Bruno. Por fim, apresentemos a partir de suas 2 (duas) obras publicadas, que classificam pontos-chaves voltados à tese, sobre as palavras-chaves: *Infância, o ser criança e a educação* presente sobre os silenciamentos e (in)visibilidade nas narrativas de seus romances, vistos como divisor d'água para os protagonistas: Dagmar e Antonio Candunga.

2.3 ESTRUTURAÇÃO ANALÍTICA DA OBRA ROMANESCA DE BRUNO DE MENEZES

Bento Bruno de Menezes Costa, conhecido como escritor Bruno de Menezes (1893-1963)³⁹, introdutor do movimento modernista no Pará, suas inovações de estilo antecipam um movimento ao Norte do Brasil que irá ser radicadas na Semana de 22, ganham fôlegos e faz com que aja um romper com os academicismos. Elaborando-o poesias, ficções, prosas, valorizando-o folclore e toda uma poética sociocultural ambientada sobre uma visão moderna, sobre uma descoberta de estilo novo regional, de arte local, sensível, universal, (re)criando o que ele define de um estilo ou *arte-nova*.

Seus anúncios ganham força e ecoa enquanto movimento ao Sul e Sudeste de nosso Brasil. Bruno de Menezes, desde 1903, no universo Amazônico, já trilha uma estética de arte que versam sobre um socialismo moderno ao citar em suas palavras “eu quero uma arte original”. Seu ponto de vista é acolhido como uma cultura negra, afro-brasileira da realidade das primeiras décadas do século XX, que chamamos de hibridação sociocultural. (Menezes, 1993, p.9). Por ser mestre de vários gêneros, Bruno de Menezes fala da miscigenação amazônica e da valorização da cultura negra, indígena, escrava, preta, ribeirinha, quilombolas, retirantes, cabocla e outros. O termo hibridação sociocultural se explica no sentido de abarcar esse fenômeno que se passa na escrita das obras do referido autor.

Em seus romances Dagmar e Antonio Candunga Bruno de Menezes descortina a miséria humana em todos os sentidos. O primeiro, está centrado sobre as publicações folhetinescas, imprensas em rodapés de jornais, voltados as circulações locais, que porventura, veio a se chamar romance-novela, conhecido pelo título de Maria Dagmar (1950)⁴⁰, e um outro, tece suas indagações sobre o romance chamado de Candunga

³⁹ Bruno de Menezes ou, se preferem, **Bento Bruno de Menezes Costa** não é apenas um grande escritor amazônico. É o símbolo genuíno da inteligência paraense”. (MENEZES, 1993, p.18). É o poeta da negritude amazônica, nascido em Belém, 21/03/1893 – falecido em Manaus, 02/07/1963, foi animador do grupo literário *Vândalos do Apocalipse* (depois *Grupo do Peixe Frito* e *Academia do Peixe Frito*), anarquista, modernista, pioneiro da economia solidária (cooperativismo) na Amazônia. Nos deixou o legado de sua intelectualidade nos seguintes gêneros a seguir: *Poesia*, *Crucifixo* (1920), *Bailado Lunar* (1924), *Poesia* (1931), *Batuque* (1931), *Lua Sonâmbula* (1953), poema para fortaleza (1957), *Onze Sonetos* (Prêmio cidade de São Jorge dos Ilhéus – Bahia-1960). (MENEZES, 1993, p.12). No *Folclore: Boi Bumbá-Auto Popular* (1958), *São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso* (1959). (MENEZES, 1993, p.12). Nos *Estudos literários: À margem do “Cuia Pitinga”* (estudo sobre o livro de Jacques Flores (1937). (MENEZES, 1993, p.12) e por fim, a *Ficção: Maria Dagmar* (Novela-1950), *Candonga* (Romance-Prêmio “Estado do Pará” em 1954) (MENEZES, 1993, p.12).

⁴⁰ Novela que narra fatos reais sobre o arrombo da mocidade, da miséria, situação da mulher, reclama, denuncia um renascimento do pensamento para época, novo olhar sobre a realidade das expressões do estilo, a velocidade da trama e a sutil mensagem educativa que encerra sobre o símbolo mesclado do realismo na observação da arte e os velhos problemas que atravessam séculos sobre um patriarcalismo e machismo do homem, conflito de classes e de poderes, dificuldades econômicas e a situação da mulher.

(1954)⁴¹. Ambos são romances que foram premiados, lidos e criticados por se teor ideológico, denunciativo e discursivo frente ao seu tempo, voltado a temáticas universalizantes e as mais diversas problemáticas sociais, que guiam suas poéticas à rigor crítico, denunciativo que se alcançam as recepções de suas universais obras sobre as diversas formas narrativas autodescritivas caracterizava pelo autor.

Na tentativa de sugerir seus valores, manifestarmos suas visibilidades e buscamos novos horizontes de leituras que nos permitam nos guiar, sobre suas pulsantes e instigantes manifestações artísticas. Bruno de Menezes nos deixam uma pulsante e instigante obra que por muitas das vezes necessitamos de fôlego para compreender e tecer comentários, pelo teor de seus anunciados que vibram sobre a universalização personificada de seu discurso, em âmbitos de sua saga romanesca que atravessam por diferentes contextos, espaços e tempos. Tempos este que se volta aos anos de 1900-1930.

Ecossistemas sensíveis que vibram pelos modos de arte, sensível e uma cultura de vidas, gente, povo em movimento em nossa sociedade em que as diferenças de mentalidade, condições e situações de pobreza, dignidade e humanidade tece uma retórica dos homens em crise e conflito de identidade, o que o leva a tragédias, muito bem representadas por seus romances.

Nossas investigações giram em torno dos romances de (Bruno de Menezes), tecidas sobre os romances: *Maria Dagmar* ([1950], 1993) em forma de síntese são apresentados no ANEXO 01, e *Candunga* ([1954], 1993) em forma de síntese são apresentados no ANEXO 02. Neste sentido, sobre as expressivas obras, julgamos que “o romance como um todo verbalizado é um pluriestilístico, heterodiscursivos, heterovocal. Nele, o pesquisador esbarra em várias unidades estilísticas heterogêneas, às vezes jacentes em diferentes planos de linguagem e subordinadas às leis da estilística” (Bakhtin, 2015, p. 27).

Embora nas duas obras estejam presentes outras vozes marcantes e importantes, a análise se concentra nos dois personagens centrais e suas relações com a Infância, o ser Criança e a Educação. Dessa forma, tentamos compreender essa “orquestra de vozes”, dos enunciados discursivos suas práticas sobre os infaninhos da noite.

⁴¹ Verte-se ao desvalido da seca nordestina, forçado à migração para a Amazônia. Os flagelados são movidos à ilusão de que a floresta é o úbere fecundíssimo e sereno, o solo acolhedor, ofertório do teto, do pão, da acalmia, o fim da errância. E veem-se tangidos às zonas rurais do Pará e submetidos à violência da grilagem e do latifúndio. É marco, por ficcionalizar uma das questões mais graves, insolúveis e desalentadoras do Brasil, com ênfase angustiante na Amazônia, a luta pela terra e, em decorrência, a desagregação da família, o que arrasta as meninas à prostituição e à perda de identidade social.

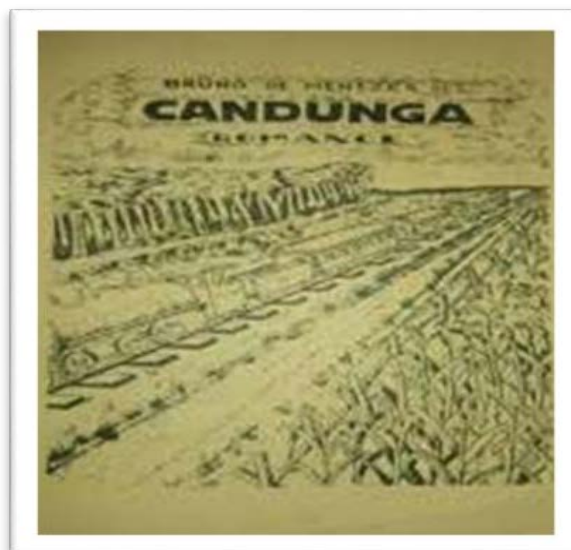
É a representação de uma nova geração metáfora de transformação gêneros, grupos vulneráveis, jogo realista das paisagens humanas e suas atrocidades, dores, perdas, alegrias e tristezas criou Maria Dagmar. Arte nova, sobre a existência de um mundo, mulher, realidade existencial da humanidade, criatura de símbolo.

Imagem 02 - ilustração da capa do livro Maria Dagmar, edição CEJUP-1993



Fonte: imagem do livro Bruno de Menezes: Obras Completas: Ficção. CEJUP 1993. Arquivado autor. 2024.

Imagem 03 - Ilustração da capa do romance candunga, edição CEJUP-1993



Bruno de Menezes (1893-1963). Romance Candunga (1954) Zona Campestre- Bragança, Colônia Agrícola. Fonte: imagem do livro Bruno de Menezes: Obras Completas: Ficção. CEJUP 1993. Arquivo do autor. 2024.

Metodologicamente o processo analítico das duas obras aconteceu em duas etapas:

1ª ETAPA

No sentido de encontrar e montar o perfil dos protagonistas dos romances Dagmar e Antonio Candunga procuramos analisar a infância e o ser criança no universo da Amazônia paraense. É sobre essa complexidade da infância que os romances de Bruno de Menezes carregam sobre como mentalidade e ideologia voltados aos processos de mobilização migratória, causados pelo pauperismo, miséria, vulnerabilidade, abandono, violência e das condições desumanas.

As problemáticas humanas e sociais materializadas nos dois romances recaem sobre uma infância em processo de migração, deslocamento e movimento de grupos de pessoas que se descolam em busca de sobreviver, fugir de uma realidade que lhe condena a morte e lhes submete as mais trágicas dores e perdas em que passam a ser subordinados, passam a ser objeto de escravização e alienação mercadológica.

Há de salientarmos, segundo Demartini, (2006, p.116)⁴², que “grande parcela das crianças carrega as marcas de vários deslocamentos em suas trajetórias, e, com eles, as marcas de encontros e desencontros, de alegrias e tristezas, saudades e esquecimentos de espaços e vazios, de sítios, vilas e cidades, de diferentes culturas”.

No quadro 2 apresentamos as palavras chaves e os descritores investigativos que norteiam nossas análises em uma secção sobre a infância e criança.

⁴² Fontes consultadas sobre o livro de Demartini, Z. B. F (2006). “Infâncias e imigrações: questões para a pesquisa”. In: Freitas, M. C. (org.). Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude, São Paulo, Cortez, pp. 113-153.

Quadro 2 - Infância e Ser Criança em Dagmar e Candunga

Categorias Analíticas	Protagonista dos romances	Categorias Impiricas
Representações da infância e ser criança	Dagma	Ser Criança, Ter Infância no Universo da Amazônia paraense - A infância e criança xerimbabo -A infância tutelar e exploração de Maria Dagmar
	Antonio Candunga	-A infância migratória e Xerimbaba dos refugiada no romance Candunga -A Infância perdida de Maria Tereza -A Infância reoubada das meninas Ana e Josefa -A infância trágica da menina Maria Assunção ...maldito Caçuá
Representações da infância e ser criança	Dagmar e Antonio Candunga	A Orfandade e a infância Xerimbabo -As condições de orfandade em Dagmar e Candunga -A criança -A infância e a orfandade de Candunga -A educação da criança xerimbabo e do (des)asnar em Maria Dagmar e Candunga
No corpus de análise dos romances: <i>Maria Dagmar ([1950], 1993) e Candunga ([1954], 1993)</i>		
Fonte: Grifos de Machado 2023.		

2ª-ETAPA

Nos corpus de análise dos dois romances⁴³ de Bruno de Menezes trabalharemos a Educação a partir dos protagonistas: Maria Dagmar, Antônio Candunga em ambiente não escolares (des)asnar), uma educação voltada a formação social e humana, educação de mundo que pode ser inferido frente as descrições narrativas dos romances. Neste aspecto, algumas características são levadas em conta, no sentido de compreender o processo educativo em espaços e lugares distintos, não sistematizados que aparecem nas obras. No quadro 3 a seguir, as categorias de análise a serem alcançadas mediante esta tese são.

⁴³ **Obras/Romances:** sobre a novela e romance (Maria Dagmar (Novela) - 1924 e Candunga (Romance) - 1954).

Quadro 3 - Educação em Dagmar e Candunga

Categoria Analítica	Protagonista dos romances	Categorias Impírica
REPRESENTAÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR	Dagmar	A Educação do (des)asnar e do Xerimbabo em Dagmar 1) Educação da Natureza 2) Educação Religiosa 3) Educação da Amizade 4) Educação da Afeição 5) Educação da Caridade 6) Educação da Bondade, Educação humana
	Antonio Candunga	A Educação (des)asnar e do Xerimbabo em Antonio Candunga 1) Existe uma Educação nas/das carrocerias de caminhões; 2) Há uma Educação nos/dos transporte fluviais e embarcações; 3) A Educação nos trilhos e ferrovias; 4) Um porvir de uma educação nas fronteiras (geográficas, físicas e culturais); 5) A educação do arrebatamento e do êxito infernal (Atravessador)
No corpus de análise dos romances: <i>Maria Dagmar ([1950], 1993) e Candunga ([1954], 1993).</i>		
Fonte: Grifos de Machado. 2023.		

As obras ambientam espaços, tempos, vozes e nos servem como documento/fontes de discursos que nos levam a compreender e conhecer o processo de educação, suas formas, sistemas, métodos, teorias, perfis, objetivos e mentalidades epistêmicas, ideológicas, sociais e informais.

Sobre essa manifestação de temporalidade, aspectos espaciais e de diferentes fontes discursivas apontados por seu processo de crise social, histórico, econômico, humano, de mentalidade, condicionalidades e miséria humana. Nos faz lembrar que essa peculiaridade é apresentada sobre os romances aqui tratados.

Dessa forma, a base guia que nos conduz à luz frente as descrições do processo de educação e as faces de seus enunciados discursivos que se apresentam pelas vozes dos textos, das margens, nos entre-lugares, sensíveis e em silenciamento, vem à tona com os personagens, os protagonistas dos romances

2.4 A POÉTICA DISCURSIVA NO ROMANCE MARIA DAGMAR (1950)

No romance *Maria Dagmar* (1950), a protagonista é um exemplo de gente, mulher em crise, conflitos, dores, sonhos, modos de vidas, desejos, vontades, realidade de um viver, do ser mulher no interior da Amazônia. Sua saga romanesca segue sobre as angústias humanas, sobre os trilhos e ritos de passagens no espaço e tempo, de travessias de menina, apagadas e em silêncio para o descortinar, de um jovem, mulher, sobre as condicionalidades e escolhas entre a miséria e o luxo.

A protagonista segue “em devaneio de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma” (Menezes, 1993, p.39).

É sobre essa virginal moça que os olhos se enchem de dor denunciante, no romance, sobre as finas ironias de Bruno de Menezes, no passar da vida e da ficção em *Dagmar* “desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminina, ostentando proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados” (Menezes, 1993, p.39) enlouquecem aos olhos e corre na boca do povo sua imagem e astuto de ignorância humana frente ao reconhecimento feminina da moça. Para compreendermos melhor o romance *Maria Dagmar*, em síntese a seguir, destacamos alguns aspectos relevantes sobre a relação tríade que envolve a protagonista do romance.

Dagmar é a metáfora de um novo gênero, estilo que surge, novos tempos que se define em pleno séc. XX, sobre um novo olhar, estilo, estética, arte, literária aos passos de um movimento modernista ecoando ao norte de nosso país. É em *Dagmar*, que os raios dos tempos sucumbem os espaços e atravessam os horizontes das dores, perdas e conflitos sociais, humanos e crises interiores universalizantes ao ser humano que vive na Amazônia. Retrato de uma vida, realidade que condições de miséria o levam a escolhas e a um determinismo de suas opções de vida, de sobrevivência, manipuladas pela natureza humana. Uma vida de escolhas frente a vida miserável que levava, buscando exercer sobre os inferninhos das noites, os traços de uma opção que as arapucas da vida lhe ofereceram enquanto escolhas. Modos de vida, de moças, meretrizes que se deixam levar ou estão em (des)caminho na vida, (des)caminho da heroína, no caminhar pela vida é forçada a vida fácil, meretriz de luxos, ilusórios de mentalidades que supre apenas as suas necessidades carnis e acede da fome, de dois ou três dias e não uma vida toda.

Dagmar “é toda satisfação, natural ou fingida, quando escuta os passos fortes, do homem esperado, entrando os batentes da casa amiga e próspera” (Menezes, 1993, p.45). Há uma queda gradativa provocada por prostituir-se, soando como atrativa para Dagmar ao buscar a forma ansiosa uma reciprocidade do calor de um amor verdadeiro que não se alcança a alma, consome o corpo, alimenta-se a sonhar e se perder nos desejos levianos vividos. O que ocorre de fato é uma avassaladora perturbação da alma humana sobre o dissabor da carne que lhe sustenta a vida. Essa “carne” é seu ganha pão, sua tortura, sua existência, é dor, é vício. Uma realidade vivida de anos, na labuta, em pleno contexto e temporalidade dos anos 20, do séc. XX na Amazônia.

A vida descrita por Dagmar ao escancarar os abusos e explorações de mulheres, jovens e crianças na Amazônia. Testemunho de muitos corpos de filhos(as) nascidos sobre os ambientes de abusos e explorações familiares, de corpos em desalmas, sonhos destruídos e traumas de vida e em violação no interior da Amazônia. Dagmar é o reflexo de grupos em situação de vulnerabilidade social, econômica e habitacional, sendo silenciadas, nas margens e nas fronteiras da vida. Desassistidas pelo Estado, por suas próprias famílias, por pessoas de grupos sociais e classe afetivas distintas, se apresentam sobre as situações de vulnerabilidade de grande parte da massa populacional, as minorias que sobrevivem no interior da Amazônia, como as mulheres, crianças, jovens, negros, escravos, indígenas que passam por abusos, são alienados e induzido a exploração, escravização, forçados as mais dolorosas barbáries humanas.

Na infância, as crianças, jovens e adultos crescem achando que essas atitudes são “comuns”, natural e normal para época, quando crescem, são vítimas fáceis de todas essas formas de explorações físicas, psíquicas e morais, que são narradas, descritas e denunciadas sobre as leituras da ficção romanesca de Bruno de Menezes. O tom e forma implícita e explícita nas entrelinhas dos discursos narrativos, no entrelugares dos textos e obras anunciar os “tabus sociais” sobre um contexto patriarcal e machista de um Brasil da primeira metade do séc. XX. Tecer denúncias é um ato de coragem e de resistência, a arte é resistência, busca sensibilizar os sentidos e aguçar para mudanças de mentalidades. No romance os fatos e fontes que aparecem nos distintos discursos de sua protagonista são discursos que saem do silêncio e ficaram visíveis enquanto discurso de uma sociedade que passam a serem descortinadas por meio de seus enunciados nos textos, pois registra épocas e mentalidades que a ficção traz à tona para ser questionadas.

O que nos chama atenção ao percebermos essas indagações de leituras sobre o estágio da infância, são as formas de silenciar o tempo de infância e criança, logo esse apagamento no romance nos leva até a vida adulta de Dagmar. Os rastros do tempo e espaços nos levam a focar sobre as passagens em silêncio e apagamentos da infância e criança antes de ser tornar mulher. Esse processo de exploração do gênero feminino em Dagmar é um exemplo dessa passagem de temporalidade existencial que silenciamento dos fatos em que há sagas percepções do escritor Bruno de Menezes trás à tona, sobre as sutis formas discursivas da protagonista.

Neste aspecto, “a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim “homens de tamanho reduzido” (Aries, 1981, p. 18). A efeito desse pensamento, encontra-se no estágio da infância e da criança, muitas passagens de tempo não vividos e sim comprometidos sobre o ato de violação e barbárie passam ser fontes de investigações e descoberta de ser em estado vulnerável em sociedade. Esse viés nos traçou um olhar sobre a infância na Amazônia, vulneráveis e desassistidos de corpo, alma, espíritos, lugares, espaços e tempos. Por não possuir sequer o mínimo de dignidade para sobreviverem, Dagmar é um exemplo claro desse modo de vida. Estamos falando dos estágios de criança e infância no romance Maria Dagmar.

Em relação à infância e às crianças, “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (Heywood, 2004, p.76). O que enfatizamos é que com os avanços e explorações humanas descritas nos romances, poderemos entender a sua atualidade enquanto tema, que vem à tona, sobre as delicadas práticas de exploração, tão comum nos contextos amazônicos que até em nossos tempos podemos observar essa exploração por meio de diversos ambientes em nossa Amazônia, entre rios, ilhas, zonas rurais, urbanas, periféricas, ribeirinhas e núcleo familiar, os abusadores se encontram presentes. Ressaltar que em nossa contemporaneidade essa temática se transveste sobre vários contextos e formas digitais de explorações em nossa contemporaneidade.

Cabendo a cada um de nós ser ativos, vigilantes e denunciarmos quaisquer formas de opressão, abusos e violações humanas. Fatores já apontados e apresentados no romance. Dagmar abroquelada num orgulho de destemida, Dagmar não tem um gesto sequer, que traria o seu desespero, uma palavra de reproche ao posicionamento do homem. Que terrível lição lhe davam. Seria que o desalmado não se lembrava de nada, dos momentos em que lhe dizia tantos madrigais, em que jurava viverem eternamente juntos? (Menezes, 1993, p.57). Em

Dagmar as suas utopias inconstantes são magoas “não casara, que seu sonho seria amar a alguém, mesmo pobre, mas seu, pelo menos com a benção do Padre não tivera a dita de ser esposa, pois terminara amasia, se àquela ligação podia se dar este carácter” (Menezes, 1993, p.43).

Essas ausências são obscuras reflexões de uma natureza constante e presente da barbárie e da ignorância que estamos passando em nossa contemporaneidade na região Norte. Essa visão ganha força com a legitimação de grupos sociais machistas, patriarcais de valores tradicionais, que ao criarem suas crianças e educarem seus jovens como xerimbabos de estimação, firmam a fragilidade e apontam a crise de homens com mentalidades doentias vagando no meio social em busca de suas vítimas. As crianças, a infância não pode ser isenta de quaisquer orientações que lhe dei atenção ou as levem a trilhar uma realidade diferente, sem garantias e proteção de direitos. No romance essa realidade não existe, a má conduta é o espelho do ser humano, do ser criança, do não ter infância, do ser mulher sem direitos em épocas passadas em nosso país. Estamos falando da protagonista Dagmar “mulher que vem ao mundo para atrair, entontecer, cumprir os determinismos de sua sorte” (Menezes, 1993, p.39). Ao percebemos que “Dagmar já não se demora tanto ao espelho [e] compreende que não atrai mais ninguém para o amor eterno e digno. [Percebemos que é] inútil o artifício de suas maneiras, a mascarada de sua fisionomia, embora seu corpo ainda não seja para desprezar” (Menezes, 1993, p.85).

O tempo, o desgaste a alma, os sonhos não realizados, mas bem definidos no plano da lembrança. Dagmar de suas recordações e memórias nos levam ao tempo e espaços tecidos por meio das percepções de imagem *psicológicas* que atravessam a narrativa do romance, sobre o efeito de um monólogo interior que se fantasia nas rememorações de suas lembranças, deixando a trama, os dramas e o enredo presos aos devaneios de uma criança, jovem, moça de um tempo que viveu e simplesmente passou. Esse choque entre ficção e realidade, pode ser percebido pelo tempo que se atravessa as suas lembranças aos acordes de sua realidade em que o narrador protagonista desce nas entranhas, para descrever as distintas realidades: as já vividas, passadas e presenciadas por Dagmar no romance.

Os alcances frente aos tempos e espaços voltados as percepções de um (tempo psicológico) em Dagmar. Essa indagação nos leva a compreender o que chamaremos de “umbigo dos sonhos” em que a protagonista Dagmar, em suas fazes e faces de formação (in)sensível, na infância e no ser criança, trazem à tona a complexidades narrativas de um imaginário sociocultural Amazônico em silenciamento. Os abusos, violações, barbárie,

formação, sonhos, desejos, realidade, miséria, luxo, condicionalidades sociais a levam a ser uma prostituta de luxo, rapariga, mulher da vida, meretriz, mulher da noite, dos “inferninhos” da vida. São problemáticas que os ventos das inspirações e desejos voltados ao *umbigo dos sonhos*⁴⁴ passam a coexistindo. E as existências de vozes e personificações de um discurso de crianças, infâncias, jovens e mulheres aparecem de forma sensível e quase silenciadas no texto, de fato, os enunciados discursivos mostram a situação do ser mulher em pleno séc. XX no universo da Amazônia paraense. Perfazendo-se sobre uso desse termo à entrada para uma análise sobre os horizontes profundos de uma interpretação investigativa aberta a arte de sugerir. Ao encarar de modo sutil as conjecturas em relação a uma educação sensível voltadas aos parâmetros dos sonhos e desejos como foco de estudo base para compreensão de suas narrativas.

Esclarece Bakhtin (2003, p.71) que essa provocação sobre a combinação estética da alma e do corpo encontra aqui sua conclusão definitiva. “Pode haver conflitos entre o espírito e o corpo interior, mas não pode haver conflito entre alma e corpo, uma vez que estes são construídos à base das mesmas categorias, traduzem uma relação única e criativamente ativa com o dado do homem”. Em Dagmar há essa relação conflituosa entre espírito e corpo, em posição de sacrifício e inquietude humana, em busca de encontrar o amor, de forma paradoxal, o seu corpo é visto pelo “outro”, apenas fonte de desejos humanos, serve apenas para matar sua cede e fome sobre os delicados acordos sociais.

Para Bakhtin (2010, p.135) aponta que

o sujeito que fala é um homem essencialmente social. Historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), é não um “dialeto individual”. O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidades da palavra dos personagens sempre pretendem uma certa significação e uma certa difusão social: são linguagens virtuais. Por isso, o discurso de um personagem também pode tornar-se fator de estratificação da linguagem, uma introdução ao plurilinguismo.

No caso do romance Maria Dagmar, a estratificação narrativa recai sobre a personagem feminina, que se manifesta, denuncia e destaca uma linguagem social a partir de sua ficção que se difunde sobre o meio social. O ego de Dagmar, o seu interior, os sonhos, os conflitos, os traumas descritos pelas verossimilhanças ficcionais se podem salientar que segue as problemáticas voltadas aos sonhos apresentados por Dagmar.

⁴⁴ É a primeira consideração sobre o modo de inscrição real no sonho, pode ser associada como parte do sonho que resiste à interpretação, conserva a marca e os limites da própria representação

Em Dagmar as intencionalidades imbrincadas em suas escolhas carregadas de sentidos e significados a parecer tanto no que é dito, quanto no que se escolheu para definir pelo não dito. Símbolos, signos, objetos, representações imagéticas configuram o seu estado emocional e mantém na lembrança tons de vivacidade. As delicadezas deixadas sobre a infância e o ser criança em processo de apagamento de algo traumático e resiliência que se nota para passar apenas os lindos momentos de sonhos, desejos e nãoas de dores, abusos ou perdas que não são fascínio de lembrança, porém nos é deixada no texto, nas entrelinhas o não dito. E em qualquer narrativa que se apresente, o silêncio não pode ser apenas um complemento de/para a linguagem, não pode ser apenas o que está “implícito”, muito menos é “não dito ou um nada”, tidos como “um vazio”.

O silêncio é o elemento fecundante em Dagmar, é por ele que nos conduzimos ao encontro das palavras para formar uma narrativa, um enunciado discursivo. Sobre um discurso de constructo e lugar de contato entre ficção e realidade.

Voltando nosso olhar à protagonista Dagmar, sobre seu “rastro da memória” a partir dos três tipos de rastros em que a protagonista Dagmar apenas recordar os desejos e sonhos não vivenciados sobre a representação imagética, simbólica, material e fotográfica em que a memória, lembrança, silêncio nos conduz aos horizontes tão distantes de sua alma no romance, passa a vagar pelos *feedback*⁴⁵.

Na lembrança de um tempo que foi é o reflexo da metáfora que envolve o ser humano em movimento nos mundos que ele mesmo o criou e (re)cria para sobreviver. Bachelard (1996) demonstra de forma mais clara essa passagem de estágios sensível de mentalidades, definidas a seguir como: *sonhos, devaneios, lembranças e a alma*:

Os *rêves* (sonhos) e as *rêveries* (devaneios), os *songes* (sonhos) e as *songeries* (devaneios), os *souvenirs* e as *souvenances* (lembranças) — indicadores de uma necessidade de colocar no feminino tudo o que há de envolvente e de suave para além dos termos simplesmente masculinos que designam nossos estados de alma. Eis, por certo, uma observação de pouca monta aos olhos dos filósofos que falam a linguagem do universal, uma observação insignificante aos olhos dos pensadores que consideram a linguagem um mero instrumento de trabalho que se deve forçar a exprimir com precisão todas as sutilezas do pensamento. Mas um filósofo sonhador, um filósofo que cessa de refletir quando se põe a imaginar, e que assim pronunciou para si mesmo o divórcio entre o intelecto e a imaginação — esse filósofo, quando sonha a linguagem, quando as palavras saem, para ele, do próprio fundo dos sonhos, como deixaria de mostrar-se sensível à rivalidade entre o masculino e o feminino que ele descobre na origem da palavra? Já pelo gênero das palavras que os designam, *rêve* e *rêverie*

⁴⁵ Um feedback nada mais é do que uma resposta dada a um estímulo como uma maneira de avaliá-lo.

anunciam-se como diferentes. Perdem-se as nuances quando se tomam *rêve* e *rêverie* como duas espécies de um mesmo onirismo. Guardemos, antes de tudo, as clarezas do gênio da língua. Procuremos ir ao fundo da nuance e realizar a feminilidade da *rêverie*. De um modo geral — como tentarei sugerir-lo ao leitor benevolente —, o sonho (*rêve*) é masculino e o devaneio (*rêverie*), feminino. Por conseguinte, ao nos servirmos da divisão da psique em *animus* e *anima*, tal como essa divisão foi estabelecida pela psicologia das profundezas, mostraremos que o devaneio é, tanto no homem como na mulher, uma manifestação da *anima*. Antes, porém, devemos preparar, por um devaneio sobre as próprias palavras, as convicções íntimas que asseguram, em toda psique humana, a permanência da feminilidade. (Bachelard, 1996, p.27-28).

No entanto, é sobre a trivialidade de Dagmar que as significativas manifestações dos sonhos, devaneios e as implicações que se configuram com anima, imagens, códigos, linguagens, signos, símbolos e muitos outros aspectos vistos a partir da protagonista em jogo que são aceitas os estágios de compreensão dos horizontes do “umbigo dos sonhos”, em Dagmar, ou seja, os delírios e devaneios são descritos pelas protagonista enquanto pontos reflexivos de uma educação ao alcance de uma infância e criança.

Cabe à Dagmar apenas recordar os desejos e sonhos não vivenciados sobre a representação imagética e fotográfica que levam aos horizontes tão distantes de sua almana romance. Essa passagem pode ser descrita como ponto reflexivo ao dizer que “há ocasiões em que revê umas fotografias quase escandalosas tiradas em duetos com seus amores mais estroinas. É um consolo êsse mundo enlevo contemplativo.” (Menezes, 1993, p.85). É para “O sonhador”, na visão de Bachelard (1996) construído

pelas imagens que ele suscita. A imagem nos desperta do nosso torpor, e esse despertar se anuncia num cogito. Uma valorização a mais e eis- nos em presença do devaneio positivo, de um devaneio que produz, de um devaneio que, qualquer que seja a fraqueza daquilo que ele produz, bem pode ser denominado devaneio poético. (Bachelard, 1996, p.146)

A educação dos “sonhos e desejos” em Dagmar são “rasuras” de um espaço e tempo de uma estética literária que não tem barreiras geográficas, linguísticas, socioculturais, educativas, étnica e tecnológicas que à deixe presas. Pelo contrário, são esses conjuntos manifestos e de circulação que fazem com que sejam visíveis e importante a formação e educação em nossa sociedade.

Foram essas as intenções de instigar sobre os fragmentos dos sonhos e desejos em Dagmar, sabendo que “a linguagem dos sonhos [é, e] pode ser encarada como o método

pelo qual a atividade mental inconsciente se expressa” e o “inconsciente fala mais de um dialeto” (Freud, 1969, p. 212). E sobre esse dialeto, (re)criam-se a ótica da arte literária do escritor Bruno de Menezes, sobre romance, novela *Maria Dagmar* (1950). Ao entendermos que “Dagmar, fuma, fuma, dorme, dorme e sonha com alguém para viver, malgrado seus sofrimentos, o passado remoto, os primeiros anos de sua descida na escadaria do amor...” (Menezes, 1993, p. 85). Deixa-nos entender esse devaneio “pelas coberturas de palhas e zircos dos casebres, velando aqueles corpos fatigados tomados pelo narcótico do sono” (Menezes, 1993, p. 61).

No campo da memória, dos sonhos em *Dagmar* as reflexões dessas angústias são consideradas interfaces do verossímil. O ficto/facto em jogo, em movimento e sobre o universo amazônico. A saga monológica é contada, narrada, silenciada e invisíveis sobre as fronteiras e do imaginário da infância e criança de *Dagmar* no romance.

Pensar uma educação (in)sensível na Amazônia do século XX é mergulhar na ficção romanesca sobre o fenômeno da protagonista *Dagmar* entre desejos, sonhos e devaneios, calcados em um pensamento em ação no mundo, muito bem explorado por *Dagmar* ao descrever em suas lembranças fatos e lembranças de sua infância, às memórias de um tempo que lhes consome a idade, a velhice em busca de um sonho não alcançado, o amor e os desejos vivenciados não são realizados. Enfim, o que resta é conhecermos de onde se fala, com quem se fala e para quem se fala, cabendo aos leitores, pesquisadores e curiosos desbravar os universos Amazônicos, abertos pelos horizontes de leituras do romance que contribuir para enxergarmos uma educação (in)sensível emergindo nas artes literárias de expressão amazônica do séc. XX.

Portanto, *Maria Dagmar* (1950)⁴⁶ seria uma metáfora da Arte-Nova, sobre o uso de um Novo Gênero ou gêneros em resistências, conflitos de consciências e desordem da realidade que (des)constrói para (re)construir um novo olhar sobre a Amazônia. Os “Amazônia(das)” que todos querem abusar e não são respeitados enquanto gente, cor, língua, estilo, etnia, moda, cultura, educação, direitos, políticas, fauna, flora, água, oxigênio, diversidade, ecossistema de universos ainda em constantes descoberta e exploração. Talvez não seja inconveniente esclarecer que este romance foi escrito para a revista “Belém Nova”, onde teve publicidade nas edições dos números 9, 10 e 11, de janeiro à março de 1924 e o escritor, “soube como poucos denunciar: injustiças sociais, prostituição, pobreza, sofrimento, miséria

⁴⁶ Obras completa de Bruno de Menezes, Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993 - (Lendo o Pará): v.3 ficção. p.37-65.

humana, migrações humanas” (Menezes, 1993,p.7).

Por fim, o romance *Maria Dagmar* (1950) esconde os traumas da alma do ser criança, do ter infância, do nascer menino e menina, do ser mulher no interior da Amazônia. Bruno de Menezes, traz enquanto protagonista a ‘passagem obscura e vazias de uma criança e infância em silenciamento, apagamento, que sobrevive e ganha folego na passagem de menina para jovem até o alcance abrupto do ser mulher. Ao nosso ver o romance é um divisor D’água sobre a literatura moderna do século XX no Pará ao condensar temas problemáticos para seu tempo, temas de tabus sociais. É sobre numa sociedade cujos contextos psicológicos e sociais não enfatizam as diferenças entre adultos e crianças. Como o mundo adulto se abre de todas as maneiras possíveis para as crianças, elas inevitavelmente imitam a atividade criminal adulta” (Postoman, 1999, p.11). Assim se apresentamos a protagonista no romance.

2.5 A POÉTICA DISCURSIVA NO ROMANCE CANDUNGA (1954)

O protagonista Antonio Candunga no romance *Candunga* (1954), Bruno de Menezes discorre sobre as faces humanas, sobre as metáforas das cenas de migrações em constantes avanços em nosso Brasil. Em um viés causado pela força do capital, universalização do processo de exploração, crises humanitárias, problemáticas sociais, vulnerabilidades de todo tipo para a ser destaque sobre os sentidos ficcionais de Bruno de Menezes.

Usaremos sobre essa demanda as classes (in)visíveis, silenciadas e exploradas até a alma, denunciar, ironizar e questionar suas dores, perdas e ausências de direitos são as molas mestras para compreendermos seus saberes, modos de vida, tipos de traços, perfil sociocultural de algo básico, saúde, alimentação, habitação e dignidade humana, as labutas de grupos de retirantes nordestinos e seus processos de migratórios na Amazônia em busca de melhores condições de vida e sobrevivência.

Ganham uma atenção especial, o lócus desse conflito sobre a Zona Bragantina, interior do Estado do Pará.

Neste aspecto, ressaltamos a importância do protagonista “Antônio Candunga, seu afilhado, pelo físico dessorado, lembra um novilho desgarrado, de ossatura à mostra, a quem abriram a porteira do curral, quando nem caroço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para os animais” (Menezes, 1993, p.99). É sobre esse protagonista: Antonio Candunga que Bruno de Menezes tece suas indagações frente aos dramas romanescos que denunciam as falhas dos seres humanos, dos Estados ou Intendências, das representações de classes definidas sobre as margens, (in)visíveis, silenciadas e emergindo no/do entrelugares, das/nas fronteiras sobre ato de pensar ao norte do Brasil.

Uns extremos de problemas sociais que o personagem retirante, aponta sobre a obra de forma alto descritiva a partir da verossimilhança e as relações mútuas entre o ficto e facto existencial de um universo fragmentado nas perdas, dores, sofrimentos humanos, de gente, classes invisíveis de pessoas exploradas sobre o interior da Amazônia. Há de ressaltarmos, segundo Venâncio (1999, p. 13) que

as normas, as leis e as práticas assistenciais, que além de estigmatizarem os pobres com acusações de irresponsabilidade e de desamor em relação à prole, deram origem a uma perversidade institucional que sobrevive até nossos dias: paradoxalmente, desde os séculos XVIII e XIX, a única forma de as famílias pobres conseguirem apoio público para a criação de seus filhos era abandonando-os.

É sobre essa infância e criança que nasce o protagonista que “marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assuntara de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando uma fresta d’água. E a que havia, nessa hora, escorria dos olhos dela”. (Menezes, 1993, p.101). Essa passagem de tempo, espaço e autodescrição da realidade do povo sofrendo por não ter algo essencial para sobreviver, a água. “Os desterra” (Menezes, 1993, p.103) como eram chamados “vêm de abandonados pontos, rumo ao sonhado Pará. Crivados de “bichos de pé”, macilentos e desnutridos, transportam as trouxas dos teréns, sem esquecerem as cabaças d’água” (Menezes, 1993, p.103). Os símbolos do sol no Nordeste e as chuvas na Amazônia é o contraste da passagem de vida, sonhos e exploração sinalizada a seguir:

Assim, numa pungente irrisão dos fados, êles, que fugiam espavoridos, ante um sol cruel e um céu que se algodoava em cirrus, ao depararem o ambicionado oásis, na terra hospitaleira da Amazônia, recebem em cheio, em chocante contraste, o aguaceiro imprevisto, de um desabar de nimbo.” (Menezes, 1993, p.106).

O que se pode inferir é que sobre essas duras realidades em contrastes movimentos socioculturais, linguísticos, simbólicos, imaginários, identitários, regionais, de crenças, espaços, tempos, vidas que se seguem sobre uma “locomotiva “Peixe-Boi”, comboiando dois carros de segunda classe e um bagageiro, compõe o expresso, dos novos agricultores, que irão, como as levas anteriores, botar roçados na zona gargantinha” Sobre essa realidade nasce o protagonista Candunga, há de se reparar no romance que “o rapaz arquitetaria sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentado pela idade, daria curso a idênticos anseios, na esperança de retornar ao seu jamais esquecido Ceará” (Menezes, 1993, p.109).

As representações dos sonhos, desejos e a (re)construção de novas possibilidades de sobreviverem, viverem e terem dignidade é, o que lhe conduz a tecerem suas migrações mundo a fora. Essa realidade pode ser comparada a crise humanitária que estamos vivendo hoje, como crises de identidades socioculturais, destruição de estados e a migração em nossa contemporaneidade, já estava sendo anunciada na primeira metade do séc. XX por meio do romance Candunga (1954), de Bruno de Menezes.

A expressão “família” exploradas ou em exploração, pode ser indagada pelas atitudes dos personagens expressos no romance pelo patriarca Francisco Gonzaga, sua mulher Teresa, sua cunhada Assunção, as filhas Ana e Josefa, e o afilhado Candunga, todos vítima da exploração e desumanização dos grandes mandatários do poder local. Citamos o luso João

Portuga, o sírio Salomão Abdala, e o piauiense Minervino Piauí que dominam, alienam e dão aos seus “escravos” de mão de obra barata e em constante processo de exploração à dignidade humana de representar a voz, o poder e a ignorância sobre seus protegidos.

E o capanga João Deodato é seu jagunço opressor das injustiças e ordenador da exploração humana é, o encarregado dos assentamentos de exploração humana. A sabedoria de Bruno nos leva a destacar de forma genérica o lócus, espaços e tempo da narrativa, para não sofrer com a opressão políticas, suas obras ganham um olhar para as “colônias”, “vilarejo” ou “povoado de retirantes”. Essa resistência pode ser descrita nas passagens entre (Candunga e Romário), o protagonista e o contato com os saberes, diálogos, trocas de experiências, vivências, educação, técnicas agrícolas faz com que tenham autonomia enquanto representante do povo, vibram com as lutas sociais e defendem direitos trabalhistas no interior do Pará.

Essas lutas ecoam nas colônias, grupos marginalizados, vilarejos e ganham tom de liberdade, de poder de reação contra os opressores, seus padrões e Candunga é a metáfora da resistência de uma mentalidade sobre as vozes de um povo, da gente e de pessoas que lutam contra os poderosos e contra todos os tipos de opressão, barbárie e violações de direitos. A herança de uma educação que clareia os olhos estava o personagem Romário, descrito no fragmento a seguir:

O doutor Romário, como chamam ao agrônomo designado para dirigir o núcleo colonial do burgo, diplomara-se à custa de persistência e de estudo. Pobre, sem outras armas para lutar na vida, senão a sua inteligência e vontade de vencer, forçaram-no a colar grau numa turma “jaqueira”, para poderem titular protegidos. (Menezes, 1993, p.131).

É o “doutor” designado pela “portaria o agrônomo Romário Sérgio para discriminar e reprovar as colônias do interior da zona bragantina” (Menezes, 1993, p.133), nos quais o os colonos têm contato descrito a seguir:

- A quanto tempo forma vocês trabalhar nessas terras
- Que saber Romário, para se orientar.
- A casa pergunta, os colonos se entreolham e um deles, falando pelos outros, responde:
- Desde que nós chegêmo...
- Por que não pediram para cada família ser licalizada em lotes independentes?
- Pedi o que, seu doutô! Aqui todo terreno tem dono...
- Como é isso? – Romário surpreende-se.
- A terra, o mato, a roça, a caça, a água... até nós mesmo... Se não temo dono, sêmo alugado, que é o mesmo que sê escravo...
- Romario carrega a fisionomia:

- Como é isso?...

- É a verdade, seu douto... Sêmo burro de carga de seu João Portuga, de seu Minervino, de seu Deodato... mas o pió é o Turco. (Menezes, 1993, p.133)

Não havia posses, eram escravos, não existia nenhum “papel escrito” (Menezes, 1993, p.134). Existia sim práticas e trabalhos de exploração da mão de obra e da alma humana com escrava pelos “magnatas da “vila” (Menezes, 1993, p.137). Candunga decide ir a “vila” par falar com Romário que possibilitou os Clareúmes das opressões que estavam passando e “os colonos, de certo modo, haviam se identificado com a obra do agrônomo. Nota-se nas suas conversas uma consciência de emancipação” (Menezes, 1993, p.227), passou a ser criando pelos colonos da vila. Essa emancipação no olhar de Romário era descrita como ponto positivo, fazendo indagações para um novo olhar na vila, colônia:

Êles bem que adivinharam o Grande Dia! Como seria ideal sí soubessem discernir o que esperavam!... o espírito da emancipação alvorecida entre êles! E chegará essa vindura Aurora?!... Hoje? Amanhã? Depois? Quando será esse dia?!...[...] Vê um símbolo de promessa, nesse rebento de uma geração, que será menos sofrida, comoêle pensa. E um entusiasmo de toda o seu ser, toma o garoto nos braços, transfigurado e sonhador. Depois, como se destinasse o pequeno ao Amanhã, exclama convicto: - Tú, sim, hás de pertencer à Humanidade Nova! Em ti estará o Homem livre, senhor de si mesmo! O indivíduo com dignidade de viver! E’ s um dos elos da verdadeira família humana! – e beija, enternecido, os cabelos sedosos da criança.(Menezes, 1993, p.227-228).

O futuro da humanidade está na educação e formação de nossas crianças, humanizar é preciso, educar é necessidade, formar e sensibilizar é o espírito, a alma frenteeas multiplicidades de problemas em diferentes contextos sociais surgindo em distintas classes, poderes e conflitos interiores e exteriores aos seres humanos é, fundamental paraque possamos construir um mundo melhor. Para Loureiro (2012).

na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se firmar no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística, pelas liturgias e pela visualidade. (Loureiro, 2012, p.21).

Essa indagação faz com que Doutor Romário possa enxergar em Antônio Candunga como seu representante ideológico, de uma política educativa social e humanística, de

politizar o povo, suscitar saberes e reivindicar direitos que venham a servir-lhes como esclarecimentos, informações e técnicas de plantio agrícolas, educar seu povo, sua gente, suas classes. A de se notar que Romário o deixa Candunga como seu capaz geral na vila, colônia e vilarejos:

[...] quer dar reconhecimento, na sua ausência. E, perante todos, fala-lhes serenamente, mencionado o seu amigo:
 - Êste é um homem simples, leal e honesto! Confiem nele!
 Desejava que todos vissem em Candunga um companheiro, um igual, não um superior, um mandão. Procedessem sem prevenções, sem desconfianças, que teriam que os orientasse.
 E abraça, diante do povo, o camarada humilde. (Menezes, 1993, p.228).

É em busca de “novo porvir” na saga romanesca de Candunga (1954), de Bruno de Menezes, que se fez a intenção de trazer à tona estas realidades denunciadas nos anos 1930, do séc. XX. Essas explorações e ausências de direitos passam a serem enfatizadas sobre um tom de “iluminado: - ainda tardará esse Porvir?!... Hoje Amanhã! Depois! Quando virá?!... É que havia um símbolo de redenção, no batismo de luz daquelas terras! (Menezes, 1993, p.239).

No entanto, falar sobre o gênero romance de um grande escritor de nossa literatura nacional sobre o universo de expressão dos sabores e dissabores voltados as problematizações sócias, culturais, educativas, identitária, simbólicas, imaginárias, informativas, de (re)construção do ser, interior e frente ao mundo, aos poderes e a força do capital e o poder ideológico, político que causam nas massas, na gente e no povo atos opressivos de exploração. O efeito desse jogo ao enxergamos nos protagonistas (Dagmar e Antônio Candunga) é o domínio do ser humano pelo poder alienador do capital, do homem em constante violação de direito e exploração do corpo e da alma.

Portanto, faz-se necessários indagar em Candunga (1954) as dores, os desejos e os contextos de libertação e dignidade humana que denunciam as falhas de uma humanidade sobre um futuro de exploração, desigualdades sociais, conflitos entre classe, perdas de direitos, imposição de poderes e forças que fazem com que os seres humanos, os homens e mulheres sejam os objetos de violação e de barbárie, realidades muito bem ressaltadas entre os anos 1930 e sobre o universo amazônico do século. XX.

SEÇÃO III



AS TRAVESSIAS DA INFÂNCIA E SER CRIANÇA XERIMBABO: AS BORBOLETAS MORTAS...ANJOS CAÍDOS



Quando Ana e Josefa deparam com o rapaz, nos seus olhos ladinos, tremúla um espanto irreprimido. Tão desorientadas ficam. Com aquela visita, que não encontram palavras para dizer. Candunga dá o recado depé. E pior do que um escarro na cara é a resposta recebida:

Vamos não, Candunga. Diga pra pai, mais mãe, que não vamos. Não queremos saber do mato. Aqui temos tudo. Ninguém pode obrigar nóisa í... Quem falava fôra Ana, com uma firmeza de resolução preconcebida. Candunga sente a serenidade fugir-lhe. Teria ouvido bem? Não estaria enganado? Ainda assim, insite no propósito que ali o levara. As duas não cedem:

Vamos não! se pai qué nega pra trabalhá, que alugue! sêmo mais besta, não! daqui só saímos morta! ... [...]

“Os pais são tão ruins, que as filhas não querem ir para a companhia dêles”

Falaria o povoado em peso (Menezes, 1993, p. 186-187).

3.1 INFÂNCIA E CRIANÇA XERIMBABO

*O anjo caiu ferido, E se viu aos pés rendido Do
tirano caçador.
De asa morta e sem 'splendor O triste,
peregrinando Por estes vales de dor,
Andou gemendo e chorando.*

A epígrafe do poeta Almeida Garret⁴⁷ sobre a obra “Folhas Caídas”, poema como título “O anjo caído”, nos guia sobre a sensibilidades poéticas e um olhar sensível sobre a criança, infância e educação no universo da Amazônia. Sobre os efeitos realistas, simbólicos parafraseando a epígrafe para Bruno de Menezes e sua ficção, legitimamos ostramas e dramas da criança e da infância xerimbabo. Conferido sobre o efeito de conceitos socioculturais (in)visíveis e ressaltados pelos dogmas religiosos e suas metafísicas que usam o termo “Anjos Caídos” sobre as provocações das teologias protestante e católicas. Refere-se ao termo “Anjo Caído”, ou “Decaído”, como *nefilim*⁴⁸.

Por sua vez, querubim, em certos livros pseudocanônicos se define como um anjo cobiçando por poder e acabam por essa razão entregando-lhe “às trevas e ao pecado”, o que o levou a expulsão do Paraíso. As representações “demoníacas” e “anjos” são passadas à séculos. Freitas (2016, p.13) ressalta que “as palavras e como proteção e direitos historicamente forma usados mais vezes contra a criança do que a seu favor, com claras clivagens de classe, cor, gênero e origem”.

O termo “xerimbabo”, em uso frente nesta tese, está vinculada aos fatores históricos, sociais, educativos voltados aos imaginários de uma sociedade, mentalidade de origem de nossos povos originários. Usualmente a “palavra xerimbabo é de origem Tupi-Guarani e vem da expressão xe-r-emimbawa” que aos olhos de Fausto, (1999, p. 950) significa “meu animal familiar”. Entendemos que a criança e a infância na obra de Bruno de Menezes são representações de “animal familiar”, “xerimbabos”, “criadagem”, “orfandade” e “cria familiar”.

O termo “Xerimbabo” para Bechara (2011, p.1307) classifica-se como (xe.rim. ba.bo). s. m. qualquer animal de criação doméstica, como pequenos mamíferos, micos, sanguis etc.

⁴⁷ Fonte: Garret, Almeida. Folhas caídas. 2 ed. Mem-Martins : Europa-América. Consultado em 26 de maio de 2023. no site: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br> e <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000011.pdf>

⁴⁸ O termo *Nefilim* deriva do hebraico 'nefilím', que tem o sentido de 'desertores, caídos, derrubados'. Há nesta palavra uma referência constante a algo que sofreu uma queda ou que está perdido. Consultado em 26 de maio de 2023. no site: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/475648>.

Para Noll (2012)⁴⁹ passa a ser registrado como fonte histórica e social derivando da temporalidade da palavra “xerimbabo”, faz referência ao ano de 1888, como integrante de lemas tupis no Dicionário da língua geral do Brasil, trazendo como significado animal doméstico ou domesticado.

Fausto (1999, p.950) acentua o termo “*xe-r-mimbowa*” que pode significar “meu animal familiar ou animal familiar”, Léry (1578) faz o registro do termo do “cherimbane” com algo muito querido. Em Magalhães (1876) o termo “xerimbabo” do índio (o animal que ele cria) é quase uma pessoa de sua família. Para Erikson (2012) o termo *xerimbabotem* função afetiva, “o papel de animais pertencentes a família”. Segundo a pesquisadora Nassaro (2013), o termo *xerimbabo* são “animais de estimação”, bem como acentua Léry (1578) o termo “xerimbabo” fazem referência a relação “humano-xerimbabo”.

No entanto, na visão de Santos-Granero, (2009) o termo “xerimbabo” passa a ser usado entre os indígenas e pode abarcar também a ideia de “filho adotivo”. É sobre essas representações de uso do termo “xerimbabo” sobre as elevas adjetivações e significação semânticas e semióticas de uso social, tais como pode ser representado, simbolizado, (re)construído, significado e (re)significado como “filho adotivo” que consideraremos sobre essa tese o termo “infância e criança xerimbabo”. Ao entendermos, segundo Zamoner (2018, p.39), o termo “*xerimbabo*” enquanto uma manifestação de uma “prática sociocultural”, “modos de vida” e “prática cultural”.

O termo “xerimbabo” que usamos nesta tese “infância e criança xerimbabo” enquanto uma provocação da mentalidade do século XX na Amazônia paraenses. As considerações de Freitas e Freitas (2015) o termo “xerimbabo” passou a ser definido e legitimado como “Patrimônio Cultural Imaterial”, porém seu teor no corre do entrelugares dos espaços e tempo, principalmente no universo do interior da Amazônia do século XX. São adotadas socioculturalmente como “filho adotivo xerimbabo”. Por essa razão, cabe mencionarmos que o termo “infância e criança xerimbabo” pode ser referenciada sobre está tese como o que se convenção social do “termo xerimbabo” = filho adotivo; abastardo; agregados; órfão e tutelados dentre outras denominações afetivas relacionadas ao núcleo familiar sem relação sanguínea, sem origem biológica, privado, abandonado, desamparado que foi aceito em um núcleo familiar.

É válido ressaltar que sobre as percepções de leituras voltadas ao contexto de algumas

⁴⁹ Consulta ao dicionário de NOLL, Volker. Para uma revisão do Dicionário Houaiss Vocabulário e datações. Confluência. Rio de Janeiro, n. 43, p. 68-77, 2012

populações tradicionais indígenas, o termo xerimbabo está relacionado com a fauna nativa. Erikson, (2012)⁵⁰, tece suas considerações que nos faz entendermos sobre o ponto de vista antropológico, do papel de animais pertencentes à família humana, recebendo a denominação de xerimbabos. Sobre esta prática de modos de vida de povos originários de muitas civilizações, sejam estas as mais antigas até vestígios de nossa contemporaneidade, na América do Sul, especialmente ao Norte de nosso país, sobre o universo da Amazônia paraense em pleno séc. XX, há indícios apontados pelo papel da ficção, arte e literatura enquanto fonte, poder e registro sociocultural em nossa humanidade. Para Nassaro (2013)⁵¹ essas práticas de manutenção de animais de estimação da fauna silvestre são permitidas para toda a população brasileira, desde que respeitada a legislação para sua obtenção e manutenção, sobre uma visão de legalidade jurídica.

Léry (1578)⁵² define que documentos contendo relatos de viajantes no passado histórico do Brasil fazem referência a esta relação “humano-xerimbabo”. Jean de Léry, revela o termo “*cherimbane*” como algo muito querido. Essa relação humana- xerimbabo pode ser entendida nas abordagens de afetividades entre os indígenas e os animais em que Magalhães (1876)⁵³ o chama de “xerimbabo”. Segundo o autor, “o xerimbabo para os indígenas são considerando (como um) (animal que ele cria) é quase uma pessoa de sua família”.

Para Zamoner (2018, p.39-40)

neste escopo, passa a ser importante compreender a prática cultural do *xerimbabo*, associada à biodiversidade, sob os olhares histórico e antropológico, como base fundamental para sua conservação no âmbito da cultura nacional” [...] é importante a compreensão do que é o xerimbabo desde seus primeiros registros, perpassando pelo histórico de sua prática cultural advinda de comunidades indígenas brasileiras até a atualidade em que se encontra, inserida na cultura nacional e relacionada à conservação da biodiversidade brasileira.

Afirma ainda Zamoner (2018, p.47-48) que:

desta forma, passa a ser essencial para compreensão do conceito atual de xerimbabo a abrangência da palavra “animal”. Uma vez que se cunhou o termo *xerimbabo* na língua portuguesa, tendo vindo do Tupi- Guarani, entende-se que não são quaisquer animais passíveis de serem entendidos

⁵⁰ Erikson, Philippe. **Animais demais...** os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas). Anuário Antropológico/2011-II, p. 15-32, 2012.

⁵¹ Nassaro. Adilson Luís Franco. **Animais silvestres e o propósito de estimação**. 2ª ed. Guarulhos, 2013.

⁵² Consulta realizada no livro que ficou conhecido pela parte inicial de seu longo título, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil*, publicado no ano de 1578.

⁵³ Consulta e leitura do registro da palavra, no livro **O Selvagem**, do autor José Vieira Couto de Magalhães, publicado em 1876 pela Typ. da Reforma, no Rio de Janeiro.

como xerimbabos. Os animais pertinentes a esta conceituação precisariam atender a pelo menos dois requisitos. O primeiro, ser viável estabelecer relação afetiva com o humano para se constituir animal de estimação; o segundo, pertencer à fauna que existia no local em que a relação xerimbabo-humano ocorreu tradicionalmente, antes mesmo da vinda dos europeus.

Para Saez (2010) sobre contexto histórico, “os xerimbabos”, “animais” e “humanos” também são fonte de alimento em determinados casos sobre as práticas culturais indígenas, como por exemplo, o ritual da *antropofagia ou canibalismo*⁵⁴. Para Bechara (2011, p.259): “canibalismo (**ca.ni.ba.lis.mo**) s.m. 1. Ato ou condição de canibal; antropofagia. 2. Ato ou condição de um animal que come outros da mesma espécie.”.

Dessa forma, o termo “xerimbabo” chega à atualidade incorporado ao vocabulário da Língua Portuguesa presente nos dicionários e trazendo como significado a ideia de animal de estimação. Silva (2010) manifesta que a prática “Xerimbabo” enquanto prática cultural passa a fazer parte como Patrimônio Cultural Imaterial, destaca-se a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada na 32ª Sessão da Conferência da UNESCO, realizada em Paris no ano de 2003. Acrescenta Freitas e Freitas (2015) que enquanto Patrimônio Histórico e Cultural⁵⁵ é protegido, no Brasil, de forma ampla, com base no conteúdo do artigo no 216 da Constituição Federal 1988, definidas a seguir a partir do:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. (Vide Lei nº 12.527, de 2011) (Brasil, 1988)⁵⁶.

⁵⁴ **Antropofagia** é a ação de comer carne humana, o que entre humanos é também conhecido como *canibalismo*. A antropofagia era praticada em rituais esotéricos como forma de quem come incorporar as qualidades do indivíduo que é comido, como a bravura e a coragem de um guerreiro derrotado.

⁵⁵ Consulta aos documentos de bens imateriais, caracterizados no Livro de Registro dos Saberes. (IPHAN, 2006, p. 18).

⁵⁶ Consultado por meio do site: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Em 16 de junho de 2024, às 12:17.

Essa legitimação jurídica e legal, já apontadas em nossa Constituição Federal 1988, só “ganham mais autonomia a partir de 2000 no Brasil, em que foi criado o instrumento de preservação denominado Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial”. (Spina e Serratto, 2015). Zamoner (2018, p.62-63) enfatiza que:

Como ação em favor da preservação da cultura imaterial do xerimbabo, é pertinente a proposição de seu registro no Livro de Registros de Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), uma vez que sua sobrevivência depende da preservação de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades multiculturais brasileiras.

Neste aspecto, sobre os conhecimentos, saberes, modos de vida já enraizados pelas comunidades multiculturais brasileiras é que se acentua a tomada da expressão: “infância e criança xerimbabo” . Zamoner (2018, p.58-59) aponta que “a partir das comunidades indígenas brasileiras que mantinham historicamente tais saberes, chegaram a muitos outros países, nos quais foram transmitidos e aperfeiçoados para que exemplares da fauna silvestre brasileira pudessem ser mantidos com sucesso como xerimbabos.

No entanto, os saberes necessários à manutenção da prática legal do xerimbabo, como bens característicos do Patrimônio Cultural Imaterial devem ser preservados. Porém, suas representações voltadas a metáforas mencionadas na ficção de Bruno de Menezes nos levaram a considera (in)visibilidade da criança e infância na Amazônia paraense das primeiras décadas do século XX. Faz com que defendemos como tese que há uma infância e criança xerimbabo coexistindo frente ao núcleo familiares diversos. Por sua vez, de forma afetiva, agregadora, pelo fato de acolher o outro, de inserir ou aceitar como membro do núcleo familiar, mesmo que este ou está não seja biológico ou tenham laços consanguíneo que a legitime enquanto membro familiar.

De acordo com Zamoner (2018, p.61), “a manutenção da prática cultural do xerimbabo, associada à biodiversidade, depende de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades indígenas, e, a partir delas, enraizados também em outras comunidades multiculturais brasileiras, que neste caso, são os núcleos familiares de nossa população brasileira. Exemplos dessa manifestação sociocultural do termo, apontados a partir de fontes, documentos, discurso, ideologias, mentalidades, memórias, símbolos, imaginários, identidades que passam a conter expressões e representações socioculturais já manifestados a séculos, por distintas civilizações e povos originários em nosso país.

Neste contexto é válido ressaltar literaturas mitológicas, antigas, clássicas, modernas, contemporâneas que versam sobre uma diversidade de vertentes de tipos de gênero, tais como: fábula, conto, romance, poesia, crônicas, novelas e outros gêneros que define suas diferentes práticas, histórias, enredos e memórias de seu povo. É válido ressaltarmos que o termo xerimbabo ganha representações outras, por Borba, (2005); Houaiss (2012), Villar (2013); Ferreira, (1999); Weiszflög (1998); Academia Brasileira de Letra -ABL (1981). A palavra e suas origens figuram na literatura brasileira com Queiroz (2002); Lobato (1994), Menezes (1993) em que ressaltam em suas escritas, em seus diversos documentos históricos, literários, ficcionais, materiais, folclóricos, documentais, socioculturais etc. Uma diversidade de representações de usos do termo xerimbabo, em suas mais diversas formas, contextos e modos de vida, tipos de escritas, saberes, processos educativos, formativos em que os níveis de intelectualidades dos escritores passam a representar e registrar em suas diferentes formas de expressar a sua arte enquanto literatura nacional em nosso país.

Esta valiosa prática cultural que tem origem nas populações tradicionais indígenas guarda conhecimentos técnicos sobre o manejo de cada animal que é mantido como Xerimbabo, incluindo aspectos ecológicos, métodos para proteção do indivíduo e amansamento, informações sobre suas necessidades físicas, características comportamentais e até mesmo afetivas. Estes conhecimentos foram passados de geração a geração oralmente (Menegaldo et al., 2011). Essa manifestação de representações e conceitos voltados as definições de “Xerimbabo” nos leva a definir metaforicamente uma “infância e criança Xerimbabo” coexistindo no universo da Amazônia paraense.

Na ilustração dos adjetivos voltados as representações de alcance ao termo “Xerimbabo”. Apontemos sobre a imagem a seguir algumas designações: por essa razão, o termo “doar”, “criar”, “tutela”, “perfilhação”, “adoção”, “órfão”, “inválidos”, “expostos”, “sem destinos”, “nula”, “escravo da roda”, “pagã”, “dique”, “recém-nascido”, “caritativa”, “abandonado”, “menores”, “sem-família” dentre outros adjetivos a serem usados para definir uma criança e sua infância ao longo dos tempos.

Nesta tese a partir do termo *Xerimbabo*⁵⁷ entendemos que as infâncias dos protagonistas das obras romanesca Dagmar e Candunga estão construídas sobre essa concepção de criança. É uma palavra que tem sua derivação e origens indígena poder significar “[...] **xe·rim·ba·bo**”. Substantivo masculino. [Brasil: Norte]. Designação genérica

⁵⁷ Termo retirado de uma consulta online a partir do link de acesso a seguir: [Xerimbabo - Dicio, Dicionário Online de Português](#) em 22 de abril de 2024, as 17:25.

de animal de criação ou de estimação “Mumbavo” que pode significar “Xerimbabo” é como os indígenas chamam seus bichos de estimação”, bichos da floresta não fazem mal nem precisam ser afugentados. Essa relação com eles é ancestral e baseia-se no cuidado mútuo. E outras palavras, o termo “xerimbabo” em Tupi, quer dizer “coisa muito querida”. Os índios Tupinambás domesticavam os animais silvestres para tê-los como mascote. Esse costume ao longo de 500 anos ainda está arraigado na sociedade.

O “sentimento de infância originou-se da paparicação”, definições conceituais que surte o termo criança, segundo Ariès (1981), define que foi “na paparicação, as crianças entreteriam seus pais gracejos, tornando-se um espécie de “bichinhos de estimação” (Ariès, 1981, p.68) estabelece um divisor de águas entre os historiadores da infância, apontando dois fatores que coexistiram sobre o sentimento de infância em épocas medievais e o com a ascensão da burguesia a criança trona-se o centro das atenções. Ariès (1981, p.10) define a criança como “uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com as crianças pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico”.

O termo “xerimbabo”⁵⁸ se justifica pela metáfora que carrega para representarmos uma infância, o ser criança, um bicho, um animalzinho, um xerimbabo, (in)visível, silenciado(a), abusado(a), explorado(a), órfão, tutelado(a), sem voz, sem vez social, sem direitos. O termo “infância e criança xerimbabo” pode ser definido como uma das representações do espelho social de uma sociedade e mentalidade de uma criança e infância no universo Amazônida. Chartier (2011, p. 27) diz que essa “representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram”.

É sobre a “realidade de representações” de uma infância e criança xerimbabo que as forças sociais e as percepções do mundo social em um espaço e tempo já vivido pode vir à tona e servir de base, fonte e representações de uma mentalidade. Essa “guerra de representações” segundo Pierre Boudieu, nos faz entendermos as representações de criança e infância.

Freitas (2016, p.10) afirma que as representações de infância e criança pode ser definida a partir de algumas premissas, apontadas em que “a infância é um tempo social, a criança é agente, protagonista nas tramas do cotidiano”.

⁵⁸ O uso do termo "xerimbabo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/xerimbabo> [consultado em 27-05-2023].

Para Freitas (2016, p.11) “os adjetivos que acompanham a palavra criança são indícios da construção da “autoridade” de quem se pronuncia. A criança tem sido acompanhada de palavras como “normal” ou “anormal”, “saudável”, “deficiente”, “hiperativo”, “agressivo”, “inteligente” etc. Essa adjetivação nos faz pensar nas adjetivações de “xerimbabo” no sentido de apontarmos as mentalidades sociais e culturais que se manifestavam à fala, dizer e mencionar no tempo da infância e seu agente criança em distintos contextos de espaços e tempos socioculturais encontrados entre as décadas de 1900 a 1930 a partir da ficção de Bruno de Menezes.

Para Freitas (2016, p.32) acentua que:

no século XIX, criança, por definição, era uma derivação das que eram crianças pelos que lhe deram origem. Eram o que se chamava “crias” da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família consanguínea ou da vizinhança. O abandono de crianças e o infanticídio foram práticas encontradas entre índios, brancos e negros em determinadas circunstâncias, distantes da questão da concentração devastadora nas cidades, da perversa distribuição da concentração de bens e serviços entre camadas sociais e das fronteiras que entre elas se estabeleceram.

É sobre esses contextos de “ausências”, perdas, dores, decepções e todo tipos de barbárie que o ter infância e o ser criança passam a ser representado a partir do romance Maria Dagmar e Candunga. Os seus protagonistas são exemplos dessas representações de “infâncias” e “crianças” Xerimbabos. Freitas (2016, p.33) aponta que

são frequentemente ambíguas e disfarçam preconceitos raciais, tradicionais e de classe. Lembre-se que crianças “sem-pai” podem ser órfãos, filhos ilegítimos, expostos, ou ter um pai ausente. A denominação de “bastardos”, com todas conotações do termo, pesa sobre elas como um decreto de exclusão. Abandonados, mendigos e infratores frequentemente foram confundidos sob o nome de “menor”, que nunca designa filhos de famílias das camadas médias e altas, e tem conotações negativas desqualificantes.

É a representação traduzida pela arte, literatura, processos formativos não escolares, traçam essa vivacidade de expressão da vida sobre uma educação do mundo, seus modos educativos, culturais e manifestações de mentalidades surgem nas experiências que garante examinarmos os sentidos, os vestígios frente a um espaço e tempo de uma Belém do Grão-Pará da virada do século XIX e início do século XX no universo da Amazônia paraense, sobre os guias protagonizados por Dagmar e Antonio Candunga, nos romances de Bruno de Menezes. Em termos ideológicos, políticos, científicos e das mentalidades sobre a “infância e criança xerimbabos”. Lobo e Franco (2018, p.20) destacam que

no final do século XIX, a criança idiota deixa de englobar o universo dos desvios da infância e passa a ocupar uma categoria da anormalidade. A esse respeito, o poder normalizador da psiquiatria no Brasil, com suas bases higienistas e imbuídos de autoridade médico-pedagógica, foi bastante atual. Pelos menos no âmbito dos discursos, nossos médicos recuperaram as defasagens do século XIX. Logo na entrada do novo século passaram a produzir obras específicas sobre as anormalidades infantis – movimento semelhante ao que já acontecia na França.

No campo literário, o termo passa a ser metaforizado e sobre o jogo do dito e não dito, (re)criam sentidos e horizontes que possibilitam usá-los neste trabalho, como já dito na epígrafe da capa dessa seção os “Anjos Decaídos” ressaltando o poder da infância e criança xerimbabo.

Portanto, as infâncias e as crianças Xerimbabo são desvalidos no romance Dagmar (1950), Candunga (1954), de Bruno de Menezes, pois versam a construção metafórica do uso dos termos “criança e infância Xerimbabo”. Segundo Marcílio (2019, p.362), no século XX se adotava uma criança informalmente, como filho de criação, sem direito à sucessão”. É a partir desse ato de criação que se justifica o uso do termo “Xerimbabo” como metáforas para enxergarmos as crianças e infância no ficto e facto de Bruno de Menezes. Há de relacionarmos na imagem a seguir as travessias do termo xerimbabo nos romances de Bruno de Menezes.

3.2 A INFÂNCIA TUTELAR E DE EXPLORAÇÃO DE MARIA DAGMAR

A protagonista Dagmar foi vítima na infância de abuso, exploração física e psíquica. Heroína de um símbolo persistente frente a barbárie, fome e miséria humana. Sobre as faces narrativas de uma sociedade machista, patriarcal e estruturalmente opressora há presente os caos sociais voltados as classes inferiorizadas e subalternizadas nos anos 1900 a 1930 do século XX na Amazônia paraense. Um filtro que ecoam sobre as vozes dos marginalizados, excluídos, paupérrimo, da gente do pé no chão existentes sobre o universo de uma Amazônia atravessada pela barbárie e exploração da criança.

As travessias de vida e vivências que vem nas (lembranças e memórias) de Dagmar fazem surgir *links* que nos levam as obscuras memórias de infância e do ser criança. São pontos implícitos deixados nas entrelinhas dos enunciados discursivos que nos guiam para uma infância constituída de dores, angústias, sonhos, desejos, sagacidade, perdas, ilusões, decepções, explorações, violência, invisibilidade e, sobretudo tratada sem sentimentos e cuidados. Os fatos narrados sobre a vida de Dagmar retratam acontecimentos que nos ajudam a montar o universo de sua infância e as tramas do seu núcleo familiar, nos quais a protagonista tece suas narrativas de um tempo ser criança.

A ficção romanesca em Maria Dagmar se manifesta sobre o contexto do romanceem um (espaço e tempo) dos anos 1900 e 1930, e interpretam as angústias, dores e as problemáticas universais de seu povo Amazônico. Dagmar esbarra sobre as problemáticas sociais do perfil de família, no ser criança, na construção da infância e de uma educação não escolar. No contexto dos enunciados discursivos há modos de vida de Dagmar que se encontram definidos por seus vilões (personagens secundários): homens predadores, abusadores, lobos sociais das “mentalidades” espelhada no séc. XX no Pará.

Do núcleo familiar de Dagmar “a avó sexagenária” é uma senhora que apresentava ter entre 60 a 69 anos de idade e é quem conduz os anúncios sobre a tutela de Dagmar, até então, neta de criação. Suas descrições vêm à tona com os anúncios de sua morte “ seria as rezas de Dagmar, a influência tutelar da morta? (Menezes, 1994, p.51). Esse enunciado discursivo nos leva discorrer sobre as queixas de que Dagmar foi órfã. Certo é que não sabemos se a menina Dagmar foi uma criança órfão e/ou adotada. Se foi órfã do processo migratório muito recorrente na Amazônia das primeiras décadas do século XX em razão dos altos índices de pessoas que migraram para o Pará na busca de trabalhar nos seringais no *boom* da comercialização da borracha.

Não sabemos se Dagmar veio do processo de tutela em que o estado, por meio do juiz de órfão, tinha que encontrar um tutor para a criança. O juiz de órfão foi uma instituição criada em Belém para resolver a situação de muitas crianças órfão e/ou abandonada. O certo é que “as crianças negras e as pardas sem famílias muitas das vezes foram vendidas, trocadas ou doadas de presente, como escravas, por amas. Havia amas que se especializavam nesse tráfico tenebroso” (Marcílio, 2019, p.332).

Nessa conjuntura de abandono e orfandade nas primeiras décadas do século XX na Amazônia paraense houve um silenciamento das autoridades por meio de processo de apagamento da (in)fância e do ser criança amazônicas e Dagmar se apresenta como representante dessa classe invisível. A proposição do autor nos leva a termos certos cuidados com o tema da infância, pois em nenhum momento ele trata o termo, porém fala, descreve e relata questões vivenciadas pela protagonista Dagmar na sua infância na região amazônica.

As formas subversivas sobre o ato de ser criança e o ter infância no Pará estão visceralmente presentes nos discursos narrativos de Dagmar. Fenômenos como infanticídio, morte, doenças, abandono, fome, miséria, orfandades, exploração física e psicológica na infância atreladas às forças opressivas do Estado, da igreja e da própria perversidade humana.

É importante ressaltar que todas essas mazelas sociais e econômicas estavam presentes nas realidades das populações da Amazônia paraense, obviamente acentuadas nas primeiras décadas do século XX em razão do “processo migratório” que a região norte passava. Para Sarges (2000):

no caso da Amazônia, é patente a dificuldade de se fazer uma avaliação correta de sua população por ser ela uma região de grande extensão territorial e por outro lado, sendo flutuante parte da população de Belém, devido as frequentes entradas de nordestinos fugindo das secas, assim como as sucessivas saídas para o interior da região em busca de trabalho nos seringais. (Sarges, 2000, p.45).

Aos vestígios de misérias e a busca de oportunidades de “matar a fome” o processo gomífero foi uma das importunidades de vida social digna na capital Belém, no seu mais alto estágio econômico mundial. Menciona-se que “entre 1840 e 1920, toda atividade econômica da região passou a girar em torno da economia extrativista da borracha” (Sarges, 2000, p.45). Entre “1870 a 1910, considera-se o maior surto econômico já verificado na região, tendo-se como principal indicador o crescente aumento da população da borracha” (Sarges, 2000, p. 48). Porém, com o processo migratório desgastado já no Nordeste e no Centro Oeste, a região Norte passou a ser um lugar de oportunidades e prosperidade motivado pelo poder econômico

que a Amazônia se apresentava para muitas pessoas. Portanto, sair da miséria e da fome eram as primeiras aspirações, por exemplo, dos nordestinos que enfrentavam a seca nos sertões do Nordeste. Além disso, com o declínio e decadência da econômica açucareira e pecuarista, os nordestinos migram para a capital do Pará para servir de mão de obra nos primeiros decênios do século XIX, causando um inchaço populacional na região em consequência disso, a morte de adultos e abandono e orfandade de crianças.

O fenômeno *rubber reclaiming industry* ou *indústria de recuperação de borracha*, da goma elástica por muitos países industrializados criou uma elevada extração em larga escala da coleta da borracha. O que vai modificar e situar a capital Belém/Pá como força dessa relação de poder do extrativismo do norte do Brasil.

A mão-de-obra necessária ao atendimento dessa nova atividade que se impõe à região vai ser solucionada via imigração interna, tornando-se o Nordeste o principal fornecedor de força de trabalho para a economia gomífera, sobretudo a partir de 1877, quando a seca dos sertões cearenses forçou a saída de milhares de nordestinos em busca de melhoria de vida. (Sarges, 2000, p. 49).

Essa força de trabalho possibilitou a alienação e exploração do seringueiro pela produção do látex por um *sistema de aviamento*⁵⁹, que designa

o aviamento, sistema de crédito existente na região desde os tempos coloniais, é “uma espécie de crédito sem dinheiro”; o qual caracterizou-se pela troca que se faziam entre as casas aviadoras, responsáveis pelo abastecimento dos seringais, e as casas exportadoras. Na Amazônia, a expressão *aviar* significou fornecer mercadorias a crédito. [...] Com o tempo, as casas aviadoras foram se especializando e, no apogeu da economia, representavam verdadeiras potências financeiras, muitas delas reproduzindo interesses do capital estrangeiro. No Pará, destacavam-se as seguintes casas aviadoras com sucursais em Manaus: Melo & Cia; B. A. Antunes & Cia; Alves Braga; Frank da Costa, entre outras. (Sarges, 2000, p.51).

É sobre esse contexto e fatores históricos, econômicos, políticos e sociais que com a chegada da “crise da borracha”, muitos desses imigrantes se descolaram para as periferias, colônias agrícolas e municípios vizinhos no interior do Estado da capital Belém. E a família de Dagmar é o reflexo desses fatores sociais, econômicos, históricos, políticos, ideológicos de um movimento de mentalidade do séc. XX. Dagmar foi menina adotada, vinda de uma família de retirantes, imigrantes e refugiados “tوماتurgos sertanejos”⁶⁰ (Menezes, 1994, p.51), perfil de grupos familiares, de pessoas que são obrigados a fugir e migrar para sobreviver,

⁵⁹ Ato ou efeito de aviar; avio. expediente para se executar ou concluir algo. Ato ou efeito de "negócios".

⁶⁰ Andarilhar, peregrinar ou operar milagres ou milagreiro, metáforas para mencionar a carência de condições de sobreviver, de vida em suas regiões, buscando milagres em outras regiões.

para não morrer de fome, seca, exploração, conflitos agrários e ausência de oportunidades de trabalho digno em sua terra natal.

A região Norte sofre de um fenômeno do aviamento que na “Amazônia, a expressão aviar significou fornecer mercadorias a crédito” (Sarges, 2000. p.51) o que fixam o trabalhador na terra, para ser explorado física e psiquicamente. A mão de obra barata, escrava e alienada nordestinos, retirantes, migrantes, pode ser explicado pelas condicionalidades histórica de exploração do ser humano na Amazônia. Para Marcílio (2019, p. 16) “o ato de expor os filhos foi introduzido no Brasil pelos brancos europeus –as populações indígenas não abandonavam os próprios filhos. O ato de abandonar crianças era comum, pois “abandonar bebês é um fenômeno de todos os tempos, pelo menos no Ocidente, variam apenas, no tempo, as motivações, as circunstâncias, as causas, as intensidades, as atitudes em face do fato amplamente praticado e aceito” (Marcílio, 2019, p.27).

Dagmar teve uma infância difícil. Ela aprendeu o ofício de costurar como muitas meninas em uma instituição feminina que abrigavam crianças abandonadas e órfãos. Não sabemos se Dagmar estudou em institutos de órfãos antes de ser tutelada pela família. Há nessa ausência de origem da protagonista esse embate que a arte da ficção provoca e sugere, deixa em aberto para as interpretações dos leitores. Pode se dizer então que Dagmar era órfão, filha desconhecida dos avós e tias, abandonada e pega para ser criada pela família, a chama “filha de criação”.

Porém, o que suscita é que Dagmar conta a sua história, é uma heroína órfã que sobreviveu enquanto criança a diversas situações, como por exemplo, ser abusada na infância, perdida na juventude e decepcionada enquanto mulher amazônica que viveu no seu tempo, na sua época e possibilitou contar a sua história de vida.

Lobo e Franco (2018) retratam com propriedade a situação do infanticídio e orfandade entre os séculos XIX e XX:

Da assistência caritativa aos órfãos, expostos e desvalidos do século XVIII – prestada, principalmente, pelas Irmandades da Misericórdia -, à assistência pública do final do século XIX e início do XX, dirigida tanto aos menores considerados em *abandono moral e material* como aos ditos *anormais*, no Brasil entra no chamado processo de modernização, em consonância com as investidas médico-higienistas e posteriormente eugenista, ambas importadas dos países europeus e agravadas, aqui, pelo longo período de escravização de povos indígenas e africanos. (Lobo & Franco, 2018, p.9).

Acolhidas em institutos que deveriam cuidar, educar e instruir a criança, no caso das meninas essa formação estava arquitetada sob à égide de uma educação feminina com objetivo de prepará-las para o casamento, ter filhos e ser dona de casa. Podemos dizer pelos discursos narrativos de Dagmar que ela teve uma infância em silenciamento. Para Lobo e Franco (2018, p. 50), o filtro social do fenômeno do “higienismo traz em seu seio uma política de exclusão social fortemente corroborada pelos ideais eugênicos. Todos os indivíduos e grupos que, de alguma maneira, escapavam às normas estabelecidas como corretas foram considerados riscos para a sociedade”. No Pará, há de sabermos que os filtros sociais eram:

[...] imbuídos do ideário de saneamento moral, os higienistas lançaram seus olhares e cuidados principalmente sobre os pobres, as prostitutas, os loucos, os cortiços, as crianças e todos os locais/grupos que, segundo eles, de alguma maneira, precisariam ser tutelados para que melhorassem suas condições de higiene e não oferecessem danos ao restante da população. (Lobo e Franco, 2018, p.56-57).

Será que Dagmar pertenceu a uma instituição de acolhimento de orfandade meninas existentes no Pará? Porém, não se sabe. O certo é que Dagmar fica sobre a tutela familiar, provavelmente por meio jurídico, já que às famílias deveria receber a criança para criá-la com dignidade e oferecendo o melhor para a criança tutelada. A hipótese que chegamos é de que Dagmar tenha sido sobrevivente do processo migratório na região do Pará. Era recorrente no início do século XX a chegada de imigrante nordestino para trabalhar nos seringais. É possível que já órfã ela foi levada ao juizado de órfão para ser tutelada por alguma família de boa condição financeira.

Enquanto órfã, sua infância deixa indícios de que Dagmar teve uma “educação elementar e instrutiva “sua mentalidade primitiva” (Menezes, 1994, p.84). “Alfabetizada nos cursos elementares” (Menezes, 1993, p.39), por essa razão, cabe ressaltar que estes tipos de formação eram ofertados e desenvolvidos nos institutos de orfandade para meninas. O ofício de costureira parecer uma atividade importante para Dagmar. Como diz Bruno de Menezes: ‘as suas mãos obreiras, os seus pés cansados, pedalam na “Singer”’. (Menezes, 1994, p.81)

Dagmar em seu ciclo familiar segue sua infância e “continua vivendo assim, num labor satisfeito, escudada na ternura de sua precavida avó, na solicitude de uma tia devota, sem mais pretensões a matrimônios, na preciosa amizade de uma irmã mais jovem, no zêlo convencional de um irmão proletário e musicista” (Menezes, 1994, p.40). Esse perfil familiar, afirmam uma infância descuidada, possibilita sugerir que esses espaços e tempos são tidos como

jogo de interesse. O efeito da orfandade é descrita é despercebida sobre a inocência da criança e as maliciosas estratégias de sua família. E no contexto familiar, Dagmar cresce e as obscuridades, saltam sobre sua infância. “O irmão não toma defesa nem se apercebe do cerco da praça” (Menezes, 1994, p.40).

No entanto, a “avó, a tia e a irmã vivem radiantes, o irmão lhe toma os “alumínios” para gastar nos dançarás” (Menezes, 1994, p.43). Dagmar, “teme a Deus e se humilha em místicos fervores ao pensar nas sentenças da Suprema Côrtes Celeste”. (Menezes, 1993, p.39). Dagmar opera suas virtudes inocentes sobre o olhar destemido do povo, de uma sociedade patriarcal, machista, egocêntrica de mentalidade de seu tempo, um tanto retrógrado, porém aceita e legitimada no seu tempo e espaço. Os “lobos sociais que vestem calças” (Menezes, 1994, p.40) que aguardam maliciosamente e planejam o momento certo para agir e dar o bote. É o perfil de homem nesta sociedade do século XX.

Portanto, são sugestões voltadas ao núcleo familiar de Dagmar que é posta em jogo. Porém, “o homem apareceu. Vulpino e arteiro, percebe que as quatro sofrem, heroicas e dissimuladas vexames de dinheiro, de falta de remédios, de comida, de roupas, contando com os aluguéis da palhoça em atraso. Então ele aperta o assédio” (Menezes, 1993, p.40). É sobre esses assédios que Dagmar se vê sobre o poder, desejo, delírios e o jogo de interesse dos “senhores burgueses” (Menezes, 1993, p.86). Cabe ressaltar, o perfil de homens opressores:

[...] homem-ventoinha atirava-se a uma rival, que surgira como novidade para ele. [...] Amásio o temperamento mulherengo. [...] Rufião e Peralta, compraz-se em oferecer ceias esturdias, onde bailarinas tiravam as roupas íntimas, tremelicavam as espáduas e os seios trepavam nas bancas, impudicas e inconscientes, estorcegando-se em rumbas lascivas e nervosas. (Menezes, 1993, p.54-55).

Por fim, há um questionamento que Dagmar deixa a todos os homens, indicação de sua consciência universalizante para os homens de seu tempo: “o homem continua o mesmo, ou ainda piores. Não vêm vocês?” (Menezes, 1993, p.86). “Por vezes, as horas avançam e a avó e a tia se inquietam, ficam à espera, que nem sempre a irmã guardiã acompanha o casal, quando se torna mais produtivas as astúcias e estrategistas à honra débil de Dagmar” (Menezes, 1993, p.41).

Dagmar cresce sobre o espelho do descuido da família e os vorazes lobos sociais, efeitos de uma estrutura de valores tidos pela opressão masculina. O homem donatário e dotado de poderes, reflexo de uma visão do colonizador e de toda a ganância eurocêntrica de interesse,

sobre a malícia universalizada pela barbárie dos homens indignos e desumanos. "O Senhor", aquele que ocupava o centro do familiar e, em vários momentos, "o tirano" de sua mulher e filhos" (Freyre, 1983, p. 21). A família patriarcal é "o vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, que reuniu sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas" (Freyre, 1983. P.60.) Para Freyre:

De modo mais geral, o homem foi, dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel, militante e renovador; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais inventor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e integralizado. A própria perturbação das modas femininas, dominantes em nossa sociedade patriarcal [...]. (Freyre, 2003, p.217).

Essa dicotomia social, estruturalizada e legitimada por "mentalidades" no contexto do séc. XX, nos faz refletirmos sobre a presença de mulheres na ausência de homens, pai ou "cônjuge varão" no núcleo familiar que nos levam aos efeitos de filtro sociais, morais e de valores atribuídos às meninas, moças e mulher(es). O lugar da mulher à frente do núcleo familiar é visto pela sociedade do século XX como uma afronta morale social. As relações de poder(es) ou estigmas passam a ser estabelecidos desde de seu nascimento sobre as diferentes condicionalidade ao ser menina(o), jovens e mulheres no/do seu tempo. A ânsia de sobreviver, mudar a realidade de subalterno, vulnerável, paupérrima e do nascer mulher, cabe a protagonista Dagmar compreendermos seus atos, escolas e interesses enquanto seres humanos.

São questões que aparecem para Dagmar, avó e a tia, são mulheres que lutam contra as condutas de uma vida que se difere das apresentadas pelos valores dos tipos de famílias tradicionais, foge das entranhas do patriarcalismo, sobre uma linha tênue do sistema opressor masculino e a força das mulheres agindo na contra condutas ideológicas de um sistema de poder(es). São manifestações de uma protagonista mulher, heroína e dona de sua própria narrativa, tece um perfil de mulheres emergindo no séc. XX. Assumindo vozes, denúncias e resistências do ser mulher, do nascer mulher e do se tornarmulher(es). No romance, todos na rua "sabe que elas não têm protetores nababos, mantendo, sabe Deus como, uma linha ridícula de conduta". (Menezes, 1994, p.41). DelPriore (2004, p. 45-46)⁶¹ afirma que:

⁶¹ Apontamentos feitos por Emanuel Araújo. Sobre o título: A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia presente no livro: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na Epístola aos Efésios,⁶² não deixa dúvidas quanto a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”. De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada.

Os poderes do Estado, Igreja e dos homens, machos, marido, pai e irmão seguiam um rito social de autoridade frente ao ser mulher, que se define para época como “ser objeto”. É sobre esse núcleo familiar, da ausência do “cônjuge varão” que o ato de mendigar nas margens do capital, passa a ser o sustento da avó matriarca da família. Sua avó com um casamento rompido, a tia não conseguiu matrimônio, Dagmar buscou e não encontrou, portanto não realizou o sonho de casar-se e ter o amor. No contexto família de Dagmar, seu irmão vive das noites de música e de dia é um mero proletário, sua irmã vive no jogo de interesses com outros homens, fadiga de malícia de ser menina que só procede por interesse.

Dagmar é cria desse meio social, de um núcleo familiar que já vem de uma herança social no qual as mulheres vivem às custas de homens e a venda do corpo, fazendo-o do seu sustento uma conduta que não condiz com a realidade, pois as aparências do dia esconde os inferninhos das noites. Essa herança “familiar” do passado é um espírito presente na “inocência” e na “infância” de Dagmar.

Dagmar em um ato de sobreviver ou morrer, age sobre a realidade. Sobre a representação de um núcleo familiar que não se submete aos valores do trabalho, vivem como parasitas, nos “vícios e nas vadiagens⁶²” da vida.

Dagmar faz parte de um núcleo familiar que as mentalidades, condicionalidades não passa de uma prática de “corja de parasitas!” (Menezes, 1994, p.55). Esse perfil, se define nas subjugações dos homens às mulheres, os homens tidos como donos e a mulher como objeto de “paisagem sociais”, a ser universalmente explorada, (in)visibilizada, escravizadas, violentadas e barbarizadas em todos os sentidos.

O “ser mulher”, apenas para procriar, cuidar, cozinhar, passar e servir seus homens,

⁶² Vícios e vadiagens- no Pará.

maridos, seus senhores, seus pais, irmãos, filhos e tios. Demostram ser essa prática comum dos “homens endinheirados” (Menezes, 1994, p.58) Em Dagmar, “os exames dos zangões fesceninos entra a volitar em torno à sua pessoa, zumbem descaradaspropostas: - Te dou isto, mais aquilo outro... - Tu dizes o que queres...”

Prometiam céus estrelados, luas românticas, a troco de gôzos passageiros (Menezes, 1994, p.58) Del Priore (2010, p. 43)⁶³ já afirma que:

Em uma época em que meninas de 15 anos eram consideradas aptas para casar, e meninos de nove anos plenamente capacitados para o trabalho pesado, o cotidiano infantil a bordo das embarcações portuguesas era extremamente penoso para os pequeninos. Os meninos não eram ainda homens, mas eram tratados como se fossem, e ao mesmo tempo eram considerados como pouco mais que animais cuja mão de obra deveria ser explorada enquanto durasse sua vida útil. As meninas de 12 a 16 anos não eram ainda mulheres, mas em idade considerada casadoura pela Igreja Católica, eram caçadas e cobiçadas como se o fossem. Em meio ao mundo adulto, o universo infantil não tinha espaço: as crianças eram obrigadas a se adaptar ou perecer.

A história de Dagmar reverbera a família, a mulher, ser menina, ser criança, de uma infância sofrida e silenciada em suas relações de abusos, violações, adultérios, opressão, e exploração da alma e do corpo. Questionar o algo “comum” para época é levantar uma nova forma, estilo e modos de fazer arte para conscientizar e educar o povo. Bruno de Menezes narra em sua obra a estrutura familiar de uma época carregada de valores morais e sociais em que a mulher teria uma educação recatada e preparada para construir família e ser uma esposa dedicada ao lar.

Samara (1998) nos explica como se constituiu a representação da figura femininaao logo da nossa história:

[...] modelo de estrutura familiar [modelo patriarcal de família] necessariamente enfatizava a autoridade do marido, relegando à esposa um papel mais restrito ao âmbito da família. As mulheres depois de casadas passavam da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada. Monocultura, latifúndio e mão-de-obra escrava reforçavam essa situação, ou seja, a da distribuição desigual de poderes no casamento, o que consequentemente criou o mito da mulher submissa e do marido dominador. (Samara, 1998, p. 14).

⁶³ Mary Del Priore (org). História das crianças no Brasil / Mary Del Priore organizadora 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

Segundo Almeida (1987), a “família patriarcal” rege sobre:

[...] uma espécie de matriz que permeia todas as esferas do social: a da política, através do clientelismo e do populismo; a das relações de trabalho e de poder, onde o favor e a alternativa da violência preponderam nos contratos de trabalho e na formação dos feudos políticos, muitos mais que a ideia de direitos universais do cidadão; e por fim, nas próprias relações interpessoais em que a personalidade ‘cordial’ do brasileiro impõe pela intimidade e desrespeita a privacidade e a independência do indivíduo. (Almeida, 1987, p. 55-56).

Dessa forma, pensar no ambiente familiar é entender essas práticas em seus espaços e tempos. E a ficção nos dá os privilégios de acessar as matrizes sociais e suas mentalidades, seus registros, fatos, suas fontes e toda uma conjuntura sociocultural. Fatos estes que se apresentam sobre o casebre, localizado na periferia de uma Belém (antiga) eem constantes crises de valores, Dagmar se cria, toma forma, passa o tempo e aprende no/com o mundo. Há “inocência” de criança em jogo ao ler o catecismo do “Adoremus”, canta nos novenários e véspera festivas, no cântico da capela de seu subúrbio, hinos a Jesus e a Maria Santíssima pelos dúbios “Amém” que lhe fluem dos lábios rainunculados”. Dagmar ‘não passa sem os seus namoricos ingênuos, com rapazolas imberbes, respondendo missivas amoradas e enfebreçadas com trechos pastichados do “Conselheiro dos Amantes” (Menezes, 1993, p.39).

O “tamanho é o prestígio de sua graça, de sua juventude, que, na barraca modesta, com registros de santos pelas paredes, da sala aos quartos, da Ceia do Senhor na cozinha-de-jantar, os dias amargos passam com alegria e otimismo” (Menezes, 1994, p.40). As práticas morais, éticas, religiosas, do temor ao pecado é, um exemplo e resquícios de orientações de uma fé, de uma cultura já criada sobre o seu “romance de mágoas” (Menezes, 1994, p.64). O que o leva a tutelada, com ofício de costureira, vinda da orfandade, a ser lançar sobre os encantos da fé, o desejo de ser coroinha. Desejos da avó e da tia, não realizados em sua primeira infância. Criam sobre “Dagmar o amuleto dasorte” instruídos sobre os interesses dos desejos e vontades familiares.

Dagmar segue seu destino, já apontado sobre o “epílogo do ciclo terreno” [nos] “esplendores e as suas descaídas” (Menezes, 1994, p.87) que atravessa sua infância. Dagmar nas aulas de catecismos, fazendo parte do coral da Igreja passa a ser vista e percebida por toda a comunidade que a frequentavam as igrejas, “Ela mesma aprecia as tonalidades de sua garganta Argentina”. Alfabetizada nos cursos elementares, lê catecismo, o “adoremus”. Dagmar fez sua primeira comunhão, com véu e cachos no cabelo, na ilusão de que fosse de fato uma das noivas do Senhor (Menezes, 1993, p.39). Sobre o espírito da inocência o reflexo

de suas vozes lampeja em cantos e orações “enquanto solfeja límpidos trechos, os donzéis que lhe fazem atalaia porfiam em aplaudiros seus “alegros”, julgando escutar o nome de seu amor de esquina, ou de algum menos tímido que a acompanha depois da missa (Menezes, 1994, p.39-40).

É vista como uma “criatura invejável essa Maria Dagmar! Opulenta de físico, perfil suave e simpático, olhos maiúsculos e brilhantes, em negrumes de noites de naufrágios. Colo amplo, seios levantados, bôca expressiva no riso albente, que lhe mostra os dentes puros. Cabelos fartos e trevinos, lindas mãos de escultura” (Menezes, 1993, p.39). Um anjo a provar os pecados e as tentações mundanas.

Em um jogo de inocências e (cons)ciências sobre os efeitos ou consequências de suas condicionalidades. A vida e a sua alma ficam à mercê dos “lobos sociais” que buscam corrompê-la. Sua virgindade exalam os doces pecados dos homens que se manifestam em busca de conseguir seduzi-la. Há de esclarecemos que toda essa sensível problemática pode nos levar a entender em Dagmar a sua trágica realidade dos mais diferentes abusos sofridos na infância na sua juventude. Sobre os “ditos, aguçando dentes famintos de suas formas, surpreende Dagmar no seu redil de pobreza” (Menezes, 1994, p.40). “Dagmar torna-se flor dos encantos de todos”. (Menezes, 1994, p.39-40).

Submissões e silenciamentos de “tabus sociais”, causados por um processo de virgindade criada pelo imaginário sociocultural católico ainda em uso e filtro social da época. O perfil de “menina pura, doce e intocada” ganham espaços e a família vê com outros olhos essa relação. A provação de ter uma filha, mulher, órfã, virgem e sobre a sua tutela. Dagmar é moeda de troca, dos dotes, do capital, é o objeto, é “xerimbabo”, criada feito animal, pronta para o abate dos lobos sociais. Razões que enchem os olhos de sua família, pois vê em Dagmar a esperança de sair da condição miserável que se encontram. O sonho com as mesas fartas e as barrigas cheias e satisfeitas, são “os valores” morais e éticos de seus familiares, as *caftinas*⁶⁶ enxerga como possibilidade.

São percepções éticas de núcleos familiares em estágio de vulnerabilidade que alevam a sobreviver em uma sociedade que finge em não vê nas noites as raparigas. São ecos, gritos de uma infância, do ser criança, do ser menina e mulher em Dagmar. No romance, Dagmar levanta esse olhar, da voz as mulheres adúlteras, (in)visíveis, silenciadas sobre as barbáries dos abusos, explorações e condicionalidades econômicas, sociais, culturais e de mentalidades que permanecem em pleno século XX. De fato, essa passagem, pode ser anunciada sobre a virgindade desejada. “Desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminil, ostentando

proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados.” (Menezes, 1993, p.39).

Dagmar, se apresenta ao que parece, sobre sua narrativa uma descrição periférica em que os espaços geográficos do lugar em que Dagmar cresce e mora nos ajudam a entender o silenciamento de sua infância. Dessa forma, “até na rua em que morava, na sua juventude descuidada, se alegravam quando ela passava, ritmando o andar cadenciado, pelos caminhos rústicos, abertos ao apressado pisar do povo” (Menezes, 1993, p.75). Há de sugerirmos que as narrativas apontam não só, para a palavra “descuidada”, “descoberta”, “desorientada”, “invisibilizada”, “subjugada”, aparente a uma realidade que uma família que a tutela, conhece, podem seguir os determinismos de sua sorte sobre as características de seu *cronotopos*⁶⁴.

Nos espaços(s) e lugar(es), são definidas e personificadas as vozes de seus personagens, da protagonista sobre as polifônicas, implícitas textuais que descrevem a seu silenciamento e as invisibilidades do ser criança, do ser menina, do ter infância, do ser jovem e mulher sobre os caminhos rústicos dos olhares de seu povo. Que vê Dagmar crescer vê também as passagens de anos e etapas de criança, de infância, de jovem para mulher adulta.

Dagmar era de menor e logo foi jogada para servir os homens e matar a fome de seus familiares, pois “a nossa heroína é um símbolo persistente” (Menezes, 1993, p.87). Essa realidade de Dagmar é de muitas meninas na Amazônia que em razão da pobreza são abusadas sexualmente. “Que adiantava ser de menor idade?” (Menezes, 1993, p.53). Como muitas crianças nas mesmas condições, Dagmar foi abusada.

Desde criança Dagmar enfrenta uma infância marcada por perdas dos pais, viveu a orfandade, sofreu ausência e desafios familiares, traumas de sua primeira infância tutelada, foi acolhida, passou a ser criada por uma família. Ao longo da sua infância os abusos não param a medida que vai crescendo, pelo contrário, os abusos vão sendo feitos com maior frequência e Dagmar vivendo uma infância sem sentimentos.

Além de lutar contra todo um universo que não conspirava a seu favor “entre beijos mortos e lascívas abomináveis, seduzidas pelo amor, vendem o amor, sofre pelo amor e morre esquecidas pelo amor”. (Menezes, 1993, p.87).

⁶⁴ Mulher que exerce o cafetismo; mulher que é dona de prostíbulo ou que arranja prostituta para o homem, mediante pagamento; madama, madame, proxeneta. 2 fig Mulher de baixos sentimentos. ⁶⁷ Bakhtin descreve as espacialidades internas de obras literárias através do termo cronotopo. O cronotopo, palavra grega que significa espaço-tempo, representa a interligação fundamental entre as categorias kantianas do espaço e do tempo assimiladas de forma artística.

Os vazios de infância, do ser criança, do silenciamento de menina e as angústias (in)visíveis do nascer e ser mulher em pleno século XX marcam a constituição de Dagmar de muitas meninas em condição de vulnerabilidade social e econômica. Nos leva tecer considerações sobre o *perfil de família, criança e infância no romance*. Os enunciados discursivos do romance, a infância de Dagmar é uma verdadeira tragédia humana.

Dagmar apresenta profundos traumas e abusos que vem à tona nas lembranças que descreve sobre a sua infância. O seu núcleo familiar é o espelho e reflexo de uma sociedade decadente, sem princípios e valores éticos. O seu “irmão não toma defesa e nem se apercebe do cerco da praça” (Menezes, 1993, p.40). Coagidas por suas problemáticas sociais, econômicas, físicas e psíquicas, descortina realidades que, segundo Menezes (1993, p.41), recai sobre o perfil de paupérrimas condicionalidades e o levam a tomar decisões trágicas em busca de sobreviverem:

O que havia de se dar chegou fatalmente. Insuladas entre quatro paredes, elas sofriam aperturas medonhas, com dívidas a pagar, enfim, todos os elementos contrários, que preparam, sinuosas e magnéticos, a queda de quantas mulheres. Dagmar chega à conclusão disso mesmo não sabe o que fazer, o que deliberar.

A ilusão romântica de encontrar o amor e ser amada, dar lugar a metáfora do “amor”, do sentimento de culpa que Dagmar carrega na memória, da opção que lhe restou salvar-lhes do pecado ou de um homem que lhe salve da miséria? Quando sucedeu o inevitável e Dagmar se rendera à insistência do homem farejando-a, perseguindo-a, impelindo-a para o abismo, (Menezes, 1994, p.41). Um salto no tempo, encontramos “Dagmar, em devaneios de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e veril, que a ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma” (Menezes, 1993, p.39). O desejo de encontrar o amor lhe conduz a busca incessante por este homem digno, viril, donatário do seu corpo e de toda sua alma. Sobre uma “deflagração dos explosivos sentimentais crepita em voragem de chamas, e Dagmar se vê envolvida nos vórtices de fogo e fumo de uma paixão instável e calculada” (Menezes, 1993, p.41). O jogo de interesses se perpetua.

Dessa forma, “aos dezesseis anos arredonda-se em mulher vistosa, de grande estampa, torna-se apetecível e extasiante, desde a aveludada coloração das faces, revelando-se tentadora, no quebrado móbil da garupa, ciliciada, por birra, em roupas leves, que mais exasperam os olhares da turba”. Já “não custava a vir os passeios noturnos, as ceias nos bares, com músicas e cantoras, de onde voltam de auto, divertidos e contentes”. Dagmar se envolvendo ou se deixando levar pelas permissivas de sua família, segue o cortejo e seu

destino em busca de encontrar o amor. Para seus familiares, esse amor seria um homem que pudesse tirá-los da miséria. “As velhas, mais a irmã, deixaram-se conduzir em galeras de ouro vogando em azulejos mares de lenda, entregues pacificamente aos fatos consumado”. (Menezes, 1993, p. 40-41).

Sobre a “consciência permissiva ou de parasitas”, Dagmar segue e “se rendera à insistência do homem” (Menezes, 1994, p.41). Porém, há um exame de consciência em meio a tanto abusos e exploração. Ressalta a convivência familiar que lhe empurra ao abismo do ser no mundo, vive sem pensar nas consequências de suas euforias de sentimentos, dores, perdas, tempos e descontrole emocional. ‘Dagmar, mesmo neste estado de euforia, julga-se inferior, sacrificada, porque não encontra a “afeição legal” que esperava e sente que aquilo é a compensação de sua florida mocidade”’ (Menezes, 1994, p.43). Para mostrar aos familiares os cortejos sobre Dagmar, os interessados fazendo mimos, homens bem resolvidos e predadores, homens bem resolvidos economicamente. Há um homem que resolve tirá-la da miséria e oferecer-lhe um teto em seu nome. Motivos que o levou a afirmar que os seus familiares enfim conseguem seus objetivos, sair da miséria, deixar a condição paupérrima existencial passam a florescer às custas de Dagmar e de seu pretendente.

Neste sentido, seus familiares “havia encontrado a felicidade ambicionada, refastelando-se com manjares opíparos, têm um teto para morar, que o homem, para melhor se impor, comprara em nome de Dagmar o seu ninho de amor” (Menezes, 1993, p.43). Em um espaço e tempo dos anos 1900 a 1930, do século XX, no universo da Amazônia paraense, se tece o perfil e o contexto dessa verossimilhança, desses fatos, fontes que ficto e facto define com discurso, diálogos, enunciados que descrevem as múltiplas relações dos perfis sociais e histórias dos homens e mulheres amazônicas.

O contexto, as ideologias, as culturas e os imaginários sociais da época nos permite dizermos que essa realidade se volta as mentalidades eurocêntrica, patriarcal e de domínio do homem na sociedade de seu tempo, com seus modos de pensar e agir socialmente e as autonomias dadas pela legitimação dos homens nas instituições definidas como gênese de poder.

Seus mimos e seus luxos servem apenas para construir no romance o “ninho de amor” em que Dagmar é iludida, explorada e abusada. O homem, torna-se “o responsável pelas contas, instala Dagmar de tal jeito, que os vizinhos invejam o luxo da mulher sacrificada por armadilha do destino” (Menezes, 1993, p.42), todo esse luxo ou armadilhas à desumana frente as condições de ser humano, levando-o a refletir que (des)caminhos Dagmar poderiam vir ater. Se sua condição sensível não é tomada pela consciência e sim por sua

condicionalidade.

Dagmar sorradeira na vida vê a oportunidade de uma nova realidade:

A iniciativa de vê mēsas fartas, loças finíssimas, cristais legítimos, pratos lavradas, móveis de alcova com penteadeiras de bom gôsto. Sua toilette apresenta uma variedade sem fim de perfumes, de pastas, de cremes, de pós-de-arroz, de rouges e brilhantes. Que porção de bibelots, de pucarinhas, de miudezas! A barraca se transforma num céu aberto. [...] Dagmar veste sedas marulhosas, usa modēlos roçagantes. Vai às récitas de assinaturas, em camarotes de primeira, que o homem possui um franco baboso, não tanto pelo teatro, mas pelos decotes, as coxas e pernas das coristas bonitas (Menezes, 1993, p.42).

A luxuria, o desassossego fantasioso por uma nova condição dada pelo cortejar dos homens, possibilita um lar, uma casa, uma vida social, possibilitou ter e ser mulher de influências nos meios sociais. O que o poder e o valor do capital causam ao ser humano. Dagmar ao aproveitar as oportunidades, tem a consciência de que tudo nesta vida é passageiro, porém se embesba pelo poder do capital e as ilusões dos materialismos dos homens enche-lhes os olhos, se deixando aproveitar os momentos frente a cada homem:

[...] Dagmar (ao) recebe os homens passageiros [...] o dinheiro dêste ou daquele homem desapareciam na voragem das aperturas cotidianas, do aluguel da barraca. [...] e o que Dagmar veste, o que come, com os de casa, o que calça, o que aparenta, para não se confundir no rameirismo das raparigas fracassadas? (Menezes, 1993, p.67)

O homem lhe propicia tudo, de comer, vestir, estabilidade econômica à privacidade, do ser tratada como “dama” aos olhos da sociedade e de outros homens. É colocada com troféu, objeto a ser apreciado, esbanja a moça nas mais diversas formas de status sociais: bailes, festas, teatro, eventos sociais. Essas ações e práticas enchem os olhos de Dagmar e de sua família parasita. Dagmar segue “a princípio, ela resiste, emaranhada em tolos escrúpulos. Não lhe é muito à feição o tal sujeito. Acho-o grosseiro, materialista, com uns olhos congestionados e cupidez” (Menezes, 1993, p.40). Porém, as lacunas na alma e na mesa o faz cumprir lascivos desejos, porém não consegue encontrar o amor que tanto sonha. Dagmar segue,

e então, industriada por uma brejeirice especial, exurge sedosa, meiga, envolvente, submissa ao “seu homem”, sabendo pedir-lhe o que deseja com doçura de criança mimosa. Sua preocupação seria devassar-lhe os pensamentos recônditos, conhecer-lhe as preferências, penetrar a essência daquilo que ele mais ocultamente ambiciona (Menezes, 1993, p.44).

O cortejo do homem para com a protagonista vem desde da infância, recorte que acentua essa passagem é no trecho que anuncia os assédios dos homens. O “Ardiloso e sagaz, começa a ir buscá-la à Igreja. Sempre que visita a desejada, manifesta sentimentos generosos, tornando-se, por este meio, um pouco simpaticizado por ela” (Menezes, 1993, p.41). O homem vê que suas estratégias alcançarem resultados positivos, segue seus assédios com mais frequência “fica uma dessas ovelhas nédias que acirram o faro corrupto dos lobos sociais que vestem calças (Menezes, 1993, p.40):

O homem vai se fazendo de casa. Inicia o plano premeditado, arranjando consentimentos chorados para Dagmar ir com ele, em companhia da irmã, ver tropas de debutantes em teatros de feiras. Consegue licenças para assistirem no cinema do bairro a este ou àquele filme. [...] gosta de mostrar o “belo animal” que domara com seu dinheiro. [...] o perdulário paga tudo, pois ressarce com ágio, gozando a carne moça, resistente à pressão queimosa de seus dedos, do pujante corpo de Dagmar, completamente dominado (Menezes, 1993, p.41-42).

Dagmar aos domínios das ilusões dos homens, segue a saga de seus assédios:

E o homem, egoísta e alvar, ao vê-la no apogeu da fecundidade excelsa, apenas acha-a de quadris mais redondos, os seios viçosos e pétreos, as suas curvas salientes, denunciando a gravidez. [...] Aos seus olhos coflora-se mais excitante a mordida satirise com que esbanja o corpo de Dagmar, que antes, já bocejos sonolentos amolentam-lhe a vontade na intimidade do quarto em penumbra. (Menezes, 1993, p.47).

Dagmar e os delírios carnavais segue sua angústia sobre as forças e movimentos físicos contorcidos pelo poder e as chamas ardentes dos homens. “Nascera fisicamente para esse evoluir na cama”. (Menezes, 1994, p.44). “Dagmar, servil e insensível, corresponderia a esse afeto aceitando a compressão dos corpos com uma sensual humildade, sem escandecência acirrantes, talvez como recompensa à bondade do retorno amante, que o tempo lho devolvera, travestido, agora, em gozador de seus beijos? (Menezes, 1994, p.74). Os homens ao explorar as virtudes das meninas e moças, Dagmar sem forças em luto na alma não consegue ter forças, cala-se, tripudiam-te nos braços do homem, soluçante no leito:

A atmosfera raivante no quarto estrangula qualquer palavra apaziguadora que Dagmar quer articular em seu favor. Ambos se enfrentam rangentes, garras aceradas e íris chispantes. O homem trupudia sobre ela, não se apieda do suplício da criatura que mendiga o seu perdão. Dagmar não suporta mais. Tomba soluçante no leito, numa crise desmaiante. O triunfador clarina alarmes! Vencera a praça forte docoração de Dagmar! (Menezes, 1994, p.77-78).

Dagmar judiada na carne, capota sobre o leito e o ninho de amor, no ato desejável por homens:

Dagmar, lacrimejante, estende os braços modelares e cinge o homem com ânsia. Morde-lhe a boca num sorvo polvínico. Rompe a protofônico hino à Volúpia! Ela entrega, esfacelada, a virgindade da própria alma! É o momento do amor em que a mulher se dá totalmente, uma única vez na vida! É a suprema loucura, o absoluto prazer! (Menezes, 1993, p.78).

A família finge não vê os sacrifícios de Dagmar, apenas sentem os louros de uma nova condição familiar. A condição de parasitas, segue “a tia está nédia, a irmã nem se lembra que era pobre, a avó deu de usar uma cara de quem não dá confiança à boca do povo. O irmão toca e se diverte nos forrós” (Menezes, 1993. p.51). A “a tia, arrastando uma velhice incômoda, e a irmã, andando de amores clandestinos residem em sua companhia e somem para o interior, quando Dagmar recebe os homens passageiros” (Menezes, 1993. p.67).

Enfim, quantas Dagmar(es) (co)existem entre nós, quantas crianças e meninas se tornaram mulheres e sofreram os abusos de uma vida, já passaram e estão passando por essas barbáries e exploração sexual. O que podemos compreender em pleno século XX para não repetirmos hoje essa mesma mentalidade que foi denunciada pelo Bruno de Menezes por meio de sua protagonista.

Em relação à protagonista “o seu verdadeiro príncipe não havia aparecido. O novo estilo de arte literária traz à tona o herói corroído, em conflito e sem um final feliz. A heroína e seus (des)caminhos é a representação de uma realidade de uma persona real aos traços da ficção. Dagmar com seus traumas, abusos e inúmeras explorações é a metáfora da mulher real, do ser humano em nossa realidade. Esse jogo abrupto e movimento em diferentes tempos e espaços do século XX destaca em Dagmar as vertentes de uma nova “mentalidade” humana. Dagmar assiste em dizer que “diante dele, na intimidade do leito, não sente estremecimento nos seus abraços, os seus beijos ávidos e frenéticos não lhe tomam os sentidos. Qualquer coisa lhe segreda que aquilo não é o que ela esperava, não há de durar sempre” (Menezes, 1993. p.42).

Dagmar se torna o espelho representativo de um espírito de mulher de seu tempo, voz(es) de mulher(es) no universo da Amazônia paraense. Quantas e quantas mulheres já agiram como Dagmar? Quantas “entrega-se inerte, passivamente langue, sem outros arroubos, levada apenas pela atração de ter alguém de outro sexo partilhando a sua cama” (Menezes, 1993. p.42). Esse perfil de homens que passam por Dagmar, nenhum deles o deseja além da carne.

O que a deixa a protagonista em um estado de crise de consciência, presa sobre o fogo do prazer e não do amor que na passagem da infância são exploradas e lhe vem à tona sobre as retinas fatigadas sobre o lapso de sua memória.

Esses traumas na infância, do ser criança e ao ser menina são silenciadas no romance de Bruno de Menezes. Dagmar transitar forçadamente para a etapa do ser “jovem – mulher” até a velhice e morte. O que o leva a ser seca, sem quaisquer impressões que alimente a vossa alma, ao descobri que os estilos de homens com quem se encontra e passa a ser objeto de seu trabalho, apenas o levam a decepção, inflige sua dignidade e humanidade. Dagmar “não casara, que seu sonho seria amar a alguém, mesmo pobre, masseu, pelo menos com a bênção do padre” (Menezes, 1993. p.43).

Por essa razão, a calma na alma o representa em “tudo quanto faz, não vem do íntimo, não brota de sua sensibilidade, de seu psiquismo amoroso, que seria como harpa tangida se o amante entrasse no seu coração, se houvesse maturidade no prazer”. Na trama romanesca, Dagmar “não experimenta desmaios de nervos eletrizados, de plenitude, mesmo nas culminâncias extremas como no caso de satisfação em ser possuída”, há “na ausência de um homem que a sequestrara, Dagmar se perde em pensar na condição a que chegara. (Menezes, 1993. p.43). Essa perda, esses traumas versam sobre uma reviravolta de abusos, do ser possuída para matar a fome de seus familiares, deixando no vício carnal. Assim Dagmar vai sobrevivendo.

Quantas Dagmar(es) viveram e foram representadas em pleno século XX? Quantas Dagmar(es) sonham em encontrar o amor e se decepcionam, os sonhos e desejos? Dagmar é a representação do ato de encontrar o amor passa a ser representado do plano da vida para o plano da arte, sobre as problemáticas e realidades:

É que um presságio agourento lhe diz que o homem não é constante, que precisa cativá-lo, dando-lhe superioridade de ação, como se todos dependesse dele, Seu coração segreda-lhe que a bonança é efêmera, que o amor assim carnal não tem a consciência que ela espera. [...] Porém é toda satisfação, natural ou fingida, quando escuta os passos fortes do homem esperando, entrando os batentes da casa amiga e próspera. (Menezes, 1993. p.44-45).

Dagmar em suas crises “desconhece a si mesma. Sua volúpia seria estrangular o conquistador, romper-lhe as artérias, furar-lhe a carne a lentas e intermináveis picadas” (Menezes, 1993. p.47). O ódio e rancor são seus sentimentos, os impulsos de raiva e decepção sobre o ato de acreditar que poderia encontrar o amor se resume na inocência de aceitar as

investidas dos amantes. Os homens fazem sentir remorsos, dores e muito descontentamento.

Dagmar sentia-se:

envergonhado da inconsciência do que fizera. Porém pensando em ser mãe, respira a beleza gloriosa de existir.[...] Que adianta não amar entranhadamente, apaixonadamente, o homem que a fecundara? Bem que poderia ter sido seu príncipe... idolatra, sim, antecipadamente, o germe que estremece, que virá à luz, como uma aurora vital nascendo de suas entranhas (Menezes, 1993. p.48).

Esses exames de consciência e autoconsciência em Dagmar nos levam descrever seus aspectos propositivos que nos faz perceber sobre si, uma voz de esperança que se alcança aos extremos universais das invisibilidades de gênero, do ser meninas, do ser mulher, do ser criança, do ter infância e principalmente do ter consciência feminina, mesmo esta tenha vindo só em sua velhice. Os questionamentos que Dagmar nos sugere podem ser considerados como um exame de consciência humana e universal sobre ser mulher no século XX:

[...] não como está pecando, e não tem ânimo de se preparar espiritualmente para confessar o seu erro, como lera nos livros de missa aprendera nas aulas de catecismo das beatas desiludidas. [...] Não tivera a dita de ser esposa, pois terminara amásia, se àquela ligação podia se dar este caráter.

[...] Para desculpar-se perante si mesma, interroga-se nesse sentido: que prejuízo lhe adviera? Fôra a primeira que havia chegado a esse estado? E as que ficaram por aí, ao léu dos fados, sem um amigo que as quisessem como responsável, mesmo temporário?

[...] E as outras? Tantas que começavam ostentando fortunas de escândalo, exuberantes enquanto novas e depois morrendo como indigentes, com passagem pelos alcouces e enxovais, corpos enregelando-se nas morgues, retalhadas, expostas às necrópsias dos estudantes cirúrgicos? (Menezes, 1993. p.43-44).

Segundo a protagonista, essas indagações, afirma que “só ao homem não preocupam essas conjecturas” (Menezes, 1993. p.44). Entretanto, ressalta que seus motivos e interesses não giram em torno da sensibilidade humana que grande parte das moças, jovens carregam enquanto sonho e desejos em seus corações. Essa (in)sensibilidades do ser homem, o leva a cegueira da realidade, não consegue enxergar se não os seus próprios interesses, como um animal que segue apenas os seus instintos naturais. O seu perfil pode ser considerado por:

Não se dá conta das nuvens de melancolia que escurecem a alma de Dagmar, distanciando-a dele e do seu insopitado desejo. [...] Talvez portara sanguínea, ou lá por que seja, não denota, não se mostra arroubada nas sensações delirantes. Contudo por intuição sexual, na aprendizagem de bacanais desabridas se amestra em beijar com lascívia, com sucções libidinosas, cerrando os cílios, se abandonando inteira, numa histerismo anormal, que enlouquece o homem. (Menezes, 1993. p.47).

A consciência e os fatos atormentam Dagmar e se apresentam como realidade dadas pelos abusos e explorações dos homens, de uma sociedade excludente e opressora que escraviza o corpo e a alma dos menos favorecidos. Da gente de pé no chão. Dagmar está grávida, ao pensar nessa possibilidade, destaca as seguintes interpelações do ser e estar em sua mais nova condição de mulher:

Experimenta sobressaltantes receios, uma ponta desalentadora de covardia, de temor da morte. Se o parto fôsse difícil? Vem-lhe à mente parturiente, nos seus tempos de donzela, que morrera com a criança “atravessada”. Outra que fôra preciso tirar o filho aos pedaços, para salvá-la, e que depois pegara um tal magreza, que acabara tuberculosa. Isto as que se recolhiam às Maternidade. E as que se entregam às parteiras e “comadre”, que tinham as dôres lavando roupa na beira das tinas? Algumas que nem possuíam fôrças para “ajudar a natureza”, de tão fraças que estavam, de trabalhar, de cozinhar, de mexer as panelas de comida, com que subnutriam a si e aos seus filhos numerosos? E as que não eram casadas, as que o “seu homem” vinha auxiliá-las, ajudá-las, no ato gestante, a botarem no mundo um serviçal?

[...] E se a criança não pudesse nascer naturalmente? Só uma intervenção, com fórceps e o mais. E seria viável, viveria, escutaria os tênues vagidos do sêr sanguinolento que ela lançasse ao mundo? Perde-se em dúvidas, em receios torporizantes. (Menezes, 1993. p.48-49)

No entanto, a decaída de Dagmar inicia com a perda da avó, da filha, do homem, o pai de sua filha que nascera morta, do irmão que não mais o vê, da tia que foge para interior, da irmã que se troca por interesses, dos homens que abandonam por Dagmar ser uma mulher já de idade avançada, da vida que lhe prega peças, decepções e escolhas, das condicionalidades e livre arbítrio, do tempo senhor de seu destino. Dagmar viveu, buscou seus sonhos e ficou só, em um casebre, pobre e na miséria até o fim de sua vida.

No romance *Maria Dagmar* (1950) do poeta, escritor, romancista Bruno de Menezes identificamos os vazios da infância, do ser criança, do silenciamento da menina Dagmar, sobretudo as angustias (in)visíveis do ser mulher nas primeiras décadas do século XX. Nas vivências e experiências de uma arte ficcional, sensível e pulsante sobre as vozes, vidas, dores e gritos que ecoam em Dagmar o poder autodescritivas de suas narrativas. Vimos no ato ficto e facto a misturam e o alcance da verossimilhança, ganhando os espaços sobre os distintos universos de (re)criação de sensibilidades e problemáticas denunciadas a partir de sua protagonista.

Afirmo dizer que o *alter ego* ou personificação da protagonista Dagmar é o espelho vida, do ser e do caos que vive os próprios “seres humanos” na primeira metade do séc. XX.

Maria Dagmar é um símbolo, nas visões de Georgino Franco “sim, símbolo do amor, símbolo de desengano, símbolo de pobreza envergonhada, símbolo de esperanças malogradas, símbolo da vida de hoje, corrompida até o cerne, símbolo de um destino que os homens arruinaram”. Dagmar é “criatura de símbolo” , “heroína” de uma geração que vai ainda sobrevivendo” (Menezes, 1994, p.31). Dessa forma, “ajoelhemos nossa emoção que Maria Dagmar vai passando por nós...” (Menezes, 1993, p. 33-35).

3.3 A INFÂNCIA MIGRATÓRIA E REFUGIADA DE CANDUNGA

No romance Candunga a infância e o ser criança são marcados pelo fenômeno da migração na Amazônia. É uma infância refugiada, órfã e tutelada que passa por diversas violações, que se alastram sobre as condicionalidades de uma barbárie humanas presentes na vida de imigrantes que se deslocam para lugares onde muitas vezes são explorados.

Em Candunga a migração da família – marido, esposa, cunhada e afilhados –, é a representação da história de todos os retirantes” (Menezes, 1993, p. 147). O agregado, Antonio Candunga, órfão de pais, foi criando pelo tio Francisco Gonzaga, sobre o grupo familiar, mais conhecido pelo nome de “turma de Gonzaga”, “comboio de Gonzaga”⁶⁵ ou “tropa de Gonzaga”⁶⁶ caracterização de grupos de migrações de famílias nordestinas, que fogem da opressão, fome, miséria, barbárie social, econômica e humana.

Sobre os partícipes do núcleo familiar, encontram-se quatro mulheres: Tereza Rosa, mulher de Francisco Gonzaga. Ana e Josefa, filhas de Gonzaga e Tereza e Maria Assunção, irmã de Tereza. E dois homens: Francisco Gonzaga e Antonio Candunga. Sendo que Ana e Josefa, são filhos biológicos e Antônio Candunga e Maria Assunção, são agregados da família.

São situações de “família” que nasce da crise de humanidade, herança de uma evolução histórica do ser em movimento, gerando condicionalidades que as levam ao campo da miséria e luta pela sobrevivência, frente as distintas realidades que a vida lhe apresenta como favoráveis e desfavoráveis no mundo. Delinear aspectos que envolvam núcleos familiares, grupos de pessoas, essas problemáticas vêm desde nossa origem enquanto humanidade, porém nessas travessias de vida as mentalidades de grupos familiares se tornam fatores relevantes, no sentido de esboçar eventuais moldes de se conceituar o termo família ou núcleo familiar.

Na infância de Candunga há o rapto, violência, troca, dote, fuga, compra, realidade de muitas crianças e jovens apresentados no universo do interior da Amazônia paraense. “Tereza seguiu a Gonzaga para onde o destino os impelira. Em seu ato de posse, ele fora o comprador, que chega ao redil, escolhe uma ovelha ainda não coberta, e leva-a como seu dono, para outro curral distante” (Menezes, 1993, p. 100).

⁶⁵ Menezes, 1993, p. 101.

⁶⁶ Menezes, 1993, p. 102.

Os modelos de famílias e agregados eram fatores comuns em tempos difíceis de expressão de modos de pensar propriamente brasileiro. As crises de identidades ressaltam os espíritos da barbárie nos quais as “família” tipicamente brasileira toma corpo. Exemplo disso, são narrados no romance como famílias e grupos de “os viajantes.” a crise valores e famílias desunidas, é o reflexo que se apresentam sobre o processo migratório que causam um verdadeiro rebento de gentes em destroço humanos, sem chão, porém com esperança de suprir e sobreviver na vida, vê a fuga migratória como refúgio como uma das possibilidades de sobrevivência e mudança de realidade (Menezes, 1993, p. 101).

Em Candunga há o anúncio da saga dos imigrantes que se aventuram por novos caminhos de melhoria de vida “em terras, arroladas as famílias, procuram a sombra mormacenta dos galpões. E alongando olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem Adeus ao berço natal, porque chega, à Terra da promessa” (Menezes, 1993, p. 99). As famílias de retirantes,

[...] o funcionário do Povoamento, resguardado e encapotado, prepara outro grupo para descer na próxima parada. - Pedro Quirino e sua gente! Manoel Rufino e seu genro, com a família. [...] E os convocados, arrumando as trouxas, carregando as crianças, sacudindo as mulheres:

- Vâmo se aperá com essa chuva? ... Tá iscuero que só o dêmo ... Só não é me perdê da muiê nem dos filhos... (Menezes, 1993, p. 110).

A turma de Gonzaga é um exemplo desse tipo de famílias em processo de migração do Nordeste para o Norte do país, pois “a turma de Gonzaga está no rol dos que chegam à nova terra na busca de prosperidade no território da Amazônia que motivava os nordestinos a fugirem da seca. A chegada de Tereza, Assunção, Ana e Josefa “desperta a atenção pela maneira como se apresentam, aceitadas conforme as circunstâncias permitem, dando a impressão de família unida que teve os seus haveres e foi feliz” (Menezes, 1993, p. 114-115).

Embora a turma de Gonzaga estivesse na expectativa de conseguir trabalho e melhorar de vida, as dificuldades iriam se apresentar, pois como se sabe, as crises afetem essa gente em vários aspectos. As famílias de retirantes, são famílias que denunciam os tipos desigualdade sociais existentes em diferente espaços e tempo na sociedade do século. A vida dos retirantes é carregada de opressão e marginalidade sobre os efeitos de “gentes-objeto,” definidas como: classe de “pessoas (in)visíveis” e no entrelugares, nas margens, de uma vida miserável e “escrava” dos modos de exploração, de mão de obra, difundida e ampliadas pelo poder de filtro da produção social e capitalista.

No romance *Candunga* o sujeito agregado à família representa uma prática social e cultural muito recorrente no interior do Nordeste e Norte. A realidade dos agregados naturos do Gonzaga é de muitas perdas. Eles sofreram com perdas irreparáveis que levaram a ser órfãos de pais: Antonio Candunga, Tereza Rosa e Maria Assunção. Candunga era o sobrinho agregado à família. Maria Assunção era agregada do grupo familiar de Gonzaga e irmã de Tereza, criadas pelo avô antes de Tereza se casar. É importante ressaltar que Maria Assunção é a irmã de Tereza, órfãos de pais. Maria Assunção era muito pequena, não viu sua irmã Tereza sair de casa e foi criada pelo Avô. Avô que criou Tereza e as suas irmãs quando ficaram órfãos de pais no Nordeste.

A família de Candunga se torna fundamental para situarmos a infância e ser criança sobre o “triste rebanho aos tombos”⁶⁷ de uma família de retirantes que em processo de migração para a Amazônia atravessam as suas próprias mazelas humanas ao se defrontarem com uma realidade cruel e violenta.

O fenômeno da migração foi (e ainda é) muito marcante em nosso país, principalmente pelas mentalidades voltadas ao progresso perverso que desumaniza as pessoas ao ponto de perderem suas dignidades. No universo da/na Amazônia, especificamente na capital Belém nas primeiras décadas do século XX atraiu muitos retirantes nordestinos que em razão da seca na região vieram para a Amazônia na busca de sobrevivência de sua família.

O protagonista e agregado Antonio Candunga, o seu tio Francisco Gonzaga, Tereza (esposa de Gonzaga) e as filhas, Ana e Josefa, bem como a agregada Maria Assunção perfazem o núcleo familiar nos quais Antonio Candunga se aventura não mais pelos sertões nordestinos, mas pelos sertões da Amazônia paraense.

No que se define como “*família e agregados*”? Sugere caminharmos no sentido de compreender o núcleo familiar e suas relações para encontrar os aspectos voltados à infância e o ser criança no romance. Com objetivo de tecermos o perfil de cada personagem e desvendar suas relações, conflitos, crises, descaminhos, encontro, desencontros, autonomia, miséria, dores, perdas, violações, doenças, fome, esperança do ser homem e ser mulher, do ser criança, ter infância, procuramos analisar por meio dos enunciados narrativos as violações que se passam nas tramas, dramas, histórias, passagens de cada personagem no romance.

Gonzaga na condição de imigrante em solo Amazônico se vê a mercê de uma realidade desconhecida que é a exploração dos retirantes. Embora se embrenha no trabalho

⁶⁷ Menezes, 1993, p. 103.

não consegue manter o mínimo de sobrevivência para sua família, passando por necessidades. João Portuga, sujeito mal intencionado, enxerga nesta situação miserável de Gonzaga e sua família a possibilidade de convencer Gonzaga e Tereza, sua mulher, a entregar suas filhas Ana e Josefa para morar em sua casa na vila, já que estavam vivendo em um barraco em condições precárias e passando fome.

Gonzaga e Tereza acabam se convencendo que o melhor para as duas meninas é ir morar com João Portuga e ter uma vida melhor. Contudo, Gonzaga e Tereza são seduzidos pelo discurso de Gonzaga de que assim que eles estiverem em condições de cuidar de suas filhas, elas poderiam voltar a conviver com sua família. Essa realidade das meninas Ana e Josefa se constituiu de uma prática como recorrentes no contexto da região amazônica. Muitos pais com Gonzaga e Tereza entregaram as suas filhas para desconhecidos que tutelavam crianças do interior para a cidade com a justificativa de que a criança teria uma vida melhor. O que se sabe é que muitas crianças foram exploradas e sofreram abusos e maus tratos e ainda eram tidos como “filhos de criação” ou “agregados da família”.

O certo é que Ana e Josefa não voltaram para o convívio de seus pais, o que matou de desgosto e decepção. Tereza, mãe das meninas. Gonzaga percebeu a cilada que se meteu. Além de sua safra não cobrir as despesas, no comércio de João Portuga. Sua vida se tornou um êxito infernal. Perde a safra, as filhas, o afilhado, a esposa, perde tudo que sonhará um dia conseguir prosperar, unir, criar e ter enquanto núcleo familiar. “Gonzaga, porém, remói a sua tragédia e não se interessa mais por coisa alguma.” (Menezes, 1993, p.215).

Essa crise em Gonzaga pode ser vista como os embebidos perfis de homens e seus valores, da primeira metade do século XX em nosso país:

Francisco Gonzaga, assim que o sol se embuçou com o capus da noite, atrás da mata, aproveita a ausência de Candunga, que ainda não voltava, arreia o cavalo, mete na cinta a “pon tá de espada”, bota bala no rifle e galopa numa só fôlego para o povoado.

Vai com uma ideia fixa, uma resolução desassombrada. E já os últimos rubores vesperais se diluem em treva, quando ele chega, sorrateiro como um felino, ao alpendre dos fundos da moradia de Portuga.

Dominado pela astúcia do que premeditara, amarra, cauteloso, o animal, e encaminha-se em seguida para os fundos da casa, onde entraria sem ser pressentido. O comerciante encontra-se recolhido em seus aposentos, pondo em ordem, à claridade de uma candieiro, documentos e borradores. [...] Gonzaga transpõe a porta, sem fazer bulha, o aço frio faiscando-lhe na mão crispada, e ruge num sopetão:

- Se aprepare pra morrer, seu cão danado!

O susto e o medo trancam a bôca de João Portuga. [...] a cena é rápida,

decisiva. O agredido não articula palavras, de assombrado que está. Gonzaga, ante tamanha covardia, conhece que o adversário não topa de brigar com muitos, devia a vista para o lado da porta, na intenção de trancá-lo. Portuga, num relance, percebe esse movimento. Rapidamente, saca um revólver da gaveta, sopra o candieiro e aperta gatilho. A bala erra o ponto alvejado. Outro tiro rebôa na casa toda. Gonzaga não esmorece, e, crava três palmos de manina na “rais do umbigo” de João Portuga. Bastou o ferro entrar e a vítima soltar um urro de rés sangrada.

[...] João Portuga ascabuja, o ventre rôto, agonizante e macabro. (Menezes, 1993, p.216-217).

Como se vê, estava feita a justiça dos homens sobre os pobres homens. O ódio, as classes e os homens em crise de mentalidades. A balburdia, as falácias, os moribundos do povo, “ geme ter sido Gonzaga o seu matador.” (Menezes, 1993, p.217) Gonzaga segue os determinismos de sua sorte em vida:

Com o instinto racial do cangaceiro, o sertanejo refugiara-se em lugar seguro. Evadira-se como um cirisco. Levava o rifle embalado e o punhal, que em suas mãos, seriam um perigo de morte.

Condenável embora, estava feita a justiça, de acordo com o código de sua consciência e a lei do sertão malaventurado. Agora, municiado como estava, Gonzaga só se entregaria depois de estragar muita gente. E assim foi varando o mato, como uma fera, que sabe ter atrás de si perigosa matilha. (Menezes, 1993, p.217).

Por fim, assim segue a saga de um homem que por condicionalidades e motivos torpes vem a ser acusado de assassinato e foge para interior de sua terra natal depois que perde as filhas, falece sua esposa e alcança uma idade que já está sem nada a perder.

Ninguém vira, realmente, Gonzaga praticar o crime. Não havia notícias do criminoso, para prendê-lo e obrigá-lo a confessar ser ele o autor do assassinio. Para muitos, que conheciam as artimanhas daquelas fugas, ele conseguira vender o cavalo, e seguira a pé, quando caía a noite, pela mata. E sempre caminhando, teria ido por terra, até o município de Vizeu, e dali prosseguira, por terras e águas, até o vizinho Estado do Maranhão, guiado pelo nomadismo de seus ancestrais, e numa viagem cheia de percalços, chegaria ao seu saudoso Ceará. (Menezes, 1993, p.99).

A vida foi um tanto ingrata para Francisco Gonzaga. Fugindo da morte, se perde na vida, da vida de como aventuras, em terras alheias, se prende a terra, sofre o desmonte familiar, se torna por vingança suspeito de assassinato em terras bragantinas. Gonzaga foge para sua terra natal, com as dores, culpas e as mortes.

3.4 A INFÂNCIA PERDIDA DA MENINA TEREZA ROSA

“Tereza Rosa, a jovem mãe conformada, que em vários anos de matrimônio, cumpria o seu voto, aumentando a prole de Gonzaga com uma récu de barrigudinhos, ainda estampa nas feições maceradas traços de beleza sertaneja, que os sofrimentos não puderam extinguir.” Teresa “casa-se quase criança, quando em sua natureza cálida, os anseios do sexo começavam a se impor. Felizmente, talvez por misericórdia divina, os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as têtas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável.” (Menezes, 1993, p. 99-100).

De acordo com Gilberto Freyre, a infância no Brasil era muito curta no século XIX e início do século XX. As meninas de qualquer nível social se tornavam mulheres muito cedo, pois quando amadureciam acabavam com todo o aspecto infantil que muitas delas ainda aparentavam. Nas famílias da elite, a primeira comunhão era um ritual de passagem da infância para a menina se tornar mulher, pois já estava na idade de se casar. A família se preocupava com a menina que chegava solteira aos quinze anos. Geralmente, aos quatorze ou quinze anos a menina já casada se vestia com um aspecto de senhora e com um comportamento de esposa respeitada. Infelizmente, com um casamento muito precoce, ainda muito criança, as meninas já haviam perdido a docilidade e demonstravam um jeito de senhora tristonhas diante de um casamento que raramente era de sua própria escolha. Ainda muito menina, já era mãe de uma prole (Freyre, 2008, p. 97).

A realidade das meninas desvalidas das regiões do Norte e Nordeste era também o casamento e a maternidade como no caso da Tereza que ainda muito criança casou-se e teve suas filhas. Muitas vezes tornavam-se mães diante de uma gravidez traumática em razão da perda de seus recém-nascidos. As condicionalidades de ambientação no contexto do Nordeste eram calamitosas, desumanas e sem perspectivas de vida, principalmente quanto às crianças que nasciam, mas não vingavam pela força degradante do ambiente e pela ausência de condições de cuidados gestacionais, a alimentação e a exposição de doenças epidêmicas e insalubridades da higiene local. Tempestuosas crises de secas, calores insuportáveis, o levam a barbárie de “anjinhas” dizimados pelas circunstâncias diversas, com as apresentadas nas narrativas do romance “Candunga”.

A “prestativa Tereza descansará remendando as fraldas encardidas, ou trocando bilros, na almofada sertaneja, para o tecido caprichado as rendas de ponta e entremeio, em que é de uma perícia singular.” (Menezes, 1993, p. 126). “A turma de Gonzaga está no rol dos que chegaram à nova terra. Tereza, Assunção, Ana e Josefa despertam a atenção pela maneira como

se apresentam, aceitadas conforme as circunstâncias permitem, dando a impressão de família unida que teve os seus haveres e foi feliz” (Menezes, 1993, p. 114-115). Tereza e as “mulheres do bando, enforquilhado nas ancas assuadas, as crianças magras e piolhosas, carregam-nas com esforço, ao passo que homens, resignados e solícitos, apressam-se a caminhar”. (Menezes, 1993, p. 103).

A infância de Tereza nos leva a compreender a sua luta e angústia ao lado de seu homem. Tereza acompanhavam Gonzaga e as filhas na labuta, “seguira a Gonzaga para onde o destino os impelira. Em seu ato de posse, ele fora o comprador, que chega ao redil, escolhe uma ovelha ainda não coberta e leva-a como seu dono, para outro curral distante” (Menezes, 1993, p. 100).

A infância de Tereza foi roubada, foi criança abusada e explorada, enfrentou como muitas crianças nordestinas a barbárie da vida. Foi mulher objeto de seu homem, seu comprador, seu dono. A infância xerimbabo de Tereza se fez presente quando as ocorrências da posse do homem sobre gênero feminino, a criança, jovem é dada no ato de “escolher uma ovelha ainda não coberta” metáfora de uma “ovelha filhote” para uma “criança filhote” que não apresenta uma maturidade, está em formação, engorda, não apresenta as penugens da lã a ser sacrificada no ato do abate, um animal ou criança em formação, ainda em crescimento no curral, “curral familiar” passa a ser moeda de troca, dote, roubo, compra, a ser criada no “curral do homem”, seu mais novo dono (Menezes, 1993, p. 100).

“Ovelha” ou “criança” ainda não pronta para o abate, ou seja, a metáfora da criança xerimbabo e da infância sendo invisibilizada.

Casara-se quase criança, quando em sua natureza cálida, os anseios do sexo começavam a se impor. Felizmente, talvez por misericórdia divina, os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as tetas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável. (Menezes, 1993, p. 100).

A “mentalidade” do menor adulto é um fator social de aceitação histórica e social nos processos de colonização, nas províncias, instituições, poderes das mentalidades políticas, oligárquicas, tradicionais, industriais, trabalho, igrejas, Estado e os senhores e donos dos capitais. A “criança” ou a “infância” invisível eram vistos como desapego por ser um ser que poderia morrer ainda criança.

Eram vistos como a barbárie da humanidade, deveriam ser banidos da raça humana, esse filtro social ou de mentalidades políticas e higienistas, tinha um fim, civilizar e manter a classe no poder e acumular capital a partir da mão de obra miserável das eternas minorias, vistas como eternos escravos universais. Por essa razão, a política de filtro social, usa-se a criança em tempos modernos e republicanos no sentido de firmar uma narrativa política, ideológica e higienista, sobre as estratégias de mentalidades que tenham uma sociedade saudável e propicia aos investimentos dos grandes capitais. Resolver problemas da mortalidade infantil e as inúmeras questões sobre o fenômeno do infanticídio em nosso Brasil-Colônia foram fundamentais para civilizar a população criar uma identidade e silenciar outras culturas como as originárias de nosso país, as indígenas.

As questões voltadas as mortalidades, vem muito de questões de higiene, dessa forma, as políticas higienistas foram possibilidades integrante para o equilíbrio social e de salvar a criança. Os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as tétas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável. (Menezes, 1993, p. 100).

A morte de crianças era recorrente para muitas mães e familiares no século XX e nas primeiras décadas do século XX. As razões do óbito de criança estavam diretamente relacionadas a doenças epidêmicas que assolaram o Brasil, assim como a falta de uma política higienista para salvar a criança. O reflexo do alto índices de crianças que não chegavam a completar um ano de idade, não dava tempo de ser apegar a criança, pois não se tinha a esperança que elas poderiam a vingar, alcançar a idade da juventude. Muitas mães, chegavam a agradecer as divindades a retirada do ser em constante sofrimento. Símbolos, de metáforas da morte, como anjinhos, borboletas caídas e outros que se caracterizam como perdas de criança.

Na Amazônia paraense a partir da obra romanesca de Bruno de Menezes é dada pela fonte da ficção em que dados denunciam as delicadas problemáticas sociais da infância e da criança no universo da Amazônia paraense. É importante destacar que no contexto de uma Belém que descortina a realidade das minorias, enfatiza uma mulher que enfrenta processos de opressão e alienação desde a infância, bem como as armadilhas de ser escravizada até a alma no meio destes coitados destacavam-se filhos sem mãe nem pai, viúvas sem parentes algum, mulheres da vida parecendo honestas, safados corridos da justiça. Aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças ingênuas e meninas indefesas sem ninguém para evitar tal bárbaro. (Menezes, 1993, p. 101).

Eram comuns, criança, órfãs, sem tutela, desvalidas serem objeto de doação, troca, compra e criação, por familiares, instituições, educandários e orfandade, instituições de ofícios e serem levados por outras pessoas, “comparece quem queira levar duas ou mais crianças empanzinadas, para tratá-las em casa, desejo esse, manifestado por pessoas de modestos recursos, ao contrário dos abastados, que a isso se furtavam (Menezes, 1993, p. 107).

A Tereza foi uma criança Xerimbabo por ser uma crianças órfãs, sem tutelas, desvalidas, exploradas, abusadas, vendidas, trocadas, alienadas, criadas por distintas famílias, por diferente condicionalidades, famílias agregadas em núcleo familiar(es) que vinham a ser seus donos, responsáveis ou tutelares, eram crianças vítimas de barbárie humana, social, de condições, de mentalidades, de opressão dos homens, grupos, instituições que fazem dos abusos algo tão rotineiro e comum.

A tragédia de um século perdido, “a desvalida soluçava, ouvindo a trágica narrativa. Vingaram somente aquelas, Ana e Josefa, que ali se acham, já manifestando faceirices nos gestos e nos olhos” (Menezes, 1993, p. 100). O destino, as crises, as secas, o fenômeno migratório levou Tereza e sua família a buscarem modos de sobreviverem, sobre a angustiante situação, os forasteiros segue os determinismos de sua sorte. Sai do Ceará, região nordeste e chegam a Belém, região norte, mais precisamente na Zona Bragantina.

Nas colônias agrícolas, no interior da Zona Bragantina segue a liga e a labuta em seu lote. “Ana, Josefa e Tereza, resguardando a cabeça, por causa do sol queimante, companos aos costumes bíblicos, ajudam os homens (Menezes, 1993, p. 125). “Maria Assunção, Ana e Josefa ficam na barraca cuidando das cousas domésticas.” (Menezes, 1993, p. 126). E seus pais saem para trabalhar nos roçados. Essas foram alguns fragmentos que narram o *feedback* no ciclo da infância da mãe de Tereza Rosa.

E Tereza Rosa em seu destino de construir e ter as filhas de volta, só com a esperança de ter uma safra de colheita boa, em vida, faz o reparo de todos os esforços deser retirante e sofre na terra desconhecida que agora sobre o correr dos anos, lhes dão tempos de saudosismos fecha o ciclo da vida com,

novas esperanças, quando seu marido partiu para a povoação. Os colonos, seus vizinhos, comunicam-lhe a sua alegria pelos lucros daquela safra. Somente Gonzaga não se expandia. Um luto dentro da alma, indiferente a esse contentamento, não denota satisfação, ante a prosperidade evidente. Fera apunhalado no mais sensível do coração. Seu sentimento de paternidade havia sido espezinhado. (Menezes, 1993, p. 206).

No entanto, “o poder do **Pater famílias**,” (Menezes, 1993, p. 195), Ana e Josefa deixam o núcleo familiar, voam e seguem seus destinos. A mãe, Tereza, acaba “desiludida e angustiada. Tereza recolhe-se ao barracão quando Gonzaga aparece, desacompanhado das filhas. Tereza não contém o pranto que a sufoca. Seu peito arfa, e uma incômoda falta de ar dificulta-lhe a respiração. Joga-se na rede que está armada e leva as mãos à garganta, como se quisesse evitar o estrangulamento dos soluços. (Menezes, 1993, p. 195). Dolorosa Tereza, depois de tanta luta, perde a maior luta, as filhas, a família:

uma golfada de sangue vivo, e outra, mais outra, marcham-lhe o corpete do vestido. Quer falar e não pode. Seu coração, dilacerado e consumido, não resiste a tantos desgastes procura erguer-se, e tomba desfalecida. [...] Tereza solta um gemido, escorando-lhe da boca um fio de sangue espesso – “Ai, as minhas filhas – e fica agonizante, com a cinza da morte a enviar-lhe os olhos, já meio apagados.

“Gonzaga chega junto do corpo de Tereza, já não há tempo de meter-lhe uma cera entre as mãos, maceradas e inertes.

O infeliz não tem um lágrima, não diz qualquer monossílabo, perante o quadro dramático que se apresenta. O seu silêncio é de condenação e vingança. Assunção cerra os olhos de Tereza, fixos no mistério da morte, e chora sem histerismos inúteis, como em casos idênticos.” (Menezes 1993, p. 207).

Portanto, Tereza, como espelho de mulher do século XX no universo amazônico, demonstra na força na vida, a luta, a força e o sentimento do amor. Deixa no determinismo do sopro de uma vida à sua história, seu tempo, suas vivências e seus valores, vividos no seu espaço e tempo de vida enquanto, ser humano, na trajetória de sua infância, criança, jovem e mulher. “O cadáver de Tereza, para ser dado à sepultura, no cemitério da “vila”, é transportado na mesma rede atravessa nos punhos por um caíbro (Menezes, 1993, p. 209).

3.5 A INFÂNCIA ROUBADA DAS MENINAS ANA E JOSEFA

Ana e de Josefa enfrentam o jogo que se desenrola em sua infância e o ato de ser criança. Um olhar atento devemos dar aos modos de cortejar na narrativa do romance as delicadas imersões que se faz sobre as filhas de Gonzaga e Tereza. Por sua vez, as questões de miséria, fome e falta de condições o levam às perdas irreparáveis enquanto família de imigrantes que lutam para um lugar ao sol.

Esse processo migratório que versa desde a saída de retirantes nordestinos até a chegada de em Belém e as demandas de distribuição pelas colônias agrícolas no interior do Estado do Pará, mais precisamente região bragantina, é uma das perdas mais simbólicas que passa a ser a desunião do núcleo familiar de Gonzaga e Tereza, manipulados pelo poder e persuasão do comerciante e mandatário local João Portuga. Ana e Josefa foram dadas para serem “criadas” ou “para a criadagem do Português” (Menezes, 1993, p. 143). A partir de um movimento de ausência de condicionalidades em terras paraenses, as crianças que passaram por um processo migratório são motivadas na esperança de conseguirem um pedaço de terra para plantio, colheita e sobrevivência vem de uma luta que envolve diferentes contextos e condições.

Ana e Josefa nascem no Canindé, Ceará, sobrevivem pelas más condições, escassez da seca que leva tudo a morte, sobrevivem da seca, da fome, miséria e das doenças que eram muito comuns na época. Sobre uma saída brusca ao serem retirantes, passam por um processo de migração, consegue sobreviver e quando tudo parece ter esperança, são jogados em terras, lotes de chão que mal dá para fixar um barraco. Porém, as dificuldades naturais, econômicas, de saúde, pestes, uma cultura diferente e modos de vida diferentes, fazem de seus costumes uma longa adaptação a nova terra, solo, ambiente, gente, formas de culturas, saberes, climas, plantios e modos de lidar com a terra e seus processos de agricultura. Essa passagem da região nordeste, para o norte foi um choque de culturas e ao mesmo tempo oportunidade de sobrevivência, vida e esperança de ter uma propriedade para um futuro de seus familiares, filhos(as).

Essa realidade infernal, muitos familiares se deslocam, tinham muitas perdas, abandonavam tudo que haviam construído e levavam apenas o que dava para carregar. Os filhos como parte integrante desse processo de migração, muitos eram tomados por doenças e não aguentavam a exaustão e cansaço de caminhar, morriam de fome e desidratados pelo caminho. Outras crianças e famílias conseguiam sobreviver e não se separaram de seus membros familiares.

A família de Antônio Gonzaga e Tereza é um exemplo dessa força, resistência, união e desilusão de muitas outras famílias de retirantes nordestinos que se aventuraram pela imensidão da Amazônia. Há de ressaltarmos a luta de suas filhas que “vingaram somente aquelas, Ana e Josefa, que ali se acham, já manifestando faceirices nos gestos e nos olhares. Dois tipos característicos de nordestinas novas e bonitas, apesar dos horrores da seca. (Menezes, 1993, p. 100).

Depois de terem passados muitas dificuldades, chegam a Companhia Nipônica de Plantações do Brasil instalada para os lados do Curro Velho, (Menezes, 1993, p. 100), local que recebiam os imigrantes e destinavam seus destinos de acordo com os interesses de seus senhores, prefeitos, fazendeiros, comerciantes, donos de colônias agrícolas e grandes latifundiários. Esse local de distribuição de demandas de serviços de pessoas com mão de obra barata e desqualificada seguia as influências da produção local por safra e colheita de insumos agrícolas. Eram grandes polos de concentração de pessoas, capital e serviços escravos.

Em sua grande maioria era sobre esse filtro de demandas que muitas famílias se separavam, pais, filhos(as), mulheres e agregados, cada um seguiu o destino pelos “Magnatas da Vila” (Menezes, 1993, p. 137), porém, por destino, a família de Antônio Gonzaga, se mantinham unidas, as filhas Ana e Josefa e os agregados, (Maria Assunção e Antônio Candonga), segue unidos, “- Sobe, não, mãe - Recusam-se Ana e Josefa. - Crêe tola, atranque a saia e se sustente vamos logo, meninas!” (Menezes, 1993, p. 104). São recrutados para serviços e trabalho agrícolas em terras distantes, interior de Bragança, “vila” distante alguns quilômetros adentro, em terras baixas, onde havia colônia agrícolas, galpões e loteamentos de terras negociadas pelos latifundiários locais. Os grupos de retirantes seguem em carrocerias de caminhões, nas locomotivas segue a vida desbravando o verde de floresta. As filhas “Ana e Josefa, abatidas e caladas, formam um friso de abandono e desalento” (Menezes, 1993, p. 110).

Em meio tantas famílias, grupos e gentes, as filhas “Ana e Josefa atraem os olhares, com seus modos meio matuto que condizem com a graça juvenil de seus tipos, provocando ditos dos homens, que Assunção as aconselha a não ligar” (Menezes, 1993, p. 115). “Ana e Josefa é que estão saudosas dos dias em que ali se detiveram, antes de vir para o “centro” (Menezes, 1993, p. 124), sobre a realidade em adaptação o trabalho é o que lhes restam sobre um mundo de matas e terras férteis a serem cultivadas. “Ana, Josefa e Tereza, resguardando a cabeça, por causa do sol queimante, com panos aos costumes bíblicos, ajudam os homens”. (Menezes, 1993, p. 126).

Triste realidade, porém um pedaço de terra que poderiam chamar de seu, as filhas ficam “isoladas naquele desconforto, a natureza agindo na sua ardente mocidade, saudosas dos galanteios da “vila”, com as suas facilidade e tentações, as duas irmãs sentem apenas, uma aspiração, que é se verem livres daquele meio. O mato irrita-as, entristece-as, rouba-lhes as satisfações que os seus desejos de donzelas reclamam.(Menezes, 1993, p. 126).

“As filhas, um tanto lerdas, por não estarem gostando daquela vida, auxiliam os trabalhos de campo, forçadas pelas circunstâncias” A exaustão e trabalho eram tantos que seus pais, optaram de lhes preservar dessa lida. Deixando-as em sua barraca, Assunção, Ana e Josefa ficam na barraca, cuidando das cousas domésticas. A vida distante de tudo e de todos eram angustiantes, no loteamento as condicionalidades eram miseráveis e mais uma vez por questões de não conhecer a cultura local, passam por dificuldades, todo trabalho não cobriam os gastos e deixavam cada vez mais a família presa a terra que havia chegado e ainda desconhecida. Citar, mandatários que exploram famílias (Menezes, 1993, p. 126). Todas as famílias e grupos familiares ficam à mercê de comerciantes locais e João Portuga é um desse exemplos:

João Portuga concorda, aproveitando-se da ocasião:

- É ... estou a vêr ... Por pouco não morreram arrebetados, trabalhando e passando fome. Por que não mandam lá pra casa as meninas? Seria, duas bocas de menos...

Tereza, com essa alusão às filhas, lamenta o destino de todos:

- Ah, seu João, isto é que doi ... a gente trabalha e não vai pra diante ... sempre nos aperreo da sorte ... Quando a gente é moça, pede aos santos pra tê uns filhos bonito e semaleijão. Êles vêm vindo, e as bocas são tanta, que a gente pede pra não tê mais...Dispois que êles nasce, que estão criando, não tem outro jeito. Portuga alvitra, sem fugir aos seus propósitos:

Pois é por isso mesmo ... enquanto vocês estão ainda mal acomodados, as pequenas ficam lá conosco ... com a Rosinha, que é uma boa amiga. (Menezes 1993, p. 142).

Como já foi dito, Gonzaga e Tereza convencidos por João Portuga, deixam suas filhas irem para casa de Portuga pelas condicionalidades que estavam passando em sua barraca, percebe-se um desmontes de família em jogo. ‘No ambiente familiar de Gonzaga registrava-se graves incidentes. Ana e Josefa haviam voltado para a “vila”, para a casa de João Portuga, com autorização de seus pais’ (Menezes, 1993, p. 141).

Sugere “ João Portuga volta ao assunto, dizendo mais. - Assunção também poderia ir ... Onde comem dois, comem três ...”. Ansiosas, “as desejadas ouvem tudo, no

compartimento vizinho. Ana e Josefa ansiosas pelo consentimento dos pais; Assunção, temerosa de que tivesse de acompanhá-las.” Os agregados, sem voz, fazem a escuta e presenciam os Xerimbabos passarem de um curral ao outro, com algo comum, porém, “Candunga jura a si mesmo não ir mais à casa de comercio de Portuga. Não se conforma com a permissão do padrinho, cedendo as filhas “para a criadagem do Português”, - como pensa revoltado.” (Menezes, 1993, p. 142- 143)

Candunga, por ser agregado, da família:

[...] escuta as palavras de Portuga e o natural consentimento de Gonzaga para que as filhas fossem para a casa do comerciante.

Quem sabe se Assunção corresponde ou não à afeição que Candunga lhe dedica? Ela notara a desaprovação, embora sem protesto, com que o rapaz olhara Tereza e o marido, enquanto revolveram entregar as filhas, convencidos com as lábias de Portuga.

Ana e Josefa, sob as tenhas de João Portuga, não percebem os rumores da ressaca doméstica, que invadira a palhoça de seus pais. (Menezes 1993, p. 149).

A mãe de Ana e Josefa cai em desalinho, sobre as angústias de doar as filhas paraserem cuidadas por outra família, se culpa por não conseguir ter e ser digna de atribui- lhes condições de vida para suas herdeiras. Herança de miséria, fome, luta e muito trabalho, não são dignos frente a uma sociedade doente e em crise de valores, classes, poderes, divisão do trabalho e do ser e ter o mínimo para sobreviver em nossa sociedade. Para dar-lhes vida e não morrer de fome, entregam-lhes suas filhas como se fosse Xerimbabos para serem criados. “Tereza leva as noites insones, com o pensamento voejandoem torno das ausentes, a repetir todas as rezas decoradas, às imagens de seus santos, para que eles intercedam pela felicidade de Ana e Josefa”. (Menezes, 1993, p. 143).

Depois da crise, conflito e morte entre os comerciantes mandatários da colônia, os grupos de famílias de agricultores nas zonas bragantinas, as prisões dos mandantes do massacre é de apaziguada as relações nas terras entre os povoados e os mandatários locais. “Unidos nas pases feitas, Gonzaga incumbe Candunga, a pedido de Tereza, de conseguir o regresso de Ana e Josefa. Para onde a família se encontrar” (Menezes, 1993,p. 183).

Gonzaga tentava evitar o “encontro com a rapariga de João Portuga, o que lhe seria desagradável.” (Menezes, 1993, p. 183). Esse retorno das filhas representava a união da família de Gonzaga e Tereza, depois de tudo que passaram em vida. Certo do seu retorno Tereza, comentava

contando que elas viessem, trouxeram os trastes mais necessários, da primitiva palhoça e fizeram no barração um compartimento para servir de cômodo para as quatro mulheres. Parecia, porém, ante a gravidade dos fatos ocorridos, em que Portuga e Gonzaga apareciam envolvidos, e a indiferença demonstrada pelas duas filhas, que elas não estavam dispostas a voltar para a companhia dos “velhos”. (Menezes, 1993, p. 183).

No correr do tempo, Rosinha se imbuí de “seduções e engodos, em que Rosinha as envolvera, terminara predominando nos sentidos despertos das duas mocinhas. Sentiam-se bem naquele meio, não queriam mais saber do mato (Menezes, 1993, p. 183). Iludidas ou em fantasias estavam “contaminadas na sua candura, participando desse meio favorável às tentações morais, Ana e Josefa repudiavam conviver novamente com os parentes (Menezes, 1993, p. 184), pensavam que:

A volta para o seio dos seus. Representaria a continuação dos ásperos trabalhos da lavoura, a solidão, as noites deias, a bicharia gritando no mato, até mesmo a comida, mal temperada, insuficiente, sempre a mesma. - “Elas não eram negras cativas para se acabarem no êito”! – protestavam intimamente.[...] As duas irmãs, indecisas, mas achando razão nos conselhos de Rosinha, não sabiam o que responder.

Vocês não devem sair daqui! Nem a pancada! Pai não pode mais obrigar obediência aos filhos! Já se foi o tempo! Eles querem botar vocês de novo no trabalho, com negras, passando privações! Aqui vocêstêm de tudo ... podem até namorar à vontade! – insinua a “madame”. (Menezes, 1993, p. 184)

Ana e Josefa sob o teto de João Portuga ficam aos cuidados da jovem Rosinha, rapariga, profissional de negócios que recrutavam moças do interior para os cortiços, acabou por ficar gerenciando os negócios, de João Portuga, já que circulava muito dinheiro. Ana e Josefa eram admiradas e desejada no comércio de Portuga:

Uma com dezesseis, outra um ano mais velha, tanto na doçura cantate da voz da primeira, como na negrura úmida dos olhos da segunda, emanavam flúidos de singular atração.

[...] “Era com se possuissem o talismã da sedução” – para improvisos, fazia as saudações nos aniversários e nas datas cívicas que se festejavam na “vila”. [...] João Portuga, murmurava-se teria triplicado seus negócios, depois da ida das retirantes para sua casa. [...] E Portuga elogiava-as, afagando-lhes a face graciosa:

- São duas flôres desta casa ... São dois anjos dos meus olhos ... Os senhores não acham? ...

Bastava isso para controlar o fiscal. Os colonos, embabacados, iam se deixando furtar no pês, nos assentamentos do caderno, enquanto “rebatiam uma pinga”, loucos para “arrastar a asa” às filhas de Gonzaga. (Menezes, 1993, p. 185)

Candunga, a pedido de Tereza, vai contra sua vontade ao comércio de João portuga, com objetivo de levá-las embora Ana e Josefa de volta para o seio da família de Gonzaga, porém quando chegou as duas jovens estavam bem orientadas a respondê-lo. Sobre a supervisão de Rosinha que chama Ana e Josefa para virem ouvir o que Candungatinhas a lhes dizer:

Quando Ana e Josefa deparam com o rapaz, nos seus olhos ladinos, tremúla um espanto irreprimido. Tão desorientadas ficam. Com aquela visita, que não encontram palavras para dizer. Candunga dá o recado depé. E pior do que um esgarro na cara é a resposta recebida:

- Vamos não, Candunga. Diga pra pai, mais mãe, que não vamos. Não queremos saber do mato. Aqui temos tudo. Ninguém pode obrigar nóisa í ...

Quem falava fôra Ana, com uma firmeza de resolução preconcebida. Candunga sente a serenidade fugir-lhe. Teria ouvido bem? Não estaria enganado? Ainda assim, insite no propósito que ali o levara. As duas não cedem:

- Vamos não! se pai qué nega pra trabalhá, que alugue! sêmo mais besta, não! daqui só saímos morta! ... [...]

- “Os pais são tão ruins, que as filhas não querem ir para a companhiadêles”

- Falaria o povoado em peso. (Menezes, 1993, p. 186-187).

Com as investigações sobre os bandos de forasteiros e baderneiros que atearam fogo nas colônias e causam mortes e assaltaram os depósitos de grãos edecretadas a prisão do bando de forasteiro de João Portuga, Ana e Josefa ficam sem para onde ir esse “fato real era que Ana e Josefa, irredutíveis, preferem ser depositadas em casa do Juiz de Direito a retornarem ao lar paterno” (Menezes, 1993, p. 197). Decidem seu destino, sua história e o seu caminhar.

Ana e Josefa fazem as trouxas de suas roupas e bugigangas, com os olhos vermelhos e chorosos. [...] as duas retirantes, como anjos decaídos, cabisbaixas, atravessam o corredor da venda, onde os freguêses habituais não tinham, daí em diante, aqueles pomos de carne moça, aquelas primaveras excitantes, a lhes despertar a sensualidade. E acompanham o Juíz, sem medir os acontecimentos vindouros. (Menezes, 1993, p. 198).

3.6 A INFÂNCIA TRÁGICA DA MENINA MARIA ASSUNÇÃO MALDITO CAÇUÁ⁶⁸.

Quando se sugere tecer considerações a respeito do perfil de Maria Assunção, percebemos frente ao romance as decaídas perdas, dores, lembranças, fomes, misérias, doença, o ser criança e a barbárie da infância.

Assunção emergir das cinzas, morte, decepção, da vida um ímpeto de força humana que lhe enche os olhos de lágrimas, condenam sua alma e destrocam seu pensamento e corpo abatido de tanto sofre. A força da mulher, da criança, da infância e do ser menina nordestina é um ponto chave de esperança para o século XX. “Maria Assunção, integrante do grupo, nascera meses depois do casamento de Tereza, quando Gonzaga, seu marido, levava-a consigo, como objeto seu”, Assunção era a irmã casula de Tereza Rosa, ambas eram órfãs de mãe e pai, foram criadas pelo avô. “enão houve ensejo da caçula conhecer a irmã que casara.” “Daí ter ficado no aconchego do lar alegre e feliz, já órfã de mãe, a “Assunção do Vovô”, como a chamava, com denguiço, o patriarca.”. “A irmã ficara que ficara entregue às solitudes do avô, emborasem os carinhos maternos” (Menezes, 1993, p. 100).

Maria Assunção que crescera ao lado do avô, assistiu à luta dos seus contra a calamidade. As copas dos angicos estorricavam (Menezes, 1993, p. 100). Realidade de miséria, seca e fome que o levou a migrar para outras regiões, junta-se a inúmeras famílias de retirantes do sertão nordestino. Assunção não sabe como chegara a Fortaleza, fazendo parte do comboio de Gonzaga. Como ocorrera aquilo, Senhor Deus? Parecia que o drama da seca lhe perturbara o juízo. Não se lembra de nada. Nem se o encontro com Tereza lhe trouxera alegria (Menezes, 1993, p. 101).

Candunga marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assunção de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando uma fresca d'água. E o que havia, nessa hora, escorrida dos olhos dela (Menezes, 1993, p. 101). Candunga narra: “pedira ao padrinho Gonzaga esperasse, com a família e corra a levar socorro à mocinha que chorava” (Menezes, 1993, p. 102). A segunda perda vem à tona, entre dores, choros e gritos de socorro, Assunção se vê fechada aos traumas que a vida lhe tem como perseguida. Antes a vida lhe levava seus pais, agora sua avó, só falta lhe retirar a vida.

⁶⁸ Significado de caçua. O que é caçua: Cesto de cipó, taquara ou vime, fasquias de bambú para colocar na cangalha nas costas do burro, cavalo ou jumento.

No narrar de Candunga, “ao chegar próximo, deparara um corpo encarquilhado, estendido no chão pedrento, quase só esqueleto. Morto neste momento o velho babava uma gosma verde” (Menezes, 1993, p. 102). Era seu avô. Maria Assunção sem saber o que fazer, clama as suas desgraças, a vida, má sorte, soluçando a perda de seu avô. Candunga vendo toda essa sena de dor, perda e miséria humana, nos faz ver os seus valores de homem no século XX. Há de se notar nos escritos de Bruno de Menezes, a esperança de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova mentalidade que devemos persegui-los em pleno séc. XX.

Sobre o fragmento no romance, Candunga descreve essa passagem de mentalidade, travessias, traços, crises, identidades a serem descritas por um simples ato de humanidade. Como protagonista, “ele fica com tamanha pena, e num átimo, levantara a criatura aflita, que parecia querer se acabar também, agarrada ao cadáver. A moça gemera, naufragada: - “morreram todos... Agora, meu avô, o único bem que me restava... o que vai ser de mim?”. (Menezes, 1993, p. 102).

Candunga sobre um espírito sensível e humana, sente as dores da perda, por ser órfã e se um agregado na família de Gonzaga, o faz tomar uma atitude, ressaltamos se foi de consciência ou não responderemos que as mesmas dores já haviam passado em vida. “A desvalida soluçava, ouvindo a tragédia narrativa. Numa resolução como vida, Candunga animou-a, tomando-lhe as mãos maltratadas: - “chore não, cê encontrou boas pessoas...” (Menezes, 1993, p. 102). Assunção “ em inconformado apelo, os lábios trêmulos e descorados, ela suspirara, num rôgo de toda sua alma: - “Não me deixe mais não... Fique sempre mais eu... fique!.”

Esse desejo e elo criado sobre as dores humanas, é o elo de esperança, fidelidade e esperança de acolher o seu próximo, não olhando seus pecados ou jogando seus valores. Apenas estender as mãos ao próximo é um ato de coragem, valores e de humanidade, valores éticos perdidos em nossa contemporaneidade. O espírito e a alma humana pedindo passagem em pleno século XX, é a problemática do (des)caminho do herói personificadas sobre o valor de um novo homem em sociedade. Um homem, de ética, valores, digno, cidadão, respeito, de ajudar, enxergar e saber conviver com as inúmeras diferenças que carrega o teu próximo, o outro no mundo. Citar, algo sobre ter esperança no ser humano.

Acreditar neste novo eu no mundo são as razões que levam Bruno de Menezes, tecer no romance Candunga (1954) o filtro das diferenças, do ser diferente em todas as suas lutas, culturas, valores, éticas, meios sociais, culturais e em suas formas de organizações sociais e

cooperativistas que tecem um novo olhar para uma sociedade fraterna, unida em busca de seus valores e objetivos. Valorizando o ser humano, o ter afeto, humanidade com seu próximo em primeiro lugar, o ser homem frente as mais distintas realidades, neste novo século.

Neste sentido, “Candunga levava-a para junto da tropa de Gonzaga, que vinha em busca de adjutório do governo” (Menezes, 1993, p. 102). Por sua vez, “o povão continuava passando, como se nada estivesse acontecido, tão comum eram essas cenas naquele êxito infernal.” Sobre as distintas realidades, Menezes (1993, p. 100-101), destaca o fenômeno: “seca malagourada. A vista do Pai Eterno, como a de certos cegos, não obstante sua limpidez, parecia volvida para a terra escaldante, sem enxergar um cristão. Preces, terços, coroinhas, promessas duras de pagar, tudo se tentava, para que o céu se comovesse e lagrimasse, ao menos, uma chuvinha milagrosa.

A realidade de um povo(s), as súplicas infernais elevam a crença religiosa como salvação e última esperança para homens são súplicas para um fenômeno natural em que as estiagens da seca, ceifam vidas, causam dores e mortes no sertão brasileiro. Há de mencionarmos o papel de Assunção sobre o jogo da trama,

com a dolorosa história de Assunção, que Candunga, contara, Gonzaga e Tereza, reunindo fatos, concluíram que a retirante era a parenta que eles não contavam mais encontrar, naquele horror de fuga para o litoral.[...] Identificaram-se nas vicissitudes; e Assunção, reunido se ao grupo do cunhado, narra-lhes as amarguras que passaram, desde a morte do avô, até chegarem a Fortaleza e dali a Belém. (Menezes, 1993, p. 105).

Em Belém, nas Zonas Bragantinas, sobre a proteção e ao encontro do grupo de Gonzaga tecem sua desventura em um novo mundo, sobre uma nova realidade. No contexto amazônico, de terras úmidas, férteis para o plantio e práticas de manejo. Essa realidade, suspiram novas tramas em que Assunção melhorou depois que se juntou a seus parentes e fala mais à vontade, quando se dirige a Candunga, ou tem de se manifestar sobre qualquer caso da viagem (Menezes, 1993, p. 115). Superadas as perdas e um novo caminhar o persegue em busca de (re)construir e (re)começar a vida ao lado de seus familiares. Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar (Menezes, 1993, p. 125).

Um novo modo de vida se arrasta sobre o novo espaço e tempo de luta. E Assunção suplica os determinismos de sua sorte, por ser uma jovem com muitas vivências e experiências de vida. Vida carregada de perdas, dores, violações e barbáries. Fatos que o romance se apresenta como formas implícitas de vossas narrativas. Por essa razão, cumpre-se indagar e

situar algumas passagens pela qual Assunção em seu caminhar se arrasta em uma vida de desgraçada. Maria Assunção, “enquanto esperava pela colheita, sempre com serviços a fazer, o padrinho e o afilhado, para não trazerem as mulheres ocupadas no campo, resolveram que Assunção, Ana e Josefa, fiquem na barraca, cuidando das coisas domésticas” (Menezes, 1993, p. 126), com objetivo de não expor, a tão angustiante realidade das matas, terras distantes que o lote passado ao grupo de Gonzaga, para o cultivo. Gera muitas despesas, trabalho e tempo de serviço que custam as forças de todos do grupo familiar.

Em sua grande maioria, para viver de seu sustento, de sua produção, “Tereza acompanhara Gonzaga ao roçado, para apanhar uns legumes, e Ana e Josefa, mais Assunção lidam no interior da habitação (Menezes, 1993, p. 127) Justo neste dia, incomum, há uma visita inesperada do comerciante local, para verificar as condicionalidades do grupo assentado em seus lotes. Dessa forma, salienta Menezes, (1993, p. 126) que:

Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho.

Assunção ficara abobalhada. A moça quer falar, dizer alguma coisa, oferecer um assento ao visitante, ir buscar uma caneta d’água e nada lhe ocorre. Sente a língua perra os movimentos paralisados.

- E você, Assunção, - repara Portuga. Olha que estás mais pálida e magra, pequena!

Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho. (Menezes, 1993, p. 126-127).

Os abusos e indiretas de João Portuga as raparigas são no sentido de convencê-las sobre as duras realidades que estavam passando, colocando-se a disposição para ajudá-lo:

João Portuga volta ao assunto, dizendo mais:

- Assunção também poderá ir ... Onde comem dois, come três ... Assunção, temerosa de que tivesse de acompanhá-las.[...] Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho

Assunção, entendendo-se com Tereza, não aceitara a proposta. Prefere ficar ali, ao lado deles, que são a sua família, a abandoná-los e ir residir na “vila”, mesmo temporariamente. (Menezes, 1993, p. 142-143).

Maria Assunção não corresponde as investidas do Portuga. Em conversa com sua irmã e sobre o aval de Gonzaga decide ficar junto de sua família, opções contrárias de suas sobrinhas que preferiam ir morar com Portuga, com as permissões de seus pais. Situação que

os agregados não concordam, porém não são vozes que possam dá opinião sobre que lhes acolheu, como agregados da família de Gonzaga e Tereza.

O destino de Mraia Assunção segue sobre os estágios da morte, orfandade e sercriada pelo avô, do ser agregada a família de Gonzaga, o destino de ter em seus braços entes queridos que a vida o tirou, primeiro o avô que o criou, tombou em seu braço, “- morreram todos ... Agora, meu avô, o único bem que me restava... (Menezes, 1993, p. 102) e, sua irmã, depois de muitas lutas em terras bragantinas, Assunção em um ato de fatos, cerra os olhos de sua irmã Tereza, “Assunção cerra os olhos de Tereza, fixos no mistério da morte, e chora sem histerismos inúteis, como em casos idênticos.” (Menezes, 1993, p.207).

Maria Assunção já acostumada com tantas perdas, dores, modos de vida trágicos e miseráveis formam e educam a psique e os seus modos de vida. Porém, uma das virtudes do ser criança, ser menina, ser mulher, são apagadas, quando a barbárie e abusos travam-lhe o destino, traumatizam a vida e lhes deixam um vazio na alma, carregada sobre as duras perdas que obteve e presenciou na vida.

A “desgraçada” (Menezes, 1993, p. 212) anuncia os abusos sexuais sofridos enquanto criança, indícios e fatos correm sobre a narrativa do romance, sobre Assunção, destaca-se:

E a imagem gentil de Assunção perpassa-lhe nas insonias e desejos. Seu coração reclama, Assunção êsse outro, para pulsarem juntos. Ele todo estremece à lembrança da mulher antegosada.

Batido por essas ânsias, quando, enfim, num cair de tarde, cheio de paz e suavidade, Assunção vai buscar água num riacho próximo, Candunga procura meios de avistar-se com ela, como se fosse causalmente.

Um pau-darço patriarcal esfolha as gemeas soltas de suas flores esvoaçadas. Do mato em tórno vem um cheiro bravio, de resinas e folhas aromáticas machucadas. e´ como se a natureza se recolhesse, numa prese vespéral. Um casal de inhambús aninhados geme a sua despedida ao sol, que aponisa. A moça, como que embevecida, deixa-se envolver pelas emanações sugestivas do crepúsculo.

- Assunção, cê sozinha por aqui? - fala-lhe Candunga, aproximando-se. [...]
(Menezes, 1993, p.211).

O interesse em não se casar com Candunga esconde a barbárie da violação, abusos e exploração na infância em Assunção.

Essa voz indiscreta, num gesto de suto e medo, a interpelada volta-se e depara com apaixonado, que a fita amorosamente.

- Quero conversá com cê, Assunção – torna êle, com natural enleio.

- Mordi que não me falou lá em casa? Cê me vê todo dia ... - sussurra ela, olhos fitos na linfa azulada, que marulha entre seixos.

- É um pedido que quero fazê pra meu padrinho, como chefe de casa, mas antes preciso lhe ouvir, Assunção.

- Mas aqui no mato, Candunga?

- Não brinque não, Assunção, me ouça agora ... - Avança alguns passos e se chega aí seu bem querer. Ela encara-o, nos olhos e arfa o seio moreno, presa da emoção do momento. Candunga toma-lhe as mãos úmidas, de terem estado mergulhadas na água:

- Si cê quisesse, Assunção, bem nós podia sê feliz até o fim da vida ...

- Nos dois? ... Como assim? ... Não nascir pra sê feliz ... Ranima-a na sua proposta:

- Sim ... nós mesmo, Assunção ... Depende de si ... diga ... O que ela responde fere-lhe fundamente a lama:

- Podemos não, Candunga. Gosto muito de cê, como amigo, como irmão. Mas pra casá não desejo...

- Isto cê tem outro em vista, Assunção, cê gosta de arguem...

- Gosto não ... Lhe juro por Deus, pelas cinzas dos meus ... Hei demorrê sortêra, como Nossa Senhora quizé ...

[...] Candunga lamenta-se:

- Eu é que não tenho ninguém ... Meus pensamentos são todinhos pra cê, Assunção ... Eu até já sonho com cê ... Imagine ...

[...] E olhando-o com tristeza, os cílios molhados de lágrima sinceras:

- Candunga, não posso sê sua mulher, nem de ninguém mais. Sou uma desgraçada. Cê me matava depois ... Eu sei ...

[...] O coração do enamorado bate forte. Seu espírito anseia sondar os motivos desta confissão inesperada. E é numa inquietação de todo o seu ser que êle indaga, condoído e interessado:

- Mas por isso, Assunção? ... O que lhe aconteceu?

[...] Um soluço irreprimível sufoca a resposta que ela quer dar. Candunga percebe-lhe a voz em gemidos:

- Não posso sê sua, não ... Não posso ... Só Deus terá pena de mim! Não posso não ... Não posso! ...

[...] acontecera o inevitável antes do encontro com a família de Gonzaga. Nem ela própria descrever como sucedera. Não havia se oferecido como tantas fazem. Recordava-se vagamente, que ao pernoitarem em certo pouso, à beira da estrada, fugindo aos azares da seca, um homem a chamara para o oitão da casa e lhe entregara um caçua⁷² bem sortido. O avô já vinha tropegando de fraqueza. Ela sentia uma fome, de lhe roer o estômago. O cabra puxou-a pelo braço e foi dizendo: - não grita, não grita, senão eu expulso vocês daqui e os urubús comem teu pai" ...

Ela sentira um desfalecimento, uma tontura. Ficara como assombrada, quizer resistir, defender-se. Mas estava tão fraca. Tentara morder a cara barbada do homem. Depois não soubera de mais nada ...

[...] Candunga compreende a recusa de Assunção. E aconchegando-a ao

peito forte, segreda-lhe com firmeza:

- Se importa não ... Eu lhe quero bem ... Cê não tem culpa de nada ... Chore mais não ... (Menezes, 1993, p.212-213).

São por essas barbáries e violações que o maldito Caçua serve como metáfora de um trauma da infância e do ser criança, o abuso e estupro é a oferenda do banquete, matou a fome do homem e matou a alma e os sonhos de Maria Assunção. Assunção segue seu (des)caminho, já “desgraçada” pela vida, por ser menina, por nascer mulher, no Brasil é nascer para abuso, para sofrer e ser (in)visibilizada. Tantas tragédias lhe ocorreram que por esse motivo retraídas e no correr do romance sempre menciona que gente pobre, miserável nasceu para sofrer. Porém, ainda não tinha visto o lado bom da vida e quando surge, o ar de desconfiança e pessimismo toma conta da personagem.

Dessa forma, “Assunção tendo Candunga compreendido o motivo de sua desdita, do seu sentimento, ficara mais reservada do que dantes. O rapaz fazia tudo para alegrá-la, demonstrando não se aperceber daquela infidelidade no seu amor” (Menezes, 1993, p.215).

Há de percebermos que a palavra “infidelidade” suaviza o fato e culpabiliza o violentador, porém o termo “Caçua”⁶⁹ transborda significados e sentidos metafóricos, sobre o ato de exploração e violação sexual da menor Maria Assunção.

Sobre as investidas e aceitação de Candunga em busca de se casar com Assunção, outra tragédia faz parte de sua caminhada, tanto para Candunga quanto para Assunção e as suas sobrinhas, Ana e Josefa.

Vê o Seu Gonzaga ser culpado pela morte de Portuga, por vingança, em destruir sua vida, família e abusar de suas filhas e uma das causas da morte de sua irmã Tereza. Assunção e Candunga, ambos agregados, passam por mais perdas e o (des)núcleo familiar. Herança de “famílias”, de imigrantes, forasteiros, grupos de pessoas que se deslocam por inúmeros motivos, em busca de sobreviver frente as tragédias naturais, sociais, físicas, psíquicas e da vida.

Candunga e Assunção acusados de homicídio de João Portuga, são ouvidos em busca de esclarecer possíveis fatos e investigações:

Assunção passa a dormir na barraca de uma família prestativa, onde morava a velha, que tinha promessa de vestir tôdas as mulheres e crianças que

⁶⁹ Significado de Caçua. substantivo masculino [Brasil] Cesto grande de cipó, vime etc., para cangalhas. Definição de Caçua.

morriam no povoado, como acontecera com Tereza. Ainda uma vez, Assunção foi chamada a comparecer ao comissionário, para uma acareação entre ela e Candunga, a quem depois deram liberdade. (Menezes, 1993, p.219)

Depois de muitas, perdas, dores e lutas, Assunção relute aos aceites e as investidas de casamento de Candunga:

Candunga ... faça como cê quizê ... Eu estou por tudo ... Se minha sorte é essa ... Será o que Deus mandá na vida da gente ...[...] O cartório transbordava de curiosos, que diziam de bem e de mal dos nubentes. Assunção, no seu vestido branco e floco, que lhe realça as formas atraentes, tem o olhar expressivo e os cabelos penteados com singeleza. Candunga é gabado pelas moças e matronas experimentadas, como um forte e desenvolvido exemplar de homem.[...] O adjunto de promotor está presente. O oficial do registro lê num grosso livrom escriturado com uma caligrafia bem arrumada, para mais de página e meia, os assentamentos de praxe. O adjunto faz as perguntas de lei, Se ambos estavam ali, para aquele ato, de livre e espontânea vontade e se eles se aceitavam como marido e mulher. Candunga e Assunção respondem afirmativamente, sem olharem um para o outro, os rostos afogueados, ansiosos que aquilo tudo terminasse. Em seguida, o adjunto, com uma importância compenetrada, manda que eles assinem no livro, na linha assinalada e mais as testemunhas que vieram, áto êsse provocador de pilheirias, pela demora em serem rascunhadas as assinaturas, por mãos habituadas ao trabalho duro e não ao uso das canetas". (Menezes, 1993, p. 232-233).

Sobre a "união daquelas alma simples" (Menezes, 1993, p.234), retirantes, sofredores, imigrantes, gentes, órfãs, criados para e pelo trabalho, sobrevivem as profundas misérias humanas e naturais em que o homem e as situações de vida não lhe permitiram conhecer outros horizontes. Grande leva de tipos de grupos de pessoas e famílias que afastados dos centros, nas margens e no entrelugares da vida sociocultural, descrevem ser os níveis de analfabetismo. Além de inúmeros problemas sociais, humanos e naturais, há pessoas, grupos, famílias, crianças e infância que não tiveram o habitual acesso ao uso do privilégio do poder fazer parte de uma classe que fazem uso e tem acesso aos poderes do "uso das canetas" (Menezes, 1993, p.233).

Portanto, Maria Assunção, segue rumo ao centro, "Candunga, de roupa nova e Assunção com outro vestido de primeira mão, sobem para os cavalos pachorretos, levando a amortalhadeira na garupa da retirante" (Menezes, 1993, p. 234). Uma nova realidade, uma nova família, uma nova união, uma nova esperança para ser mulher, para ser homem, para ser humano é colocada em jogo, com a união de duas almas simples que (re)construirão a sua própria vida e seguir uma nova mentalidade sobre o ato metafórico de unir, (re)construir e

tecer uma nova realidade a ser vivida e sonhada por seu povo, sua gente. Um novo “núcleo familiar” se firma, se (re)constrói, uma nova vida está em jogo em pleno séc. XX.

SEÇÃO IV



A ORFANDADE E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA XERIMBABO NA AMAZÔNIA PARAENSE



*“No acalanto africano de tuas cantigas, nos suspiros gementes das guitarras,
veiu o doce langor de nossa voz, a quentura carinhosa de nosso sangue. É’s
Mãe Preta uma velha reminiscência das cubatas, das senzalas, com ventres
fecundos padreando escravos. Mãe do Brasil? Mãe de nosso brancos?”*

Bruno de Menezes⁷⁰ - Mãe preta (trecho)

⁷⁰ Poema “Mãe preta”, encontra-se sobre a obra: Batuque ([1931], 1984, p. 28.

4.1 AS CONDIÇÕES DE ORFANDADE EM MARIA DAGMAR E CANDUNGA

A *condição de orfandade*⁷¹ segundo o dicionário de Bechara (2011, p.927) acentua que “orfandade (of. fan.da.de) s.f. Estado ou condição de órfão. Órfã (ór.fão). Adj. 1. Que não tem pai ou um deles: um menino órfão de pai e mãe; uma menina órfã de pai. s.m. 2. Aquele que ficou órfão: os órfãos de guerra serão adotados”. Para Marcílio(2019, 27) “abandonar bebês é um fenômeno de todos os tempos, pelo menos no Ocidente. Variam apenas, no tempo, as motivações, as circunstâncias, as causas, as intensidades, as atitudes em face do fato amplamente praticado e aceito”. Situação tão comum do ponto de vista das temporalidades seculares que atravessam milênios de uma problemática que apesar de muitas evoluções de mentalidades e instituições cívicas, ainda há muito que avançamos e fiscalizarmos para retirar do *status* de comum, fatos e práticas como essas em nossa humanidade.

Marcílio (2019, p 43) define que “muitos homens e mulheres no período da Colônia ao Império abandonaram seus filhos por questões morais e econômicas. Os legisladores civis e religiosos tentaram reprimir não apenas os métodos contraceptivos, mas também o aborto, o infanticídio e o abandono de bebês”. Essa barbárie contra o que hoje conhecemos com criança e infância, atravessam tempos, podemos citar uma passagem bem mais carente, entre

séc. XII e XIII, os pobres davam colocavam seus filhos como aprendizes de um ofício ou davam-nos a criar, mais que os abandonavam. [...] em meio a grande reforma dos sistemas canônicos, a Igreja nunca exarou um único código que condenasse ou proibisse o ato de expor os filhos. Sociedade e Igreja aceitaram perfeitamente – e muitas vezes até justificaram e regulamentaram a prática de exposição das crianças. Mesmo a venda de filhos como escravos ou servos nunca foi condenada pela Igreja. Era comum a venda de crianças na época; os pais também expunham forma de constrangimento. Em alguns locais, leis eclesiásticas impunham que os filhos de padres seriam tomados de seus pais e se tornariam escravos da Igreja. (Marcílio, 2019, p 43).

As vendas, os abandonos, as tutelas, os órfãos, o feminicídio, ato de criar filhos alheios eram comuns em sociedade e mentalidades de tempos anteriores. Marcílio (2019, p.59) acrescenta que:

Pobreza, ilegitimidade, defeitos e má saúde continuaram as as causas mais comumente alegados para o abandono, depois do séc. XIII. Uma grande quantidade de crianças pobres entrava para o tráfico de escravos, sobretudo no final da Idade Média, nas áreas meridionais da Europa e nos seus centros comerciais. As meninas abandonadas com frequência tornavam-se prostitutas.

⁷¹ Orfandade ou Condição social de Orfandade: é a condição social de uma criança cujo pai e/ou mãe faleceram ou a abandonaram. No uso comum, apenas uma criança que perdeu ambos os pais é chamada órfã.

No correr do século XVIII na Europa, em “fins do século XVIII, praticamente todas as cidades italianas possuíam asilos de expostos com roda para receber a criança enjeitada pela mãe por várias razões (Marcílio, 2019, p.79). A presente autora define que

o combate à mortalidade infantil representa o primeiro campo de intervenção filantropia em favor da infância desvalida. Nesta primeira fase (fins do século XVIII e, particularmente, no século XIX) a filantropia – muitas vezes associada à caridade – pretende assumir uma ação social. Ela tem por finalidade maior engajar ações culturais, pedagógicas e moralizadoras, além de experimentar e difundir inovações e, ainda, financiar campanhas de opinião. Em uma palavra, a filantropia se apresentava como “científica”. (Marcílio, 2019, p.85).

Arrastam-se no universo do século XIX, a filantropia como questão de saúde pública e científica, com emergência de políticas públicas e sociais que buscassem civilizar, pois para se ter progresso, ciência e desenvolvimento dos países, do capitalismo neoliberal, das ciências e os interesses de nações estavam em jogo. Impulsos dados pela revolução científica do iluminista, em todos os campos de conhecimento, principalmente os da mentalidade científica. O higienismo ou limpeza étnica e social, filtro da civilidade da classe branca, faziam a limpeza étnica de sua população. Tanto que se considera o século XX, como o “o século da criança na Europa. Da criança legítima, da ilegítima e da abandonada”. (Marcílio, 2019, p.92).

Para Rizzini (2011, p. 45) em sua representação da pobreza no Brasil, define que a situação de pauperismo e moralidade estava sobre os vícios socioculturais da sociedade, diz que

ao se buscar na literatura histórica referências sobre os espaços reservados à criança na sociedade brasileira do século XIX para o XX, percebe-se claramente que “a criança” que mais aparecia era aquela que, aos olhos da elite, carecia da proteção do Estado e precisava ser ‘*corrigida*’ ou ‘*reeducada*’ Eram os ‘*expostos*’, os ‘*orphaosinhos*’, os ‘*pobres meninos abandonados*’, as ‘*crianças criminosas*’, os ‘*meninos delinquentes*’ e assim por diante. Onde constava algo relativo à infância ou à juventude, lá estava implícita a ideia de periculosidade, carregada de ambiguidade anteriormente assinalada: ou a criança personificada operigo ou ameaça propriamente ditos (‘*viciosa, pervertido, criminosa...*’) ou era representada como potencialmente perigosa (‘*em perigo de o ser...*’).

João Portugal ainda exercia seus poderes e influências sobre sua colônia brasileira. Sabemos que essas colônias surgiram como ponto de filtro social, o fenômeno de abandono de crianças em Portugal encontra uma *válvula de escape*, as colônias. E uma delas era a colônia do Brasil. Por sua vez, ressalta Marcílio (2019, p. 137) que

há de recordar que nas décadas finais do século XIX, e antes da Primeira Grande Guerra, o fenômeno da emigração portuguesa, particularmente para o Brasil, assumiu grandes proporções, aliviando o problema demográfico-social português. Dos expostos que conseguiram vencer a alta mortalidade que os atingia nos primeiros anos de vida, muitos foram mandados para o Brasil.

No Brasil essa herança da barbárie, foi passada a frente, sobre influência de Portugal em suas colônias, o Brasil se apresenta como depósitos de “gentes” explorados, escravizados e marginalizados e os “invisíveis” eram jogados e misturados a grandes naus e embarcações de escravos, presos de guerra e condenados de todo tipo de delitos contra a vida humana. Sobre as mentalidades, poderes e forças civilizatórias dos homens branco, frente a realidade de resistência que aqui passa a encontrar com os indígenas e escravos negros rebeldes e fugitivos. Para Lobo e Franco (2018, p.9) resume e faz síntese, da barbárie humana sobre as categorias de infância e criança, ao definir suas travessias:

Da assistência caritativa aos órfãos, expostos e desvalidos do século XVIII – prestada, principalmente, pelas Irmandades da Misericórdia –, à assistência pública do final do século XIX e início do XX, dirigida tanto aos menores considerados em *abandono moral e material* como aos ditos anormais, o Brasil entra no chamado processo de modernização, em consonância com as investidas médico-higienistas e posteriormente eugenistas, ambas importadas dos países europeus e agravadas, aqui, pelo longo período de escravização de povos indígenas e africanos.

São sobre essas considerações de barbárie que mencionaremos as condições de orfandade que surgem a partir dos romances de Bruno de Menezes. Para situarmos esse contexto, as percepções de leituras de Corrêa e Araujo (2018, p.10-11) mencionam que

no raiar da República do Brasil, os menores envolvidos com a criminalidade eram crianças pobres, órfãs, sem escolaridade e que, em razão das suas condições socioeconômicas e do abandono *familiar*, buscavam nas ruas uma forma de sobrevivência e, conseqüentemente, o envolvimento com pequenos delitos. O ideário da sociedade, nos finais do século XIX e início do século XX, era de que os meninos desvalidos que estivessem nas ruas praticando mendicância, furtos, gatunagem, desordens e arruças, e que não estivessem exercendo alguma atividade laboral, deveriam ser recolhidos. Com relação às meninas existia a preocupação com sua honra e moral, de não serem chamadas de “meninas perdidas”, pois constava-se um número expressivo de casos de defloração e envolvimento de meninas com prostituição.

A condição de orfandade no romance *Maria Dagmar* (1950) pode ser percebida a partir das passagens do tempo, memória e símbolos, reunidos em espaços e tempos, em que a protagonista Dagmar, faz de suas lembranças o retorno à sua infância, a partir de situações de *feedback*, retorno e memorização, desejos do tempo vivido, dos tempos de criança e a passagem urgente de sua infância a jovem/moça. Dagmar se aprofunda em seu monólogo interior, para descer nas entranhas de vossa alma, bendizer as angústias de vosso espírito e a decomposição de sua carne no correr da vida. Espírito no tempo, uma voz social representadas, silenciada, vivida, invisibilizada, anunciando a busca pelo sonho de muitas mulheres no início do séc. XX.

Representação de uma nova mentalidade, rebento de uma transformação sociocultural, em condicionalidades diversas que necessitam gritar o mundo, sobre um grito de desespero, dor e sobrevivência. Vozes que agonizam no tempo e espaços amazônicos, ao olhar do escritor Bruno de Menezes, representante dessa classe inferiorizada, negra, escrava, cabocla, ribeirinha, dos campos e das florestas, refugiada, migrantes, mulheres, crianças negras e sobre uma cultura Afro-Brasileira, o realismo passa a ser romantizado, ganhar e transforma os modos de vida, frente de sua gente, frente ao meio social.

Para Benjamin (2010, p.37) a memória seria “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que lembrado é sem limites, porque é uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Essa “chave” para Dagmar é a lembrança em que “no tempo em que era moça do côro (Menezes, 1993, p.85) no romance essa temporalidade nos levam a descoberta de sua infância, o ato de ser criança e as passagens ininterruptas de menina à mulher. Símbolos desse processo de (re)significação das lembranças se dá por meio de filtros, tais como: espelho, fotografia, horas, dia, noites, o filtro de um cigarro, a Singer, as cartas, as noites, os quartos, as camas, as horas, o canto, a perda, as dores, o sonho e os desejos dos mancebos, dos homens

há ocasiões em que revê umas fotografias quase escandalosas tiradas em duetos com seus amores mais estroinas.[...] É um consôlo êsse mundo enlêvo contemplativo. [...] então Dagmar se vangloria, retrospectivamente, daquêle instante intensamente vivô, da despreocupação do dia seguinte, do prazer com que o homem pagava tudo, a bebedeira que tomara, os beijos espontâneos que ele lhe dera, entregue literalmente àquêla farra. [...] Dagmar já não se demora tanto ao espêlho. Evita enfrentar o recalque de seu desmoroamento outoniço. [...] compreende que não atrai mais ninguém para o amor eterno e digno.

[...] Dagmar fuma, fuma, dorme e sonha com alguém para viver, maugrado seus sofrimentos, o passado remoto, os primeiros anos de sua descida na escadaria do amor... [...]. (Menezes, 1993, p.85).

A descida aos desejos profundos de Dagmar escancara a barbárie dos abusos em que Dagmar sofre, sobre as memórias de infância e criança, “que adiantava ser de menoridade? (Menezes, 1994, p.53), o seu perfil de infância e criança em silêncio e em barbárie apresenta com a tutela, a avó sexagenária (Menezes, 1994, p.51), uma senhora, que apresentava entre 60 a 69 anos de idade era quem mantinha ou seria as rezas de Dagmar, a influência tutelar da morta? (Menezes, 1994, p.51), nos surge no correr do romance a origem do grupo familiar tidos como família de retirantes e refugiados, chamados de “taumaturgos sertanejos” (Menezes, 1994, p.51). Nordestinos vindos para região norte, na esperança de sobreviver.

No seio familiar estavam a avó, a tia e a irmã. Vivem em condições de retirantes, pobres, vivendo nas periferias, imersos em miséria. E todos na rua “sabe que elas não têm protetores nababos, mantendo, sabe Deus como, uma linha ridícula de conduta”. (Menezes, 1994, p.41) sobreviver era a condição para a “corja de parasitas!” (Menezes, 1994, p.55). Sua infância era vista como troféu, salvadora da condição de miséria que impossibilita que seu núcleo familiar pudesse emergir socialmente. Sua avó e tia trabalhadoras da noite, cafetinas já desgastadas preparava a tutela para os inferninhos danoite.

Todos admiravam a força de mulher que era Dagmar “na rua em que morava, na sua juventude descuidada, se alegravam quando ela passava, ritmando o andar cadenciado, pelos caminhos rústicos, abertos ao apressado pisar do povo. (Menezes, 1993, p.75). Segundo Menezes (1994, p.41), o perfil de paupérrimas condicionalidades o leva a agir em busca de sobreviver:

O que havia de se dar chegou fatalmente. Insuladas entre quatro paredes, elas sofriam aperturas medonhas, com dívidas a pagar, enfim, todos os elementos contrários, que preparam, sinuosas e magnéticos, a queda de quantas mulheres. Dagmar chega à conclusão disso mesmo não sabe o que fazer, o que deliberar.

A condição miserável muda de figura “quando sucedeu o inevitável e Dagmar se rendera à insistência do homem farejando-a, perseguindo-a, impelindo-a para o abismo” (Menezes, 1993, p.41). “Dagmar, mesmo neste estado de euforia, julga-se inferior, sacrificada, porque não encontra a “afeição legal” que esperava e sente que aquilo é a compensação de sua florida mocidade” (Menezes, 1993, p.43). Em um exame de consciência, Dagmar entre o abuso e a exploração, a convivência familiar vê os investidos de capital do homem a moça. “As velhas, mais a irmã, deixaram-se conduzir em galeras de ouro vogando em azulejos mares de lenda, entregues pacificamente aos fatos consumado.” (Menezes, 1993, p.41).

A situação, se modifica, pois já tem casa e vive no luxo onde há mesas fartas e uma vida de luxo. “A tia está nédia, a irmã nem se lembra que era pobre, a avó deu de usar uma cara de quem não dá confiança à boca do povo. O irmão toca e se diverte nos forrós. (Menezes, 1993, p.51). “A tia, arrastando uma velhice incômoda, e a irmã, andando de amores clandestinos residem em sua companhia e somem para o interior, quando Dagmar recebe os homens passageiros. (Menezes, 1993, p.67).

Há de se definir que pelo movimento de lembrança, a memória sendo evidenciada a partir das imagens de infância e criança em Dagmar. Essa memória está sujeita a transformações e, por isso, é dinâmica. Entre sujeito e memória há relações de desejo e vontade mediante os quais o sujeito busca chegar às entranhas daquela. Tal busca implica uma viagem mágico mística ao longo da qual se têm descobertas. Busca-se um arquétipo, a origem das sensações presentes (Feitosa, 1998, p. 99).

Pollak (1992, p. 202) apresenta alguns elementos constitutivos da memória, que são os “acontecimentos, personagens e lugares”. Ao nos referirmos aos acontecimentos, podemos entendê-los tanto na esfera individual quanto na coletividade. No aspecto da coletividade, os acontecimentos seriam aqueles que, mesmo quando o indivíduo não participa ativamente, seja em seu imaginário, têm determinada e relevante importância política, social e histórica. É possível que ocorra, nesse ínterim de socialização histórica, uma forte identificação com o passado a qual Pollak (1992) se refere como uma memória herdada.

A memória também é constituída por personagens, que não são necessariamente do espaço ou do tempo, mas que foram importantes em determinado momento de construção da memória individual ou coletiva. Dessa forma, entendemos os lamentos de Dagmar, Do amor que não veio, da condição que se foi, da vida que passou, dos momentos que viveu, dos desejos não realizados, porém, não se pode dizer que não experimentou as travessias de vida, desamor, decepção, sonho que o frustrou na vida. O legado que Dagmar são:

[...] os mancebos que a encontram querem-na para introversões fisiológicas. Os homens maduros preferem-na pela higiene de que ela é padrão

Os convocados em seu pensamento são todos materialistas e brutais.[...] Que vida, Senhor Jesus! Que vida!

[...] nebuloso porvir, de que ela teme a nada espera. [...] Os homens?... Ah, estava bem servida se acreditasse neles como sempre fez.

[...] De ajuda efetiva conta apenas com a sua máquina de costura, já um tanto perra e gasta, envelhecida como a sua dona. (Menezes, 1993, p.85-86).

A *condição de orfandade em A. Candunga* aparece sobre os anjos caídos pelo processo de migração, quantos meninos e meninas não perderam suas vidas nos porões de navios cargueiros, caminhões, trem, carretas, caçambas e pau-de-araras. Quantos desse migrantes não cruzaram fronteiras regionais à pé, em comboio, quantos desses meninos e meninas não ficaram pelo caminho, não suportaram tanta miséria, fome, sede, seca como é o caso das narrativas no romance *Candunga*, de Bruno de Menezes.

Há de ressaltarmos as “à luta dos seus contra a calamidade” (Menezes, 1993, p.100), sobre um contexto de sobrevivência básica, que lutavam por “dias e noites sucediam-se na esperança da água suspirada. O azul continuava impassível. Um sol impiedoso” (Menezes, 1993, p.100). Estas situações, o levam as desgraças humanas, a natureza sufocava-se, os próprios mandacarús agrestes, com as espátulas espinhosas murchando, serviam de motivo para entristecer a paisagem. (Menezes, 1993, p.100). Erao fenômeno das secas, decidiam não morrer e lutavam pela vida, “andavam meses. Durante o dia, como alucinadas visões de uma tétrica miragem” (Menezes, 1993, p.101). Gente, vida, o povo brasileiro em expressão e desigualdade, “ao menos um cangirão d’água para desalterar a garganta dos que ainda possuíam alguma força, quanto mais paramolhar os lábios dos moribundos?” (Menezes, 1993, p.101). A vida sendo ceifada por falta de água, vidas sendo deixadas no meio do caminho como se fosse um animal, semo mínimo de dignidade humana.

É perceptivos pessoas em situações de desigualdade, miserabilidade humana caminhando e fugindo da morte, a morte o persegue “os carreiros de famintos se arrastava, testemunhava o desespero dos que tombavam, de olhos desvairados, clamando piedade aos céus,” (Menezes, 1993, p.101). São sobre essas condicionalidades que muitas famílias sobrevivem e migram para outras regiões. Há de ressaltarmos o papel dos “homens atravessadores”, coletores de mão de obra barata e conseqüentemente de grupos familiares que possam servir de mão de obra escrava e explorada. Seu papel era convencer, os retirantes, grupos de migrantes a se “interná-los nas concentrações”. (Menezes, 1993, p.101), concentrações de migrantes muitos deles com perdas irreparáveis no ato da fuga, o medo de morrer, a falta de condições psíquica, físicas frentea uma gota de vida, o cegam para vida.

Entender essa situação, é compreender como nas entrelinhas das narrativas a barbárie parra a emergir da vida “no meio desses coitados destacavam-se filhos sem mãe nem pai, viúvas sem parentes algum, mulheres da vida parecendo honestas, safados corridos da justiça, porém mais que justiça estamos falando, quais justiça se destacam, se colocam e se define por meio desse romance? Seria melhor invertermos o questionamento, tais como: quais

injustiças são feitas, aplicadas e coagidas enquanto barbárie? Há de questionarmos, se com os adultos são descritas essas relações imaginemos com uma criança, no meio do “bando” de migrantes. Fatos a serem analisados, pode ser descrito na seguinte descrição, em que define que “aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças e meninas sem ninguém, para tomar conta delas” (Menezes, 1993, p.101).

A liberdade na exploração de crianças aparece de forma gritante nos textos e em suas entrelinhas. Exploração de todos os tipos eram comuns em pleno século XX no interior, no campo, colônias agrícolas, zonas urbanas e periféricas de grandes capitais e cidade, polos industriais, beiras de estradas, vilarejos e outras formas de concentração humana de forma geográficas, simbólicas e socioculturais na Amazônia paraense. Aos passos que se pode verificar nos fragmentos a seguir, que versam sobre esse contexto:

Vão separando os homens das mulheres. Elas ficam no andar de cima, coma as crianças... os homens aqui em baixo... [...]

- o seu fadário, estirando os braços mirrados, equilibram-se nas pernas vacilantes, para depois, agarrados à “carrosserie” deslizarem para o chão, caindo alguns deles desamparados. (Menezes, 1993, p. 105).

Os flagelos sociais em questão, denunciam e define os passos de uma realidade muito comum sobre a realidade da Amazônia paraense, muito bem descrita no romance Maria Dagmar e Candunga, Damas e senhorinhas do mundanismo social – “porfiam em dermar o bálsamo de sua bondade” – como assinalavam os jornais, - “para amenizar as agruras dos flagelados”. (Menezes, 1993, p. 107). Realidade que atravessam uma temporalidade dos anos 1900 a 1930 do século XX em nosso país. A realidade de uma infância e as situações de crianças, são silenciadas, invisibilizadas e exploradas:

Comparece quem queira levar duas ou mais crianças empanzinadas, para tratá-las em casa. Desejo êsse, manifestado por pessoas de modestos recursos, ao contrário dos abastados, que a isso se furtavam. Apagados a um duro egoísmo, de “sangue limpo”, ofendidos com assolicitações insistentes, os responsáveis pelas famílias desenganavamos pretendentes:

- Ora veja lá ... Dou o quê! ... Isto não é filho de nêgo, que se procura quem quê ...

E um outro, com pessimismo:

- Cê é besta ... Abro a cova para todinhos mas não dou um só ... [...]

A mãe de três crianças amarelas e cabeludas, despacha de uma vez, conformada com a sorte:

- antes morrerem, se deus fôr servido ... mas é debaixo dos meus óio ... (Menezes, 1993, p. 108).

As condições de famílias, migrações, mulheres, crianças, infância, educação, mentalidade, cultura, identidade, modos de vida, violações, barbárie versam sobre as

problemáticas universais da humanidade, do ser humano, do ser em conflito no mundo, com outro e consigo mesmo, atravessam séculos. No entanto, estas questões “agora estão com sua família feito retirantes, mais assunção agregada, que felizmente os encontrara, pensamentos estes que consomem, pois nunca sonhara que uma situação dessas viesse a enfrentar na vida”. (Menezes, 1993, p. 115).

O “grito de corta a alma” não parava, continua, “o povo continua passando como se nada estivesse acontecendo, tão comuns eram essas cenas” (Menezes, 1993, p.101) os desvalidos aparecem nas descrições narrativas enquanto força de expressão de um movimento e condicionalidade em que o escritor, privilegia os seus espaços e falas, na tentativa de humanizar, sensibilizar e transformar a mentalidade de sua época.

No comboio de Gonzaga, Antonio Candunga, “afilhado, pelo físico dessorado, lembrava um novilho desgarrado, de ossatura à mostra a quem abriram a porteira do curra, quando nem caroço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para os animais (Menezes, 1993, p.99). O menino xerimbabo, criando parece animal, exemplo disso, é quando o narrador faz destaque, o colocando como animal, um cão da família, “está febreiro, mas, na falta de um cão, é o rafeiro do grupo” (Menezes, 1993, p.99), ressalta a categoria de criança xerimbabo.

Os anjos caídos, os xerimbabos, aparecem em Tereza Rosa, mãe de Josefa e Ana. Em situações de morte, fome, ao seguir a prole de Gonzaga, “rédua de barrigudinhos” (Menezes, 1993, p.99), explorada na infância, roubada literalmente de seu avô, por ser órfão de pai e mãe, vivia sobre os cuidados de seu avô. E logo foi roubada do lá, por Gonzaga que o levou para seu curral, ser seu dono. Tereza, “por misericórdia divina, os filhos nasciam-lhe, chupavam-lhe as tétas cheias, chegavam a gatinhar, e depois, esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável.” (Menezes, 1993, p.100). Das crianças que “vingaram somente a aquelas, Ana e Josefa” (Menezes, 1993, p.100).

Há de ressaltamos que a categoria xerimbabo alcança, a irmã de Tereza, Maria Assunção, que depois da morte de seu avô, na fuga da seca do sertão, encontrou o grupo de Gonzaga que a acolheu. Assunção sofre por sua vez uma segunda orfandade pela perda de seu avô. E ganham como agregada, aceite de Gonzaga para seguir em seu comboio. “Maria Assunção, integrante do grupo, nascera meses depois do casamento de Tereza” (Menezes, 1993, p. 100). “Daí ter ficado no aconchego do lar, alegre e feliz, já órfã de mãe, a “Assunção do Vovô”, como a chamava, com dengue, o patriarca da família. É não houve ensejo da caçula conhecer a irmã que casara”. (Menezes, 1993, p. 100).

Maria Assunção fica órfã de irmã com a morte de Tereza. No correr da narrativa, entra em foco Ana e Josefa, que filhas de Tereza, ficam órfão de mãe e logo depois, com a fuga de Gonzaga ficam órfão de pai e o Juiz de órfão fica com as vossas tutelas até ganharem a sua liberdade de maioridade. Há de ressaltarmos que Maria Assunção foi abusada na infância, na troca por um caçua de frutas, dadas por um homem que acolheu seu avô e a neta corridas de suas terras pelo problema da seca. Em relação às irmãs órfãos, “Ana e Josefa atarem os olhares, com seus modos meio matutos, que condizem com a graça juvenil de seus tipos, provocando ditos dos homens” (Menezes, 1993, p. 115). Conduzidas a casa de Portuga, com melhores condições de alimentação, estadias e proteção, “isoladas naquele desconforto, a natureza agindo na sua ardente mocidade, saudosas dos galanteios da “vila”, com as suas facilidades e tentações, as duas irmãs sentem apenas, uma aspiração, que é se verem livres daquele meio. (Menezes, 1993, p. 126). Gonzaga e Tereza resolvem “entregar s filhas, convencidos com as lábias de Portuga” (Menezes, 1993, p. 143), a trágica condição de exploração sendo anunciada, aos passos de condicionalidades gera o que poderemos chamar de criança xerimbabo são crianças que passam a ser criadas por outras famílias, pois não tem condições de criá-los, resolvem doar, agregar, deixar na casa de familiares para serem criados(as).

No entanto, para Filho e Prado (2020, p.28) define que

o paradoxo maior da expressão “ouvir a voz das crianças” reside não apenas no facto de que *ouvir* não significa necessariamente *escutar*, mas no facto que essa “voz” se exprime frequentemente no silêncio, encontra canais e meios de comunicação que se colocam fora da expressão verbal, sendo, aliás, frequentemente infrutíferos os esforços por configurar no interior das palavras infantis aquilo que é o sentido das vontades e das ideias das criança. Mas essas ideias e vontades fazem-se “ouvir” nas múltiplas outras linguagens com que as crianças comunicam. Ouvir a voz é, assim do que a expressão literal de um ato de articulação verbal (que, aliás, não deixa também de ser), uma metonímia que remete para um sentido mais geral de comunicação dialógica com as crianças, colhendo suas diversificadas formas de expressão.

E esse fenômeno do “ouvir” as vozes em silêncios, nas margens, (in)visíveis e nas entrelinhas dos romances Maria Dagmar e Candonga, passa a ser construído a partir de situações de traumas, perdas, migrações, crises, mortes, decepções, condicionalidades, modos de vida, vulnerabilidade, miséria, desumanidade, exploração psíquica, física e simbólica. Define o que chamaremos de criança e infância Xerimbabo, tratados como crias, animais, explorados até a alma, por seus grupos familiares, tutores e uma sociedade como um todo.

Exemplo de “vozes” e do ‘ouvir”, dos “silêncios” dessas manifestações de criança e infâncias Xerimbabo, pode ser visto como um novilho desgarrado, (Menezes, 1993, p. 99), sobre A. Candunga na falta de um cão, é o rafeiro do grupo, dada a fidelidade (Menezes, 1993, p. 99). Para Tereza, percebemos que quando criança e na posição de órfão é abusada e roubada por Gonzaga ao escolhe uma ovelha ainda não coberta, e leva-a como seu dono, para outro curral distante. (Menezes, 1993, p. 100).

Antonio Candunga, “a ação que lhe toca, por um pendor todo seu, reparte com os companheiros menos aquinhoados.” (Menezes, 1993, p. 103), o “triste rebanho aos tombos” (Menezes, 1993, p. 103) segue a caminhada, só faltando um chiquerador, para ser o comboieiro, açoitando animais de carga. (Menezes, 1993, p. 114).

Para Maria Assunção a palavra xerimbabo passa a ser ressaltada. “Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar. (Menezes, 1993, p. 125).

Sobre as passagens a seguir a categoria Xerimbabo, passa a ser ressaltada pelo personagem João Portuga como:

Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho.
- Quem é? - perguntam de dentro.
- Então não se lembram mais de mim, suas ingratas! [...]
 - E jogando o laço para as duas irmãs:
 - Quando vocês moravam na “vila, que saíra de casa e passeavam, que iam à feira, tinham outras côres e melhores carnes. (Menezes, 1993, p. 127).

As situações de criança e infância se manifestam como comparativos expressivos de uma linguagem usual e comum na sociedade do século XX, no Pará. Ressaltamos que “passa uma tropa de animais, arcada com as cargas nas cangalhas, o tangerino, encarapitado na burra de sua predileção. (Menezes, 1993, p. 135).

Essa e outras expressões, são definidas nos diálogos de João Portuga e Romário: “Diga tudo que sabe! Peste dum cão!... (Menezes, 1993, p. 146) bem como. “- você, seu cabra sem vergonha, é uma égua!” (Menezes, 1993, p. 147).

O construto de uma *infância e criança xerimbabo* versa, segundo Gobbi e Pinazza (2014, p.9) como uma metáfora lúdica vista como essencial nos tempos atuais tem assento nas áreas da Filosofia, Antropologia, Sociologia, Linguística. Psicologia. Pedagogia, Artes, Literatura, penetra e circula pelas mídias tecnológicas e no seio das culturas da infância, dando

sustentação para que as linguagens possam se embeber do imaginário, do prazer e do encantamento.

As metáforas dessa ludicidade podem ser representadas na tabela 04 seguir:

Quadro 4 - A metáfora xerimbabo nos romances maria dagmar e candunga

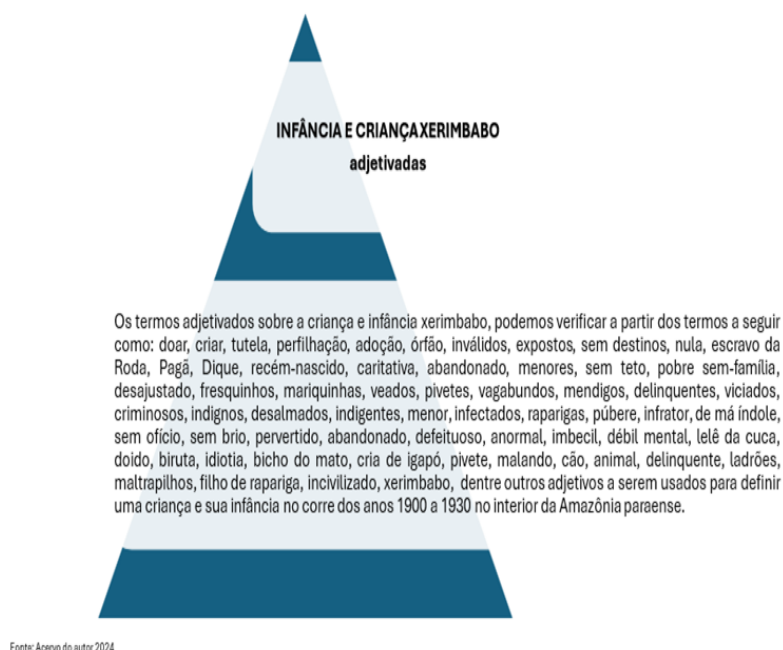
O “Xerimbabo” em Maria Dagmar	O “Xerimbabo” em Candunga
<u>Lobos</u> (Menezes, 1993, p. 40) <u>Flôr</u> (Menezes, 1993, p. 40) <u>turba</u> (Menezes, 1993, p. 40) <u>Belo Animal</u> (Menezes, 1993, p. 42) <u>Cão</u> (Menezes, 1993, p. 44) um <u>cão</u>, a um <u>cavalo</u> de estimação. (Menezes, 1993, p. 44) <u>Anjinho</u> (Menezes, 1993, p. 50) <u>filhinhos</u> (Menezes, 1993, p. 57) Os <u>exame dos Zangões</u> (Menezes, 1993, p. 58) Dagmar assistia essa existência de <u>ergástulo</u> (Menezes, 1993, p. 61)	<u>Braço roliço da rapariga</u>. (Menezes, 1993, p. 149) <u>bichinha</u> revessa... Vem, <u>cearencinha</u> marvada... (Menezes, 1993, p. 149) seu <u>cabra</u> indecente! (Menezes, 1993, p. 150) <u>“pequenas novas”</u>. (Menezes, 1993, p. 150) <u>raparigas</u>. (Menezes, 1993, p. 150) negócio, indo buscar as <u>“meninas”</u> no interior, (Menezes, 1993, p. 151) <u>corpo carnudo</u>, anças bolinando, (Menezes, 1993, p.151) as <u>matutas</u> invejam as maneiras. (Menezes, 1993, p.151)
o ladrido dos <u>cães tão famintos</u> seus donos, ou os seus ganidos cortantes, ao roerem as <u>bicheiras das patas</u>. (Menezes, 1993, p. 61-62) <u>corujas</u> “rasgando mortalhas”, ou então gargarejando nas ruínas das palhoças desabitadas. (Menezes, 1993, p. 62) o tripudiar sobre a <u>prêsa</u> como um abutre carnívoro. (Menezes, 1993, p. 63) <u>Grilhetas sociais</u>. (Menezes, 1993, p. 63) <u>raparigas</u>. (Menezes, 1993, p. 67) E Dagmar se estende no leito, como um <u>felino se espreguiçando</u>, (Menezes, 1993, p. 73) um <u>animal</u> quando partinha a função de procriadora. (Menezes, 1993, p. 74) incauta <u>moça do subúrbio</u>. (Menezes, 1993, p. 75) O diabo da mulher desfrutável. (Menezes, 1993, p. 76) <u>Bandoleira</u> dum raio! (Menezes, 1993, p. 76) Dagmar comparando-a às <u>cadelas</u> e às <u>gatas</u>... (Menezes, 1993, p. 76) Dagmar, <u>gordalhufa</u> e sorridente. (Menezes, 1993, p. 80) <u>escárnio da plebe</u>. (Menezes, 1993, p. 82) <u>moça do côro</u>. (Menezes, 1993, p. 85)	voz de <u>serei</u> aposentada... (Menezes, 1993, p. 151) as pequenas (Menezes, 1993, p. 153) <u>“três pedaços de pequenas”</u>. (Menezes, 1993, p.153) a vida humana valia menos do que dos <u>bichos damata</u>. (Menezes, 1993, p. 172) o <u>cão</u>. (Menezes, 1993, p. 172) as duas <u>moçotas</u> andavam “avoadas”, (Menezes, 1993, p. 184) o <u>talismã</u> da sedução. (Menezes, 1993, p. 185) - São <u>duas flores</u> desta casa. (Menezes, 1993, p. 185) <u>coitadinhas</u>. (Menezes, 1993, p. 187) o <u>molecório</u> vaiava-os. (Menezes, 1993, p. 193) <u>anjos decaídos</u>. (Menezes, 1993, p. 198)
Fonte: Machado 2023. Levantamento sobre a leitura e análise dos romances de Bruno de Menezes.	

Frente ao quadro 4 que ressalta os tipos de doenças e vícios de uma sociedade e que são descritas a partir da leitura dos romances Maria Dagmar e Candunga foram catalogadas as dimensões que mencionaremos a seguir como “Doenças e Vícios” em Dagmar e Antonio Candunga. Cabe ressaltar que todo esse processo teve uma ideologia sendo assistida no sentido de esta ser provocada. Por essa razão, Lobo e Franco, (2018, p.48) define que

o movimento eugênico no Brasil desenvolveu, a princípio nos meios intelectuais, um discurso ideal para explicar a crise de tensões sociais decorrente do recente processo de industrialização, das conseqüentes imigrações europeias, da migração camponesa para as cidades e de uma multidão de ex-escravos desocupados. [...] o discurso médio atravessado por uma posição política [...] a teoria eugênica tinha como ideias os aperfeiçoamentos da espécie, a não reprodução dos degenerados e a caminhada na direção da raça pura.

Por essa razão fica evidente a presença dos surtos de doenças e infecções generalizadas, pois para Lobo e Franco (2018, p.50) o “o higienismo traz em seu seio uma política de exclusão fortemente corroborada pelas ideias eugênicas. Todos os indivíduos e grupos que, de alguma maneira, escapavam às normas estabelecidas como corretas foram considerados riscos para a sociedade. Um demonstrativo de alguns casos de risco social surge nos romances. Os termos “crianças e infância xerimbabo” vem dessas configurações encontradas nos romances de Bruno de Menezes que são os espelhos da mentalidade dos adultos sobre “infância e criança Xerimbabo” e seus “Juízo do menor”, definida nas imagens ilustrativas a seguir:

Imagem 04 – A criança xerimbabo em Dagmar e Candunga



Fonte: Termo (re)criando pelo autor para enfatizar as crianças e infância Xerimbabo na Amazônia paraense. Machado (2024).

Xerimbabos ou animais, pessoas ou gentes, crianças ou infância, modos de vida ou condicionalidade miseráveis, exploração ou barbárie, nos faz pensar, segundo Rizzini (2011, p.72), que “todas as possíveis situações nas quais a criança encontra-se em ‘perigo moral’. O caminho estava livre para moldar os pequenos ‘*pupilos da pátria*’ ou *filhos do Estado*’ para o bem do Brasil”. Reflete Rizzini (2011, p.87) que “a ideia de salvação da criança confunde-se, pois com a proposta de salvação do país – um país moldado como se molda uma criança” são versados sobre moldar-se, sobre um discurso ambíguo de defesa da criança e da sociedade. Esses fatos são vistos e muito bem-sinalizados no romance “Maria Dagmar” e “Candunga”. O que nos leva a compreendermos os seus discursos, já em evidência por Rizzini (2011, p.125) ao definir que

é importante compreender o significado da aliança firmada entre Jesuítas e Assistência – uma associação, cujos reflexos são claramente detectáveis no processo desenvolvido nas duas primeiras décadas do século XX e que deu origem à ação tutela do Estado, legitimada pela criação de uma instância reguladora da infância – o Juízo de menores e por uma legislação especial – o Código de Menores (ambos nas décadas de 1920).

Essa mentalidade social imposta não inibe a massa populacional de coagir, conceituar e tratar a criança como um xerimbabo. Que podemos definir como metáforas que representam a estigmas de desvalorização, desconhecimento, preconceito, invisibilidade, silenciamento do “menor”, visível por interesses e (in)visíveis em seus direitos sobre ato de ser criança e ter infância no mundo, no Brasil e no interior da Amazônia Paraense.

Quadro 05 – Ilustrativo de doenças, vícios e causas de infanticídios

Doenças e Vícios em Dagmar	Doenças e Vícios em A. Candunga
consumo de <u>alcool</u>, dos <u>intorpecentes</u>, para curar a sua disfarçada tristeza. (Menezes, 1993, p. 83) <u>cirragos</u> e <u>fumos</u>. (Menezes, 1993, p. 84) Dagmar fuma, fuma, dorme e sonha...(Menezes, 1993, p. 85) os senhores burgueses acham que ela deve ter caderneta sanitária, com atestados de isenções infecto-contagiosas. p.86 (Menezes, 1993, p. 86) <u>solitária</u> (Menezes, 1993, p. 47) <u>tuberculose</u> (Menezes, 1993, p. 49) Vem-lhe à mente parturiente, nos seus tempos de donzela, que morrera com a criança “atravessada”. (Menezes, 1993, p. 49) <u>febrícula</u> e a <u>febre</u> (Menezes, 1993, p. 50) <u>mortalhas</u> (Menezes, 1993, p. 61) <u>narcótico do sono</u> (Menezes, 1993, p. 61) choro de <u>crianças desnutridas</u> para chuparem os <u>seios murchos</u>. (Menezes, 1993, p. 61) <u>tosses</u> de <u>brônquios</u>, desfazendo, <u>gemidos</u> <u>reumáticos</u>, <u>respirações</u> asmáticas ansiadas. (Menezes, 1993, p. 61) <u>diagntsticos ginecológicos</u>. (Menezes, 1993, p. 67) que amarrasse <u>água-de-verônica</u> serenada; amarrasse um afita encarnada, tirada dum quadro de São Raimundo, na coxa esquerda; fumentasse o <u>baixo ventre</u> com banha de galinha preta; bebesse um cozimento de folha de sucuriú com pimenta do reino e café amargo; que se deitasse com os pés para a rua e rezasse a oração contra “<u>sangria desatada</u>”, invocava Santa Margarida e os esculápios de São Cosme e São Damião. Enfim, que usasse a <u>medicação do povo</u>, que os <u>médicos</u>, nesses casos, só servia para gastar receitas. (Menezes, 1993, p. 68) <u>respiração febril</u>. (Menezes, 1993, p. 68) Os senhores burgueses <u>acham que ela deve ter</u> caderneta sanitária, com atestados de isenções <u>infecto-contagiosas</u>. (Menezes, 1993, p. 68) <u>era</u> (Menezes, 1993, p. 55)	[...] crianças <u>emporzinadas</u> (Menezes, 1993, p. 107)[...] <u>barrigudinhos verminóticos</u>, [...] <u>subnutridos</u>...(Menezes, 1993, p. 157) <u>choupana</u>. (Menezes, 1993, p. 142) <u>enterite</u>. (Menezes, 1993, p. 100) <u>leprosos</u>. (Menezes, 1993, p. 105) [...] <u>pulgas</u>, que lhe punham os pés tronchos, nem <u>ceros micróbios</u> que lhe devastavam o organismo. (Menezes, 1993, p. 104) [...] os <u>lábios trêmulos e descorados</u> [...] (Menezes, 1993, p. 102) [...] crivados de “<u>bicho de pé</u>”, malcilentos e <u>desnutridos</u>, [...] as crianças magras e piolhetas [...] (Menezes, 1993, p. 103) [...] os dejetos dos doentes que a <u>febre prostrava</u>. (Menezes, 1993, p. 104) Cessada a exacerbação dos ânimos, com explicações cordatas dos enfermeiros, sôbre a separação e a vigilância dos casais, o ambiente vai se acalmando. O motivo dos homens casados ou solteiros, se recolherem a outros compartimentos, justificava-se pelas <u>condições de higiene</u> e a <u>inscrição das famílias</u> para as localidades escolhidas pelos respectivos chefes. (Menezes, 1993, p. 108) pigarro do retirante. (Menezes, 1993, p. 135) provoca engulhos o <u>cheiro azedo</u> dos suores, com aspersianas dos vagões descidas, por causa das lufadas de vento e chuva. (Menezes, 1993, p. 109) <u>brodio</u>. (Menezes, 1993, p. 150) com duas ou três <u>varraspanas</u>. (Menezes, 1993, p. 150) <u>fumavam</u> esse era o vício. (Menezes, 1993, p. 150)[...] o homem só faltava escabujar de <u>cólera</u>. (Menezes, 1993, p. 161)
Fonte: autor levantamento sobre a leitura e análise dos romances de Bruno de Menezes. Machado (2004)	

Frente a esse quadro 5, podemos observar a devastação que ceifa a vida de muitas crianças e marcaram a vida de que na infância sobreviveu a esse grande surto de doenças que devastaram populações e civilizações inteiras.

No Pará com as grandes investidas migratórias acelerou o processo de contágio de devastação humana. Se considera a Eugênia como uma das mentalidades exploratória de massa populacional. A elite ou classe civilizada exploram e criam estratégias para manter sua autonomia, seu poder. Cabe compreendermos que essas “minorias”, citemos a infância e criança,

não ganham espaços, são vistos como as barreiras que impedem a reprodução ou “aperfeiçoamento da raça pura”⁷² ao entendermos que

a eugênia afirmava que os grandes males da sociedade poderiam ser atribuídos a determinados indivíduos que, por se desviarem na norma naturalmente dada, impediam e conturbavam a ordem e o progresso social. Mendigos, alcoólatras, idiotas, loucos, indigentes, prostitutas, defeituosos, todos os que compunham faixas de uma minoria social que não estivessem devidamente adaptados aos padrões esperados podiam ser categorizados como degenerados. (Lobo e Franco, 2018, p.49).

A mentalidade eugênica concebe em sua matriz da exclusão social, as minorias em jogo de exclusão, apagamento e silenciamento. Estamos falando do processo higienista no Para, das minorias anunciadas pela ficção romanesca dalcidiana, sobre as vozes discursivas dos personagens, gente do pé no chão, homens e mulheres amazônidas, vidas, gente que sobrevivem no universo amazônico paraense.

Neste aspecto é válido ressaltarmos o ciclo que evidenciam as mortes e o fenômeno do infanticídio de crianças em suas mais diversas infâncias. Essas percepções pode ser vista por meio da ilustração da imagem 04 a seguir:

⁷² Ibidem, 2018,p.48.

A imagem 05- ciclo das mortes e infanticídios



Fonte: ciclo das mortes e infanticídios. Termo (re)criando pelo autor para enfatizar as crianças e infância Xerimbabo na Amazônia paraense. Machado (2024).

Lobo e Franco, (2018, p.56-57) afirmavam que estas classes invisíveis e silenciadas, eram coagidas, exploradas e sofriam a barbárie de uma política de filtro social, o que as autoras chamam atenção é que

problemas relacionados à moradia, à miséria e ao desemprego, aliados a uma preocupação sanitária em função das taxas de mortalidade infantil e da grande difusão de casos de sífilis, tuberculose e alcoolismo, preocuparam estudiosos e políticos do período, caracterizando o espaço urbano como alvo de uma série de intervenções, tornando-o um objeto a ser ordenado, reformado e disciplinado [...] invidos do ideário do saneamento moral, os higienistas

lançam seus olhares e cuidados principalmente sobre os pobres, as prostitutas, os loucos, os cortiços, as crianças e todos os locais/grupos que, segundo eles, de alguma maneira, precisam ser tutelados para que melhorasse suas condições de higiene não oferecendo danos ao restante da população.

Os romances de Bruno de Menezes nos levam a pensar e questionar essa ideologia, política, processos de filtros sociais que passam a ser descortinados por sua narrativa de ficção. A transmissão das doenças infecciosas segundo Vianna (1975, p.10) chega em solo paraense pelo processo de migração e fluxos de pessoas na capital Belém-Pará, tomemos como exemplo o fenômeno da “*varíola aparece 1721 e perdurou, na sua primeira incursão, até 1773*” ressalta o autor que Vianna (1975): “*o sarampo, doença virgem na região, ao ingressar em Belém, em meados de 1749, ainda no período que poderíamos chamar de varíola, ocorreu para diminuição da mão de obra na lavoura, principalmente atividades da população, atacando de preferência os negros e muito especialmente os índios*”.

Vianna (1975, p. 11) define dois impactos, uma foi “a construção da famosa e privilegiada da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará” [e a outra se deu] “com novo estado político imposto pela Marquês de Pombal, suprimindo a ascendência que os jesuítas e colonos possuíam sobre os indígenas, dando-lhes liberdade, mas trazendo, como consequência, o desfalque de inúmeros braços na lavoura.

Esse reflexo da medicina no Pará, Vianna (1975, p. 13) “nos seus cinquenta e seis anos de varíola, o Pará pagou um tributo oneroso. Os números de vítimas com refere Arthur Vianna, em fundamentada estatística, atingiu a alta cifra de 5.299 pessoas”. Esse levantamento nos leva a entender as mortes, sem falar da infância e criança, porém nos leva a entendermos esse fenômeno.

Vianna (1975, p. 14) ressalta que “a incidência da *febre amarela* na quadra epidemiológica atingiu 5.007 pessoas. Segundo Arthur Vianna (1975), já em relação ao “*cólera* com suas características de fácil transmissão, foi trazido ao Pará por intermédio da galera portuguesa “defensor”, que saiu da cidade do Porto em abril de 1855, onde a doença, embora em fase ativa, era desconhecida. (Vianna, 1975, p.15).

As formas bubônicas ou “*pneumônicas* onde surgiu fez grande número de vítimas, como, na mais fulminante epidemia que ocorreu na Europa do século XIV, quando produziu um impressionante morticínio. Arthur Vianna transfere com esmero para o seu livro, um relato impecável da passagem daquela doença por Belém. (Vianna, 1975, p.17).

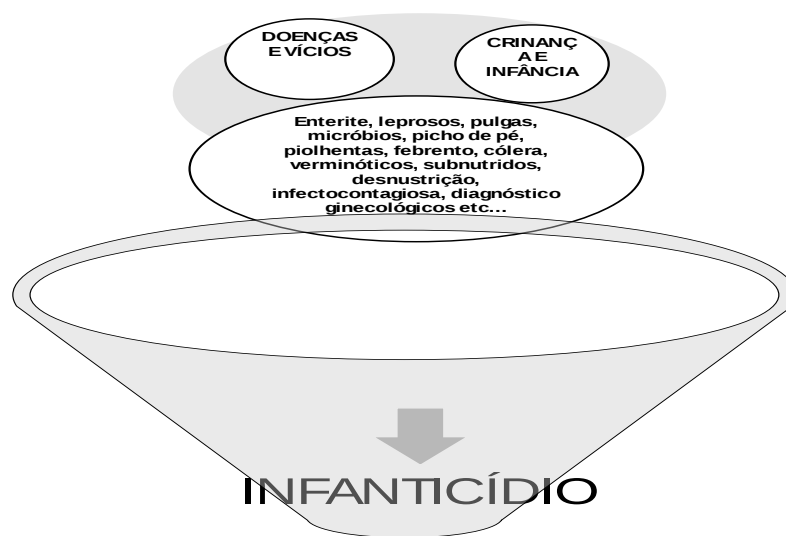
A morte, o infanticídio era muito comum, o número de infanticídio era um fenômeno desigual. Para Priore (1999) as mais diversas expressões eram conferidas às crianças: meúdos, ingênuos, infantes, entre outros; expressões presente em documentos históricos referentes à vida social na América Portuguesa. Para França e Alves (2018, p,101) afirma que

os anos de 1890 a 1930 no Brasil corresponderam no momento crítico do desenvolvimento das ações higienistas em diversas capitais do país, visto que as novas formas de sociabilidade dos espaços públicos estavam em curso. A sociedade urbanizada exigiu a mediação dos hábitos cotidianos, normalizando-a causaram uma ruptura com algumas práticas culturais e sociais do passado, isto é, lugares como as ruas, por exemplo, tornaram-se inapropriadas para transeuntes como mulheres e crianças sem comprovação oficial de permanência, e para atividades de lazer como: jogos de capoeira; rodas de batuque; rodas de samba etc.

Esse contexto demonstra que a repressão do estado, das entidades políticas e científicas em filtrar o fenômeno do infanticídio, filtro social ou limpeza étnica em um contexto moderno, de cidade, gente, sociedade, civilidade no interior da Amazônia paraense. Essas fontes surgem a partir da literatura enquanto fonte, ideologia, discurso, poder, denúncia, tempos históricos, modos de vida, tipos de mentalidade de uma sociedade em pleno século XX no Pará.

Sobre a imagem 05, descreve o processo de infanticídio no Pará, nos faz refletir sobre as perdas e silenciamentos de crianças e infância Xerimbado na Amazônia paraense.

Imagem 06- Infanticídio



Fonte: Imagem ilustrativa criada pelo autor. Machado 2024.

As políticas higienistas foram o filtro social, considerando como limpeza étnica racial de uma Belém (antiga). Essa mentalidade de sociedade, segundo Rizzini (2011, p.146), é entendida sobre um contexto que da “década de 1920, quando eram consolidadas as leis de assistência e proteção ao menor, registra-se *“a quase inexistência de um sistema organizado de educação pública no país.”* A nível nacional, podemos lembrar o que diz Lobo e Franco (2018, p.69) da “criação do Departamento da Criança no Brasil, em março de 1919, teve como objetivo organizar informações a respeito da assistência à infância no Brasil”.

E segundo Marcílio (2019) seriam bem melhores esclarecermos essa temporalidade que se aplicam em nosso contexto brasileiro, nos quais os romances de Bruno de Menezes fazem referências e pode ser entendida a partir das definições feitas e por Marcílio (2019, p.147) que:

na primeira fase, de caráter caritativo, estende-se até meados do séc.

XIX. A segunda fase – embora mantendo setores e aspectos caritativos

– evolui para o novo caráter filantrópico, e stá presente, a rigor, até a década de 1960. a terceira fase, já nas ultimas décadas do século XX, surge quando se instala entre nós o Estado do Bem-Estar Social, ou Estado-Projeto, que pretende assumir a assistência social da criança desvalida e desviante.

Portanto, são sobre essas indagações de uma “infância e criança xerimbabo” em Dagmar e Antonio Candunga que merece nossa atenção. É sobre esses contextos de encontros e desencontros que Rizzini (2011, p. 26) comenta que

esta visão em relação à criança – em perigo versus perigosa – torna-se dominante no contexto das sociedades modernas, crescentemente urbanizadas e industrializadas. No Brasil, ao final do século XIX, identifica-se a criança, filha da pobreza [...] em seus nome, justificar-se-á a criação de um complexo aparato médico jurídico-assistencial, cujas metas eram definidas pelas funções de *prevenção, educação, recuperação e repressão*.

E toda essa *prevenção, educação, recuperação e repressão*, pode ser encontrado nos romances autodescritivos de Bruno de Menezes. E só podemos afirmar, segundo Rizzini (2011, p. 27), que “a composição desses movimentos resultou na organização da Justiça e da Assistência (pública e privada) nas três primeiras décadas do século XX.”. Menção que fazemos sobre as vozes temporais dos sujeitos e agentes no romance. Gobbie Pinazza (2014, p.9) provocam a pensar que meninos e meninas são sujeitos culturais, sociais e históricos e tomam para si a vida como grande problema a ser descoberto, vivido, experimentado ” com

fazem os protagonistas e seus personagens a partir da ficção romanesca de Bruno de Menezes que nos descortina o enxergar essa infância e ser criança interior da Amazônia paraense em pleno séc. XX.

Rego (2018, p. 27) nos permite pensarmos uma criança e infância no ato que “funde os tempos presente, passado e futuro, numa recursividade temporal e numa reiteração oportunidades que é muito própria da sua capacidade de transposição no espaço-tempo e de fusão do real com imaginário”. O tempo da criança, o tempo de infância, o ser criança e o ter infância nos remete a entendermos a criança como uma “espécie de fantasma, mesmo que estivesse presente em todos os projetos das políticas públicas, e obviamente no coração da escola, mas sempre e curiosamente invisível” (Rego, 2018. p. 69). Essas (in)visibilidades podem ser apresentadas a partir dos seguintes aspectos do (*pauperismo, miséria, doença, falta de higiene, má alimentação e infanticídio*) fazemos a apresentação das fontes sobre a quadro 06 a seguir:

Quadro 6 – Ilustração de crianças em condições desumanas e vulneráveis em Dagmar e Candunga (*Pauperismo, miséria, doença, falta de higiene, má alimentação e infanticídio*)

Dagmar	Candunga
A sua filhinha merecia as lágrimas que vertera, pois, um tesouro que o Senhor lhe arrebatara. (Menezes, 1993, p. 52) Vem-lhe à mente parturiente, nos seus tempos de donzela, que morrera com a criança “atravessada”. (Menezes, 1993, p.49) Não adiantou nascer perfeita a criança. Viveu algumas horas, sem chorar alto, denunciando sinal de vida. Era uma robusta menina, amorenada como parturiente, traços afilados como os do pai. A desgraça de Dagmar foi a criança não ter sobreviver ao nascimento. (Menezes, 1993, p.49)	[...] esvaídos de enterite, ruflavam as asas, rumo do céu implacável. (Menezes, 1993, p. 100) [...] só as estradas ertas e intermináveis, por onde o carreiro de famintos se arrastava, testemunhavam o desespero dos que tombavam, de olhos desvairados, chamado piedade aos céus, quem nem a graça do sepultamento lhe concedia. (Menezes, 1993, p. 101) [...] ouvira um grito de corta a lama. Assuntara de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçada a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando um fresca d’água. (Menezes, 1993, p. 101) [...] um corpo encarquilhado, estendido no chão pedrento, quase só no esqueleto. Morto neste momento o velho babava uma gosma verde. (Menezes, 1993, p. 102)

Fonte: Arquivo – Acervo de Machado (2023)

No quadro 6 é possível identificar os gritos, dores e perdas, os vultos do Nordeste, se manifestam enquanto temporalidade e espacialidade. Na imagem 06, temos a representação da Infância e Criança Xerimbabo:

Imagem 07- Ciclo da Infância e Criança Xerimbabo

INFÂNCIA e CRIANÇA “XERIMBABO”



Fonte imagem: https://www.google.com/search?sa_sav=a732dfa459a5577a&sz=1C1CHZEm23 maio de 2024, às 15:54.

Fonte: Grifos do autor, 2023



Fonte: Termo (re)criando pelo autor para enfatizar as crianças e infância Xerimbabo na Amazônia paraense. Machado (2024).

Dessa relação se poder enxergar por meio da leitura do romance a denúncia social, as crises de humanidade e o conflito do Eu- no mundo e consigo mesmo. O fenômeno natural e a mentalidade natural de homens e mulheres de seu tempo em plen início de séc.XX no interior da Amazônia, traças seus perfis:

Declarou-se sêca malagourada. A vista do Pai Eterno, como a de certoscegos, não obstante sua limpidez, parecia volvida para a terra escaldante, sem enxergar um cristão. Preces, terços, coroinhas, promessas duras de pagar, tudo se tentava, para que o céu se comovesse e lagrimasse, ao menos uma chuvinha milagrosa. Os dias e as noites sucediam-se na esperança da água suspirada. O azul continuava impassível. Um sol impiedoso, indiferente, ressequia tudo. “[...] As copas dos angicos estorricavam. Nos cajueiros viçosos, outrora tão florido, agora de galhos desgrenhados, cobertos de uma côr de cinza, nem brotos, nem cabeçotes de castanhas avermelhavam. [...] Capoeirões, caatiga, grotas, hortas de legumes, giraus de plantas, estavam completamente mortos. Só os mulungus decorativos mantinham algumas folhas, que aim tombando, de volta com poucas flôres enfiadas, rodopiando na poeira dos pés-de-vento, como “avoantes” estonteadas. Os próprios mandacarus agrestes, com as espátulas espinhosas murchando, servem de motivo para entristecer a paisagem. Não ostentavam mais os rosários de pétalas sangrentas, que os viajantes admiravam, quando o sertão refloria. Fazia pena ouvir o lamento angustiado das poucas rezes sedentas. Uma desolação de terra empestada. (Menezes, 1993, p. 100-101).

Tormentas, culta ou pedado, os levam a distorções naturais, como ponto de vista, um povo sobre o fenômeno das secas no sertão nordestino. Tempo histórico, sobre as travessias de vida, tempo e lugares, que nos guiam sobre as perspectivas outras, de encontramos as entrelinhas dos textos narrativos as (in)visibilidades enunciativas, discursivas e narrativas, do presente momento, as aparentes e as silenciadas sobre o jogo do tempo. É uma educação que se diferencia, em metodologias, objetivos e intencionalidades da que se pratica nas escolas. Seu nome varia entre “educação não escolar” (Souza, 2006, p.127) e “educação não formal” (Gohn, 2011, p. 12).

As vozes de seus personagens e protagonistas ganham autonomia sobre o ato de fala, alcança a personificação discursiva, traz as claras, as polifonias existentes nas tramas e nos dramas de cada história contada no romance. Destacando teias de relações e sentidos, que se propunham indagar sobre as narrativas no texto. Em matéria de consciência, há sempre uma consciência ideológica em jogo, sobre eu, o outro, o discurso e as verberações responsivas, que se tecem sobre as teias de relações de sentidos semânticos e semióticos, exploradas sobre cada uma das falas, dos personagens e o protagonista. Estabelecendo-o, códigos de condutas, já prontos e acabados, frente ao meiosocial. Ao percebemos que “Dagmar já não se demora tanto ao espelho [e] compreende que não atrai mais ninguém para o amor eterno e digno. É inútil o artifício de suas maneiras, a mascarada de sua fisionomia, embora seu corpo ainda não seja para desprezar”. (Menezes, 1993, p.85). O tempo, o desgaste a alma, os sonhos não realizados, mas, bem definidos no plano da lembrança deixa Dagmar na recordação de suas memórias de um tempo psicológico. Esse psicologismo é estabelecido por Maturana (2002) como:

A autoconsciência não está no cérebro — ela pertence ao espaço relacional que se constitui na linguagem. A operação que dá origem à autoconsciência está relacionada com a reflexão na distinção do que distingue, que se faz possível no domínio das coordenações de ações no momento em que há linguagem. Então, a autoconsciência surge quando o observador constitui a auto-observação como uma entidade, ao distinguir a distinção da distinção no linguajar. (Maturana, 2002, p. 28).

Portanto, é sobre os romances de Maria Dagmar 1950 e Candunga 1954, do escritor paraense, Bruno de Menezes que pudemos enxergar os vultos e traços do fenômeno voltados as questões das infâncias, do ser criança xerimbabo e da educação por meio dessas sugestões e alcance investigativos de nossos problemas, objetivos guia-se sobre as possíveis respostas a todas as perguntas, indagações que tecemos por meio dessa tese.

4.2 A INFÂNCIA E A ORFANDADE EM CANDUNGA

Antonio Candunga segue as dores, tramas e dramas que em sua travessia de vida, as experiências e suas vivências lhe formaram, educaram, e ensinaram. O protagonista carrega sobre a sua formação humana, social, histórica o legado de meninos de identidade e natureza brasileira, sem o romantismo criado pelo olhar do outro, o lar de dentro, sobre os traços de sua mais dura realidade o retrato de gente. O homem e de ser humano surge com uma força de vida e as distintas desigualdades que lhe tenta a vida e faz superar a morte, as fugas e tentar a sorte. Metáfora de um homem que filtra as dores e busca sempre ter esperança na vida, perfil da gente no interior de nosso Brasil. Antonio Candunga é sufocado por barbárie, injustiças, condicionalidades, opressões, mentalidade de homens e mulheres que ofuscam os olhos exprime vida e lutam para sobreviver em grupos marginalizados, de oprimidos, explorados frente a uma sociedade que se aprofunda em crise, miséria, caos e desumanidade.

Candunga, por se órfã, traz suas experiências de uma migração, por situações de morte e a viver muita miséria. Antonio Candunga se cala e são invisíveis em sua vida ainda criança e com uma Infância repleta de tensão nos espaços de família, pois na situação de agregado, encarregado de fiscalização de terras do governo, firmou-se sua luta e levantou a bandeira contra as condicionalidades sua e de seu povo.

E esse perfil, se construiu sobre as vivências, experiências passadas, sentidas e superadas, pois possui um sonho maior, modificar a sua condicionalidade e mentalidade. Sobre esse ponto, as investidas são os passos que encaminhar para um clímax do romance Candunga 1954. O herói em (des)caminho segue seu destino, um herói, um ser órfão, um agregado da família de Gonzaga, um ser submisso a um senhor, (Gonzaga) grupo de Gonzaga, família de retirante, por gratidão na vida, segue a sua fidelidade ao senhor, seu dono, um rastro de migração, nova terra, “seu lote”, sua vida, uma nova realidade. Em um ato de seguir, serve a outro senhor (Romário) o Agrônomo do governo, ocupa o cargo de demarcador territorial, de terras agrícolas, passa por mal bocados, conflitos agrários, perseguições, ameaças, muito sangue derramado em terras alheias, sobre jogos de interesse, poder, política e ideologias.

Candunga, busca a sua autonomia e liderança social, política, capital, agrária e ideológica, valores (re)construídos e aprendidos sobre as lidas no mundo, valores perseguir enquanto ser humano. Dessa forma, cabe ressaltarmos o perfil de “Antonio Candunga, seu afilhado, pelo físico dessorado, lembra um novilho desgarrado, de ossadura à mostra, a quem abriam a porteira do curral, quando nem um caroço, raiz, ou pinga d’água, podia se conseguir para os animais” (Menezes, 1993, p. 99) que tipos de “animais” o “ser vivo seria

esses? São indagações que alinham as metáforas sobre o livre arbítrio e as condicionalidades que os homens ficam condenados a sua própria sorte.

Os homens que oprimem a sua própria raça, escravizam suas próprias gentes, desgraçam seu próprio povo. A desculpa seria sempre jogada a mentalidade de fatos do passado para sustentar as escutas do presente, o que se fez e o que se faz em pleno século XX na mentalidade da sociedade. Sobre essa evolução de “mentalidades”, fatos, denúncias, problemáticas sociais, políticas, agrárias, históricas, econômicas, de classe, povo, de gente, questões de miserabilidade, migração e práticas de exploração de homens e mulheres são descritos em narrativas como fatos, discurso, mentalidade, ideologia, estética, meio sociais de uma dada época, em um dado espaço de tempo, no séc. XX na Amazônia.

No romance, a trama de grupos de retirantes desalmados, cegos de esperança e, em fuga da morte são descritas sobre as narrativas discursivas e alienante dos fatos escritor pelo poeta, folclorista Bruno de Menezes. O tecer de uma realidade nos quais o homem e suas heranças afro-brasileiras apontam identidades socioculturais a partir de inúmeras desigualdades. Sobre um fio de esperança, sonho, vida e o desejo que versam sobre a “terra prometida”. Em busca de sobrevivência se submetem a narrativas que prometem um lugar para viver, comer, passar o dia, mas mal sabem que são filtros essenciais do sistema de aviação, de mão de obra barata, trabalhos escravos e exaustivo, desumano e sem garantia de vida.

Uma precarização do homem miserável, sem condições e em estado de vulnerabilidade em todos os sentidos migram, incham as grandes capitais e polos industriais, com o sonho de mudar de vida ou simplesmente ter uma condição de sobreviver. Engano, em terras nunca habitadas, ficam jogados a própria sorte. Os desmandos, da má divisão de terras, conflitos entre grandes latifundiários, comerciantes e empresários, são investidas dos grandes currais eleitorais de governantes, donatários regionais, locais e federais.

A teia de recrutamento humano, mão de obra barata, atende a cadeia produtiva que gera produtos ao mercado capitalista. No romance os coronéis do local ditam as regras, de como são feitas as sangrias humanas para obtenção do lucro e acúmulo de capital e influências. Há uma diversidade, miscigenação e misturas de culturas na amazônica paraense que retratam as tipificações de classes, poder(es) frente ao jogo da massa, o povo oprimido ao opressor.

Essas indagações, nos levam a situar o perfil de Antonio Candunga, no sentido de guiar-nos sobre as manifestações dos aspectos, que giram em torno do: ser órfã, ser agregado da família de Gonzaga, ser submisso a um senhor, (Gonzaga) ou grudo de Gonzaga, pertencer a família de retirante, por gratidão na vida; está como imigrante, novaterra, lote, nova vida, servir a outro senhor (Romario) agrônomo do governo, está em conflito agrário, jogo de interesse, o ato de servir, o ter autonomia, liderança social, política, capital, agrária e ideológica. Candunga e os valores a perseguir enquanto ser humano.

Candunga em obediência total ao seu padrinho, que lhe salvou a vida e acolheu sobre um lá, um chão e ao núcleo familiar, como agregado. “ Candunga põe-se de pé. E fitando Gonzaga, numa promessa sincera, não se demora a falar: - Padrinho, o sinhô me sarvou a vida ... Não hei de esquecê ... ” (Menezes, 1993, p. 112). Ainda no Ceará, os nordestino a caminhar em fuga da escassez profunda, “Candunga marchava, ouvira um grito de cortar a alma. Assuntara de onde partira a apelo e divisara um vulto de mulher abraçado a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, com suplicando uma fresca d’água (Menezes, 1993, p. 101) é um retirante, que não aguentava duras caminhadas e estágio de fome e cede entra em convulsão, acaba por falecer. Na companhia de uma menina, chamada de Maria Assunção, Candunga ao ver a situação, acolhe jundo do grupo de Gonzaga, “Candunga levava-a para junto da tropa de Gonzaga, que vinha em busca de adjutório do governo” (Menezes, 1993, p. 102). A retirante que por ventura fazia parte da família era a irmã de Tereza e futura pretendente de Candunga a passar a resto de suas vidas e (re)construir uma nova família, sem as tragédias de vida já anunciadas pelo núcleo familiar de Gonzaga e Tereza.

Fogem da seca do sertão nordestino, migram para a cidade de Fortaleza onde são colocados a borde do “Navio Loide”, que o conduz até o porto de Belém-PA. Os imigrantes passam a ser destinados aos lotes de terra, em zonas longínquas no interior de Bragança, mata adentro das vicinais que se destinam colonos para trabalhar com a agricultura. E sobre esse espaço que o menino Candunga vai tomando jeito, força e enfrentando quaisquer dificuldades que venham a surgir em sua trajetória.

Candunga, como cão fiel de Gonzaga, ambos “tendo conseguido um canto mais folgado para mulheres de seu bando, reúne-se todos num bando. Silenciosos, ruminando sabe lá que pensamentos, talvez cismem com o torrão sempre amado e cada vez mais hostil.” (Menezes, 1993, p. 109). O sonho de Candunga, nova terra, nova vida, novos planos, passam pelo foco de sempre acreditar e ter um fio de esperança que lhe guiam o caminhar. O “rapaz

arquitetaria sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentando pela idade, daria curso a idênticos anseios, na esperança de retornar ao seu jamais esquecido Ceará”(Menezes, 1993, p. 109).

Os sonhos e desejos de buscar novas oportunidades e crescer enquanto família, pessoa e ter um chão que possa dizer que são seus é um destino que o persegue nesta vida mundana. Por essa razão, “possuídos desses anelos volvem os olhos para as criaturas que dependem deles. E ali se encontram. Partilhando de suas desditas, principalmente Tereza e Assunção, dispostas a tudo a que nunca se queixam” (Menezes, 1993, p. 109) sobre novas terras, novos horizontes, as oportunidades de “trabalho” surgem, no sentido de desafiar seus retirantes. Candunga ainda fascinado pela nova realidade se vê “num sentimento de gratidão e vontade de trabalhar. Candunga aceita de bom grado a proposta para ajudar a subir as anchas, recebendo uma gratificação pelo serviço”.(Menezes, 1993, p. 110). E por influência dele, outros “ como êle, outros homens válidos, desejosos de ganhar dinheiro, nenhum se recusa em participar do trabalho (Menezes, 1993, p. 110).

“Candunga pega firme no serviço para evitar que Gonzaga se exponha a esse perigo” (Menezes, 1993, p. 111). Foi uma situação das carretilhas dos trilhos, do trem que lhe conduziam até o seu destino, nas zonas agrícola, das vilas, no interior de Bragança. Nesse trajeto, como em outros, do processo migratório, muitas famílias se desfazem, muitas vidas são perdidas e de tudo ocorrem. É válido ressaltar que muitos dos homens, mulheres e crianças, não tiveram a mesma sorte, muitos ficaram pelo caminho, “os que a barreira bloqueara mortalmente. Um deles é Candunga que consegue sobreviver a conjuntura desnorteante, um velhote decidido, arrosta a tormenta, para salvar os homens”(Menezes, 1993, p. 111). Obstinado e inquieto, “Candunga preocupa-se em saber aonde irão ficar, se as terras a lhes entregarem ainda estão longe e como será a posse das mesmas(Menezes, 1993, p. 115).

“O rapaz arquitetaria sonhos de futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção” (Menezes, 1993, p. 109). “O rapaz reluta, retrai-se, num gesto de lealdade para com o padrinho, renunciando, assim, à melhoria das condições de vida com que lhe acenam (Menezes, 1993, p. 143). Candunga e Gonzaga vivem do e para o trabalho em um “lugar ermo, não há vizinhos, de modo que ficam isolados, naquela tristeza absorvente” (Menezes, 1993, p. 123). E sobre o lote, uma ponta de terra que os agregados (Candunga e Assunção) e a família de Gonzaga continuam

reunidos no mesmo teto, convictos de beneficiarem o que lhe pertence, Cndunga e Gonzaga se empregam no preparo do solo, que irá receber as esperanças culturais. Trabalham satisfeitos, menos Ana e Josefa, que, às vezes, não escondem o desgosto de estar metidas num serviço brabo, que as expõe ao sol e lhes tira a macieza das mãos. (Menezes, 1993, p. 123).

Embora, outra perda, há de devir, em terras alheias, mal sabem que o lote onde gastou força, horas de trabalho, suor e teceu sonhos, já havia dono. Uma crise se estala, sobre o teto da família, tudo culpa dos coronéis do local. João Portuga, Salomão Abdala, Minervino Piaui, monopolizam toda a atividade comercial do povoado. E causam medo e terro, com seu bando, jagunços, captações do mato e serviçais. Todo esse poder fazem com que fiquem preso a terra, devendo insumos e produtos agrícola, bem como alimentícios que servem para a sua subsistência nas colônias agrícolas. Ademais, toda produção com elevados custo e preço sobre as mãos de seus coronéis comerciantes da vila.

Gonzaga cai nesta rede de servir, trabalhar e vender seus insumos para João Portuga que cresce os olhos sobre a produção de Gonzaga e estabelece condicionalidades, pois estavam trabalhando exalto e não tinham condições de sobreviver. Aos poucos, foi induzindo Gonzaga e Tereza a cederem suas filhas para morar na vila. Para lhe firmar melhores condições de vida o cederam. Dessa forma, os agregados, ficam silenciados, pois dependem das determinações de seu chefe de família. Neste contexto, coube Candunga apenas o exercício da obediência:

Candunga escuta as palavras de Portuga e o natural consentimento de Gonzaga para que as filhas fossem para a casa do comerciante. [...] Candunga jura a si mesmo não ir mais à casa de comércio de Portuga. Não se conforma com a permissão do padrinho, cedendo as filhas “para a criadagem do português”, - como pensa, revoltado. (Menezes, 1993, p. 143).

Essas e outras situações são angustiantes ao olhar de Candunga e resolve seguir seu destino, aproveitando-o a oportunidade de servir um novo dono. Um senhor, chamado Romário, agrônomo, estava fichando pessoas para trabalhar e Candunga, sentiu interesse em buscar essa oportunidade na vida. Porém, sua lealdade ao padrinho, passa a ser quebrado. Neste momento, usa-se da razão para combater os coronéis, deveria ter ou está, do lado de quem o combatesse-o, como o agrônomo Romário.

Não quer deixar seus parentes, sobretudo Assunção, que faz companhia a Tereza. Sabe que Gonzaga será contrário a que ele vá trabalhar com Romário. Analisa a situação, e termina concluindo que, para abrir luta contra Portuga e seu bando, só se juntando à tropa do agrônomo. E dias depois apresenta-se no escritório, disposto a servir com o “doutor que enfeza os grandes”, com os imigrantes chalaceiam na feira. (Menezes, 1993, p. 143-144)

Candunga, vê a possibilidade êxitosa de combatê-los se aliando com Romário:

A ida de Candunga à “vila”, para falar com Romario, motivara-se por dois motivos: atender ao seu chamado e sondá-lo quanto ao negócio das terras, conforme Tereza lhe dissera.

Trocadas poucas palavras, esclarecidos os fatos, a missão do agrônomo alí, ficaram de acôrdo, movidos por uma confiança recíproca. Ao retirar-se, Candunga não mais duvida das boas intenções do doutor, ao passo que um instinto de luta instiga-o contra João Portuga e os mandões do lugar. Ficarà, por isso, com Romario, voltado ao “centro”, somente para se despedir dos padrinhos e ver ainda uma vez Assunção.(Menezes, 1993, p. 146).

Candunga então, faz parte da equipe do agrônomo Romário e logo sente a repressão dos coronéis em relação as terras e suas produções. Candunga aceita servir, como demarcador de terras e agente fiscalizador da agricultura, sobre seus primeiros descompassos:

Eis que um tropel abrupto lhe toma a passagem; intimam-no a parar, a não dar um passo. Estacando, surpreso, Candunga reconhece Deonato e Minervino Piaui. Estão montados e armados de rifles.

- O que foi que o doutor lhe disse! – exigem saber, dedos firmes nos gatilhos.

- O doutô me aceitou pra trabalhá com êle! – é a resposta resoluta.

- E o que mais! Vamos já! Diga tudo que sabe! Peste dum ção!...

- Sei mas não! Nem que soubesse! Não sou leva e traz! ...

- A essa resposta desconcertante e altiva, Minervino exaspera-se:

- Voce, seu cabra sem vergonha, é um égua! Quer levar é bala no buchoe ficar estendido ai no chão! diga logo tudo! Seu corno...

Num visível desapego à vida, o agedido previne:

- Atirem, mas não errem, não Nasci pra morrê só uma vez! (Menezes, 1993, p. 146-147).

O destemido Candunga segue a sina e objetivo de combater os coronéis do local, encara-o com determinação e pulso firme, seus adversários

vendo a disposição e o ânimo de Candunga, o piauiense muda de tática, baixando o cano da arma. O capataz repara nesse gesto, e, desconfiado, medindo com o olhar a “bicuda” que o peão traz no cós, insinua:

- Você é um trouxa, Candunga ... Pense no seu casamento. Veja que vantagem lhe traz se contratar, pra trabalhar em demarcação, quando a lavoura, êste ano, vai abarrotar tudo. [...] confiados nas suas armas, os agressores, “tinindo de raiva”, ameaçam:

- Podíamos te deixar estirado aí, cearense safado! Mas como és ordinário e vais te arrepender desta bandalheira, receberás o ensino depois! hás de ver! ...

Candunga saca a arma que traz na cintura; e, num desafio, bravateia:

- É quando cês quizerem! Home foi feito pra morrê! podem vir todos, se forem macho! ...

Gonzaga, embrutecido, parece com o raciocínio embotado. Tereza e Assunção não se animam a deliberar, a dar opinião. Candunga, ao regressar, esclarece a Tereza a situação. (Menezes, 1993, p. 147).

Candunga ao acreditar na força ideológica de seu senhor e agora prestador de serviço do Governo, consegue enxergar em muitas famílias, bem com a de Gonzaga, o processo de exploração e falta de diligência local e se coloca a disposição para romper com esses laços de fidelidade e servidão e sugerir acesso a informação e direitos que todos tenham para melhor manipular a sua safra, seu grão, sua terra e posteriormente vendê-las com qualidade e lucratividade.

E desesperançam Candunga, com a negativa formal de Gonzaga:

- Não vamo daqui não! o doutô lhe virou a cabeça. O que eu colhê., entrego tudo pra seu João, acabou-se! [...] Candunga não discute mais. Arruma a sua roupa e a rêde na pequena malota. Sem se atrever a dizeradeus a Assunção, que lhe volta as costas, não ligando à sua partida, caminha apressado para o novo destino que os acontecimentos lhe traçam. (Menezes, 1993, p. 148).

De fato, a resistência de Gonzaga é o reflexo de muitos grupos, núcleos familiares que se encontram nesta mesma situação de exploração, servidão e alienação. Presos a terra pelo processo de aviamento, em que os comerciantes estipulam o valor absurdo para cada mercadoria que os colonos necessitem para sobreviver, plantar e colherem seus distintos lotes. Uma prática comum entre os agricultores, que junto do Romário, o agrônomo, ensinam-lhes técnicas que favorecem os modos de plantar, colher e vender seus produtos e insumos. Por meio de cooperativas que com auxílio do governo, são menos onerosas aos agricultores.

Candunga, vai aos poucos aprendendo a lidar com esse novo tipo de informação, processo de cooperativismos e como agente fiscalizador e demarcador de terras, passa a perceber inúmeras realidades que lhes serve de experiência e aprendizado, enquanto prática.

Gonzaga recalca a emoção que o domina. Vê o afilhado distinguido, escolhido para fiscalizar os trabalhos, mandando nos outros, com poderes para solucionar o que dêsse e viesse, pronto para correr dali com os Portuga,

os Minervino, os seus capangas; fazendo fôlhas e pagando os contratados, comunicando-se com o seu chefe. Experimenta, apensar de tudo, um secreto orgulho, que a sua máscara não revela, mas que lhe entumece o coração de satisfação, embora não compreenda por que.

E imagina, por fim, olhando de frente Candunga, como procederiam Assunção e Tereza, se ali estivessem e presenciassem o que se passara. Põe-se a caminhar de volta para a barraca modesta, que êle e Candunga levantaram juntas, sem contar que os fados modificariam de tal forma a situação de ambos, e onde as duas mulheres o aguardam inquietas e irresolutas. (Menezes, 1993, p. 163).

Candunga galga novos passos, status de responsabilidades, conhecimento e o leva a ser um dos representantes das colônias agrícolas:

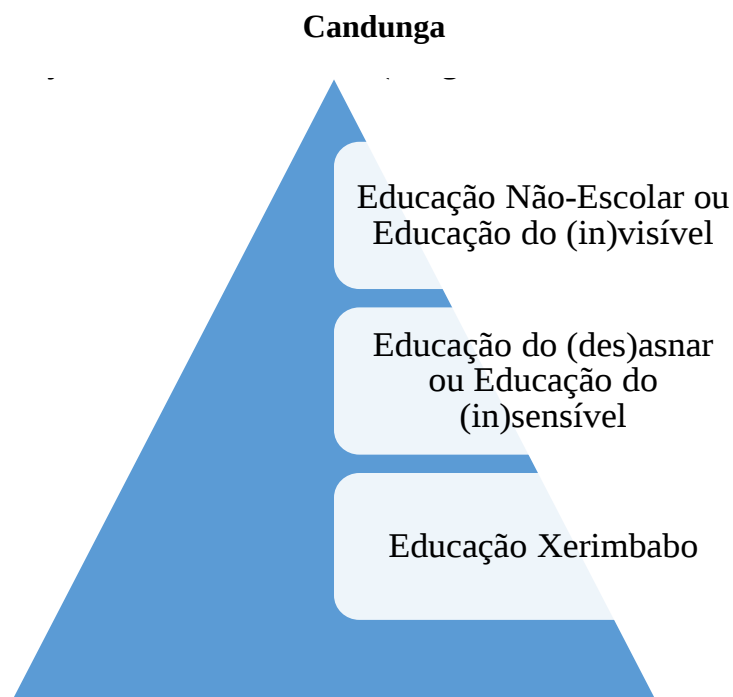
Candunga, agora, é empregado da administração das colônias. Tem ordenado fixo. Esta quantia que você recebeu é da venda dos cereais de seu roçado. E, mesmo, você vai empregar esse dinheiro na construção de sua barraca, na melhora de sua lavoura, para o ano próximo. Quando fizer isso, aí, sim, acerte uma sociedade com seu afilhado. (Menezes, 1993, p. 205).

Esse determinismo social e político ecoando do interior do universo Amazônico enxerga as técnicas do Agrônomo Romário com fonte de conhecimento, observação, experiência, conhecimentos técnicos de um estudante de agronomia em terras bragantinas. Resultam ao mais atentos e observadores os estímulos de uma educação em que as práticas agrárias surte efeitos e salvam as lavouras e culturas de plantações.

4.3 A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA XERIMBABO E DO (DES)ASNAR EM MARIA DAGMAR E ANTONIO CANDUNGA

Sobre a palavra “Xerimbabo”, usaremos como metáfora para nos referir as distintas formas em que a sociedade brasileira, em pleno início do século XX tratavam a criança e a infância no interior da Amazônia paraense e as suas formas de educar, corrigir, formar que chamaremos de “Educação Xerimbabo” e “Educação do (des)asnar” frente a uma educação (in)sensível e não escolar, conforme a imagem 7.

Imagem 08 – A “Educação Xerimbabo” e “Educação do (des)asnar” em Dagmar e A.



Fonte: Machado 2024. Acervo do autor.

A partir dos romances Dagmar e Candunga podemos apontar algumas estratégias de educação xerimbado e (des)asnar surgidas por meio do fenômeno do processo de migração, fatores presentes entre os ambos romances.

A educação no/do deslocamento migratório é um movimento de famílias à pé, onde grupos de migrantes passam a movimentar-se pelos territórios e principalmente nas regiões de oferta de progresso vendidas pelas narrativas do capital.

A migração ou a fuga é por sobrevivência, onde não se tem o mínimo para viverem. Quando se fala em educação Xerimbabo estão falando desse grupo de pessoas e classe subalternizadas em sofrimento, desigual, explorados e escrava de sua própria mão de obra. Uns ditos sem alma, sem teto, sem terra, sem voz, sem capital, sem acesso a informação. Apenas com instrução dos senhores do capital, sertanejos, donatários locais e senhores do capitalistas.

Essa educação do Xerimbado é a força reprimida sobre o objeto em desalma o ser humano, a gente, os migrantes, camponeses, negros, caboclo, quilombolas, gente das águas e das florestas vindo do interior de nossa imensa Amazônia paraense e outros estados com a nordestina. Tradados como animais, com níveis de instruções que a vida, as pessoas, as opressões e os tipos de violações educaram e marcaram física e psicologicamente suas vidas.

Essa é a educação do (des)asnar e a educação do Xerimbabo. De forma (in)sensível e (in)visível tracemos um olhar para descrever e situar as formas de educação, modos de vida, tipos de violações e opressões em que aparecem a educação no Pará, nas primeiras três décadas do século XX.

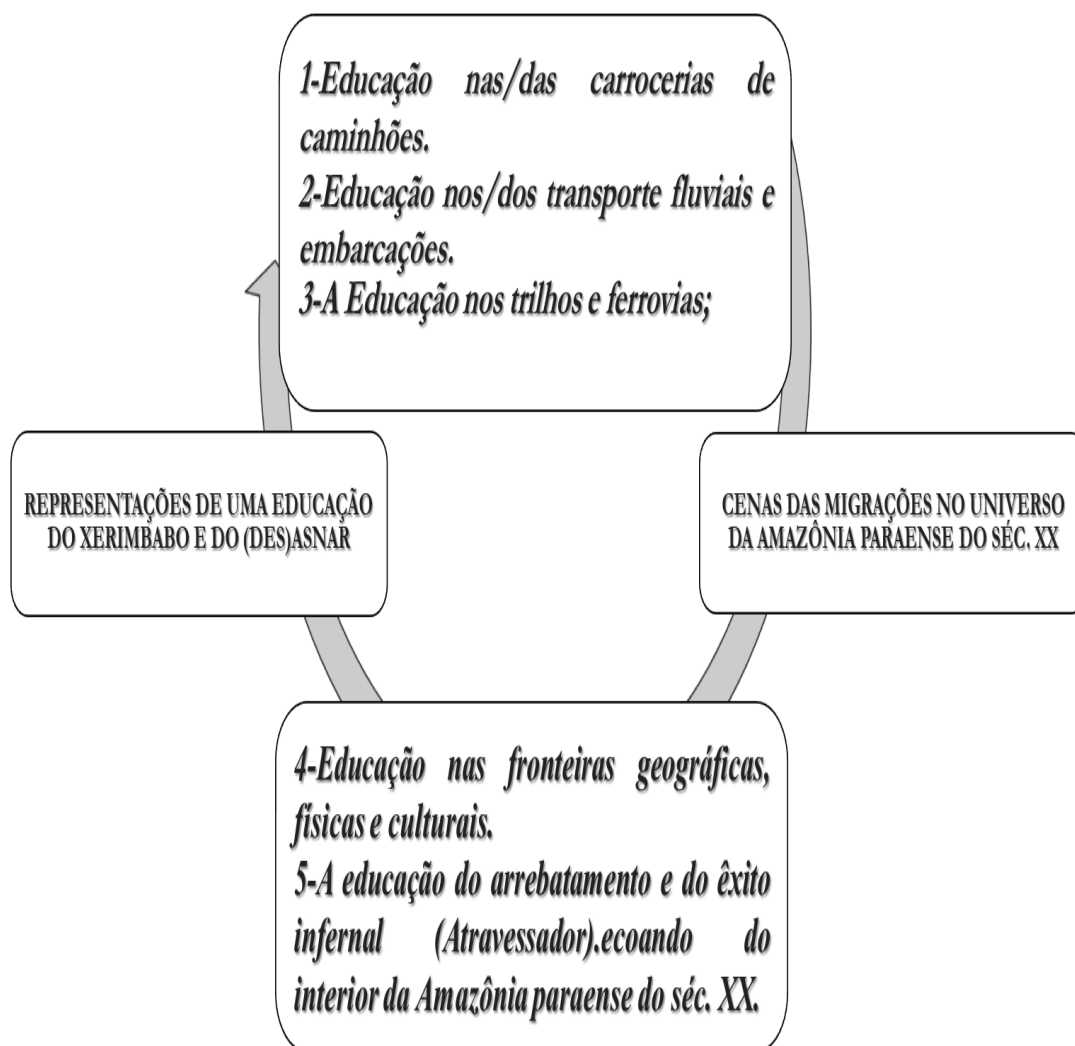
É por meio de ilhas, litorais, oceanos, rios, estradas, ferrovias, vicinais que surge a educação no romance Candunga, aspectos esses de aspirações do fenômeno da Migração que possibilita enxergarmos as faces da infância e criança nas cenas das migrações nordestinas na zona bragantina.

O alcance de se pensar e entender as formas de educação que se manifestam por meio dos transportes, ferrovias, hidrovias, vicinais, estradas, são as gentes, os povos, os invisíveis sedentos desalmados, refugiados pela seca, fome, terra, condicionalidades que nos é atravessada por meio dos trilhos vidas, a margem de uma sociedade, nas fronteiras da subalternidade e vulnerabilidade de Gentes, ser humano em desumanidade no interior de nossa Amazônia paraense.

O seu espírito é a força, luz e esperança de vida e sobrevivência no início de século XX nas zonas periféricas e campestres de nossa Amazônia paraense. A seguir detalharemos as possibilidades em que os olhos socioculturais voltados a uma educação do (des)asnar e de uma educação do (in)sensível são colocados em jogo, em troca de forças entre os oprimidos e opressores por meio de (cinco) vertentes definidas a seguir. Deste modo, acentua-se o 1) *Educação nas/das carrocerias de caminhões*, no romance as imagens dessa capitação, pode ser narrada a partir do momento “[...] Quando chegarem os caminhões, conduzirão os desterrados ao albergue [...]” (Menezes, 1993, p.103), “enquanto os caminhões da limpeza pública não se anunciam, para levá-los, carregadores acagibados trazem objetos paneiros de bananas, caixotes repletos de rapaduras.” (Menezes, 1993, p.104).

A seguir cabe ressaltarmos os tipos de educação não-escolar, educação do xerimbabo e educação do (des)asnar que ocorre no romance Candunga. Essas definições serão ilustradas e descritas no correr da tese sobre a imagem 8 a seguir:

Imagem 09 – Educação do Xerimbabo em Candunga.



Fonte: Machado 2024. Acervo do autor

A ilustração reflete os tipos de educação que aparecem com mais evidência sobre o romance *Candunga* (1954), do escritor Bruno de Menezes. Entendermos que essas condicionalidades de precariedade na educação, formação e acesso, forga o trabalho, reflexo da desumanidade, uma verdadeira distorção social em que grupos menores ou marginalizados serviam apenas como objeto de uso, de exploração, desalmados de corpo e espírito.

Os homens presos, as teias de forças e poderes que ele mesmo o criou. Podemos perceber sobre a demora na coleta de mais grupos de pessoas a serem destinadas as áreas agrícolas e colônias agrícolas no Pará. “Pela demora verificada, a perda de tempo, obriga-os a empilhar nos veículos, velhas malas encouradas, bautas amolgadas, potes rachados, lamparinas desnecessárias, sacos estourados de bregueços.” (Menezes, 1993, p.104). Em tom

de partida para um sem-fim, os retirantes “galgando a “carrosserie” (Menezes, 1993, p.104), são massas de manobras do estado, grupos de comerciantes, empresários, donos do poder e das classes de poderes.

Senguem um ritmo frenéticos, já “descarregados os veículos, o serventário do povoamento, que confere os listões, informa ao chefe: - ainda há gente para algumas viagens...” (Menezes, 1993, p.105) o fluxo e as demandas seguem em constante legalidade. Pois atende interesses das classes opressoras e as alienadas e oprimidas, mata sua cede, fome e gera acúmulo de capita. Nesse jogo, “novas levaras vêm chegando, nos caminhões superlotados. As buzinas rouquejavam e os descendentes da raça mártir, [...]” (Menezes, 1993, p.105) são levados a espaços nunca vistos, porém com a promessa de (re)construir novas esperanças aceitam as ofertas, não há como voltar, a vida é um movimento contínuo infinito. “Na volta de uma dessas viagens, quando o caminhão tomou carreira, desabou repentina chuvada, causando pânico entre os viajantes.” (Menezes, 1993, p.106), medo dor, perdas, angústia, insegurança, um misto de sentimento que o que são movidos é a esperança de um dia poder sobreviver.

Esta realidade nos foi apresentada a partir das condicionalidades de transporte terrestre nasce um processo de educação que são distribuídas por diferentes grupos de imigrantes, enquanto demandas para suprir as necessidades dos comerciantes, latifundiários locais, com apoio de instituições do governo a frente a uma educação do xerimbabo que se apresenta.

Uma outra relação que se pode mencionar, 2) *Educação nos/dos transporte fluviais e embarcações*. São as condicionalidades das operações migratórias por_navegações, no romance aparecem sendo narrados nas condições de objetos. “então êles, que dormiam aos sacolejos, nos incômodos bancos dos vagões; que se contagiavam, no baralhamento das terceiras classes do Loide: êles, que sempre se encontravam na mais desoladora promiscuidade, [...]” (Menezes, 1993, p.105), principalmente, nas grades navios da época de 1930, no Pará, como por exemplo: “[...] Lóide [...]” (Menezes, 1993, p.105). Nesta *embarcação* o “[...] triste rebanho aos tombos, é caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. [...] Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais.” (Menezes, 1993, p.103) .

Em uma relação mais, localizada, nas narrativas sobre as grandes ferrovias de nosso país entram em jogo, por sinal, apresentam em sua grande maioria os polos de desenvolvimento regional e suas inúmeras forças de escoamentos de produtos, servidão e exploração, manipulados a partir das formas de trabalho. Sobre a estrada de ferro Belém

Bragança, a ferrovia e as faces de sua locomotiva, aparecem sobre a égide da locomotiva “peixe-boi” (Menezes, 1993, p.109). Neste aspecto, “[...] a locomotiva “Peixe Boi”, comboiando dois carros de segunda classe e um bagageiro, compões o expresso, dos novos agricultores, que irão, como as levadas anteriores, botar roçados na zona bragantina.” (Menezes, 1993, p.109).

Nos trilhos do trem, há uma **3) A Educação nos trilhos e ferrovias**. O “trem” [...] se esbofa a noite inteira. “Faz um calor desadorado, mesmo fora dos carros.” (Menezes, 1993, p.109). Corta as zonas urbanas, periféricas e campestres no interior do Pará, varando dia e noite, deixando a vertigem, rastro, imagens de uma época, lugar, modos de vida, valores e mentalidades em crise de identidade. Cegos pelo progresso os emigrantes seguem na locomotiva “[...] escurecendo totalmente a linha, despenca forte chuvada. Os trilhos gastos assentem em dormentes desaprumados, tonam-se escorregadios; e a máquina, para arrastar a cauda, arranca a bufa aos gorgolejos, como um cardíaco obrigado a andar muitas léguas.” (Menezes, 1993, p.109).

Estamos falando de Gente, entre dores, mortes e traumas, os desumanos caminham. **4) Um porvir de uma educação nas fronteiras (geográficas, físicas e culturais) ecoando do interior da Amazônia paraense do séc. XX**. Esse perfil e tipos, são manifestadas nas descrições das fontes e dados, no romance “Candunga (1954)”, sugere uma tipificação adjetiva de todo tipo frente ao espaço, lugar e tempo, sobre as travessias de imigrantes vindos de grande crise de seca no Ceará, do Nordeste para as Zonas Bragantinas, no interior do Estado do Pará, ao Norte do país. Perceber as formas e os tratos, como são definidos, se faz necessário, no sentido de compreender tão grande crise, que ceifa vida e escancara a realidade de uma sociedade em crise.

Segundo finco (2020, p.41) afirma que “a infância, posta à margem da sociedade, não impede, contudo, as crianças de participarem, efetivamente do plano social, ainda que essa participação seja camuflada por seu pertencimento à família ou à escola”. Essa crise de consciência, pode ser refletida sobre os adjetivos que a “gente”, “o povo”, “os imigrantes”, passam ter nas descrições do romance. São tidos como os “[...] “avoantes” estonteadas.” (Menezes, 1993, p. 100) “[...] os viajantes [...] comboio de Gonzaga [...] retirantes [...]” (Menezes, 1993, p. 101), “triste rebanho aos tombos, [...] tropa de Gonzaga”. (Menezes, 1993, p. 102), “[...] bando, [...] vem de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará. “[...] gente desventurada [...] em terras, arroladas as famílias, procuram a sobra mormacenta dos galpões. E alongando olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem

adeus ao berço natal, porque chegaram à Terra da Promessa.” (Menezes, 1993, p. 103).

Os adjetivos citados ou reconhecidos como a “herança maldita” de uma civilização antiga, povos hebreus, povo semita da Antiguidade, descendente de Abraão e antepassado dos judeus, são fortes, profundos e caóticos para definir qualquer ser humano. Porém, essa herança história, social e cultural, fazem parte do processo civilizatório de nossa humanidade desde nossas origens. Nossas gênese natural, biológica, teológica é o retrato dessas mentalidades que nos atravessam na história, nos relatos bíblicos, sobre o Velho Testamento. “povo hebraico”. As menções em que Bruno de Menezes entoa é para enxergarmos as diversas formas de manifestações de culturas que são híbridas, no contexto de nossa cultura Afro-brasileira. Em suas narrativas e tecem semelhanças, destacam as heranças de uma humanidade civilizatória que se arrastam sobre os passos lentos do tempo e espaço, frutos de mentalidades ainda recorrentes em nossos tempos.

Aos passos de uma cultura de perdas, dores e exploração humanas, classificados como “povos”, “classe” de (in)visíveis sobre [...] o chicote de um sol em brasa tangera-se dos sertões nativos. (Menezes, 1993, p. 103), surgem os “[...] hebreus nordestinos, [...] Os ficus-benjamim citadinos [...]” (Menezes, 1993, p. 104) Por serem assemelhados aos estereótipos de “[...] Descendentes da raça Martir.” (Menezes, 1993, p. 105), a “prole infeliz” (Menezes, 1993, p. 107) segue os “[...] flagelados.” (Menezes, 1993, p. 107). há quem o chame de “[...] povo cigano. “(Menezes, 1993, p. 108) e seu mais novo ou em “[...] outro **habitat** [...]” (Menezes, 1993, p. 108), pensam “[...] silenciosos, ruminando sabe lá que pensamento, talvez cismem com o torrão sempre amado e cada vez mais hostil.” (Menezes, 1993, p. 109).

Eram os novos agricultores “[...] retirantes,” (Menezes, 1993, p. 109) “[...] os pobres diabos” (Menezes, 1993, p. 110), “os imigrantes” [...] desabrigados, friorento. [...]” (Menezes, 1993, p. 113) os “sem pouso e humilhados ansiosos” (Menezes, 1993, p. 114) visto como sombra, desalmados uma “[...] miragem dos nordestinos migradores.” (Menezes, 1993, p. 115) em uma “[...] triste condições de párias, [...]” (Menezes, 1993, p. 119) “os patrícios [...] segue sobre uma [...] marcha infernal,” (Menezes, 1993, p. 120-121), “[...] os paióis” (Menezes, 1993, p. 165) e os “[...] patifes.” (Menezes, 1993, p. 171).

Segue a lida, “[...] vem de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará.” (Menezes, 1993, p. 103). Seguem os determinismos de sua sorte, “[...] dizem adeus ao berço natal, porque chegaram à Terra da Promissão.” (Menezes, 1993, p.103). “[...] assim, numa pungente irrisão dos fatos, eles, que fugiam espavoridos, ante um sol cruel e um céu que se algodoava em cirrus, ao depararem a ambicionado oásis, na terra hospitaleira, o aguaceiro

imprevisto, de um desabar de ninhos.” (Menezes, 1993, p.106).

Novo “habitat” (Menezes, 1993, p. 108), “[...] na terra adotiva e esperançada”, (Menezes, 1993, p.113). Sobre a “[...] região acolhedora, o fogo do céu não calcina tanto, nem abate a força seivosa da natureza, e há densos copados verdes, marulham linfas correntes, mesmo quando o verão diminui a intensidade das chuvas.” (Menezes, 1993, p. 113). O grupo de Gonzaga, em seu lote de terra, reverbera um tempo e espaço significativo ao norte:

[...] com a neblina caída à noite, o mato cerrado molha a roupa para o dia todo [...] tudp isto concorre da galharia, do corte do cipoal. Da tiririca braba, para vender o mato agressivo. Num velho surrão esfiapado conduzem a matalotagem de jabá torrada com farinha sêca, para o almoço escoteiro. E calculado as horas da fome, pela trajetória do sol, rosto curtidos e suarentos, só por extrema necessidade de alimento, se acheagam à fresca da ramaria, para mastigar um bocado. Comem calados e recolhidos, cada qual com os seus pensamentos.

[...] Desconhecedores dos valores de nossas essências florestais. (Menezes, 1993, p. 119-120).

Ao Norte, do país, traçam uma realidade, nunca vista pelos nordestinos, sobre o espaço e tempo, no novo lugar. Uma realidade e mentalidade de:

“[...] natureza, de que o homem se tornara inconsciente carrasco.”

- “E’ chuva da boa! ... É água de verdade! ...” - repetem transfigurados.

[...] Em seguida, estrondam trovões distanciados, como bocejos de monstros irritados, despencando-se um tufão desenfreado, com chuva e ventania. Sem dar tempo de se abrigarem, cai o temporal com tal violência, como se arrastassem pesadas carretas pelas nuvens. Raios flamíneos rasgam o telão do céu e a chuvarada enxarca a terra. (Menezes, 1993, p. 122).

Tempo e espaço do texto, tempo e espaço das personagens, tempo e espaços das narrativas, enunciados e seus distintos contextos de falas, fatos e textos, tempo e espaço da mentalidade externa e interna ao ser sujeito no/do discurso, tempo e espaço do ser social, do se em sociedade, no mundo, nas relações, no mundo das narrativas, nas temáticas e complicações da trama e e das falas de cada uma das personagens, no dito, não dito, das entrelinhas do texto e dos infinitos enunciados discursivos que a arte, a literatura e seus gêneros tornam possíveis no campo da interpretação.

E por fim, a 5) *A Educação do arrebatamento e do êxito infernal (Atravessador)*. Ao Norte de nosso país, essa malha migratória se assevera por suas condicionalidades deplorável,

do transporta dessa demanda de imigrantes. Entra em jogo, em busca de captar essas famílias o conhecido como: *Agente Atravessador*, responsável por conduzir, descolar e transportar a sua clientela, até o seu destino final, por meio de transportes, sem as mínimas condições humanas. No romance, este sujeito aparece como:

Uns homens falastrões andavam recolhendo os retirantes que encontravam pelos caminhos, para interná-los nas concentrações. No meio dêstes coitados destacavam-se filhos sem mãe nem pai, viúvas sem parentes algum, mulheres da vida parecendo honestas, safados corridos da justiça. Aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças e meninas sem ninguém, para tomar conta delas. [...] (Menezes, 1993, p. 101).

A barbárie e a violação à mostra, sobre a situação de vulnerabilidade e desumanidade com gente em Desalma total. Órfãos, desvalidos, abandonados, viúvas, mulheres, crianças, homens. Tipos e perfis distintos que nos serve como uma amostra de um Brasil com uma mentalidade retrógrada. Patriarcal e sem limites, a denúncia da sangria humana pode ser atestada por meio do fragmento a seguir “[...] aqueles homens tinham o direito de agarrar as crianças abandonadas, as moças e meninas sem ninguém, para tomar conta delas. [...]” (Menezes, 1993, p. 101). Sobre a tristeza de um rebanho aos tombos, “[...] tão comuns eram essas cenas naquele êxito infernal. [...]” (Menezes, 1993, p. 101-102).

Dessa forma, entender esse fenômeno, é, compreender a sua malha estrutural sistematizada para sugar as forças humanas, a partir de sua situação de condicionalidade física, biológica, psíquica, humana, social, econômica, que desabrocham sobre a exploração da mão de obra, pelas mãos dos grandes senhores burgueses e donos do capital. Uma dessas redes de transportes, são sistemas econômicos opressivos que alinham e ovulam parasitas humanos, são os meios de transportes, quem fazem a distribuição do fluxo de pessoas, facilitam o processo de migrantes destinando-o os grupos as colônias agrícolas, por meio de tipos como: as embarcações, navios, caminhões, carrocerias e carroças de bois, além de trens, que servem para dar locomoção ou deslocamento, as inúmeras massas populacionais de imigrantes em movimento de migração em nossa Amazônia e por todo o nosso país.

Objetivo, dos agentes atravessadores, é apenas, entregar “as mercadorias” ao seu destino final e a partir daí, se intensifica outros modos de alienação, dadas por seus “donos” e mandatários do local, que são os senhores do capital, detentores de terras, de poder(es). Sobre nas narrativas de Candunga, nos permite compreender que o atravessador possui vários tipos e funções, e uma delas é ser comprador de insumos, produtos, objetos é induzir pessoas a

venda, compra e enganam pessoas com lucro fácil e o sonho de possuir um “trabalho”, para mudar de vida. Um exemplo do atravessador de produtos, pode ser descrito, como:

[...] Candunga exaspera-se:

- Que presta o quê! Os atravessadô, protegido pelos fiscá, pelos guardas, é que compra a maió parte e adispóis vende pra noís, pela hora da morte ...
[...] (Menezes, 1993, p. 124).

Por outro lado, um outro meio, que se usava com bastante frequência, sobre essa prática e fenômeno migratório, era a forma de “prender” o sujeito à terra, por dívidas eternas, exemplo desse processo, são *os processos de aviamentos*,_distribuição de lotes, alimentos, insumos agrícolas, para o plantio, cultivo, produção de insumo para colheita, um teto, barracas, palhoça, eram as formas de se ocupar e prender o sujeito na terra de seus senhores. São ao nosso ver, as principais formas ou sistemas que sustentam uma infraestrutura que levam muitos escravos, serviçais, trabalhadores e grupos de imigrantes, aos seus senhores para serem explorados.

Para Sarge (2010), o aviamento:

[...] é uma ‘espécie de crédito sem dinheiro’, o qual se caracterizou pelas trocas que se faziam entre as casas aviadoras, responsáveis pelo abastecimento dos seringais, e as casas exportadoras. Na Amazônia a expressão aviar significou fornecer mercadorias a crédito (...). Com o tempo, as casas aviadoras foram se especializando e, no apogeu da economia, representavam verdadeiras potências financeiras, muitas delas reproduzindo interesses do capital estrangeiro. (Sarges, 2010: 102-103).

Demarcação de terras”, demarcar suas terras, ter um chão, ter o que é seu, para sobreviver, plantar, colher, viver é o sonho de todo ser humano, ter um espaço para sobreviver, para construir um teto, montar sua cabana e (re)construir ou recomeçar uma nova vida. Há quem obtenha o sonho de apenas possuir, ter e vender as terras e sobreviver do lucro que as terras geram, são questões de reforma agrária e demarcação de terras em nosso Brasil é um dos problemas sociais mais profundo, gera conflitos, migram posseiros ilegais, fomenta o latifúndio, terras são invadidas, conflitos são estabelecidos entre “[...] os magnatas da “vila” [...]”(Menezes, 1993, p. 137) e a massa popular, imigrantes, trabalhadores, colonos que sofre com a apropriação de terras indevida. E ao norte, como em todo nosso país, são fatos constantes esses conflitos agrários e posse de terras.

Uma prática comum, em terras longínquas, em especial as terras, na/da Amazônia, ao Norte do Brasil, que são narradas sob o slogan de “terras prometidas”, “sem donos”, caracterizadas sobre as áreas não demarcadas pela união e demarcadas pelos senhores de poder local, que por expertises, influência, política, capitalista, os mandatários locais, tidos como coronéis, fazendeiros, senhores donos de lotes, zonas, colônias e terras agrícolas, passam a ganhar “legitimidade” que ecoam sobre um povo analfabeta, serviçal, miserável e alienado de seus direitos, porém escravos por ser e se submeter a precarização de seus serviços e mãos de obra barata.

Os senhores do campo “[...] o português, o turco e o piauiense [...]” (Menezes, 1993, p.117) demarcam ou fazem suas próprias “[...] marcação [...]” (idem), por muitos senhores que determinam os limites e as infinitas fronteiras sobre os entrelugares, nas margens, que não esbarra em questões geográficas e não tem limites para condenar o ser humano. Está na exploração da terra e do ser humano, em Desalma. Sobre o jogo do opressor e oprimido, segue a lida, para muitos miseráveis e condenados na terra e pela terra, é/são as únicas opções de sobreviver.

A partir das sugestões de movimento constante do ser humano frente as diferentes realidades em universos distintos. A citação que abre esse os apontamentos desse texto, se desloca sobre a metáfora que possibilita indagarmos sobre o “novo porvir” (Menezes, 1993, p. 239) Um “novo porvir” do quê? Sobre o quê? Por quem? Para quê? São provocações que nos movem e ao mesmo tempo provocam os sentidos.

Gente que se alimenta de sonhos, nova vida, sobrevivência e melhores condições de ser e ter o mínimo para conviver socialmente em seu próprio meio. É sobre a “gente” (Menezes, 1993, p.103), “nossa gente” (Menezes, 1993, p.107) que a locomotiva peixe-boi segue seu destino e destina os destinos dos seus emigrantes, “[...] arquejando e rangendo ferros, um enorme varando a noite, o trem dá graças ao maquinista, quando estaciona, para receber lenha, tomar água, ou descarregar os retirantes.” (Menezes, 1993, p.109) a luta do povo, a luta de nossa gente no universo da Amazônia paraense se apresenta em pleno anos 30, do séc. XX, ao norte de nosso país.

Essas condicionalidades é um reflexo de vida, de famílias, de crianças, de infâncias, de ser meninos(as), do ser humano em formação e desumanização constante.

É sobre esse “[...] triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhada a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tangerá-os dos sertões nativos.

Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcaram lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais.” (Menezes, 1993, p. 103). O ser humano sendo tratado como objeto, animais, escravos, rebanhos de mãos de obra escrava a ser oprimida até a morte por seus patrões, navios fazem o transporte de uma região a outra, uso comum para época.

Os horizontes da ficção (des)cortinam a realidade de uma época em que a força da terra, de classe, do capital, senhores de escravos e toda uma família patriarcal é vista como fatores comuns a época. Essas práticas de desumanização e exploração, alienação e aviamento, foram práticas comuns entre os seres humanos não só na Amazônia e seus universos. Era o retrato de uma sociedade de época. “[...] em terras, arroladas as famílias, procuram a sobra mormacento dos galpões. E alongados olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem adeus ao berço natural, porque chegam à Terra da Promissão.” (Menezes, 1993, p. 103).

A “terra prometida” aos olhos dos atravessadores frente a grupos de famílias que estão na miséria, usam com estratégias narrativas de uma vida banhada a fartura, dinheiro e a fuga da realidade caótica em que vivem. Os facilitadores, atravessadores alienam as mentalidades de famílias que já não tem forças para lutar e afirma em suas em suas mentalidades memórias de um deus misericordioso sobre a terra prometida, deflagam a sua intenção de motivá-los a buscarem melhores condições de vida ao Norte do país. “[...] uns homens falastrões andavam recolhendo os retirantes que encontravam pelos caminhos, para interná-los nas concentrações.” (Menezes, 1993, p. 101).

A terra prometida ou os condenados da terra? Grupos e famílias condenadas a morte pela opressão, pode ser descrita nos fragmentos a seguir:

Um dia límpido empresta cambiantes forte às turvas águas guajarinas. Sopros de ventos largos remoinham a densa poeira do porto. E à esperança de um novo destino, os condenados do céu interrogam:

- Por onde vão mandá a gente agora? ...

- Daqui a pouco vocês sabem ! – é a resposta que recebem.

- Guardas civis, compenetrados de autoritarismo, policiam os grupos cadastrados. É como em revista a pelotões, o secretário da agricultura, barafustando por entre os párias amontoados, recomenda:

- Não deixem ninguém sair daqui... (Menezes, 1993, p. 103).

Na espeça de uma vida melhor ou sobre a ilusão os “amontoados” de grupos familiares, imigrantes são condenados a condicionalidades dos “autorismos” guiam os

pelotões de massa humana, de gente, com destinos incertos, jogados a própria sorte. “[...] Triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tangerá-os dos sertões nativos. Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais. (Menezes, 1993, p. 103).

Os retirantes, “[...] vêm de abandonados pontos do nordeste rumo ao sonhado Pará. Crivados de “picho de pé”, macilentos e desnutridos, transportam as trouxas dos teréns, sem esquecerem as cabaças d’água.” (Menezes, 1993, p. 103). “[...] Os desterrados ao albergue, que a companhia Nipônica de Plantações do Brasil instalara para os lados do Curro Velho, porque ali havia meios de proporcionar conforto a essa gente desventurada.” (Menezes, 1993, p. 103) a sensibilidade em apontar essa gente desventura no século é a representação de uma arte moderna, realista e de cunho universal e social, sobre as problemáticas reais vivenciadas em nossas na realidade dos anos 1900 a 1950, do séc. XX, ao norte do Brasil.

Portanto, com objetivo de enxergarmos nas faces desse movimento migratório, possibilitou enxergamos tipos de educação, uma educação do xerimbabo, uma educação em movimento do ser humano em deslocamento, em formação, em crise e decadência, sobre os tipos e modos de vida, no interior na Amazônia paraense, encharcada por culturas diversas, pelo uso do processo ou o fenômeno da migração há educação vibrando no povo. “[...] Acorda levanta, carrega malas. Amarras a trouxa dos tropos, bebe um gole de café ligeiro. E aos arrochos e pisaduras, agasalhados os filhos em riscos de morte, os exilados partiam, arrastados pelo infortúnio.” (Menezes, 1993, p. 102).

O povo quer botar um nome na Colônia, mas não de político, nem de santo. Um nome assim com as palavras que o doutor dizia para êles. Candunga se diminuem, se considerando rude, e por isso pergunta se Novo Porvir⁷³, fica bem. Porvir, para aquela gente, era uma coisa que sonhavam tornar realidade; sem saberem bem o que seria. Assim como se fosse outra vida diferente ... sem muita miséria, todo mundo satisfeito, cuidando daquilo que é seu, sem sair dali mais. (Menezes, 1993, p. 239).

No entanto, um novo porvir há chegar e clarear as mentalidades, emergindo perfil sociais de gente em barbárie, efeito de um processo migração educativo narrado no romance sobre a migração nordestina ao norte, mais precisamente na Zona Bragantina. Há Gente, há

⁷³ Porvir é um substantivo masculino que significa futuro, o que ainda está por vir ou acontecer. Alguns sinônimos de porvir podem ser futuros e posteridade. Fonte: Dicionário de Definições de Oxford Languages. Em 27 de 05 de 2023, as 10h47 min. Consultados no site: <https://www.google.com/search?xsrf>

Educação Xerimbabo: entre dores, mortes e traumas, os (de)sumamos caminham! Dessa forma, a manter “a cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana” (Freire, 1967, p. 115).

Entender as provocações que possibilitam enxergarmos em *Dagmar e a Educação Xerimbabo*, nos faz compreender suas formas e os tipos de educação que transbordam sobre as fontes literárias, enquanto fonte ideológica, social formativa em busca de entendermos as vozes e os modos de vida dos sujeitos que nascer e são as personificações da representação de gente Amazônidas. No nascer de meninos(as) do universo Amazônico, surge uma educação da ausência e irresponsabilidade que nos elevam aos seus modos de educar nas décadas 1900-1930, nas Grandes capitais do país e principalmente em Belém do Grão-Pará. O exemplo dessa educação rural é reflexo das crises de uma mentalidade educativa frente as grandes metrópole do progresso moderno em pleno início de século. As crises educativas, principalmente sobre as travessias em três décadas no Pará, vibram estéticas, artísticas e as sensibilidade das faces do intelectual Bruno de Menezes. Nesse contexto, ressaltaremos alguns tipos de educação que surgem no romance *Maria Dagmar* e na qual a protagonista Dagmar acaba por sofrer.

A seguir a imagem 9 retrata os tipos de educação Xerimbabo que aparece no romance *Maria Dagmar* (1950), do escritor Bruno de Menezes. E para compreendermos são detalhadas no correr da tese.

Imagem 10- Educação Xerimbabo em Dagmar



Fonte: Machado 2024. Ilustrações, acervo do autor.

Para Starosky (2015) sobre as representações das “multifaces do amor e educação” há legitima nosso ato de pensar a partir de algumas sugestões sobre as vertentes inseridas sobre os tipos de educação sensível encontradas no romance e sobre as faces discursivas da protagonista Dagmar. Entende-se que nos fragmentos sobre uma **1) Educação do Amor**, em Dagmar “Desde virgem e púbere, em maravilhosa eclosão feminina, ostentando proeminências de ancas arqueadas, em vigorosos movimentos cadenciados” (Menezes, 1993, p.39). São ditos como educação do amor e educação da natureza, metaforizadas pela “eclosão feminina”. Neste sentido, a educação por sua natureza “é toda satisfação, natural ou fingida, quando escuta os passos fortes, do homem esperado, entrando os batentes da casa amiga e próspera”. (Menezes, 1993, p.45). Starosky indaga que a Educação do Amor é,

o mestre que ama e deseja ensinar o amor deve perguntar com bom humor e frequentemente ao seu aluno: “Que tempo é “amar sem ser amado? Passado? Presente? Futuro?” E responder-lhe, com convicção, de que: “Amar sem ser amado, como ensina a nossa gramática, não é nenhum tempo verbal, porque... amar sem ser amado é tempo perdido”! (Starosky, 2015, p.201)

Esse tempo de amar em Dagmar se configura no tempo, espaços entre o passado rememorado, o presente angustiante do encontrar as paixões que não alcançam o amor e o futuro de um dia encontra-lhes o seu amor para compartilhar e realizar os seus sonhos e desejos no/do amor. Para Freire (1987, p.79) a “educação é um ato de amor”, onde homens e mulheres reconhecem-se como seres inacabados e, portanto, passíveis de aprender, sendo que “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.” Sem o chamado vínculos afetivos, não poderíamos viver. Para entendermos melhor, Freire (1996, p 11) salienta que:

convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sóciohistórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.

Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor, não há vida. Em Dagmar, a educação do amor é vista desde suas relações dos seus processos de orfandade, criação, aceitação de um novo lar, instruída e educação no seio de uma família que a colheu, ensino e formou para vida frente a essas distintas realidades se

atravessam o ser criança, o ter infância, o ser mulher, nascer mulher e o se tornar mulher. As condicionalidades de uma vida digna, desigual, vulnerável, sem condicionalidades não impede de existir o amor, porém essa caótica realidade desigual, de vulnerabilidade socioemocional, cultural, formativa, sobre as ausências de educação institucionalizada abrem vazão para uma sociedade letrada socialmente vindas das classes (in)visíveis nos grupos sociais. Dagmar é fruto de rebeldia para viver, ser e conquistar. Ressalta (Freire, 1987, p. 80). A educação do amor independer das condicionalidades é um ato de amor ao próximo. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”.

Para Starosky (2015) a educação é um reflexo da natureza humana, **2) Educação da Natureza**, entendido como:

O amor tem uma natureza distinta da bondade e da felicidade. A bondade que tudo tolera e a felicidade que tudo deseja, não toleram nem desejam o sofrimento do ser amado e, por isso mesmo, estão, nesse aspecto, de certa maneira, no polo oposto do amor. Porém, o amor, pela sua própria natureza, exige o aperfeiçoamento do ser amado. Ninguém dirá a seu filho ou ao seu aluno: “Amo meu filho/aluno, mas não me importa quão corrupto ele seja, contanto que se divirta”! (Starosky, 2015, p.154).

Em Dagmar a passagem ininterrupta do tempo segue “em devaneio de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que ame além da vida e fique o único, o senhor, o donatário de seu corpo e de sua alma” entoando uma educação da natureza quase de escrava do sentimento que a corteja como desejo natural. Sobre essa relação, Dagmar “não passa sem os seus namoricos ingênuos, com rapazolas imberes, respondando missívas amorudas e enfebrecidas com trechos pastichados do “Conselho dos Amantes””. (Menezes, 1993, p.39).

Por sua vez, sobre a “deflagração dos explosivos sentimentais crepita em voragem de chamas, e Dagmar se vê envolvida nos vórtices de fogo e fumo de uma paixão instável e calculada”. (Menezes, 1993, p.41). Aos passos de um amor insaciável de controlar seus domínios sobre a razão e a pungência de seu sentimento o faz embriagar-se de forma significativa uma educação dos descontroles entre passos de uma **3) Educação da Religião** e caridade sensíveis aos olhos desatentos.

Os fatos existenciais fundamentais revelam que desejar ser amado não só é legítimo como também totalmente necessário e que, num sentido ainda mais profundo, que só podemos amar por termos sido amados antes. Que o caráter

multifacetado do amor, de uma graduação ordenada do amor humano e daquela atitude interior que sempre reaparece em todas as formas de amor: “É bom que você exista!” é uma forma de repetição, de reprodução do ato criador divino, a força pela qual todo o existente no mundo não só existe, mas também é, ao mesmo tempo, algo bom, isto é, algo digno de ser amado. (Starosky, 2015, p.99).

Aos passos de uma paixão e um amor que lhe ensinará e construirá sua inconstante magoas “não casara, que seu sonho seria amar a alguém, mesmo pobre, mas seu, pelo menos com a benção do Padre não tivera a dita de ser esposa, pois terminara amasia, se àquela ligação podia se dar este carácter”. (Menezes, 1993, p.43). Dagmar “Alfabetizada nos cursos elementares, lê os catecismos o “Adoremus”. Fêz a sua primeira comunhão, com véu e cachos no cabelo, na ilusão de que fôsse de fato uma das noivas do senhor. Teme a Deus e se humilha em místicos fervores ao pensar nas sentenças da Suprema Corte Celestes. (Menezes, 1993, p.39).

Para Freire (1989) a “pedagogia do amor” tem um carácter do cuidar da pessoa na sua totalidade e na sua integralidade, para tanto essa afirmação pode conter significados ainda mais profundo. Na **4) educação da Amizade**. Starosky (2015) declara:

A marca do amor Amizade não está no fato de se prestar um favor na hora da necessidade (pois naturalmente se presta), mas que, uma vez prestado o favor, ele não faça a menor diferença. O tempo passado como o amigo não é aquele que se passa perguntando ou tratando de negócios, mas em que se está ombro a ombro, compartilhando visões de mundo, olhando, lado a lado, na mesma direção. (Starosky, 2015, p.167).

Educa-se sobre as marcas do amor-amizade ou da *Educação da Amizade* que nos forma, nem sempre conveniente sobre o sentimento e as distintas visões estereotipadas de mundo ocorrem com certa frequência, mas o amor-Amizade em “Dagmar observa-o silenciosa, entregando-se sem entusiasmos, quando êle a procura para fazer o amor. Seu coração não lhe mentia, seus pressentimentos cada vez mais se comprovam”. (Menezes, 1993, p.53). O amor-amizade metaforizada pelo envolver-se como prática de sobrevivência humana, sobre uma amor-amizade a educação lhe acalenta o espírito e ameniza a carne, lhe ensina e o transforma sobre uma absoluta educação na trágica situação em que se encontra. Freire (1987) ao definir que:

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram

“hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam adualidade na qual ser é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos porsí mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (Freire, 1987, p. 32).

Freire (1987) afirma que dentro de cada pessoa oprimida, existe um opressor que se constrói pela existência de uma consciência existente de um opressor. Dagmar vive uma situação opressiva pelo amor que lhe causa dor, decepção e domina sobre um sonho que não condiz com a realidade e lhe escraviza no tempo até sua velhice. Por “comunhão”, em contato ou desafeto no mundo, essa educação vivenciada ao extremo, lhe educa, o transforma, (re)constrói o passado frente ao presente em suas ações, escolhas, práticas, amorosas, dores do “eu-interior” que lhes transformam diariamente no correr da trama romanesca. Starosky, (2015) define que amor no mundo ou 5) *Educação da Afeição*:

é o menos parcial dos amores. Não tem muito a oferecer, mas quase todos podem ser objeto de Afeição – os feios, os estúpidos e mesmo os irritantes. Não exige adequação aparente entre os seus integrantes. A Afeição ignora qualquer tipo de barreira, como idade, sexo, classe ou nível sociocultural. Une pessoas incomuns. (Starosky, 2015, p.159).

Deste modo, essa união de pessoas incomuns para Dagmar é vista como uma educação da afeição, ao passar a ser “conhecia, detalhadamente, o estofo moral de seu amante, mas evitava alertá-lo, temendo perdê-lo e mesmo porque sabia ser inútil reclamar uma fidelidade ridícula”(Menezes, 1993, p.55). Sobre um amor afeição que vai contra todas as regras morais, éticas e de etiquetas sociais. É evidente ressaltar “[...] toda prática educacional implica uma postura teórica por parte do educador. E essa postura teórica implica – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – uma interpretação de mundo e do homem. (Freire, 1989, p. 17) Por entendermos essas manifestações formativas e interpretativas do ver, estar e do transformar o mundo(os) que vale, apenas descrevermos “os mundos” narrado por Dagmar, sobre os universos de uma educação e infância na Amazônia.

Frente a essa educação sensível de puro orgulho de Dagmar, resulta em uma educação de afeição, citemos a seguir uma passagem dessa trama

abroquelada num orgulho de destemida, Dagmar não tem um gesto sequer, que traria o seu desespero, uma palavra de reproche ao posicionamento do homem. [...] que terrível lição lhe davam. Seria que o desalmado não se

lembrava de nada, dos momentos em que lhe diziatantos madrigais, em que jurava viverem eternamente juntos? (Menezes, 1993, p.57).

Esta terrível lição ou educação, tipos de educação lhe transforma, forma e educapara a vida. É sobre esse contexto e suas práticas libertadoras, que emergem a pedagogia do amor e das paixões que se chega ao amor-caridade.

A 6) *Educação da Caridade*. Para Starosky, (2015) ao define que chegamos ao maior e mais esplendoroso dos amores:

O amor Caridade (do grego ágape; do latim caritas). De certa forma já tratou-se dele no início deste capítulo. Porém, agora o abordaremos confrontando-o com os amores naturais – a Afeição, a Amizade e Eros. Nossos amores sempre serão meras analogias (mesmo que sombrios) do Amor Absoluto, do inventor de todos os amores. (Starosky, 2015, p.175-176).

O amor-caridade é por sua complexidade de relações são os tipos de atitudes de bondade, sonhos, desejos de mudanças ou realizações que se manifestam por vontade própria frente às distintas realidades que as comovem e alimentam alma. Essa 7) *Educação da Bondade* é para Staroski (2015) visto como:

bondade no amor, mas amor e bondade não são confinantes, e quando a bondade (no sentido dado acima) é separada dos demais elementos do Amor, ela envolve uma certa indiferença fundamental ao seu objeto, e até mesmo algo semelhante ao desprezo em relação a ele. A bondade consente com facilidade na remoção do seu objeto – temos todos encontrado indivíduos cuja bondade para com os animais constantemente os leva a matá-los a fim de que não sofram. A bondade desse tipo não se preocupa com o fato de o seu objeto tomar-se bom ou mau, desde que escape ao sofrimento (Starosky, 2015, p.175-153).

Entre a bondade do pensar, imaginar e sonhar em Dagmar à formação que carrega como ingênua da infância até a vida adulta frente a realidade de um amor de bondade, Dagmar sonha em partilhar o seu lindo e forte amor por alguém que a ame e possa partilhar o mesmo sentimento. Desse partilhar em Dagmar, se depara por um amor da vida, definidos por Staroski (2015) como:

numa sociedade altamente sexualizada a ampla força do amor para todo o corpo, para toda a vida não é mais transparente. Já a expressão “cópula” soa como uma mecânica das partes do corpo. Mas amor é mais do que o encontro de corpos. Com essa força mais do que biológica não se estabelece de nenhum modo a importância de um amor “incorpóreo”. (Starosky, 2015, p.175-185)

Dessa forma, os alcances sensíveis na visão de Maturana (1998) sobre a “biologia do amor” é uma “emoção que constitui o espaço de ações em que se estabelece o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que nos dá origem” (Maturana, 1998, p.97). O referido autor acrescenta também que,

o amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de uma biologia do conhecer [...] modo de vida no qual o amor, a aceitação do

outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. Num sentido estrito, nós, seres humanos, nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: nós, seres humanos, somos filhos do amor. (Maturana, 1998, p. 25).

É por meio desse reconhecimento e aceitação do outro nos faz compreendermos sobre a trama de Dagmar, uma Educação Xerimbabo, as suas indagações do amor como emoção central que lhe leva “então, - considera[r] – o paraíso florente do amor cifra-se nesse contato breves, na paixão momentânea, em delirantes a plastias, procurando o homem a mulher para um fim que lhe seria de arrependimento e até de nojo?” (Menezes, 1993, p.60). Ao “considera que o amor é a emoção primordial da vida que funda o social, visto que estabelece a aceitação do outro, o seu reconhecimento como existência legítima” (Maturana, 1998, p.98). São exemplos expressivos que poderemos considerar como fictose factos voltados ao amor e aos delírios de Dagmar ao “mostrar [os] penhões de alma sucumbida” (Menezes, 1993, p.69). Em Maturana (2002, p.22) “esta emoção é o amor. O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro da/na convivência.

O romance-novela Maria Dagmar (1950) sobre a educação do amor e das paixões, pela protagonista Dagmar, o que fica é os tipos de educação e infância reavivada pelo campo da memória sobre as suas significativas lembranças de infância. Essa *Educação Humana*, *Educação xerimbabo* que se humaniza à alma e acalenta suas dores, causa decepções em Dagmar. Por fim, Dagmar, deixa-nos embebedar por uma “razão” de uma educação humana do amor e das paixões lhe consumira entre desejos, ódios, medos, perdas e sonhos, sobre as vertigens de uma realidade posta cheque sobre o fragmento a seguir:

Dagmar se lembra das ladainhas em que dançaram e o namorado a alcançara com força, num canto da sala, a ponto dela sentir a rigidez dos seios

comprimidos junto a seu peito, ela tivera um rubor súbito. Revê as ocasiões felizes em que voltava desses folguedos, com irmã e outras moças, ela “colada” com êle, um tanto excitada pelas palavras quentes que êle lhe soprava ao ouvido, acariciando-lhe as mãos e os braços, num convite intencional para o amor, que ele não sabia realmente onde começava. [...] A sua arte sutil de conquistar se comprazia em escarvaz a lama, desce aos abismo do ser, ao recesso do coração, provocar a sensibilidade, para depois, com a continuidade, tripudiar sobre a prêsa, como um abutre carnívoro. (Menezes, 1993, p.62-63).

Portanto, se compreende as manifestações de uma Educação Xerimbabo, sensível, do amor e das paixões em Dagmar vem dos (in)viveis espaços, falas, tempos e lugares, físicos, psíquicos e (re)criados por suas lembranças de infância e criança. A busca de Dagmar pelo amor, silencia a sua infância e entrega a sua vida sobre as lascívias abomináveis, seduzidas pelo amor, vendem o amor, sofrem pelo amor e morrem esquecidas pelo amor (Menezes, 1993, p.87). Essa infeliz Dagmar, não é casada, não é viúva, nem amásia de ninguém (Menezes, 1993, p.83) a pergunta que fica é por onde andariam os dois homens, que, cada qual a seu modo, a fizeram radiante e desventurada? (Menezes, 1993, p.87) por quem ela sentira amor? Por que fugia assim, na hora definitivado amor? (Menezes, 1993, p.71).

No entanto, educação, paixões, sonhos e desejos abrem espaços para dizermos que há uma *educação da dor, mortes e perdas* que (re)constrói a protagonista Dagmar. Que há um tipo de educação de vida e de mundo, aprendidas nas práticas de saberes, dos sistemas opressores frente as condicionalidades de existir, viver, sobreviver, respirar no mundo, para vida, sobre uma educação não escolar em pleno décadas de 1900 a 1930 noPará. Portanto, é sobre esses tios de *Educação Xerimababo* em Dagmar e Antonio Candunga que esse tópico faz referência no sentido de compreendermos os níveis e tipos de educação que os protagonistas dos distintos romances passam e pudemos descrever e percebermos por meio de seus movimentos no romance. Por fim, é sobre essa tese que a *educação do (in)sensível, do (in)visível ou não-escolar e a educação do (des)asnar* se caracterizam como caracterizam Educação Xerimbabo que (re)significam olhares e nos sugeres leituras e interpretações frentes a lida dos protagonistas Dagmar e Antonio Candunga no romance, são as representações de meninos(as), jovens, homens e mulheres que gritam, ecoam denúncias as barbáries de uma educação, mentalidade e problemáticasde uma sociedade em plenas décadas 1900 a 1930 no Pará.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



[...] Comparece quem queira levar duas ou mais crianças empanzinadas, para tratá-las em casa. Desejo êsse, manifestado por pessoas de modestos recursos, ao contrário dos abastados, que a isso sefurtavam.

Apagados a um duro egoísmo, de “sangue limpo”, ofendidos com as solicitações insistentes, os responsáveis pelas famílias desenganavam os pretendentes:

- Ora veja lá ... Dou o quê! ... Isto não é filho de nêgo, que se procura quem qué ...

E um outro, com pessimismo:

- Cê é besta ... Abro a cova para todinhos mas não dou um só ...

[...]

A mãe de três crianças amarelas e cabeludas, despacha de uma vez, conformada com a sorte:

- antes morrerem, se deus fôr servido ... mas é debaixo dos meus óio ...
(Menezes, 1993, p. 108)

-

A saga romanesca de Bruno de Menezes e seus personagens protagonistas possui o poder de alcance da verosimilhança e esse jogo de forças sobre a linguagem, as vozes, os falares, os discursos, as diversas leituras acabam por tornar uma força de expressão e representação da escrita, fala e registro de fatos. São fontes de poder(es) em que as palavras e seus enunciados discursivos tomam corpo e autonomia na ficção. É inegável que na ficção, os enredos e tramas são protagonizados pelos protagonistas Maria Dagmar e Antônia Candunga em espaços, tempos de uma sociedade saída do atraso do Império e adentra a República do início do século XX.

O poder da escrita do escritor paraense Bruno de Menezes reverbera os perfis de diferentes personagens, seus modos de vida, principalmente os ciclos de histórias nos quais Dagmar e Antonio Candunga lutam por sobrevivência em uma sociedade desumanizada e ainda fechada para descobertas e consciências de outros valores que até 1930 não se apresentavam enquanto práticas para os homens e mulheres, sem falar das sujeitos (in)visíveis que tiveram suas infâncias marcadas por perdas, violências e violações em todos os aspectos.

A obra romanesca de Bruno de Menezes é universalizante, pois versa, critica, denúncia e traz à tona contextos, saberes, formações, valores, culturas, mentalidades, ideologias e principalmente as condicionalidades e desumanidade que exploram o ser no mundo. Ao olharmos criteriosamente as mais diversas e variadas problemáticas sociais, dizemos os temas que passam a ser manifestados nas obras vêm das duras crises pela qual o núcleo familiar em pleno século XX vem passando. Por essa razão, apontamos o núcleo familiar, como os traços muito bem definidos e autodescritivos nos distintos romances: Maria Dagmar e Antônio Candunga.

O personagem que principia nossa discussão recai sobre o núcleo familiar das tramas e dos traumas vivenciados por Dagmar, sobre os *feedbacks* de suas memórias e lembranças de infância. Bem como Candunga, a representação da barbárie e da esperança de uma classe que por muito custos alcança posição de dignidade, valores e esperança universal, pois sobreviveu às crises da infância.

No século XX, sobre as inspirações realista, sociais, modernas ou manifestações de um estilo “moderno”, “*estilo novo*”, no Brasil, no norte de nosso país passam a emergir ecoar no Pará, por Bruno de Menezes (1893-1963), anunciando em seus romances, um perfil de tipos e gêneros diversos, sua bandeira de luta ideológica, era cunho libertário e voltados sobre as manifestações identitárias dos grupos menos privilegiados, os menos favorecidos, a gente de pé no chão atravessa e define uma cultura afro-brasileira vindas do Norte de nosso país. Há

uma educação (in)visível e (in)sensível emergindo do universoda Amazônia paraense.

Define Rocha (2006) diz que toda essa manifestação ideológica era construída a partir de uma “geração autodidata. Sem muitos recursos, “as oficinas, ao em vez das escolas secundárias e das Faculdades” (Menezes, 1937, p.9), mas ao final, não fizeram feio, pelo contrário

Pelos botecos de Ver-o-Peso, ‘abastecendo-se’ de postas de 200 reis, farinha de água de dez tostões o litro e cachaça de 500 reis a dose, o grupo boêmio e sonhador (...) debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafés, nas festanças no Umarizal e outros subúrbios onde se tornavam reis, como oradores e poetas. (Rocha, 2006, p. 49).

Havia uma miscigenação sociocultural em que o Brasil manifestando uma nova ordem identitária nacional ecoava por novos “brasis”. No Pará, a liberdade do fazer poético, modernos ressalta essa vertente não acadêmica, rebeldia por uma “arte nova”, pública e de liberdade em que o povo fizesse parte dessa construção e realidade constante, metáfora de um “Peixe frito” sobre a realidade de homens e mulheres amazônicas. “O símbolo o Peixe-frito, a geração de Bruno, com algumas exceções, por suas condições financeiras e sociais, não pudera frequentar os ginásios, a Faculdade de Direito, a escola de Odontologia, a Faculdade Livre de Medicina, onde o ingresso era facilitado aos possuidores de recursos. (Rocha, 2006: 49).

O modernismo não pode ser compreendido apenas como um movimento centralizado exclusivamente na Semana de Arte Moderna. Ele deve ser compreendido como um amplo movimento de ideias e ações renovadoras que construíram conexões entre a arte e a política. (Leal, 2011, p. 27). Dessa forma, as epígrafes são representações de um espaço e tempos que se anunciam e denunciam as explorações humanas e a barbárie e todo tipo de desumanidade. São vozes e anunciados discursivos fortes, de uma literatura e de uma fazer literário semigual, pois fazem dos fatos históricos e sociais, fontes, registros de suas inquietações, denúncias e angústias humanas. Sobre as vozes, Ribeiro (1993, p.15)⁷⁴ acentua que essa geração de intelectuais “foram boêmios à nossa maneira, boemia de moços pobres, que mediava entre o acender da estrela vespertina e os clarões rosados da aurora, posto que tínhamos, todos nós, as tarefas, do estudo alguns, e do ganha-pão quase todos, à nossa espera...”. Os intelectuais, os poetas, os flâneurs da Amazônia paraense manifestaram-se através de seus escritos incisivos, de sua expressão estética, da experiência vivencial pelos cantos e recantos da cidade -- “o

flâneur busca a experiência e não o conhecimento” (White, 2004, p.66).

No entanto, são as tramas retratando em inúmeras condicionalidades e problemáticas humanas que os oprimidos ganham voz e vez, os menos favorecidos, as pessoas as margens e nas fronteiras da civilidade tão defendida com o riar da República no Brasil. A realidade apontadas na ficção romanesca de Bruno de Menezes faz todo sentido sobre essa tese de doutorado. Em nossas escritas, cantamos dores, perdas, explorações, barbárie, sobre um teor desnudando de uma classe em silêncio, invisível e às margens das elites conservadoras e perversas. As vozes e silenciamentos passam a ser personificados a partir de falas, discursos, enunciados discursivos a partir da escrita romanesca de Bruno de Menezes que colocou em evidência as vozes de população esquecida e (in)sensível na Amazônia paraense das primeiras décadas do século XX.

Os alcances que este trabalho propicia, foi uma passagem em muitas travessias que se caracterizou em conhecermos melhor as (in)visibilidade de uma infância, criança e de educação não-escolar, definidos sobre os cortejos da ficção romanesca de Bruno de Menezes.

Orientados sobre os romances *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954) que possibilitou enxergarmos o poder que a literatura como importante para a história social da infância, educação, saberes, formações do ser criança que são atravessados pelos modos de vida de uma população entre as décadas de 1900 a 1930 se aventuraram sobre a imensidão da Amazônia Paraense.

Deste modo, o “fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica”, como bem frisa Chartier (2009, p. 27). A literatura nos serviu de estímulos para descrevermos as concepções de arte moderna sobre Bruno de Menezes, uma sugestão de leitura que nos propiciou caminhar sobre suas influências intelectuais, suas formas de abordagens que integram ações e práticas socioculturais, muito bem retratadas sobre seus romances. Dessa forma, o encontro da literatura como fonte sobre o objeto de nossa tese de doutorado se tornou fundamental, pois os encontros, de certo modo se destacam a força e o poder das ficções ao “se apropriarem de técnicas da prova próprias da história a fim de garantir a ilusão de um discurso histórico (Chartier, 2009, p. 28).

Para Zilberman (1990, p. 19), o poder do texto literário de cunho ficção é um ato histórico, político e educativo, suas fontes determinam uma ideologia e modos de pensar no tempo e espaço, por isso faz a seguinte afirmação:

[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências [...] o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, [...] igualitárias.

A literatura é fonte e objeto de análise de discurso pelo viés histórico, formativos e educativos voltados as percepções do ser criança e do ter infância o que nos levou a manifestar os tipos de educação e saberes não escolares, sobre uma educação de vida, mundo, prática social e história frente aos anos 1900 a 1930, do século XX no interior das zonas urbanas, periféricas e campestres paraense. A literatura enquanto fonte pode apresentar os discursos visíveis e (in)visíveis, silenciados e denunciados e das margens sobre o que Tozoni-Reis (2002, p.9) define que “podem apresentar a realidade econômica, política, social e cultura de uma dada sociedade a partir da literatura brasileira, pois tomadas como fonte de investigação, ela deve ser compreendida neste estudo como expressão da realidade histórica e social. Nos dois romances analisados de Bruno de Menezes há uma infância e um ser criança

coexistindo sobre a realidade das décadas de um Amazônia em que a infância enfrentava as mais diversas problemáticas: abandono, orfandade, criminalidade, mortalidade, epidemias, trabalho infantil, abusos, maus tratos etc.

Os fatos e fontes são apresentados a partir das leituras dos romances e do protagonismo que o dito e não dito provocou enquanto possibilidade. Há inúmeras vozes de infâncias e crianças vibrando no ficto e facto de Bruno de Menezes. O que nos levou a percebermos a grande ignorância da mentalidade de uma sociedade que enxerga os termos: “doar”, “criar”, “tutela”. “perfilhação”, “adoção”, “órfão”, “inválidos”, “expostos”, “sem destinos”, “nula”, ‘escravo da roda”, “pagã”, “dique”, “recém-nascido”, “caritativa”, “abandonado”, “menores”, “sem-família”, “moleques”, dentre outros adjetivos a serem usados para definir uma criança e sua infância Xerimbabo.

As articulações e relações sócio históricas, alinham o discurso e nos levam a lógica dialógica, discursiva, históricas e sociais frente a narrativas romanescas, possibilitaram compreender as falas, vozes, enunciados, enquanto práticas de linguagem. Podemos dizer que houve de forma exitosa nos alcances dos tipos de violações, explorações e barbárie na infância e do ser criança no universo da Amazônia paraense, bem como, se alcançou os grupos e classes de oprimidos e escravizados frente às distintas realidades e condicionalidades de criança, infância e educação na Amazônia.

Por sua vez, as análises nos romances “Maria Dagmar” e “Candunga”, possibilitaram entender os (entre)lugar(es) de uma educação não escolar que fazia parte da realidade de muitas crianças na região amazônica que procuravam se refugiar das intempéries do semiárido nordestino. A luta de fugir da fome e da seca que assolavam a região do nordeste brasileiro.

Apontando as duras crises econômicas, políticas, ausência de educação e mentalidades retrogradadas que os heróis e heroínas nos romances Maria Dagmar e Antonio Candunga passam a apresentar. Os romances analisados desvelaram um universo de personagem que retratam lembranças da sua infância que, de um lado, denunciavam, problematizam e questionam as invisibilidades e silenciamentos de muitos sujeitos, de outro lado, questões dolorosas que constituíram a infância na Amazônia paraense como: dores, perdas, traumas, medos, decepções, lembranças e sonhos de uma realidade de ser criança pleno início do século XX.

Para Brandão (2007), “o homem sabe sentindo e sente sabendo, ou seja, é sua consciência reflexiva que o faz ver e sentir ao viver a experiência que o ascende ao

decifrar do significado; ele cria o símbolo e o significado a partir da visão. O mundo de símbolos e significados criados conduz à cultura”. São fatores que legitimam (re)criações, sentidos e consciências sobre as narrativas de ficção. Os anunciados discursivos sobre os romances “Maria Dagmar” e “Candunga” e seus protagonistas e personagens, nos levou a definir como o objetivo de tese a infância e o ser criança na/da Amazônia, sob as perspectivas de uma educação não escola, periférica e campestre entre a ficção e a realidade da prosa romanesca de Bruno de Menezes, tendo como guia e fio condutor os protagonismos de Dagmar, Antônio Candung e outros personagens envolvidos na trama.

Nossa tese que se firma sobre as fontes, discursos, dito e não dito, voltados as relações sócio históricas dos personagens, envolvidos em diferentes quadros e problemas sociais, históricas e universais. Tipificadas enquanto retrato social e histórico, formativo, educativo, em que as obras “Maria Dagmar” e “Candunga” (1954)” em movimento e sentidos trans bordam as zonas e horizontes interpretativos anunciadas e discutidas sobre as quatro seções.

Quando mencionamos as minorias, a infância, a criança, ‘os/as jovens, os/as negros/ e as mulheres dão seu grito de emancipação e abrem as portas para todas as outras ‘minorias: por exemplo, gay, indígenas, os povos africanos que permanecem na sua trajetória de luta’⁷⁵. É o ter infância e o ser criança que se desvelam sobre as vertentes de uma educação não escolar. A escola da vida nos ensinam ser e agir frente a nossa realidade. Temos que “olhar para as crianças a partir de suas individualidades e de suas culturas, a partir de seus próprios pontos de vista, com o foco voltado para suas condições existenciais”⁷⁶. Desse modo, a voz humana (ou sobre a sua essência) enquanto prática ativa explorada de forma objetivas orais ou escritas podem ser mencionados enquanto vozes e a “infância” que está em questão não é simplesmente um fato do qual seria possível isolar um lugar cronológico, nem algo como idade ou um estado psicossomático que uma psicologia ou uma paleoantropologia poderiam jamais construir como um fato humano independente da linguagem”⁷⁷.

A teoria da infância não poder ser sigética⁷⁸ e sobre essa visibilidade ativa da infância, criança e educação que a concebemos como “atores sociais” ou “agentes sociais” competentes frentes às relações sociais que vivem no mundo, pois “as crianças não se limitam aprender e

⁷⁵

⁷⁶ Fonte consultada, livro de: De Campos Ribeiro, — *O boêmio*, in Jaques Flores (pseud. de Luiz Teixeira Gomes), Obras escolhidas de Jaques Flores, Belém, CEJUP, 1993, p. 15.

⁷⁷ Prefácio do livro: das pesquisas com crianças à complexidade da infância, em sua 2ª edição, publicada em 2020, p. ix

⁷⁸ Prefácio do livro: das pesquisas com crianças à complexidade da infância, em sua 2ª edição, publicada em 2020, p. ix. Prefácio da 2ª edição do livro: das pesquisas com crianças à complexidade da infância”, em sua 2ª edição, publicada em 2020, p. xii.

cumprir as normas impostas pelos adultos, pois assumem papéis de resistência. Compreender as culturas das crianças requer que se possa pensar nelas como atores capazes de transformação”⁷⁹.

Desse modo escutemos e enxergamos as infinitas vozes das personagens “Dagmares” e “Antonio Candungas” e muitos outros. Foram vozes que explicam os tipos de barbárie, violações físicas e psíquicas, sofridas pelos personagens em suas infâncias e enquanto crianças. A partir do heterodiscurso poderemos ressaltar duas proposições: por um lado, “variedade de linguagem e seus horizontes verboideológicos”⁸⁰, e por outro lado, as dimensões de linguagem enquanto “horizontes socioideológicos”⁸¹. Embora sejam refratados no sentido de sugerir as intenções do autor que passam a ser demarcadas nas narrativas e nas ações de cada prática social, verbal e mnemônica, ou psíquica de seus personagens, o falante dos enunciados ditam as regras do seu próprio discurso linguístico. Essa autonomia, nos levam ao silenciamento da infância e criança, percebida pelo ato enunciativo do discurso do falante, os traumas da infância, por exemplo, nos levam a enxergar as perdas, as mortes, quebras de laços afetivos e familiares, ausências de orientações, proteções, abusos, agressões, violação de direitos, tabus sociais, modos de vida, complicações financeiras, descobertas, desejos, sonhos, devaneios, obsessões, dores etc.

Enxergar essas vozes silenciadas pelas experiências trágicas, o falante é por assim dizer um ser representativo, social e ideológico. A “palavra do falante no romance não é simplesmente transmitida nem reproduzida, mas *representada literalmente*”⁸², ou outro lado, este mesmo falante é “*essencialmente social*”⁸³, apresentada individualmente ou em grupos sociais, sobre teias de relações que ele mesmo o criou. E por fim, o falante no romance é guiado por um poder, um jogo de forças “*ideológica*, e sua palavra é sempre um *ideograma*”⁸⁴. Encontrar uma resposta para o cronotopo da infância e ser criança no Pará é um desafio, porém, nosso ponto de saída é, sugerir o cronotopo enquanto espaço, tempo e lugar de fala dos sujeitos.

Os espaços e lugares se cruzam com a infância e criança em nosso país, há de se

⁷⁹ Leitura retirada do livro “infância e história. Destruição da experiência e origem da história”, do autor Giorgio Agambem, 3ª reimpressão, 2005, p.10.

⁸⁰ **Sigética** (al. *sigetik*, a partir do gr. *sigan* ‘permanecer em silêncio, calar’): termo introduzido por Heidegger (*Beitrage Z. Philosophie* [Contribuições à filosofia], n.37. Que designa a “ciência ou arte (de falar através) do silêncio. Fonte consultada por G. Agambem, 2005, p.13.

⁸¹ Rego, 2018, p.27.

⁸² Ibidem, p.95.

⁸³ Ibidem, p.9.

⁸⁴ Ibidem, p.124.

ressaltar que fomos e somos colonizados até a alma. Para Rizzini (2011, p.96) essa mentalidade alienada pode ser percebida ao olharmos a criança e infância:

[...] entender o sentido da expressão ‘salvar a criança’ no contexto brasileiro do séc. XX para o XX é preciso voltar no tempo e buscar a origem da mesma expressão ‘*Save the children*’ e dois momentos e sob duas vertentes: (a) a utilização do conceito de *salvação da alma* como uma necessidade percebida em relação à criança (por volta do século XVI e anterior ao século XIX); (b) o entendimento da ideia de *salvar a criança*, objeto central da ação filantrópica destinada à infância a partir do século XIX. Herdamos desses movimentos, ocorridos nos contextos europeu e norte americano, parte do ideário que formou os pilares da chama ‘*cruzada pela infância*’ ou “*causa da infância*” no Brasil.

Essa manifestação social e históricas alienada pela mentalidade brasileira, faz com que tenhamos até hoje os vícios do coronelismo, patriarcalismo, machismo, opressão, violação, barbárie e ausência de conhecimento sobre o controle de seus senhores, o papel da Igrejas, e do Estado enquanto forças frente a massa populacional. Restringindo o acesso ou quaisquer tipos de informações ou investimentos em educação que servem como ‘clareúmes’ para a vida, povo e a nossa gente! Resistir contra essa posição de alienação, cabrestos, currais eleitorais é o nosso grande desafio. Rizzini (2011,p.54), acrescenta que essas “mentalidades”, foram:

“[...] socialmente adquiridos. Se o povo era ignorante isso se dava porque os velhos coronéis, que ‘governavam o País como se governassem suas fazendas’, não tinham nenhum interesse na educação. E o povo permaneceria escravizada em benefício exclusivo de seus donos, e que constituía humilhação e vergonha para o Brasil diante dos outros países (os civilizados, claro).

Essas mentalidades, nos levam aos tipos de vozes (in)visíveis e (in)sensíveis, passam a ser perceptível, se assim agirmos, Ademais, muitas dessas mentalidades deixam de ser construídas e passam a ser destruídas. As vozes são as “energias” que se materializam sob a forma de atos individuais de fala⁸⁵. Essas vozes, são dos enunciados discursivos sociais ou psicológicos, dito e não dito, visível e invisível) e passam a criar “consciência da personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo emocional concreta -, é abrangida de todas os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo: as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma”.O ser que fala e dialoga tem autonomia e muda sua realidade.

⁸⁵ Ibidem, p124.

As vozes, as falas da infância e criança vem por muito tempo sendo tecida sobre uma visão adultocêntrica. E um adulto responsável que lhe atribui vozes, essas “decisões que adultos tomam para as crianças e por elas, em geral sem consultá-las, sem lhes dar voz ou sem criar espaços de escuta. Essa postura precisa ser repensada em contextos educacionais e sociais nos quais crianças crescem e convivem entre elas e com jovens e adultos. No entanto, esse pensamento adultocêntrico “provoca a pensar que meninas e meninos são sujeitos culturais, sociais e históricos e tomam para si a vida como grande problema a ser descoberto, vivido, experimentado”⁸⁶. Por fim, é somente com o poder que a literatura exerce sobre nossas mentalidades, que nos tornemos bem mais sensíveis a enxergarmos essas realidades provocadas, denunciadas e sugeridas a partir da educação, arte, literária, história, infância, criança conhecemos o a arte da vida.

Portanto, as cenas e imagens que se anunciam merecem ser aprofundadas com outros estudos, pesquisadores e estudiosos que se sintam provocados a enveredar pelas teias de relações da Literatura, ficção romanesca, enquanto fonte, abertas às discussões. Por fim, os desafios que temos de (des)construir e visibilizar as “vozes” dos tipos de educação não-escolar, dos agentes sociais para termos uma infância e ser criança sem as barbárie e opressão. É preciso resistir, agir, sensibilizar o olhar e defender todo e qualquer tipo de exploração de criança e infância em nossa sociedade. Para não evidenciar no futuro as “ausências” de uma educação e opressão voltada as infância(s) e criança(s), como enfatiza Rizzini (2011, p.19) sugere que: A maior parte da literatura sempre foi marcada pelo tom da denúncia e pela discussão da violência *tout court* da sociedade sobre o “menor”. Nada de estranhar em um país onde sempre predominaram práticas impiedosas contra as crianças pobres: desde o adestramento físico e mental a que foram submetidas as crianças indígenas pelos jesuítas, passando pela discriminação racial na adoção de “enjetados” na época colonial, pelo infanticídio disfarçado pela Roda dos Expostos, pelo trabalho quase forçado e sem proteção de crianças no mundo fabril (século XIX) e, mais recentemente, pela estigmatização da criança pobre em “menor”, em “pequeno bandido”, em menor institucionalizado” com chances de se tornar um dia vítima do extermínio em uma rua ou praça de uma grande cidade.

Por fim, esta tese é o resultado das provocações anunciadas e autodescritivas da literatura enquanto fonte para enxergar e retratar as peculiaridades de uma realidade e mentalidade de uma sociedade dos anos 1900 a 1930, ecoando nos universos da Amazônia paraense em que as palavras chaves giram em torno dos tipos de educação, as várias infâncias e o ser social criança.

Bruno de Menezes enquanto militante de uma identidade afro-brasileira, expressa suas

⁸⁶ Ibidem, p. 12

inquietações e denúncias sociais, as malditas heranças de um processo civilizatório eurocêntrico. Além disso, expressa reflexão sobre práticas desumanizadoras que nos levam à miséria a formação de “gente-objeto”. Gentes amazônidas que são exploradas, escravizadas e desalmadas sobre a ausência de educação, e a presença da desinformação, tornando-se massa de manobras.

Nos romances *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954) há materializados modos de vida, de trocas de saberes sociais, dos diálogos e suas travessias de vida sobre os distintos contextos da vida de homens, mulheres, meninos e meninas, gentes amazônidas e nordestinas. A (in)visibilidade de uma educação sistematizada que não alcança as minorias, porém a educação não escolar de mundo formam, educam e transformam a realidade do povo, sociedade representados por seus protagonistas: Dagmar e A. Candunga.



REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. **Notas sobre a família no Brasil**. In: Almeida, A. M.; Carneiro, M. J.; PAULA, S. G. (Org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 53-66.
- Alves, Laura Maria Silva Araújo [et. al.]; **Educação Infantil e Estudos da Infância na Amazônia**. Capa comum – 1 janeiro 2007. ISBN-10: 8524703962. ISBN-13: 978-8524703966.
- Arroyo, m. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Aries, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Plasmam. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- Aries, Philippe. **Histeria social da criança e da família**. - 2. - ed. Philippe Aries; Tradução Dora Gusmão - 2. ed. — Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- Barbeiro, Jesus Martín. **Ofício de cartógrafo: travessias latino americanas da comunicação na cultura**. Trad. Fideliza González. São Paulo. Fundo de cultura: Econômica. 2002.
- Bacelar, Gaston. **A intuição do instante**. Tradução Antônio de P. Daneis. 2.ed. Campinas: Vírus, 2010.
- Bacelar, Gaston, [1884-1962]. **A poética do devaneio** / Gaston Bacelar; [tradução Antônio de Pádua Daneis.] - São Paulo: Martins Fontes, [1988]. V edição, 2º tiragem- 1996.
- Bacelar, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- Bakhtin, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6.ed. São Paulo. Unesp: Mussite, 2010;
- _____, **Estética da criação verbal** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____, **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora34, 2015.
- Venda, Julie, 1867'1956. **A traição dos intelectuais** / Julie Venda; tradução de Paulo Neves; introdução de André Lwoff; prefácio de René Temble. — 1a ed. ~ São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- Bern, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Editora brasiliense: 1988. Bobbio, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: UNESP, 1997.
- Bobbio, Norberto. 1909 **os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea** /Norberto Bobbio; tradução de Marco Aurélio Nogueira. - São Paulo: Editora UNESP, 1997. - (Biblioteca básica).
- Borba, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. **Teoria do efeito estético** - Niterói: Euf., 2003.
- Carvalho, José Pereira de. **Primeiras linhas sobre o processo orfanológico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Lemmert, 1880.

Coelho, M. O. **O grupo dos novos**: memórias literárias de Belém do Pará. Belém: Editora da UFPA, 2005.

Coelho, Mari Nilce Oliveira. **O grupo dos novos** (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará / - Belém: EDUFPA: UNAMAZ: 2005.

Corrêa, Paulo Maués. **Um olhar sobre Belém do Grão-Pará**, de Delcídio Jurandir /Paulo Maués Corrêa. - Belém: IAP, 2008.

Corrêa, Jéssica do Socorro Leite. **A criança e o mar: saberes e infâncias em ambientes costeiros na Amazônia**. Jéssica do Socorro Leite Corrêa. - 1. ed. - Curitiba: Paris, 2018.

Celular, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

Charter, Roger. **História intelectual e história das mentalidades**: uma dupla reavaliação. In. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Fidel, 1990

Charter, Roger. **À Beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre:Ed. UFRGS, 2002.

Charter, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994, 2ª Ed.

Del Priore, Mary (org.) **história das mulheres no brasil** / Mary dele Priore (org.); Carla Abaçaí (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, [1997], 2004.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Del Priore, Mary (org.). **Pequenas Histórias de Amor Conjugal no Ocidente Moderno**. In: Estudos Religião, ano XXI, N. 33, 121-135, JUN/dez 2007.

Filho, Altino José Martins e Prado, Patrícia Dias. (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. - 2 . ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2020. - (Coleção educação contemporânea).

Ferreira, Paulo Jorge de Moraes. **De Cachoeira a Belém**: a inflexão das ilusões de Alfredo / Paulo Jorge de Moraes Ferreira. 1. - ed. Editora. 2010.

Figueiredo, Aldir Moura. **Arte, literatura e revolução**: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In FONTES, Dilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia (org.). Diálogos entre Literatura, História e Memória. Belém: Paca-Tatu, 2007

Figueiredo, Aldir Moura de. **A cidade dos encantados**. Pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia - 1870-1950. Belém: EDUFPA, 2008.

_____. **Eternos modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia: 1908-1929. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de doutorado, Unicamp, 2001.

Finco, Daniela e Farias, Ana Lúcia Goulart de. (Org.). **Sociologia da infância no Brasil**/ Daniela Finco e Ana Lúcia Goulart de Farias. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 102).

Foucault, Michel. **Microfísica do poder** / Michel Focal; organização e tradução de Roberto Macha.do. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

França, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de, (et. al, ;) **História da educação na Amazônia: múltiplos sujeitos e práticas educativas** /Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França, Sidney Lobato, Vitor Sousa Cunha Nery (organizadores) – Curitiba:CRV, 2018.

Freitas, Marcos de Freitas (org.). **História social da infância no Brasil**. - 9. ed. rev. E atual. - São Paulo: Cortez, 2016.

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1999.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

Freire, P. **À Sombra desta Mangueira**. 2ª ed. São Paulo: Olho d'água. (1995). Freyre, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 45. ed. Rio de Janeiro. Record, 2001.

Freyre, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX**. 4. ed. São Paulo:Global, 2008.

Freyre, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. São Paulo: Global Editora, 2003.

_____. **Casa Grande e Senzala**. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora,1983.

Friedmann, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. Adriana Freedmann. - 1. ed. - São Paulo: Panda Books, [1985], 2020, 200pp.

Gobbi, Marcia Aparecida. PINAZZA, Mônica Appezzato. **Infância e suas linguagem** / Marcia Aparecida Goddi, Mônica Appezzato PINAZZA (org). - São Paulo: Cortez, 2014.

Gohn, M. G. M. **Movimentos Sociais e Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. v. 1.128 p.

Gohn, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Habib, Salomão. **Tó Teixeira: o poeta do violão** /, Salomão. Habib. - Belém: violões da amazônia, 2013.

Heywood, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Jobim, Solange e Souza. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin** / Solange Jobim e Souza. - 13ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Jobim e Souza, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygostsky e Benjamin** / Solange Jobim e Souza. - 13º ed. - Campinas, SP. Papirus, 20212. - (Coleção Magistério:Formação e Trabalho Pdagógico).

Lobo, Lilia Ferreira e Franco, Debora Augusto. (Org). **Infância em devir: ensaios e pesquisas**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Geramond, 2018.

Lakatos, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atl. MINAYO, Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28.ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Ludke, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. Marli E.D.A. André. São Paulo: EPU, 1986 (Temas básico de educação e ensino).

Lukács, George. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: 34, 2000.

Marcílio, Maria Luiza, 1937 – **História social da criança abandonada** / Maria Luiza Marcílio. - 3. ed. - São Paulo: Hucitec, 2019.

Marconi, M. A. e LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Marletti, Carlo. (1998) Intelectuais In BOBBIO, Norberto & Outros. (1998) **Dicionário de Política A-K**. Volume 1. Brasília: Universidade de Brasília.

Maturana, H. R. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Maturana, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política** / Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, [1998]. 2002– 3ª reimpressão. p. 98

Mazzari, Marcos Vinicius, MARKS, Maria Cecilia (Org) – **Romance de Formação: Caminhos e Descaminhos do Herói**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020

Menezes, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993, v. 2, Folclore. (Lendo o Para, 14).

_____. **Maria Dagmar** –(Novela)-Edições Getúlio Costa:, Rio de Janeiro. 1950

_____. **Candunga** (cenários das migrações nordestinas na zona bragantina)-Romance; Belém, 1954.

_____. **Batuque**, Belém: edição do autor, 1939.

_____. **Batuque**. 6. ed. Belém: Imprensa Oficial, 1984.

Mendes. Iran Abreu Mendes, Stamatto. Maria Inês Sucupira. (org). **Escolas Normais do Brasil: espaços de (trans)formação docente e produção de saberes profissionais**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020

Minayo, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28.ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Minayo, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28.ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Monarcha, Carlos. (organizador). - **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. - Campinas. SP: Autores Associados, 2001. - (Coleção educação contemporânea).

Moretti, Franco. **O romance**,1; A cultura do romance (Org.). Trad. Denise Bottamann; São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Moisés, Massaud. **A literatura portuguesa**. . São Paulo: Cultrix. Ed, 2008

Nejar, Carlos. **História da literatura brasileira**: da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011

Nunes, Paulo. **Aquonarrativa**: uma leitura de chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir – Belém: UNAMA, 2001.

Nunes, Benedito et ali. Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia. Belém/ Rio de Janeiro: SECULT-Pa/ Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

Oliveira, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: IBECA, 2003.

Soares, Oscar de Macedo. **Manual do curador geral dos orphãos**, ou, Consolidação de todas as leis, decretos, regulamentos, avisos e mais disposições de processo relativas áquelles funcionarios. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906, p. XX.

Paes Loureiro, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

Paes Loureiro, J. J. **Do mito à ciência**. In: Paes Loureiro, J de J., Oliveira, R. G., Duarte, r. (Org.) Arte e Cultura na Amazônia: os novos caminhos. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. p.15-25.

Postman, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de janeiro: grafia, 1999.

Pinazza, Mônica Appezzato e Gobbi, Marcia Aparecida. (Orgs.). **Infância e suas linguagens** - São Paulo :Cortez, 2014.

Pinto, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros / Cristina Ferreira Pinto. - São Paulo: Perspectiva, 1990. - (Coleção debates; v. 233).

Priore, Mary Del. **A arte da sedução**: sexualidade feminina na colônia presente no livro: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **História das crianças no Brasil** / Mary Del Priore (org). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

Racière, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política, tradução de Mônica Costa Netto. – São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

_____. Jacques. 1940. As margens da ficção / Jacques Ranieri.; tradução de Fernando Scheibe – São Paulo: Editora 34, 2021 (1ª Edição). 176 p. (Coleção TRANS).

Rego, Teresa Cristina. (org). **Cultura e sociedade da infância**: estudos contemporâneos/Teresa Cristina Rego. - 1. ed. - Curitiba [PR]: CRV, 2018.

Rocha, João Cezar de Castro Rocha (org) **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser** /Tradução, Bluma Waddington Vilar, João Cezar de Castro Rocha. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.ISBN:85-85881-77-1.

Ribeiro, De Campos. — O boêmio, in Jaques Flores (pseud. de Luiz Teixeira Gomes), Obras escolhidas de Jaques Flores, Belém, CEJUP, 1993, p. 15.

Rizzini, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas para infância no Brasil** / Irene Rizzini. - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

Rocha, Alonso. **Bruno de Menezes: traços biográficos**. In: ROCHA, Alonso; BASSALO, Célia Coelho; BOGÉA, J. Arthur; PEREIRA, João Carlos; INOJOSA, Joaquim. Bruno de Menezes ou a sutileza da transição: ensaios. Belém: CEJUP: UFPA, 1994. p. 9-36.

Torzoni-Reis, Marília Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade**/ Marília Freitas de Campos Torzoni-Reis. - Campinas, SP: Autores associados, 2002. - (coleção educação contemporânea).

Salles, Vicente, 1931. **O negro na formação da sociedade paraense**. Textos reunidos / Vicente Salles. - Belém: Paka-Tatu, 2004.

Samara, E. M. **A família brasileira**. 4. ed. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1998.

Sarges, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém do Pará: Editora Paka-Tatu, 2000.

Sarges, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

Said, Edward W. **Representações do intelectual**. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

Santos, Boaventura de Sousa. **Conocer desde el Sur: Para uma cultura política emancipatória** (Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales: Programa de Estudios sobre Democracia y Transformación Global). 2005.

Santos, Carmen Sevilla dos. **“Teoria do efeito estético e teoria histórico-cultural: o leitor como interface”**, João Pessoa, 2007.

Silva, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual – entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, Papirus, 2002.

Sirinelli, Jean-François. **Intellectuels et passions françaises**. Manifestes et pétitions au XXe siècle. Paris: Gallimard, 1996.

Sirinelli, Jean François. **“Os Intelectuais”**. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2ª.ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 231-269.

Sodré, Liana Gonçalves Pontes. (organizadora). **Criança, infâncias e educação infantil**. - 1. ed. - Curitiba, PR: crv, 2015.

Souza, João Francisco de. **E a filosofia da educação: quê?: a reflexão filosófica na educação como um saber pedagógico**. Recife: NUPEP/UFPE; Bagaço, 2006.

Starosky, Enio. **Amor e educação** em C.S. Lewis e Josef Pieper. Enio Starosky : São Paulo: Factash Editora, 2015.

Stierle, Karlheinz. **Que significa a recepção dos textos ficcionais**. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Stierle, Karl-Heinz. **A Ficção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

Vianna, Arthur. **O Cólera-Mórbus**. In: Vianna, Arthur. **As epidemias no Pará**. Belém: Editora da UFPA, 1975.

Venâncio, Renato Pinto. **Famílias Abandonadas**: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

Severino, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

Williams, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. [Tradução de Paulo Henriques Britto]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Higgins, John. (1999). Raymond Williams: **Literature, Marxism and Cultural Materialism**. London: Routledge.

_____. (1992), **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

Fontes consultas Teses e Dissertações:

Aquino, Ana Cleide Guimbal de. **A prosa literária de Bruno de Menezes em perspectiva dialógica**. 2014. 147, 73 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

Callou, Maria Lucirene Sousa. **A Congregação Filhas de Maria Auxiliadora e a Formação Feminina Salesiana no Instituto Dom Bosco em Belém do Pará**: entre a educação, a religião e o trabalho (1935-1942) – Maria Lucirene Sousa Callou. – 2023. 363 f. : il. color. Orientador(a): Profª. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2023.

Castro, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade**: a representação histórico-social de Belém pós-Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Estudos Literários) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011

Costa, Vânia Maria Torres. **‘À sombra da floresta’**: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. Rio de Janeiro, 2011, 295f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro 2011.

Costa, Benedito Gonçalves. **“A educação para ser boa deve ser religiosa”**: Romanização e Civilização no Projeto Educativo do Bispo Dom Antônio de Macedo Costa para a Amazônia (1861 - 1890). 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

Coelho, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará**: o Grupo dos Novos, 1946-1952. 2003. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Corrêa, Ana Maria Maciel. **A trajetória de uma educadora e sua produção didático-pedagógica**: ester nunes bibas e a educação do pará / Ana Maria Maciel Corrêa. – 2017. 256 f. : il. color. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do

Pará, Belém, 2017. Orientação: Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão 1. Educação. Ester Nunes Bibas, Pensamento Educacional. História da Educação do Pará. I. Paixão, Carlos Jorge, Orient. II. Título CDD 370

Érica de Sousa Peres. **Prelazia do Marajó**: Infância, educação e assistência na Amazônia marajoara (1950-1960). Belém – PA. 2024. Page 2. Érica de Sousa Peres.

Figueiredo, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Leal, Luiz Augusto Pinheiro. —**Nossos intelectuais e os chefes de mandiga**: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951) / por Luiz Augusto Pinheiro Leal. - 2011. 231f. : il. Orientador : Profº Dr. João José Reis. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

Leal, Marilene Pinheiro. Identidade e Hibridismo em Dalcídio Jurandir: a formação identitária de Alfredo, em Três Casa e um Rio. Marcile Pinheiro Leal; orientadora, Marli Tereza Furtado. ---2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2008.

Lima, Maria do Socorro Pereira, 1959 - **Infância, educação e criança**: um estudo histórico-literário nas obras Serões da Mãe Preta e Chove nos Campos de Cachoeira (1897-1920) / Maria do Socorro Pereira Lima. – 2015. Orientadora: Laura Maria Silva Araújo Alves. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.

Machado, Leomax Cardoso. **Primeira Manhã**: Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo. Dissertação de Mestrado. 167f. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará. Belém, março de 2017.

Nery, Guthemberg Felipe Martins. **A professora primária nas personagens femininas nas obras romanescas de Lindanor Celina (1920-1930)** / Guthemberg Felipe Martins Nery. — 2023. 181 f. : il. Orientador(a): Profª. Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2023.

Pinheiro, Welington da Costa. **O Instituto Orfanológico do Outeiro: assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913)** / Welington da Costa Pinheiro; orientadora Laura Maria da Silva Araújo Alves. – Belém, 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2017.

Reis, Carolina Menezes de Brito. **Itinerário de Bruno de Menezes: poeta modernista de Belém do Pará (1893-1931)** / Carolina Menezes de Brito Reis. — [2019]. 2020.

Sabino, Elianne Barreto, **Infância Pobre e Educação no Juízo de Órfão do Pará (1870-1910): Acolher, Proteger, Cuidar E Educar “Os Filhos Do Estado”**. Elianne Barreto Sabino. 2019. Orientadora: Prof^a. Dra. Laura Maria da Silva Araújo Alves. Tese (doutorado) no Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Linha de Educação, Cultura e Sociedade, para a obtenção do Título de Doutora em Educação.

Silva, Cilene Maria Valente da. **Representações do movimento Escola Nova no Pará: uma análise da revista escola (1930-1935)** Cilene Maria Valente da Silva. – 2021. 190 f. : il. Orientador(a): Prof. Dr. Cesar Augusto Castro. Tese (Doutorado)- universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2021.

Torres, José Alonso. **Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. 2006.

Valente Guimarães Gutierrez, Damiana. **A escola Normal do Pará na perspectiva da Cultura escolar (1890-1926)**- damiana Valente Guimarães Gutierrez. – 2021. 227. f. : il. color. Orientador(a): Prof. Dr. Cesar Augusto Castro. Tese (Doutorado)- universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2021.

Veloso, Ivone dos Santos. **A infância desvalida em Dalcídio Jurandir: um bulício de crianças, picado de risos e gritos** /Ivone dos Santos Veloso. — 2019. 152 f. : il. Orientador(a): Prof^a. Dra. Marlí Tereza Furtado Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

Wanzeler, Rodrigo de Souza. **Candunga: fissuras do presente ressignificando uma certa Amazônia e um certo nordeste no romance de Bruno de Menezes**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras.

Fontes consultas Periódicos e sites

Bakhtin, M. **Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar**. Stylistic in teaching russian language in secondary school. Translated by Lydia Razran Stone. Journal of Russian and East European Psychology, v. 42, n. 6, november-december, p. 12-49, 2004.

Livro versão digital (digital source), <http://groups.google.com.br/digitalsource>. baixado por meio do link: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod_resource/content/1/BERMAN-Marshall-Tudo o que é sólido desmancha no ar. Pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod_resource/content/1/BERMAN-Marshall-Tudo%20o%20que%20%C3%A9%20s%C3%B3lido%20desmancha%20no%20ar.Pdf). Marshall Berman. Tudo Que É Sólido Desmancha No Ar: A Aventura da Modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés E Ana Maria L. Ioriatti. Consultor Desta Edição: Francisco Foot Hardman. 1ª Reimpressão Companhia Das

Letras. Editora Schwarcz Ltda.1986 . Acesso em 05 de abril de 2023.

Fernandes, José Guilherme dos Santos. **Negritude e criouliização em Bruno de Menezes**. Novos Cadernos NAEA, v. 13, n. 2, p. 219-233, dez. 2010.

Mauss, Marcel. **Três observações sobre a sociologia da infância**. ProPosições, Campinas,v. 21, n. 3, pp. 237-244, Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2023. as 18:35.

Rocha, Alonso. **Bruno de Menezes**. In: Revista Asas da Palavra. V. 10. n. 21. Belém, 2006.

Sirinelli, Jean-François. **L'école historique française en péril**. Le Débat, n. 158, p. 10- 17, 2010/1. <https://doi.org/10.3917/deba.158.0010> em 12 de fev de 2023, as 16:47

Sironelli, Jean François. **Le hasard ou la necessite?** Une histoire em chantier: l'histoire des intellectuels. In: Vingtième Siècle. Revue d'histoire. No. 9, janvier-mars, 1986, pp. 97-108. <http://www.vel.br/ch/paz/letras/terraroja/g-vol2/v2-majob.pdf>. Em 22/03/2021. fonte: *Belo Horizonte*, v. 6, p. 165-172 ago. 2003.<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3551>

O Navio Negroiro, de Castro Alves. Consultado em 27 de 05 2023, as 12: 36. no site: <http://www.e-net.com.br/seges/poesia.html>

Homma, Alfredo Kingo Oyama. Consulta e leitura do livro, sobre o título “A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola” do escritor e pesquisador, Alfredo Kingo Oyama Homma.em sua – 2. ed. – Brasília, DF: Embrapa,2016. Livro disponível on line, no enredeço eletrônico:[https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/144765/1/Livro- Imigracao-Online.pdf](https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/144765/1/Livro-Imigracao-Online.pdf).Em 01 de junho de 2023, as 11:31.

Qvortrup, Jens. Childhood and societal macrostructures. In: QVORTRUP, Jens. WorkingPaper 9. Child and youth culture. Odense University Printing Office, 1999. Link de acesso: **Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema** | Zero-a-Seis (ufsc.br) Em 24 de fev, de 2023. as 20:59

Qvortrup, Jens. **Nove teses sobre a “infância” como fenômeno social**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.<https://www.scielo.br/j/pp/a/dLsbP94Nh7DJgfdxbKxkYCs/?format=pdf>. Em 24 de fev, de 2023. as 21:20.

APÊNDICE

ANEXO 01

CONTEXTO DA NOVELA- MARIA DAGMAR (1950)

Em Maria Dagmar, 1924/1950, segue-se a mesma linha de Candunga, pois a protagonista é uma jovem/mulher comum, sem grandes realces, sendo apresentada de modo que se assemelha a uma pessoa real, que poderia, porventura, ser encontrada no cotidiano citadino: “[...] — Dagmar, em devaneios de moçoila romântica, sonha pertencer a alguém, digno e viril, que a ame, além da vida e fique o único, o senhor, o donatário, de seu corpo e de sua alma”. (Menezes, p. 39). Os argumentos apresentados configuram Bruno de Menezes como o escritor da margem, ou seja, aquele que dá voz aos marginalizados Afro-Brasileiros, gente do povo. A crítica não apresenta esses epítetos relacionados à prosa literária de Bruno de Menezes, visto que relaciona esses epítetos ao posicionamento modernista na região Norte, como já fora anteriormente evidenciado.

No entanto, sua prosa literária que apresentam características relacionadas ao modernismo, pois, “não se pode seu texto poético, em especial —Batuque (1931), considerado como introdutor ao afirmar, que a obra Maria Dagmar, pertença totalmente ao modernismo, ela foi concebida durante o período da estética modernista brasileira e congrega características dessa fase literária”. (Aquino, 2014, p. 18). A novela Maria Dagmar é apresentada como “sua publicação original na revista Belém Nova em 1924. Em outros momentos de análise são utilizados exemplos extraídos da publicação em livro de 1950, que ganhou reedição pelo Governo do estado do Pará em 1993, ano do centenário de nascimento do escritor”. (Aquino, 2014, p.58).

No Brasil, os “brados do Modernismo” se anunciaram quando do descontentamento em relação aos acontecimentos do século XX, foi um período em que o mundo viveu expressivas transformações em decorrência das duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), muitos rebeldes das letras forma sufocados pelo poder alienador da mentalidade bélica e sufocamento social ditas pelas instituições de poder que legitimaram suas forças e afogaram gritos de rebeldias e, militantes e subversivos das Letras. Há de ressaltarmos que na temporalidade e mentalidade dos finais do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a Europa vivia a chamada Belle Époque, que se caracterizou como o período dado ao progresso, à velocidade e a todos os avanços advindos do desenvolvimento industrial. (Aquino, 2014, p. 18).

No universo da Amazônico paraense, a dimensão da “Belle Époque” é imposta pelo domínio das águas, através das navegações a vapor, que promoveu o progresso e o

engrandecimento de suas principais províncias. Exemplo disso, são os principais polos de desenvolvimento, como as capitais do Norte (Manaus e Belém). As elites dessas regiões tentam impor, a partir das reformas nas cidades, o progresso advindo do conforto material que fora facilitado pela produção da borracha. Mais uma vez, o imperativo das águas, através da navegação a vapor, possibilitou a internacionalização do mercado local. (Aquino, 2014, p.19)

No final das décadas 1912 e início da década de 1930, os fatores revolucionários foram marcantes e transformadores, crises, políticas, mentalidades e instauração da República no Brasil. No âmbito literário, vislumbrava-se o nascimento de muitas revistas literárias (reuniões a nata intelectual), decorrentes das concepções advindas de França, Portugal, Brasil acerca do movimento modernista que já se instaurava enquanto mentalidade revolucionará frente aos estados brasileiros que aos poucos estava tomando conta de todo o país, reverberando subversivos e fazendo arte contra as artes canônicas (institucionalizadas). Esse levante se deu por grupos de intelectuais que organizam revistas para divulgar as suas artes e muitas dessas revistas sofreram com perseguições do estado que filtrava o poder e a nova ordem republicana em nosso país. Muitas dessas publicações e manifestos, vindo de revistas de arte e revistas literárias foram resistência sobre o ato de pensar de uma sociedade.

O reflexo dessa crise ideológica e de mentalidade se espalham sobre as primeiras décadas 1900-1930 do século XX no Pará. A decadência da borracha, principal produto de exportação da região Norte, causa um fluxo migratório e de esperança frente a terras ao Norte do país que sustenta até hoje grande parte da matéria prima de todo mundo. Essa crise econômica acarretou, para o Estado do Pará, perdas sociais e culturais. Porém essa decadência legitimou atos de resistência de uma Belém (antiga) para uma Belém (nova), nas artes, nas políticas, na literatura, a arte nova tomava conta., usufruiu o chamado “boom da borracha”, deixando de ter em sua arquitetura lembranças da colônia de Portugal e adquirindo ares de uma requintada cidade aos moldes europeus, com praças, avenidas, boulevards etc. No auge da expansão da borracha, Belém chegou a ser uma das mais notáveis cidades do e no interior da América.

Portanto, a importância de Bruno de Menezes para o movimento modernista brasileiro, de acordo com Figueiredo (2001), deve-se, sobretudo, pelo empenho do escritor em produzir uma poesia livre das amarras do parnasianismo, mesmo que ainda estivesse, em um primeiro momento, preso ao simbolismo. O surgimento e o avanço dos círculos literários regionais, contribuíram para dar força ao movimento Modernista no Pará e os movimentos iniciados em São Paulo e propiciou como dito anteriormente, a criação de revistas literárias, cujo objetivo

era divulgar as novas ideias. Por fim, “[...] a revista Belém Nova, ao lado de outras publicações amazônicas de mesmo cunho – Revista Paraense, de 1909 e A Semana, de 1918, foi um dos exemplos concretos de um empenho coletivo em acirrada disputa intelectual com objetivo de definir a realidade regional amazônica a partir da publicação das obras literárias produzidas na região e veiculada por esse suporte material”. (Aquino, 2014, p.21-23) a seguir citaremos alguns personagens e a protagonista que guia o romance-Novela “Maria Dagmar 1950).

ALGUMAS ORIENTAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO ROMANCE-(NOVELA) MARIA DAGMAR (1950)

Espaço- tempo: Belém-periferia, anos de 1918-1924

Protagonista: Dagmar

Alguns personagens:

Núcleo familiar-

- Avó . “[...] a avó sexagenária.” (Menezes, 1993, p.51)
- Tia . “[...] a Tia arrastando uma velhice incômoda [...]” (Menezes, 1993, p.67)
- Irmã. “[...] a Irmã, andando de amôres clandestinos residem em sua companhia e somem para o interior, [...]” (Menezes, 1993, p.51)
- Irmão. “[...] o irmão, envolvido num processo de sedução, casa com uma pequena paupérrima, erigindo as fracas pilastra de uma lar. (Menezes, 1993, p.51) Agregada
- Dagmar. “Criatura invejável essa Maria Dagmar! Opulenta de físico, perfil suave e simpático, olhos maiúsculos e brilhantes, em negrumes de noites de naufrágios. Colo amplo, seios levantados, boca expressiva no riso albente, que lhe mostra os dentes puros. Cabelos fartos e trevinos, lindas mão de escultura. Mulher que vem ao mundo para atrair, entortecer, cumprir os determinismos de sua sorte.
(Menezes, 1993, p.39)
- A filha de Dagmar (Menezes, 1993, p.50-51-57)
- As outras (Menezes, 1993, p.43)
- Os vizinhos (Menezes, 1993, p.42)
- Beatas Desiludidas (Menezes, 1993, p.43)
- Os estudantes cirúrgicos (Menezes, 1993, p.44)
- A velha amiga (Menezes, 1993, p.44)

- Futuro pai (Menezes, 1993, p.48)
- As parentes (Menezes, 1993, p.51-59)
- O vulto da mulher mirante (Menezes, 1993, p.53)
- Cartomante e vidente (Menezes, 1993, p.54)
- Freiras (Menezes, 1993, p.54)
- Símbolos de memórias e lembranças em Dagmar
- Fotografia (Menezes, 1993, p.85)
- Espelho (Menezes, 1993, p.85)
- Cigarros (Menezes, 1993, p.84)
- Singer (maquina de costura) (Menezes, 1993, p.84)
- Heroína (Menezes, 1993, p.87)
- Narcotico do sono (Menezes, 1993, p.61)
- Tuberculose (Menezes, 1993, p.61-67-68)
- Gravidez-Paternidade (Menezes, 1993, p.50-51-57)
- Leito de indigente (Menezes, 1993, p.87)
- Aposentadoria carnal (Menezes, 1993, p.86)

ESTRUTURA DO ROMANCE

Gênero Ficção – estilo Novela, meio de circulação – Revista Belém Nova 1923 - no estilo de Folhetim- circulação semanal

Publicado na forma de livro em 1950- gênero ficção- romance (novela) como afirma o Bruno de Menezes afirma “que esta novela foi escrita para a revista ‘Belém Nova’, onde teve publicidade, nas edições dos números 9, 10 e 11, de janeiro a março de 1924” (Menezes, 1993c, p. 29), mas só foi publicada, em forma condensada de um livro, em 1950.

- **Em estrutura que se divide em 9 partes:** edição do livro. Edição SEJUP 1993. Obras completas- edição especial-lendo o Pará- ficção vol. 3. Organizadas sobre as páginas: 1- (p.39—45); 2- (p.47— 52); 3- (p.53—56); 4- (p.57—60); 5- (p.61—65); 6- (p.67—71); 7- (p.73—76); 8- (p.77—82); 9- (p.83—85).

ANEXO 02

ROMANCE CANDUNGA 1954

Contexto sociocultural em Candunga 1954

No caso do contexto sociocultural brasileiro, no final da década de 1920 e início da década de 1930, o país encontrava-se em plena conturbação política, em virtude da instauração da República. No âmbito literário, vislumbrava-se o nascimento de muitas revistas literárias, decorrentes das concepções advindas de São Paulo acerca do movimento modernista que já se instaurava naquele estado e que aos poucos estava tomando conta de todo o país a partir da publicação de alguns manifestos e revistas literárias. No contexto paraense, encontra-se, no final da primeira década do século XX, a decadência da borracha, principal produto de exportação da região Norte do país.

A importância de Bruno de Menezes para o movimento modernista brasileiro, de acordo com Figueiredo (2001), deve-se, sobretudo, pelo empenho do escritor em produzir uma poesia livre das amarras do parnasianismo, mesmo que ainda estivesse, em um primeiro momento, preso ao simbolismo. Aquino (2014) aponta que:

[...] revista Belém Nova, ao lado de outras publicações amazônicas de mesmo cunho – Revista Paraense, de 1909 e A Semana, de 1918, foi um dos exemplos concretos de um empenho coletivo em acirrada disputa intelectual com objetivo de definir a realidade regional amazônica a partir da publicação da obra literária produzida na região e veiculada por esse suporte material . (Aquino, 2014, p.21-23).

Por meio dessa instauração no Pará, do grupo “Os Vândalos do Apocalipse”, liderado por Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir e Jacques Flores, intelectuais que anunciaram a era de mudanças para um novo estilo, subversivos, militantes e animados pelo espírito do “novo estilo”, defendiam uma mentalidade em seus escritos de liberdade nas métricas e no fazer arte literária. O grupo “Os Vândalos do Apocalipse” logo mudaram-se de nome, para o “Grupo do Peixe Frito”, há de compreendermos o termo como uma sensível crítica social e intelectual das artes produzidas nas margens sociais e socioculturais vinda de intelectuais subversivos do interior da Amazônia. Por hora, o termo: *peixe-frito*, foi seu símbolo (uma crítica ao Academicismo Canônico e institucionalizado da época no Pará). A arte feita ao público e no meio do povo, em:

[...] encontros de botecos do Ver-o-Peso, abastecendo-se de postas de 200 réis, farinha d'água de 10 tostões o litro e cachaça de 500 réis a dose, o grupo boêmio e sonhador — Abguar Bastos, Paulo Oliveira, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Nuno Vieira, Muniz Barreto, Sandoval Lage, Clóvis de Gusmão, Orlando Moraes, Lindolfo Mesquita, Ribeiro de Castro, Rodrigues Pinagé e Bruno — debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafés, nas festanças do Umarizal e outros subúrbios, onde se tornavam reis, como oradores e poetas [...]” (Silva, 2001, p. 11.).

As imagens do autor-criador Bruno de Menezes, imagens essas que encontram nesse pertencimento a posição “axiológico-valorativa”, enquanto escritor do povo e divulgador, rebelde, subversivo das contradições do abuso de poder dos opressores aos oprimidos, negros, escravos, caboclo, ribeirinhos, indígenas, quilombolas, migrantes, gente de pé no chão, o paraense, nortista, a gente brasileira no interior de nosso imenso país. O UNIVERSO das obras das artes de Bruno de Menezes pode ser o maior intelectual paraense, moderno, negro e militante do início do século XX no Pará.

O romance “Candunga 1954”. O universo de sua obra, nos faz pensar no título do romance: “CANDUNGA” Nome popular de uma (espécie de peixe barrigudo) do (nordeste) brasileiro, remente a um simbologia metafórica voltado a um Peixinho de porte significativamente pequeno de espécie desconhecida (origina a posição da ideologia grupo: Academia do peixe frito), Candunga um peixe que tem por característica essencial uma barriguinha que de forma arredondada, ovalada, que prova que a gravidade existe visto que ela pende para baixo.

Uma outra vertente do termo “CANDUNGA” no sentido mais antropológico do termo, a palavra nasceu na África. Nome usado para se referir aos escravos, assim se referiam aos portugueses que traficavam pessoas — Candunga nome de gente ruim, ordinária, perversa. No Brasil esse termo foi readaptado para Candangos (pessoas) que eram escravas e eram explorados pelo trabalho, retirantes, como por exemplo os nordestinos, a maior parte da mão de obra braçal. Depois passou a denominar (os pioneiros) que chegaram nos primórdios da capital.

O dicionário Aurélio diz que ela nasceu de *kungundu*, diminutivo de kingundu, em Quimbundo. Kungundu exprimia, para os africanos, a ideia de ruim, ordinário, vilão. Era a designação que eles davam aos portugueses dedicados ao rendoso tráfico negreiro.

No entanto, depois de um passeio proposital pelo termo “Candunga” nada na poesia, prosa ou quaisquer manifestações artísticas, culturais, literárias de Bruno de Menezes, não

vem do acaso. Tudo tem um sentido. Tudo possui raízes, significados e sua semântica de sentidos e significados são metáforas que (re)constrói as sugestões frente a atualidade de sua leitura, arte, novo, moderna em suas obras. Seus temas, problemáticas, enredo, histórias, denúncias, foco narrativo, polêmicas e arte literária é um “soco no estomago” que aleta o leitor(a) para enxergar, educar e educar-se frente a sua própria realidade. As peles pretas de almas marcas brancas, as desalmadas na Barbárie e violações do ser humano em (des)humanidades, (des)orientado e em (des)concerto de si, do outro e no mundo.

Protagonizados por seu personagem principal: Antônio Candunga, no romance aparece como sobrinho de Antonio Gonzaga de 60 anos cearense, com sua família de retirantes vindos dos Ceará em busca de melhores condições de vida, conhecidos como grupo de Gonzaga. Sua esposa Tereza Rosa, suas duas filhas Ana e Josefa. A órfã Maria Assunção, criada pelo avô depois que sua mãe morreu pela seca no Nordeste. Foi criado pelo avô que morreu na vida para a Zona Bragantina e a família de Gonzaga acolheu como se fosse parte de sua família. Pedro Quirino família de retirantes, Manoel Rufino seu genro. João Deodato, capataz nordestino que servia o coronel. Izidoro Malaquias comparsa do capataz João Deodato. Os coronéis ou magnatas: João Portuga, Salomão Abdala e Minervino Piauí. Compadre Cirilo, Chico Braganha, Francisca agente do governo, Rosinha cafetina, Abdala amante de rosinha, compadre Zeca, Chiquinha a prostituta, o Juiz, o Comissário, o Escrivão e o doutor Sérgio Romário (estudante jubilado de vários anos de curso em agronomia).

O espaço estrutural do romance- (colônia- crise-conflito- vila) trama- complicações- saída do Josefa e Ana da colônia para casa de Portuga, conflito morte de Tereza, mulher de Candunga, morte de Portuga e Gonzaga assassino de Portuga foge para sua terra natal-Ceará. Todo esse conflito ao olhar de um narrador onipresente- que descreve os conflitos da família Gonzaga com os coronéis João Portuga, que passam a explorar a Josefa e Ana. Bem como a presença do agrônomo Romário, dão aos romances aspectos das crises de valores e uma nova realidade se constrói na trama. O encontro e as trocas de experiências e vivências de Candunga e Romário. Por novas óticas de resistência e de descoberta onde o conhecimento vence a ignorância e as forças do capital. A presença da ideologia, consciência e não alienação do povo, faz com que Candunga e Romário sejam a consciência de vida para reconstruir uma nova mentalidade.

Portanto, quando falamos em prosa, romanesca que tece olhares sensíveis. Olhar crítico sobre o negro, a gente, o processo de migração, retirantes, trabalhadores, as invisibilidades de um processo exploratório que Bruno traz à tona conflito de classes,

processos migratórios, conflitos latifundiários, morte, exploração do trabalho, miséria, fome, opressão, oprimidos, situação da mulher, da criança, da infância, formação, educação e transformação do ser humano sobre um jogo de forças e esperança para um mundo melhor. Enfim, consciência do ser humano, de um Brasil, de um Norte, do Nordeste paraense e da devastação da migração. Um porvir a de vir dos anos de 1900-1930 contexto do romance do séc. XX na Amazônia paraense.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO ROMANCE CANDUNGA (1954)

▪ Espaço-tempo:

- Zona Bragantina, 1924-1930 do séc. XX é o contexto sociocultural tecido do interior da Amazônia paraense. Em 1931 lançou Candunga e Povo Avoante (romances)
- Memória, Lembranças, Nordestes, Ceará, Pará, Belém e Zona Agrícola de Bragança - Colônia-Agrícola, crise.

Núcleo familiar- romance Candunga 1954

▪ Grupo familiar

- Francisco Gonzaga (de Canindé-Cearense de 60 anos)(Menezes, 1993, p.99)
- Tereza Rosa (Órfão, roubada por Gonzaga na juventude, mulher conformada pelo matrimônio) (Menezes, 1993, p.99)
- Ana (Menezes, 1993, p.67)
- Josefa (Menezes, 1993, p.67)
- Avô (Menezes, 1993, p.100-101) Agregados:
- Antonio Candunga (órfão) Filho abastado de Gonzaga. (Menezes, 1993, p.99)
- Maria Assunção (criada pelo avó, irmã de Tereza Rosa, perdida na infância) (Menezes, 1993, p.100)

Grupo familiares:

- Pedro Quirino e sua gente (Menezes, 1993, p.110)
- Manuel Rufino e seu genro com a família (Menezes, 1993, p.110)
- Compadre Cirílo (Menezes, 1993, p.116)
- Chico Braganha (Menezes, 1993, p.116)
- Zé Gomes (Menezes, 1993, p.)
- Comadre Rosa (mulher de Portuga) (Menezes, 1993, p.xx)
- Compadre Zéca (Menezes, 1993, p.200)

▪ **Os senhores da terra- coronéis:**

- João Portuga (português) (Menezes, 1993, p.115)
- Salomão Abdala (Turco) (Menezes, 1993, p.115)
- Minervino Piauí (Nordestino) (Menezes, 1993, p.117)
- João Deodato (Capataz-Nordestino) (Menezes, 1993, p.113)
- Izidoro Malaquias (Compassas do Capataz) (Menezes, 1993, p.114) - Os Piratas (pistoleiros-ladrões)

▪ **Estado- poder-política-corrupção:**

- Delegdo (Corrupto) (Menezes, 1993, p.)
- Luíz (Escrivão) (Menezes, 1993, p.230)
- Comissão de Polícia (Menezes, 1993, p.218-218)
- Francisco (Agente do Governo) - Juiz de Direito (Menezes, 1993, p.210)

▪ **Personalidades populares:**

- Doutro Romario Sérgio (Agrônomo-estudante jubilado do curso) (Menezes, 1993, p.131)
- Rosinha (Cafetina) (Menezes, 1993, p.xx)
- Venho Zanônio (Professor de A,B,C) (Menezes, 1993, p.xx)
- Chiquinha (A,B,C dos homens-prostituta) (Menezes, 1993, p.201)

▪ **Os lobos sociais- Homens**

“Os lobos sociais que vestem calça [...]”. (Menezes, 1993, p.40)

O homem (Menezes, 1993, p.40) príncipe lendário (Menezes, 1993, p.51) O homem-ventuinha..(Menezes, 1993, p.54)

[...] amasio temperamento mulherengo...”(Menezes, 1993, p.55)

[...] Rufião e Peralta” (Menezes, 1993, p.55) homem esquivo (Menezes, 1993, p.54) homem

Prodíos. (Menezes, 1993, p.55) homem endinheirado. (Menezes, 1993, p.55)

homem versano. (Menezes, 1993, p.55)

ESTRUTURA DO ROMNCE CANDUNGA 1954

A estrutura do romance encontra-se divididas em 2 parte, sendo que cada parte pode ser compreendida a partir de 30 capítulos, organizado sobre a edição do livro. Edição SEJUP 1993. Obras completas- edição especial-lendo o Pará- ficção vol. 3. Organizadas sobre a 1º parte: 7 capítulos: Capítulo 1- (p.99-102); Capítulo 2- (p.103-106); Capítulo 3- (p.107-108); Capítulo 4- (p.109-112); Capítulo 5- (p.113-1117); Capítulo 6- (p.119-122) e o Capítulo 7- (p.123-130) que fecha a primeira parte do romance. Em um 2º Parte: 23 Capítulos: Capítulo

1- (p.99-102); Capítulo 1- (p.131-135); Capítulo 2- (p.137-139); Capítulo 3- (p.141-144); Capítulo 4- (p.145-148); Capítulo 5- (p.149-153); Capítulo 6- (p.155-159); Capítulo 7- (p.161-163); Capítulo 8- (p.165-169); Capítulo 9- (p.171-173); Capítulo 10- (p.175-183); Capítulo 11- (p.183-189); Capítulo 12- (p.191-194); Capítulo 13- (p.195-198); Capítulo 14- (p.199-204); Capítulo 15- (p.205-207); Capítulo 16- (p.209-213); Capítulo 17- (p.215-220); Capítulo 18- (não existe); Capítulo 19- (p.221-223); Capítulo 20- (p.227-230); Capítulo 21- (p.231-234); Capítulo 22- (p.235-237) e por fim o Capítulo 23- (p.238-239).

São os capítulos que fecham o segundo momento do romance. Em um total de 30 capítulos, porém há de ressaltarmos que como a literatura informa, muitos dos documentos do escritor são raros de encontramos e alguns já se perderam. Há alguns folhetos e obras inéditas sobre a guarda da família, que com a restauração da casa do escrito em Belém-PA, talvez haja na íntegra a (re)organização de todas as suas obras raras e, poderão se organizadas, catalogadas e disponibilizadas para muitos leitores, pesquisadores e interessados em compreender arte literária de Bruno de Menezes e sua estética sugestiva enquanto escrita, mentalidade, ideologia e atos subversivos de sentidos de homens e mulheres característicos do universo amazônico.